SANDRA LETICIA BERTA

Um estudo psicanalítico sobre o trauma de Freud a Lacan

Versão revisada

São Paulo

2012

SANDRA LETICIA BERTA

Um estudo psicanalítico sobre o trauma de Freud a Lacan

Versão revisada

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do título
de Doutor em Psicologia Clínica.

Área de concentração: Psicologia Clínica
Orientador: Prof. Dra. Miriam Debieux Rosa

São Paulo

2012

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Berta, Sandra Leticia.

Um estudo psicanalítico sobre o trauma de Freud a Lacan / Sandra
Leticia Berta; orientadora Miriam Debieux Rosa. -- São Paulo, 2012.
274 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo.

1. Psicanálise 2. Trauma psíquico 3. Freud, Sigmund, 1856-1939 4.
Lacan, Jacques, 1901-1981 I. Título.

RC504

FOLHA DE APROVAÇÃO

Sandra Leticia Berta
Um estudo psicanalítico sobre o trauma de Freud a Lacan

Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo,
para obtenção do título de Doutor.
Área de concentração: Psicologia Clínica

Aprovada em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Para Gus, Manu e Palo porque sem eles, nada,

Para Sergio, pelo amor ímpar,

Agradecimentos

Sou imensamente grata:

à Profa. Dra. Miriam Debieux Rosa, orientadora que apoiou e acompanhou, desde o início, as trilhas desta Tese,

ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia Clínica, seus professores, pela oportunidade de realização deste curso de Doutorado;

à CAPES pela concessão da bolsa de Doutorado;

à banca examinadora, Prof. Dr. Christian Ingo Lens Dunker e a Prof. Dra. Maria Virgínia de Araújo Leite, Prof. Dr. Conrado Ramos e à Profa. Maria Livia Tourinho Moretto;

aos colegas do Laboratório Psicanálise e Sociedade da Universidade de São Paulo, do Núcleo de Psicanálise e Política da Pontifícia Universidade Católica, do “Projeto Migração e cultura: intervenções psicanalíticas clínico-políticas com migrantes, imigrantes e refugiados” e aos nossos parceiros da Casa do Migrante, companheiros do debate sobre as bordas a serem pensadas nesse terreno da clínica;

aos meus colegas do Fórum São Paulo da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, e aos participantes de Formações Clínicas do Campo Lacaniano - SP, caros interlocutores do debate sobre a psicanálise;

aos meus queridos amigos daqui: Silvia, Bia e Gui, Conrado e Su, Ana Laura e Raúl, Ronaldo e Ana, Antônio e Paula, Rita e René, Glaucia e Omar, Christina e Chris, Carla e Marcos, Mônica e Cyrillo, Patri e Fernando, Cristina e Robson, Lúcia e Pietro, Lúcia e Roberto, pela companhia constante;

aos meus queridos amigos e colegas do consultório, pelas ajudas incontáveis e os livros: Ana Paula e Luiz, Sergio e Katya, Maria Laura, Edu e Silvia, Helena, Simone e Marco;

aos meus queridos de lá,: Verônica, Tânia e Vander, Cláudia Tião, Tânia e Antonio, La Flaca e Rodo, La More, Maru e Sebas, Silvana e Eugenio, Martin e Paula, Andrea e Rafa, Migue e Angie; Norma, Rúben e Adri;

ao sorriso deles: Luli, Caro, Juanlu, Santi, Inecita, Male e Sabri;

aos meus pais Luis e Nilda, e a Lydia, pela história.

a Osvaldo, a Antonio, a Dominique e a Carmen, cada um deles, por razões únicas.

*Lluvecita subrepticia
que corrige la mañana.*

Laura Wittner

RESUMO

BERTA, S.B **Um estudo psicanalítico sobre o trauma de Freud a Lacan** 2012, 274 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2012.

Freud iniciou suas reflexões sobre o trauma partindo da etiologia das neuroses e da sua proposta do aparelho de linguagem. Após considerar a relação do trauma com a fantasia, vinculou-o à repetição e à pulsão de morte, dando ênfase ao inassimilável da experiência e propondo uma saída pela narrativa. Se Freud considerou a sexualidade traumática, Lacan propôs a existência de linguagem do ser falante como traumática. Do trauma ao *troumatismo*, suas elaborações sobre o tema apontam ao que excede o simbólico e o imaginário, aludindo o real: a tique e o *troumatismo*, e apontando no limite da fala, a escrita. Esse trabalho é um percurso passo a passo que nos permite levantar algumas questões para o que nomeamos clínica do trauma. Trata-se de uma clínica que deve operar com o inassimilável do instante traumático como primeiro modo de intervenção, o qual exige que possamos pensar suas particularidades.

Palavras - chaves: Psicanálise, Trauma, Freud, Lacan.

ABSTRACT

BERTA, S.L. **A psychoanalytic study of trauma from Freud to Lacan** 2012, 274 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2012.

Freud began his reflections on trauma based on the etiology of neuroses and his proposal of the language device. After considering the relationship of trauma with the fantasy, linked it to the repetition and the death instinct, emphasizing the unassimilable aspect experience and proposing a way out by the narrative. If Freud considered traumatic sexuality, Lacan proposed the existence of the language of the talking being as being traumatic. From trauma to troumatismo, his elaborations on the topic point to what exceeds the symbolic and the imaginary, alluding to the real: the tyche and troumatismo, and pointing out at the limit of speech the writing. This work is a step-by-step route that allows us to raise some issues for which we call the trauma clinic. This is a clinic that must operate with the unassimilable aspect of the traumatic instant as a first mode of intervention, which requires us to be able to think about its particularities.

Key - words: Psychoanalysis, Trauma, Freud, Lacan.

RESUMEN

BERTA, S.L. Un estudio psicoanalítico sobre el trauma de Freud a Lacan 2012, 274 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2012.

Freud inició sus reflexiones sobre el trauma partiendo de la etiología de las neurosis y de su propuesta del aparato de lenguaje.

Después de considerar la relación del trauma con la fantasía, lo vinculó a la repetición y a la pulsión de muerte, dando énfasis a lo inasimilable de la experiencia y proponiendo una salida por la narrativa. Si Freud consideró la sexualidad traumática, Lacan propuso la existencia de lenguaje del ser hablante como traumática.

Del trauma al traumatismo, sus elaboraciones sobre el tema apuntan a lo que excede lo simbólico y lo imaginario, aludiendo lo real: la *tyche* y el traumatismo; y apuntando en el límite de la palabra, la escritura. Este trabajo es un recorrido, paso a paso, que nos permite levantar algunas preguntas para lo que llamamos clínica del trauma.

Se trata de una clínica que debe operar con lo inasimilable del instante traumático como primero modo de intervención, lo cual exige que destaquemos sus particularidades.

Palabras – llaves: Psicoanálisis, Trauma, Freud, Lacan.

Conteúdo

INTRODUÇÃO	1
O trauma à luz do <i>nachträglich</i>	2
Notas sobre o <i>nachträglich</i>	6
Notas sobre um debate lógico-filosófico	9
Um debate, na psicanálise, sobre os termos “ <i>nachträglich</i> ” e “ <i>Nachträglichkeit</i> ”	12
Um percurso clínico	21
Os quatro capítulos da Tese	24
Capítulo 1	28
A EFICÁCIA <i>PÓSTUMA</i> DO TRAUMA	28
Intermezzo do Trauma	30
A causa incidental	35
A psicopatologia do trauma: Neuropsicose de defesa	39
Notas sobre os termos: representação, traço, impressão, <i>Prägung</i>	42
Sobre a Teoria da Representação na obra freudiana	42
A impressão (<i>Eindruck</i>)	45
Traço (<i>Spur</i>) mnêmico	46
O trauma e o referente	46
Notas sobre o <i>Entwurf</i>	55
O trauma e os aparelhos de escrita	58
A ação <i>phostume</i> do trauma sexual	64
Temporalidade lógica <i>nachträglich</i>	70
Emma em <i>nachträglich</i>	72
O traumático e a cura, primeiro movimento	75
Capítulo 2	77
O INSTANTE TRAUMÁTICO	77
A crítica à teoria da sedução	79
Trauma (restos do visto e do ouvido) e fantasia	84
Notas sobre o trauma	86
A <i>via real</i> e o trauma	89
O desejo indestrutível	91
Um trabalho árduo	92
A peneira	95
Notas sobre três <i>conceitos</i> fundamentais	101

Pulsão (<i>Trieb</i>).....	101
Repressão (<i>Verdrängung</i>)	102
Inconsciente (<i>Unbewusste</i>)	104
<i>Acheronta movebo</i>	109
Os que perturbam são os restos diurnos.... do ouvido, do visto	111
Segundo Intermezzo. O sonho traumático.	112
Trauma e fixação.....	116
Trauma e angústia	121
Sobre os obstáculos na dinâmica da transferência	127
O traumático e a cura: Segundo movimento	129
Capítulo 3	131
TRAUMA E FANTASIA	131
A imagem, a imago e a <i>Prägung</i>	133
Intermezzo clínico: O Homem dos lobos em <i>nachträglich</i>	140
Trauma, história e verdade	147
Trauma e temporalidade lógica.	150
Trauma e resistência.....	157
A <i>Verneinung</i> e o trauma	158
Trauma e fantasia: a dor de existir.	161
Qual trauma para Hamlet?.....	167
Trauma e <i>das Ding</i>	171
Trauma e angústia: leitura lacaniana.....	174
O traumático e a cura: terceiro movimento.....	176
CAPÍTULO 4	178
A CLÍNICA DO TRAUMA.....	178
O trauma e o <i>Unbekannt</i>	179
A tiquê do trauma e autômaton da fantasia	180
O Real do trauma, em 1964.....	187
Do trauma do pai ao pai traumático	191
Trauma, saber e verdade.....	192
O pai real: <i>Y a d'l'Un</i>	194
Do traumático ao <i>trou</i>	197
O litoral: a letra como função entre trauma e transmissão	200
Topologia do trauma	205
O equívoco: a subversão do sentido.....	207
Trauma, sintoma e escrita: consequências na clínica psicanalítica	216

Duas variações da clínica do trauma: quarto movimento.....	221
CONCLUSÃO	229
REFERÊNCIAS	240

INTRODUÇÃO

O trauma à luz do *nachträglich*

Não é trauma, simplesmente, aquilo que fez irrupção num momento e abriu uma fenda, em algum lugar, numa estrutura que se imagina total, já que é para isso que serviu para alguns a noção de narcisismo. O trauma é que alguns acontecimentos venham se situar num certo lugar na estrutura. E, ocupando-o assumem aí o valor significante que a ele está ligado num determinado sujeito. Eis o que faz o valor traumático de um acontecimento. (LACAN, 1961)

O que significa “trauma” para a psicanálise, desde Freud?

Essa pergunta é o objeto de pesquisa dessa tese.

Essa pergunta merece um recorte para colocar o limite dessa tese: de Freud a Lacan. Trata-se de recolher as consequências clínicas de um debate que Lacan manteve com Freud, cujo eixo se assenta na noção do *nachträglich* (*a posteriori*, *après – coup*).

Privilegiei a questão da temporalidade traumática para poder diferenciar o valor do trauma na estruturação psíquica e o valor de evento traumático. A questão do trauma abordada pelo viés do tempo levou-me a pensar na relação entre trauma e topos, ou seja, um lugar para o trauma.

Entre o tempo e a topologia fui respondendo, neste estudo psicanalítico sobre o trauma, uma questão primordialmente clínica. Retornei a Freud, passo a passo, para depois acompanhar como Lacan deu primazia a uma teoria sobre o trauma, até o ponto de afirmar que a estrutura do ser falante é *troumática* (equivoca aqui o *trou* – furo – e o trauma).

Desse modo, essa Tese se fundamenta na clínica e nos problemas que ela nos coloca. Recolhemos das diferentes experiências o valor dado à elaboração do trauma, sua conexão intrínseca com os sintomas com uma pergunta pelo desejo, portanto sua construção na versão da fantasia e, finalmente, a possibilidade libertadora de retirar-lhe a prioridade causal numa história. Abalo traumático, diria eu, brincando com a expressão “abalo fantasmático”. Ou dito de outro modo: não há possibilidade de constatar um abalo fantasmático sem se confrontar com as versões e variações do trauma que se articulam, como tais, na fantasia.

Existe acontecimento cru e nu para a psicanálise? Com que operamos na psicanálise? A construção da escuta em psicanálise não implica em sustentar que lá já há a articulação do acontecimento e da sua subjetivação? Não será o *nachtärglichkeit* um termo que nos permita apreciar o valor topológico do trauma, considerando com isso a dimensão temporal e espacial? Deixemos que essas questões acompanhem o que foi possível escrever e o que não cessou de não se escrever.

Temos hoje uma extensa literatura sobre o trauma. Trauma e luto, trauma e tempo, trauma e urgência traumática, trauma e ideal, trauma e violência, trauma e realidade social, trauma e história, trauma e escrita, a época do trauma, os traumatismos. Menciono aqui simplesmente os textos de cunho psicanalítico, sabendo que outras áreas, em particular, a psiquiatria e a antropologia, tomam o trauma como objeto de estudo e de reflexão. Efetivamente, há uma proliferação dessas pesquisas nessa última década. Isso merece ser considerado à luz de nosso tempo. É válido, portanto, interrogar tal extensão da questão do trauma. A historicidade do tema do trauma na psicanálise indica em que medida ele se relaciona com a ordem do discurso que regula os vínculos sociais assim como a subjetividade, nos diz Colette Soler (2007).

Uma primeira questão a ser levantada é se poderíamos dividir taxativamente o trauma como acontecimento e como estrutura. Em outros termos, se poderíamos dividir o trauma como acidente e o trauma como estrutura. Acompanhada pela lógica aristotélica, no que refere às causas, pude reconsiderar um elemento em insistência: o termo *nachträglich* (*a posteriori*). *O trauma à luz do nachträglich*. Posso afirmar agora que esse é o nome próprio desta tese. Aceitando essa estratégia, revisitei, humildemente, a teoria das causas propostas por Aristóteles para recolher delas uma proposta sobre trauma e causalidade, seguindo os aportes de Lacan em 1964 (LACAN, 1964/ 1993). A temporalidade do *nachträglich* nos convida a pensar que o trauma pode ser tratado como uma determinação, o que *foi*, ou como temporalidade que convida à modulação no futuro do pretérito: o que *teria sido*. Isso faz vacilar, não a versão da verdade do trauma, mas sim a certeza de sua determinação para aquele que testemunha uma vida, dos percalços e dos diferentes recorridos, numa psicanálise. Curiosamente, a tradução *nachträglich* propõe diferentes interpretações sobre o trauma e sobre os destinos da cura analítica, desde Freud, passando por Ferenczi, Lacan, Laplanche, até as diferentes instituições que reúnem os trabalhos e reflexões dos psicanalistas na atualidade.

Uma segunda questão refere-se a uma diferenciação crucial entre trauma e fantasia. A grande maioria dos autores contemporâneos sustentam que a “teoria do trauma” foi substituída pela “teoria da fantasia”, em particular no que diz respeito às leituras “de Freud a Lacan”. Nesta tese questiono dita orientação da questão do trauma. Podemos acompanhar como Freud abandonou a “teoria da sedução”, mas não desistiu de situar o trauma no cerne da cena analítica. Notadamente, a questão do trauma colocou em relevo a abordagem etiológica no estudo das diferentes patologias mentais que Freud imediatamente dividiu em dois grandes grupos, qual seja, psicose de defesa e neurose atuais. Freud buscou no trauma a causa do adoecer e imediatamente deparou-se com uma relação entre trauma e sexualidade, seja pelos relatos das cenas traumáticas, seja pela construção de uma fantasia, seja pela relação de

ambos com os sintomas. Foi na opacidade dos sintomas que Freud recolheu as consequências do trauma e da fantasia. Pois bem, entendo que a oposição entre trauma e fantasia é uma falácia, uma vez que a narrativa de um trauma exige uma posição do narrador. Assim sendo, para um psicanalista a cena discursiva é a única cena onde ele poderá operar. Aquém e além dos ditos, a questão do trauma e do seu tratamento se restringe a isso. Insisto: para a psicanálise. Não me parece que isso nos restrinja o campo de atuação e de debate.

O fato de Freud ter colocado em questão a *realidade* da cena traumática não lhe retirou seu valor de *verdade*, essa última tendo sua sede na fantasia. Essa passagem não exclui o acontecimento, pelo contrário, incorpora-o na fantasia. De fato, todos os textos que tomam como objeto de estudo o trauma põem em xeque a pergunta pelas diferenças entre realidade psíquica, realidade material, realidade histórica. Problematizar o trauma nos obriga a passar por essas diferenciações.

Vemos, então que uma abordagem sobre a questão do trauma deve dar-se em diferentes níveis: (1) saber e verdade, (2) estrutura e acontecimento e (3) sexualidade e real. A abrangência do tema me levou a tomar uma decisão. A estratégia foi a de percorrer a questão do trauma *munida* de um operador que é contemporâneo ao surgimento da pergunta pelo trauma, em Freud. A munição é uma arma de guerra, sem dúvida alguma. Essa munição foi a escolha do termo *nachträglich*.

Por sua vez, também à medida que avançava nesse trabalho, uma pergunta de fundo insistia. Para a psicanálise o trauma é uma noção, um conceito, uma hipótese, uma teoria? Observei o uso indiscriminado desses termos. Considero que, a partir de Freud, podemos acompanhar uma *teorização* sobre o trauma. A história do trauma mostra que se trata de um terreno de debate permanente, que inclui questões da ética e da política da psicanálise. Por essa razão prefiro alinhar essa pesquisa dando ao trauma o estatuto de uma *questão*, qual seja, a de uma pergunta que beba da fonte da clínica algumas respostas possíveis, mas não

suficientes. Como veremos, a questão continua em aberto trazendo debates, muitas vezes fervorosos, sobre o entendimento que cada um tem da mesma. Sem ser um “*conceito fundamental*”, o trauma não deixa de ser uma questão central para a psicanálise, em torno da qual gira uma longa discussão que abarca temas cruciais tais como: causalidade, sexualidade, estrutura, temporalidade.

Optei por priorizar o debate de Lacan com Freud. Entretanto, e como será acompanhado, isso não me eximiu de visitar, com a prudência que me foi necessária, alguns outros autores da psicanálise que trataram sobre a questão do trauma¹.

Notas sobre o *nachträglich*

No *Vocabulário da Psicanálise*, com direção de Daniel Lagache e tradução de Pedro Tamen, a referência ao *nachträglich* se encontra no verbete *Posterioridade, posterior, posteriormente* - respectivamente: *Nachträglichkeit e nachträglich* (adjetivo e advérbio). Em francês usa-se *après-coup* para as três modalidades, em inglês permanece a tradução de Strachey *deferred action: ação diferida*.

Luiz Hanns, no *Dicionário Comentado do Alemão de Freud* (1996, pp. 81-88), sugere que esses termos foram empregados por Freud usando o recurso da letra em itálica para apontar a importância que ele lhe conferia. Em alemão, essas palavras podem ter um duplo significado, no sentido de um evento que ocorre mais tarde, caso do “efeito retardado” ou no sentido de um retorno ao passado, caso do “*a posteriori*”. Ambos sentidos estariam presentes no uso que Freud fez desses vocábulos.

¹ Para os leitores interessados neste tema sugiro uma tese recentemente defendida, intitulada *A noção de trauma em psicanálise* (FAVERO, 2009), na qual a autora trata com rigor o debate de Freud com Ferenczi.

Esse autor inclui um *Resumo das diferenças de significados e conotações* (HANNES, 1996, p. 83):

alemão

nachtragen (verbo)
nachträglich (adjetivo)
Nachträglichkeit (substantivo)

português

acrescentar *a posteriori* (verbo)
a posteriori, ulterior(mente) (adj/adv)
efeito *a posteriori*

significados

1 (adjetivo) *a posteriori*
2 (verbo) guardar rancor
3 (verbo) levar atrás de alguém
4 (verbo)
5 (substantivo) Qualidade de ter efeito retardado, *efeito a posteriori*

1. *a posteriori*
2 --
3 --
4 --
5 qualidade de ter efeito retardado, *efeito a posteriori* (subst)

conotações

A volta para acrescentar
B dupla leitura: volta ao evento/evento permaneceu com o sujeito
C trabalho elaborativo
D --

A --
B --
C --
D foco sobre a distância temporal

Sobre a composição do termo, cito:

nacht: Prefixo que corresponde às preposições “para” (em direção a) e “após”. Como prefixo verbal geralmente indica movimento adiante, em direção a alguém ou a uma meta; também pode indicar repetição da ação ou acréscimo ulterior, ou ainda revisão.

träg-: Radical do verbo *tragen*, carregar, portar, levar, usar no corpo (roupa, corte de cabelo, etc.)

-lich: sufixo de adjetivação que corresponde frequentemente a “-ável” em português.

- *keit*: sufixo de substantivação que corresponde com frequência a “-dade” em português” (HANNES, 1996, p. 80)

Alguns significados dos vocábulos:

O adjetivo *nachträglich* significa a posteriori, ulterior, posterior, mais tarde, depois, após.

O verbo *nachtragen*, em uma primeira acepção, significa guardar rancor por alguém ou por alguma coisa. Numa segunda acepção significa levar ou portar algo atrás de alguém, seguir a alguém carregando alguma coisa. Numa terceira acepção significa inscrever *a posteriori*, complementar, incluir ou acrescentar alguma coisa.

Segundo Hanns o substantivo *Nachträglichkeit* não está dicionarizado, além de ser pouco usado na língua alemã.

Das conotações do verbo *nachtragen*, do adjetivo *nachträglich* e do substantivo *Nachträglichkeit*, apontamos os seguintes itens:

O prefixo *nach-* associado a diferentes verbos indica volta a um evento passado para fazer um acréscimo. Por exemplo, *nachsehen* (“verificar”, “checar”, “voltar a ver”); *nachholen* (“recuperar”, “reparar”). O substantivo *nachtrag* significa “adendo”, “acréscimo”.

O adjetivo *nachträglich* oferece algumas interpretações para o uso em alemão, a saber:

1. Que se carrega (*tragen*) o efeito do evento, porém, que dito efeito somente se manifesta a posteriori. Por essa razão pode ser considerado como “efeito retardado”.
2. Conotação de retorno, acento na temporalidade numa dupla direção presente – passado, e passado – presente. Palavras como *nachgeholt* e *nachholend* significam “buscar de novo”. Segundo Hanns tais equivalências apontam para esse retorno ao passado, “voltar ao passado”.
3. Conotação de um trabalho de elaboração.

Parece-me importante incluir nessa introdução as pontuações sobre a etimologia, uma vez que recolhem os vários significados. Cito:

nach-: No antigo alto-alemão *nah*, significava inicialmente “perto de”, depois passa a significar “em direção a algo” e afinal adquire os sentidos de “atrás de algo”, “seguindo algo”, “segundo”, “conforme”, “após” e “atrás”. Os sentidos geográficos (“em direção”, “para”), temporal (“após”) e de conjunção (“segundo”, “conforme”) derivam todos da ideia de “seguir de perto”.

-tragen: No gótico tinha a forma de *ga-dragan*, originalmente “puxar”, no antigo alto-alemão *tragan* e no médio alto-alemão *tragen*, “carregar” (no inglês atual resultou em *draw*). Ligam-se a esse tronco palavras alemãs como *Trach*, “vestimenta”, e *Getreide*, “grãos ou cereais”. (HANNS, 1996, p. 82)

Diante desse trabalho torna-se evidente que o *nachträglich* é um termo temporal que articula uma colocação em perspectiva da temporalidade subjetiva.

Seguir, pois, o que entendo em princípio ser uma noção sobre o *nachträglich* e tentar iluminar com isso algumas linhas de reflexão sobre a teorização do trauma, tornou-se o objetivo dessa pesquisa. Rastrear em cada um desses dois autores, Freud e Lacan, os contextos nos quais esse termo aparece, é uma primeira tarefa. Retirar disso algumas reflexões sobre o trauma é o objetivo específico da pesquisa.

Notas sobre um debate lógico-filosófico

Reportemo-nos ao termo *a posteriori*, desta vez tomando como referencia o verbete da Enciclopédia de termos lógico-filosóficos (BRANQUINHO, GOMES e MURCHO, 2006, p. 1-9). Esses autores retomam o contraponto entre os termos *a priori* e *a posteriori* para indicar que se trata de uma longa distinção entre modos de conhecer, a primeira definida por ser independente da experiência ou apenas pelo pensamento e a segunda submetida às condições da experiência. O que caracterizamos como *a priori* ou *a posteriori* depende do que signifiquemos com “experiência”.

Na tradição filosófica, o conhecimento *a priori* geralmente se associa à necessidade e à verdade. Hume (1711-1766) separava radicalmente os conhecimentos de certas verdades necessárias (ou seja, que não precisam da constatação da experiência) entendidas como relação entre ideias de todos os conhecimentos relativos ao domínio dos fatos. Immanuel Kant (1724-1804), a partir de uma interrogação sobre a possibilidade da metafísica ser uma ciência, se pergunta pelas condições de possibilidade da ciência. Esse debate toma seu lugar, em primeira instância, na *Crítica da razão pura* (1787). Os *juízos analíticos*, que somente expõem o que está compreendido no conceito, possuem um caráter necessário por serem *a priori*, ou seja, independentes de toda e qualquer experiência. Porém são tautológicos e impedem o progresso do conhecimento. Em contrapartida, os *juízos sintéticos* permitem que, a partir da experiência, possa enriquecer-se o conhecimento. Tais juízos são *a posteriori* e empíricos. A experiência sensível somente aporta conhecimentos contingentes. A grande questão recai sobre a possibilidade dos juízos sintéticos serem *a priori*. O questionamento da possibilidade da ciência, da sua questão “crítica”, apura os fundamentos da possibilidade e da validade de nossos conhecimentos. Destarte, com Kant a discussão sobre os conhecimentos *a priori* mudou substancialmente, uma vez que estes foram considerados, eles próprios, como condição de possibilidade da própria experiência. A noção kantiana de conhecimento *a priori* equacionou com a noção de necessidade estabelecendo a seguinte equivalência: uma proposição é conhecível se é necessária. Assim também acrescentou que se uma proposição é necessária, então é conhecível *a priori*.

Deleuze articula de modo preciso esse debate e sua superação, por parte de Kant. A ruptura que Kant promove deve-se à transformação do problema: “o que se nos apresenta de maneira a formar uma Natureza deve necessariamente obedecer a princípios do mesmo gênero (mais ainda, *aos mesmos princípios*) que aqueles que regulam o curso das nossas representações” (DELEUZE, 1963 / 2000, p 20). Desse modo, se desloca o debate em virtude

da relação existente entre os princípios e os procedimentos. “São os mesmos princípios que devem dar conta dos nossos procedimentos subjetivos e também do fato de o dado se submeter aos nossos procedimentos” (*Ibid*, p. 21). Desse modo, a subjetividade dos princípios não é empírica ou psicológica (como o pretenderia Hume) porém “transcendental”. Passa-se de uma questão de fato para uma questão de direito na qual não é suficiente verificar que temos representações *a priori*. Torna-se indispensável esclarecer por que motivo e de que modo essas representações se aplicam necessariamente à experiência, caso dela não derivem.

Por que motivo e de que modo está o dado que se apresenta na experiência necessariamente submetido aos mesmos princípios que os que regulam *a priori* as nossas representações (portanto, submetido às nossas próprias representações *a priori*)? Tal é a questão de direito. *A priori* designa representações que não derivam da experiência. Transcendental designa o princípio em virtude do qual a experiência é necessariamente submetida às nossas representações *a priori*. Assim se explica que à exposição metafísica do espaço e do tempo suceda uma exposição transcendental. E à dedução metafísica das categorias, uma dedução transcendental. «Transcendental» qualifica o princípio de uma submissão necessária dos dados da experiência às representações *a priori* e, correlativamente, de uma aplicação necessária das representações *a priori* à experiência. (DELEUZE, 1963/2000, p. 21)

Vemos assim como esse autor valoriza o que é *a revolução* copernicana em Kant, qual seja, a de substituir a ideia de uma harmonia sujeito e objeto - na qual a Natureza ditaria as regras dando entre eles uma relação de finalidade – por um princípio de submissão *necessária* do objeto ao sujeito. Portanto, o *a posteriori* da experiência não pode ser considerado sem o *a priori* da razão. Com Kant o *a posteriori* não é sem o *a priori*.

Essa condição foi refutada por Kripke (1980), que apontou que haveria uma confusão entre as categorias de necessidade e contingência articuladas aos juízos sintéticos e analíticos. Excede os interesses dessa pesquisa explicar tais diferenciações lógico-filosóficas. O que me parece relevante destacar é que “a distinção entre conhecimento *a priori* e *a posteriori* é uma

distinção epistêmica dos modos de conhecer, ao passo que a distinção entre necessário e contingente é uma distinção metafísica acerca dos tipos de verdade” (Ibid, p. 3). É um fato que a revolução copernicana de Kant deveu-se ao descentramento desse debate entre inatismo e empirismo em prol do sujeito do conhecimento universal, sujeito transcendental, nome próprio da razão.

Essas referências, caras a Lacan, me permitem apontar que nesse extenso debate na história da filosofia se recolhem problemáticas que afetaram a psicanálise desde seus primórdios. Entendo que essa afetação pode ser considerada numa dupla vertente, qual seja, pela via do *a priori* o que foi considerado como *determinismo* e pela via do *a posteriori* no que foi contemplado como *temporalidade causal*. Ambas vertentes afetam a pergunta pela causalidade na psicanálise.

Sublinhemos que, para Lacan, a “experiência” excede a questão da realidade empírica e analítica (no sentido da razão kantiana). O problema é saber o que se define por “experiência”, tema que retomaremos em nosso trabalho, especificamente a partir de Lacan, quem sustenta que as coordenadas de uma experiência excedem os limites dos dados Simbólicos e Imaginários da realidade e remetem ao Real.

Um debate, na psicanálise, sobre os termos “*nachträglich*” e “*Nachträglichkeit*”

Na obra de Sigmund Freud, o termo *nachträglich* está presente desde as contribuições pré-psicanalíticas, em conexão direta com a questão da temporalidade do trauma e da sua *eficácia póstuma*. Numa extensa pesquisa bibliográfica sustentada no índice remissivo - e no conhecimento temático da Obra de Sigmund Freud necessário para a realização dessa tarefa - nas versões em português (Edição Standard Brasileira) e espanhol (Amorrortu Editores) constatee o uso dos vocábulos *nachträglich* e *nachträglichkeit* em relação *quase exclusiva* às

articulações sobre o trauma, seja pelo tema geral do trauma, seja pelo fator traumático, seja pelas vivências traumáticas, seja pela força traumática, dentre outros. Essa busca cotejada com a edição alemã das *Obras Completas* permite introduzir uma questão que retomarei nas conclusões: podemos sustentar que o *nachträglich* em Freud é um nome do trauma? Se assim for: o que poderíamos dizer do *nachträglich* no caso das propostas de Jacques Lacan? Devemos a Jacques Lacan a ênfase dada ao *nachträglich*, segundo afirmam seus contemporâneos. Somente numa ocasião Lacan usou o termo “*Nachträglichkeit*”, fato que constatei nas pesquisas dos verbetes e da obra de Lacan a partir dos comentários de Laplanche. Por que razão Lacan usaria o *nachträglich*, portanto, o adjetivo? Alguns autores criticam esse uso e afirmam que isso se deve ao poder hermenêutico que Lacan teria dado à interpretação da história subjetiva, à materialidade histórica, inclinado como esteve às propostas de uma realidade histórica, oriunda dos seus estudos hegelianos (ANDRÉ, CHERVET, 2009 e LAPLANCHE, 1991 / 2006). Qual é o sujeito da frase do qual o *nachträglich* deverá predicar? Dito de um modo lógico: o que denota o *nachträglich*? Deixemos que a pergunta acompanhe essas reflexões.

Por ocasião dos convites promovidos pela publicação dos *Escritos*, Jacques Lacan é convidado a falar para diferentes auditórios que não acompanhavam seu *ritornelo*. No ano de 1967, Lacan fala no asilo Vinatier, em Lyon. Esse ano de 1967 reúne alguns eventos cruciais para o movimento lacaniano. A *Proposição de 9 de outubro para o psicanalista da Escola* e o *Seminário do Ato psicanalítico* são as chaves desse momento. Nesse contexto, Lacan manifesta sua indignação com o descaso que os analistas tiveram com o *nachträglich* freudiano:

Então, vejam, aqui fico completamente chocado com uma coisa: é que o psicanalista não se dê conta da posição decisiva que ele tem ao articular, *nachträglich* como se exprime Freud, um *a posteriori*

[*après-coup*] que funda a verdade do que precedeu. Ele não sabe verdadeiramente o que está fazendo ao fazer isso. (LACAN, 1967 / 2006, p. 56)

Em dezembro de 2009, foi publicado o Volume LXXIII da *Revue Française de Psychanalyse*, com o *L'après-coup*. Nessa edição que se estende das páginas 1284 até a página 1792, quarenta e quatro psicanalistas escrevem sobre esse conceito, associando-o à questão do trauma. Apoiados no Seminário de Jean Laplanche, *Problematiche VI, L'après-coup - La Nachträglichkeit dans l'après-coup (1990-1991/ 2006)*, eles discorrem no que consideram ser uma teoria, dentro da psicanálise.

Vale ressaltar que Laplanche e Pontalis (1967/1986) sublinham que, na história da psicanálise francesa, Jacques Lacan teria dado relevância ao termo *nachträglich*. Em 1953 Lacan recuperaria a tradução do *nachträglich*, além da tradução oferecida por James Strachey “*deferred action*”²

Segundo Bernard Chervet (2009, pp. 1374-1375) o *nachträglich* é um termo corrente da língua alemã do qual encontramos, junto com seus derivados, um repertório de 160 citações na obra de Freud, qual seja, seis para o substantivo *Nachträglichkeit*, os restantes para o advérbio e o adjetivo, mais cinco usos do substantivo na carta de Freud a Fliess, número 146, do 14 de novembro de 1897 e um outro na carta 169 do 9 de junho de 1898. Segundo esse autor, *Nachträglichkeit* articula *nach* (*après / depois*) e *tragen* (*portar, suportar*). Seu significado semiótico é trazer para um depois (*porter vers un après*). O *keit* adiciona o gênero feminino.

Após ter consultado todos os *Seminários*, os *Escritos*, os *Outros Escritos* e demais escritos de Jacques Lacan não traduzidos ao português, constata-se o uso do termo *après-*

² Encontramos uma pesquisa desse termo no *Vocabulário da Psicanálise* (LAPLANCHE, PONTALIS, 1967/1986, pp. 441-445).

coup, nas diferentes modalidades gramaticais, em setenta e nove citações nos Seminários e trinta e quatro citações nos Escritos. Do termo *nachträglich*, encontramos vinte e sete citações nos Seminários e onze citações nos diferentes escritos.

É Jean Laplanche (2006, p. 17) quem observa que a primeira vez que Lacan usou *après-coup* referindo-se ao *nachträglich* freudiano foi em 1953, no escrito “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (LACAN, 1953/ 1998, p. 258). Consideramos que seria importante que o leitor apreciasse três momentos anteriores nos quais Lacan se refere ao *nachträglich* freudiano, incluindo a referência causal e etiológica. Entendemos que as mesmas situam a preocupação de Lacan com esse termo, a saber: além da lógica temporal significante, o elemento da temporalidade retroativa que inclui o devir, como se exprime no *futuro do pretérito*.

Destacamos esses recortes em Lacan:

No ano de 1936, por ocasião da exposição de Rouart, J. *Du rôle de l'onirisme dans la psychoses de type paranoïaque et maniaque-dépressif*³, Lacan debate sobre a diferença entre esse fenômenos oníricos e o sonho, na psicose. Segundo Lacan, o onirismo⁴ seria um estado de elaboração sintética ativa do eu análoga ao delírio. Contudo, ele se pergunta se não haveria grandes diferenças entre um e outro, a saber, a realidade pulsional seria desconhecida no sonho e ela seria reconhecida no delírio. Poder-se-ia considerar que o delírio se apresenta sob a forma característica do pensamento delirante: perseguição, ação exterior etc. Lacan estimava que o onirismo seria uma experiência muito mais *experimentada do que agida*. Referindo-se à experiência vivida, indicando com isso o *Erlebniz* freudiano, Lacan participa desse debate no

³ Sugerimos visitar o site <http://www.ecole-lacanienne.net/bibliotheque.php> no qual se encontra a Obra de Lacan, contando com os Seminários, os Escritos, os Outros Escritos e demais textos e intervenções do seu ensino.

⁴ Quadro alucinatório grave que se apresenta sob a forma de sonho vivido, e que pode surgir no curso de estados confusionais, ocorrendo em alguns casos de intoxicação, ou de abstinência de substâncias que causam dependência.

qual estão presentes, além de Rouart, Pichon, M., Henry Ey, M. e Lagache, M. Os últimos dois concordam com a proposta de Lacan, afirmando que “experiência vivida” corresponderia aos conteúdos de consciência que o sujeito experimenta e vive. Citemos a resposta de Lacan, na qual encontramos o termo *après-coup* indicando a temporalidade que Freud teria recolhido na cena traumática. Pedimos atenção ao trabalho sobre o sonho do Homens dos Lobos (FREUD, 1918 [1914] / 1996, pp. 14-127), uma vez que nesse texto freudiano o termo *nachträglich* remete, seja à cena traumática, seja à construção do significado que a cena dos lobos tem numa relação causal entre ambas. Voltemos a Lacan no debate anteriormente referido:

De qualquer maneira se o onirismo é uma experiência vivida mais passiva do que o sonho, em um e em outro caso trata-se de vivências puras. Nesse sentido, me parece que a narrativa do sonho faz *après-coup* um pequeno delírio bem sistematizado que se distancia do próprio sonho, assim como o delírio o faz do onirismo. Trata-se nos dois casos de dois registros diferentes, aquele de pura vivência e aquele do jogo (*jeu*). (LACAN, 1953/2011, grifos da autora, tradução livre).

É o eu quem joga (*joue*) no delírio, sendo que na narrativa do sonho o faz de modo mais ativo e no onirismo o faz de modo mais atuado. Desse modo, indica o interesse clínico de poder distinguir eu, sonho, narrativa do sonho e onirismo na estrutura da psicose. E introduz um dado que nos interessa, qual seja, o estatuto a ser dado ao *Erlebnis*.

Uma segunda citação de Lacan sobre o *nachträglich* - traduzido em francês por *après-coup* – encontra-se no escrito “Intervenção sobre a transferência” (LACAN, 1951/1998, p. 214-225) no qual define a experiência psicanalítica como uma experiência dialética e propõe fazer uma leitura do caso Dora (FREUD, 1901[1905] / 1996, pp. 14-116) a partir de três inversões dialéticas. Lacan acompanha as críticas que o próprio Freud levantou sobre o fracasso na direção dessa cura, especificamente por desconsiderar a hostilidade presente na

relação transferencial, substituta da hostilidade da relação da paciente com o Sr. K e da ignorância sobre o laço que a unia à Sra. K. e ao Sr. K. Recortemos em duas partes as reflexões de Freud com respeito ao desfecho desse caso clínico.

A primeira citação de Freud:

Será que eu poderia ter conservado a moça em tratamento, se tivesse eu mesmo representado um papel, se exagerasse o valor de sua permanência para mim e lhe mostrasse um interesse caloroso que, mesmo atenuado por minha posição de médico, teria equivalido a um substituto da ternura por que ela ansiava? Não sei. Já que em todos os casos parte dos fatores encontrados sob a forma da resistência permanecem desconhecidos, sempre evitei desempenhar papéis e me contentei com uma arte psicológica mais modesta. A despeito de todo interesse teórico e de todo empenho médico de curar, tenho muito presente que a influência psíquica necessariamente tem limites, e respeito como tais também a vontade e a compreensão do paciente. (FREUD, 1901[1905] / 1996, p. 106)

A segunda citação de Freud:

Quanto mais me vou afastando no tempo do término dessa análise, mais provável me parece que meu erro técnico tenha consistido na seguinte omissão: deixei de descobrir a tempo e de comunicar à doente que a moção amorosa homossexual (ginecofílica) pela Sra. K. era a mais forte das correntes inconscientes de sua vida anímica. Eu deveria ter conjecturado que nenhuma outra pessoa poderia ser a fonte principal dos conhecimentos de Dora sobre coisas sexuais senão a Sra. K., a mesma pessoa que depois a acusara por seus interesse nesses assuntos. Era realmente de chamar atenção que ela soubesse todas aquelas coisas indecentes e jamais quisesse saber de onde as conhecia. Eu deveria ter tratado de decifrar esse enigma e buscado o motivo desse estranho recalcamento [...] antes de reconhecer a importância da corrente homossexual nos psiconeuróticos, fiquei muitas vezes atrapalhado ou completamente desorientado no tratamento de certos casos. (FREUD, 1901[1905] / 1996, p. 114)

Optamos por apresentar essas duas citações, embora extensas, porque das mesmas se recolhem as reflexões de Freud sobre o poder da transferência, sobre o impasse ao qual

chegou e, principalmente, pela honestidade clínica com a qual apresenta o quadro da sua pergunta clínica psicanalítica. De fato, é surpreendente ver como Freud pôde nos oferecer nesse texto as bases, isto é, os princípios da transferência na psicanálise.

Agora, sim, podemos citar Lacan para sublinhar em que contexto nos oferece o termo “*aprè-coup*” nos debates sobre a transferência:

Mas, o fato de sua falha ter sido fatal para o tratamento, ele o atribui à ação da transferência ao erro que o fez adiar-lhe a interpretação, embora, como pôde constatar *a posteriori* (*après-coup*) já não dispusesse de mais do que duas horas para evitar seus efeitos. (LACAN, 1951/1998, p. 222, grifos da autora)⁵

No ano de 1951, Lacan ditava na sua casa o seu Seminário dedicado às cinco psicanálises freudianas, especificamente eram os desenvolvimentos sobre o caso Dora, ao qual assistiam aproximadamente 25 analistas em formação. Um ano depois inicia-se a crise que levará à cisão no seio da Sociedade Psicanalítica de Paris e à criação da Sociedade Francesa de Psicanálise (MILLER, 1987). Advertimos sobre tal contexto para trazer a terceira citação anterior ao Escrito *Função e Campo*.

Curiosamente, dita citação data do mesmo ano desse escrito, mas trata-se de uma carta de Jacques Lacan aos seus colegas da Sociedade Psicanalítica de Paris no momento em que se cria o Instituto de Psicanálise, crise que dura de junho de 1952 e culmina com a cisão. As questões em jogo referem à formação dos psicanalistas, indo desde as funções de ensino que um Instituto poderia ter até o desejo declarado pelo Dr. Sacha Nacht da legalização da psicanálise, via diploma outorgado pela Academia. Como pode-se observar, uma questão da nossa atualidade. Entre dezembro de 1952 e janeiro de 1953 foram apresentados dois projetos

⁵ Foram retiradas dessa citação as referências às páginas no texto freudiano, uma vez que contamos com outra edição em português da *Obras Completas* de Sigmund Freud.

de estatuto, um pelo Dr. Sacha Nacht e outro por Jacques Lacan, cada um com posições bastante diferentes sobre as questões levantadas ao redor do que seria considerado como formação, em psicanálise. A citação que recolhemos do *nachträglich* citado por Lacan encontra-se na carta que antecede ao Projeto de emenda aos estatutos propostos pelo Dr. Nacht, no momento em que Lacan atuava como Diretor provisório do Instituto de Psicanálise. Lacan dirige dita carta a todos os participantes da Assembléia. Esclarece que pretende que se faça um consenso das diferentes posições, muito embora coloque nesse Projeto os princípios que orientam até os dias de hoje o que se considera a formação nos diferentes campos do movimento lacaniano. Essa pequena carta termina com uma “piada íntima” (*plaisanterie intime*), qual seja:

Aproveitando os desejos para o ano novo e a licença ritual que se associa a eles em todas as tradições, se me permitem agora apelar a uma piada íntima, lhes direi que apresento aqui para nosso corpo fragmentado o instrumento de um espelho no que queira o céu que antecipe sua unidade.

Se assim o fosse, nosso dissenso cobraria retroativamente seu sentido: *nachträglich*, como se expressa nosso mestre para dar destaque não tanto à deformação como a história, mas como a gênese mesma da lembrança. (MILLER, 1987, p. 36 e <http://www.ecole-lacanienne.net/bibliotheque.php>).

Eis uma citação que consideramos necessário não omitir, uma vez que entendemos que esse *nachträglich*, escrito com “todas as letras” na língua alemã, pode abrir ao que pretende ser o fio condutor na pesquisa que decidimos fazer sobre o trauma, de Freud a Lacan.

Como Laplanche afirma, Lacan trouxe para o debate das sociedades psicanalíticas pós-freudianas o termo “*nachträglichkeit*”⁶. Com *Função e Campo da palavra e da linguagem*

⁶ Laplanche insiste no uso do substantivo.

marca-se um antes e um depois na história da psicanálise. Momento crucial que inaugura as proposições de Lacan sobre o determinismo significante, mas que não esgotam o debate sobre a causalidade em psicanálise. Retomaremos esse momento no terceiro capítulo da tese.

A citação de *Função e Campo*:

Sejamos categóricos: não se trata, na anamnese psicanalítica, de realidade mas da verdade, porque o efeito de uma fala plena é reordenar as contingências⁷ passadas dando-lhes o sentido das necessidades por vir, tais como as constitui a escassa liberdade pela qual o sujeito as faz presentes.

Os meandros da investigação que Freud realizou na exposição do caso do “Homem dos Lobos” confirmam estas afirmações, nelas retomando seu pleno sentido.

Freud exige uma objetivação total da prova quando se trata de datar a cena primária, mas supõe, sem mais aquela, todas as resubjetivações do acontecimento que lhe pareçam necessárias para explicar seus efeitos a cada volta em que o sujeito se reestrutura, isto é, tantas reestruturações do acontecimento quantas se operem, como se exprime ele *nachträglich*, a posteriori (na nota de rodapé acrescenta “tradução precária do termo”). Mais ainda, com a audácia que beira a desenvoltura, ele declara considerar legítimo elidir, na análise dos processos, os intervalos de tempo em que o acontecimento permanece latente no sujeito (*Nachträglichkeit*, acrescentado em nota de rodapé) (LACAN, 1953/1998, p. 257-258, parênteses da autora)

Com essa citação se arremata o item faltante na introdução dessa Tese, qual seja, a temporalidade lacaniana: instante de ver, tempo de compreender, momento de concluir, apontando que o acontecimento anula o tempo de compreender precipitando o sujeito para o momento de concluir, na tentativa de decidir o sentido do acontecimento original. Temporalidade lógica que nos dá o mapa do que será o tratamento da fantasia, e, portanto, sua relação com o trauma.

⁷ As categorias modais que Lacan toma de Aristóteles se dividem em *necessário* (não cessa de se escrever), *impossível* (não cessa de não se escrever), *contingente* (cessa de não se escrever), *possível* (cessa, de se escrever). Tomamos as referências dos (LACAN, 1972-1973; 1976). Todavia, indicamos o texto *A letra: de instância do inconsciente à escrita do gozo no corpo* (ELIA, 2007, p. 129-137) na qual faz uma observação interessante sobre a categoria do *possível* - *cessa, de se escrever*- a qual poderia ser traduzida como *cessa, por se escrever*.

Resta incluir, sempre a modo de introdução, que é nesse *nachträglich* que Lacan vai fundamentar o que Freud tinha considerado como clínica na psicanálise, a saber, a assunção de sua história pelo sujeito, história constituída pela fala endereçada ao outro, que serve ao método nomeado por ele como psicanálise. Método esse que, privando-se dos meios da ciência apoiada na neurologia, tomou a fala como único meio, definindo o discurso como campo: “como campo da realidade transindividual do sujeito, suas operações são as da história, no que ele constitui a emergência da verdade no real” (LACAN, 1953/1998, p. 259). Ao longo do seu ensino o estatuto de verdade terá modificações significativas para nosso tema. As mesmas serão tratadas no capítulo 3 dessa Tese.

Um percurso clínico

A palavra “trauma” deriva de uma raiz indo-européia com dois sentidos: friccionar, triturar, perfurar; mas também suplantar, passar através. (NETROVSKI e SELIGMANN-SILVA, 2000, p 8). O trauma que perfura, que suplanta, que “passa através”, precisa para sua elaboração, sempre parcial, que algum elemento permita a função da passagem, que algum elemento se apresente como *passador* do que pode ter sido uma experiência inassimilável. Como escreve Jacques Hassoun (1996), os seres humanos, seres falantes, somos portadores de uma história singular, no seio da História, somos seus depositários e seus transmissores. A partir de nossa relação (de estrutura) com a fala e a linguagem, podemos dizer que a letra que carregamos é o elemento mínimo facilitador da passagem.

Foi preciso *recuperar* o estatuto do trauma na psicanálise, para pensar as consequências *na clínica do traumático*. Essa expressão foi tomada pela equipe de atendimento a migrantes e imigrantes, equipe da qual fui fundadora e supervisora, junto à Profa. Dra. Miriam Debieux Rosa e a psicanalista Taeco Toma Carignato. Portanto, a

pergunta sobre o trauma se inscreve numa experiência que contempla a relação da clínica psicanalítica com fatos sociais de segregação e exclusão, realizada pela equipe do Laboratório Psicanálise e Sociedade, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP).

Em 2004 articulamos uma parceria com a Casa do Migrante⁸. Nossa iniciativa, que se inscrevia junto ao trabalho que partilhávamos com os colegas do Laboratório Psicanálise e Sociedade, era de apostar em uma experiência clínica com os imigrantes e migrantes que se albergam nessa Instituição gerenciada por Padres Scalabrinianos. O fato de inserir um projeto clínico-acadêmico numa instituição de cunho religioso trouxe para nossa equipe algumas reflexões sobre o modo, o tempo e o tom a ser dado a essa parceria. Contávamos com a atuação dos estagiários do IPUSP e com as reuniões de equipe que funcionaram como reuniões clínicas.

Em novembro de 2005, inscrevemos no Fundo de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo o Projeto “Migração e Cultura: experiências de atendimento a pessoas em situações de vulnerabilidade psíquica e social”. Posteriormente, o nome do Projeto mudou, chamando-se “Migração e Cultura: intervenções psicanalíticas clínico-políticas com migrantes, imigrantes e refugiados”. Tivemos que ser “sensíveis ao novo”, uma vez que a realidade da Casa era inédita para nós. As relações com a diretoria da instituição e com os “usuários da Casa” mostraram-se complexas e a cautela foi um traço de nossa chegada, uma marca que se conservou até hoje e que nos possibilitou continuar a clinicar nessa instituição. Lá se albergam, por um período restrito, pessoas que chegam de diferentes países e estados do Brasil. A *Casa* – assim a batizamos – tem 100 leitos distribuídos num edifício que antigamente funcionava como convento. Atualmente, no site dessa instituição (www.missaonspaz.org), esclarecem que optaram pelo significante “casa”, referenciados na

⁸ Missão Scalabriniana que atua em parceria com a Pastoral do Migrante, na cidade de São Paulo. A Casa do Migrante é um albergue que acolhe majoritariamente migrantes do Brasil, imigrantes do Cone Sul e Africanos que pleiteiam a condição de refugiados.

filosofia de trabalho da Missão Scalabriniana junto aos migrantes e buscando propiciar um “ambiente familiar” no qual as pessoas possam se relacionar e assumir suas responsabilidades perante o próximo. A Casa funciona ao lado da Pastoral do Migrante, onde uma equipe jurídica assiste os migrantes e imigrantes. Assim também nesse extenso quarteirão funcionam duas creches que assistem mais de 100 crianças da região e da Casa, um Centro Pastoral dos Migrantes, a Igreja Nossa Senhora da Paz e um Centro de Estudos Migratórios.

Nesse tempo de trabalho realizamos diferentes atividades das quais destaco: o *grupo de reflexão* sobre a chegada à cidade, onde se recolhem e comentam os relatos das experiências de deslocamento; a *oficina de português*, na qual, através da narrativa das histórias relatadas em outras línguas, buscam uma tradução “ao português”; os atendimentos individuais, que nomeamos “escutas singulares”; e um trabalho com as *mães* e seus filhos pequenos que permanecem na Casa enquanto seus companheiros buscam algum emprego.

Essas atividades sofreram modificações conforme as necessidades que se apresentaram na clínica, mas o objetivo principal permaneceu, a saber: ***dar um lugar à palavra oferecendo uma escuta singular***. Trata-se de uma proposta que traz embutida uma idéia de espaço e outra de tempo. São dois conceitos que permeiam o objeto dessa tese: o trauma. Em 2009, perguntando-nos pela eficácia do instante traumático, e pela sua potência enlouquecedora, escrevemos:

A fixação ao instante traumático promove uma resposta subjetiva bem específica, a saber: *o silenciamento*, a mordada da palavra. Assim, uma constante nessas situações é o silenciamento dos sujeitos, entendida por Rosa (2002) como: “esta suspensão temporária, às vezes da vida inteira, mas temporária e não estrutural, um modo de resguardo do sujeito ante a posição de resto na estrutura social. Uma proteção necessária para a sobrevivência psíquica, uma espera, uma esperança”. Nesses casos não é possível um trabalho aos moldes de uma clínica do sintoma, mas podem-se realizar intervenções que podemos chamar *clínica do traumático* nos casos em que o sujeito não construiu ainda uma resposta metafórica, um sintoma através do qual

possa falar do seu sofrimento e endereçar uma demanda” (2009, ROSA et al)

Os quatro capítulos da Tese

Capítulo 1 Propõe-se a seguinte hipótese: a clínica das neuroses possibilitou uma hipótese abdutiva do aparelho psíquico que se articulou com a proposta de uma temporalidade traumática a partir da qual a eficácia do trauma foi definida como póstuma. A teorização do *nachträglich* indica que existe uma solidariedade entre a proposta clínica e o arcabouço dos conceitos que sustentaram, nos primórdios da psicanálise, uma teorização sobre o trauma. Desde a *pré-história da psicanálise* o esboço do aparelho psíquico incide diretamente na concepção do trauma, sua temporalidade e sua incidência no tratamento clínico das neuroses. Um comentário breve sobre o texto freudiano *Aphasies* (FREUD, 1891/2004) possibilita pontuar o tratamento dado à representação, sustentado na noção de um *aparelho da linguagem* (*Spracheapparat*) e de um *território da linguagem* (*das Sprachgebiet*) que dá um marco para a concepção do evento traumático como gênese do sintoma ou, ainda, da neurose. Desse modo alguns elementos do constructo suplementam a hipótese do trauma como *referente* e como *póstumo*. Portanto, trata-se de uma hipótese que tenta definir o trauma entre o espaço e o tempo. A relação de referente entre a representação-palavra e a representação-objeto é afetada por essa temporalidade *a posteriori*. Propõe-se uma leitura que inclui a *Prägung* (impressão) traumática como uma impressão a ser localizada num litoral anterior a toda inscrição da representação. O traumático é a falta de transcrição e de tradução de uma impressão, a qual, a condição de ter sido elidida, pressiona. Dita impressão hiper-intensa pode ser vinculada como uma teoria do afeto, entendido, por Freud, como um *quantum de energia*, qual seja, um *valor econômico* do aparelho psíquico. Propõe-se extrair dessa construção algumas consequências para “a ação póstuma do trauma”, isto é: o que dessa falha estrutural

da transcrição de uma cena faz a insistência do trauma e determina sua temporalidade. Em termos de saber, para Freud, essa ação póstuma do trauma refere a uma falta de saber. A possibilidade de tradução de uma cena implica em um ganho de saber sobre a sexualidade.

Capítulo 2. Partindo do abandono da crença na cena traumática de sedução, proposto por Freud em 1897, aborda-se o valor traumático da sexualidade. Afirma-se que o abandono da teoria de sedução no implica no abandono da *questão* do trauma. A fixação da libido pode ser considerada como a causa eficiente traumática. Destarte, levantam-se algumas considerações sobre a passagem da causalidade accidental da cena de sedução para a causalidade do trauma, a ser entendido como causa eficiente. O trauma se inclui na estruturação do vivente pelo seu valor econômico. Trauma e traumático (instante traumático) remetem ao fator econômico e à impressão que, por impossível de tramitar, alimenta a permanência do trauma e permite sua fixação, no inconsciente. Desse modo, apresenta-se uma articulação na qual o trauma, sem abandonar o sentido contingente do acidente, apresenta-se como estruturante do aparelho psíquico. O aparelho freudiano da primeira tópica se sustenta na temporalidade *nachträglich* e é solidário com a teorização das séries complementares. Realiza-se uma leitura das elaborações da metapsicologia freudiana considerando o instante traumático como “o visto e o ouvido”, a ser entendido em duas vertentes complementares: a regressão tópica e a impressão (*Prägung*) por elisão que presiona no sentido econômico do aparelho. Ambas vertentes do instante traumático são consideradas como bordas dos limites da representabilidade. Finalmente, articulam-se as últimas propostas freudianas sobre o trauma que o vinculam à segunda teoria da angústia, definindo-o em relação à castração.

Capítulo 3. Apresenta-se um primeiro percurso sobre as articulações que Lacan oferece sobre o trauma. Esse autor, no seu retorno a Freud, divide taxativamente o acontecimento traumático e a fantasia. Tomando como exemplo o caso clínico freudiano do Homem dos Lobos, amplamente comentado por Lacan nos primeiros anos do seu ensino, são

trabalhadas algumas diferenciações entre recálque e negação que permitem considerar o instante traumático na sua relação com a impressão traumática. A partir do ano de 1957 se evidencia um contraponto entre trauma e fantasia que inclui as primeiras elaborações sobre o objeto *a*. São levantadas algumas articulações entre a *teoria do objeto* - da qual Lacan faz o cerne do seu ensino - e o trauma. Entrementes, uma definição do trauma dessa época o vincula com o que Lacan nomeia “a dor de existir”, indicando que o ser falante tem existência de linguagem, existência essa que não poderá ser abolida nem mesmo com a morte. A dor de existir se exprime em experiências que confrontam o sujeito com um saber sobre esse *de-ser*. Isso nos leva a retomar o exemplo de Hamlet, trabalhado por Lacan. Introduzimos alguns traços do caso clínico que acompanhamos na Casa e que detalharemos no último capítulo. A seguir, destacam-se as definições dos anos 1960 sobre a *Coisa (das Ding)*, seu lugar de *extimidade* e as consequências que dela derivam para o conceito de angústia e para a clínica do ato. Essas elaborações permitem afirmar que trauma e fantasia podem ser pensados numa relação suplementar. Assim também, observa-se como a clínica do trauma deve considerar o apagamento do *tempo de compreender* (tempo lógico), tempo de construção da ficção fantasmática, necessária para o *tratamento* do real em jogo em quaisquer experiências. Finalmente, aponta-se o que possa ser entendido da clínica do trauma quando consideradas duas patologias do ato: *acting-out* e passagem ao ato.

Capítulo 4. Recorta-se um momento crucial para acompanhar as formulações sobre o trauma no ano de 1964, quando Lacan precisa que o trauma deve ser contemplado como a causa eficiente Aristotélica, em particular a *Tychê*. Retoma-se o sonho freudiano do pai que vela seu filho para diferenciar na *Tychê*: a realidade do real do trauma. Assim também, entende-se que a leitura do significante como evento de gozo e sua articulação com o objeto *a* como *mais de gozo*, incide na concepção do trauma no final do ensino de Lacan. Essa leitura, oriunda da teoria dos discursos, proporciona alguns esclarecimentos sobre o trauma nas suas

relações com o saber e com a verdade. Os efeitos desse argumento operam uma definição do trauma que retoma o legado freudiano do objeto perdido, isto é: da *Coisa* freudiana. Com Lacan esses argumentos visam o furo na estrutura: furo a ser tomado pelas vias: topológica e lógica. Essas articulações permitem uma leitura que conclui o percurso do trauma, em Lacan com a assertiva: *troumatismo*. O *troumatismo* do ser falante tem duas indicações específicas no ensino de Lacan: uma refere a impossibilidade lógica da relação, solidária com a incompletude do simbólico (não-todo). A segunda refere ao *insabido* (*insu*) furo no saber. Ambas serão abordadas nesse último capítulo da Tese, articuladas ao conceito de sintoma e de letra. Isso também permitirá alcançar diferenças entre Freud e Lacan.

Portanto, entendemos que há uma possibilidade de leitura sobre o trauma que acentua: a *Prägung* traumática, a *Tychê* e o *Trou*. São três nomes do trauma que o vinculam ao Real, nod fidentes momentos do ensino do Lacan. É por essa razão se aporta uma leitura que vai do trauma ao *troumatismo*. Sem dúvida uma leitura sinuosa, com portas de entrada, com o intuito de demarcar como, tratando-se da clínica do traumático, há de apostar-se a um tempo em que se dê lugar à construção de um sentido, sem perder de vista a dimensão do equívoco. Isso anuncia que a *clínica do traumático* pode ter suas nuances, a serem abordadas nas diferentes intervenções clínicas realizadas em nossa equipe, mas que ela é, sem dúvida alguma, a clínica psicanalítica.

Capítulo 1

A EFICÁCIA *PÓSTUMA* DO TRAUMA

Essa fixação da vida psíquica aos traumas patogênicos é um dos caracteres mais importantes da neurose e dos que têm maior significação prática. (FREUD, 1909/1996, v. 11, p. 33)

Neste primeiro capítulo acompanhamos o que consideramos ser o primeiro movimento no argumento sobre o trauma que Sigmund Freud sustentou perante a comunidade científica da sua época. Apresentamos uma proposta de leitura com ênfase na seguinte hipótese: a clínica das neuroses possibilitou uma hipótese abdutiva⁹ do aparelho psíquico que se articulou com a proposta de uma temporalidade traumática a partir da qual a eficácia do trauma foi definida como póstuma. A teorização do *nachträglich* indica que existe uma solidariedade entre a proposta clínica e o arcabouço dos conceitos que sustentaram os primórdios da psicanálise. Desde a *pré-história da psicanálise*, o esboço do aparelho psíquico incide diretamente na concepção do trauma, sua temporalidade e sua incidência no tratamento clínico da histeria. A leitura de um caso clínico de 1895, e das elaborações sobre a histeria (FREUD, v. 1, 1888/1996, pp. 71-94), dá serventia para iniciarmos a abordagem de nossa questão. A seguir, um comentário breve sobre o texto freudiano *Aphasies* (FREUD, 1891/2004) permite-nos pontuar o tratamento dado à representação, sustentado na noção de um *aparelho da linguagem* (*Spracheapparat*) e de um *território da linguagem* (*das Sprachgebiet*) que dá um marco para a concepção do evento traumático como gênese do sintoma ou, ainda, da neurose. Finalmente, elencamos alguns elementos do constructo que suplementam a hipótese do trauma como *referente* e como *póstumo*, permitindo-nos algumas primeiras reflexões. O exemplo do caso clínico Emma, que tomamos do “Projeto para uma psicologia científica”

⁹ O objetivo de um processo abduutivo é alcançar uma explicação para determinado acontecimento ou conjunto de acontecimentos, a partir de inferências e criando novas explicações (BRANQUINHO, MURCHO, GOMEZ, 2006, pp. 9-10). Devemos a Alocuh (1993, p. 22) essa observação sobre o processo de raciocínio.

(FREUD, 1950 [1895], v. 1, pp. 333 – 454) é o paradigma da concepção do trauma e sua temporalidade escandida *a posteriori*.

Intermezzo do Trauma

Katharina, Emma, Frau P., J., Elizabeth, Dora e tantas outras mulheres deram-nos a possibilidade de acompanhar a clínica da histeria, e por que não dizer, a clínica do trauma. Porque o trauma deu as cartas a Freud para poder apreender o sentido dos sintomas. Como se apresentava o trauma? Com uma temporalidade escandida. Resumidamente: duas cenas e um *intermezzo*, também chamado de período de amnésia, ou período de *elaboração psíquica*, segundo Charcot. O intermezzo nada mais é do que um intervalo de incubação. Como em todo intervalo, algo do que foi, será. Os efeitos póstumos do que foi, será. Acompanhemos e escutemos nossa cantora:

Uma mulher jovem, casada, com saudades do marido que viajava novamente a trabalho, aguardava-o. Era bonita e frustrada. Sua carreira como artista tinha naufragado havia anos. Mas ela gostava de se aproximar do que havia lhe restado daquela época. Não era fácil ter de lidar com o “que quis ser e não foi”. Nem sabia por que ela insistia; e cantava, algumas vezes. Uma tarde estava sentada ao piano, cantarolando uma *seguidilha* de *Carmen*

Mon amoureux... il est au diable,.... Mon coeur est libre comme l'air.... Qui veut m'aimer? je l'aimerai!... Qui veut mon âme? elle est à prendre..... Vous arrivez au bon moment.....Je n'ai guère le temps d'attendre....

*Meu amor... é o diabo.... meu coração é livre como o ar... quem quer me amar? lhe amarei... Quem quer a minha alma? Ela é para ser tomada... Você chega na hora certa... eu quase não tenho tempo para esperar...*¹⁰

“Subitamente sentiu-se mal”: seu corpo passou mal, seu estômago, sua cabeça, o coração, a ânsia de vômito... *Estou enlouquecendo*, se disse. Sem dúvida, o café da manhã tinha lhe caído mal. Foram os ovos com os cogumelos, esses últimos estariam envenenados. Para piorar a situação, um dia depois sua empregada cismou em lhe dizer que a mulher que morava antes nessa casa tinha enlouquecido. Já não conseguia se desfazer da angústia e dessa obsessão: *estou enlouquecendo*, se dizia.

Essa é a essência do caso. Em primeiro lugar, e antes de saber o que essa jovem de 27 anos estava cantarolando quando passou mal, Freud achou que se tratava de um ataque de angústia, isto é, um desprendimento sexual que foi transposto em angústia. Se bem isso poder-lhe-ia indicar que estava frente a um caso de neurose de angústia (a condição da *neurose de angústia*, em 1895, era o acúmulo de tensão sexual que não conseguia encontrar descarga no campo psíquico), ele preferiu melhor investigar o processo e apostar num *falso enlace* (*falsche Verknüpfung*), isto é, na substituição de uma representação por outra, característica da obsessão que sua paciente relatara. Freud apostava na neurose de defesa e não na neurose de angústia.

Frau J. P., saudosa como estava pelo seu marido, desejava-o, as ideias incompatíveis que lhe tomaram quando cantava eram de cunho sexual, a defesa teria operado enfraquecendo essas representações e o falso enlace se estabeleceria “por substituição”. Foi a hipótese de Freud.

¹⁰ Freud não escreve a letra da ária; embora nos informa que se trata da *seguidilla* “Près des remparts de Séville”, do Ato 1 da ópera Carmen, de Bizet. Tudo indica que esses versos poderiam tê-la afetado. É nossa licença poética ao ler o caso. Se preferirem, é a *leitura* que nos permitimos fazer do caso de Frau. P. J, escrito por Freud provavelmente no início de 1895 – a data é incerta; e publicado com no *Rascunho J* (FREUD, (1950 [1892-1899]/1996, v. 1, pp. 263 – 266).

O Holmes em Freud volta à cena do crime. Eis que soube que a ária de Carmen era o que pairava nas representações dessa mulher carente de amor. Então, foi essa ária que lhe lembrou do marido? Freud lhe pede que repita a ária, porém ela nem lembrava da letra.

– Em que ponto a Sra. acha que lhe veio o ataque?

– Não sei...

A figura do analista como causa tem um antecedente na “pressão na frente”, isso não é simplesmente uma técnica (BERTA, 1992). Freud pressionou a frente da paciente e ela lhe disse que tudo começara *depois* de terminar de cantar a ária. “Isso parecia bem possível: tinha sido uma sequência de pensamentos, que emergira a partir da *letra* da ária” (FREUD, Ibid, p. 264). Após a pressão na frente, duas palavras emergiram: “marido” e “desejar”.

Sabe, sim! Você sabe! Em 1909, nas “Cinco Conferências” que Freud ditara em Massachusetts, ao se referir à “pressão na frente”, disse algo preciso, porque inclui a questão da causa e do saber, isto é: desse modo em que se constrói um saber – que se demonstra finalmente *insu* (*insabido*). Um saber do *insabido* está em causa em cada cena analítica. Algo que permite a Lacan dizer que, entre saber e verdade, o que faz laço é o gozo. É preciso não correr. Retomaremos mais a frente à relação entre saber e trauma. Agora, voltemos ao que Freud dizia a seu auditório inglês, falando dessas experiências clínicas que tinham acontecido 15 anos atrás, portanto, quando o *tratamento psíquico* privilegiara a palavra à procura das lembranças:

Quando chegávamos a um ponto em que nos afirmavam nada mais saber, assegurava-lhes que *sabiam*, que só precisavam dizer, e ia mesmo até afirmar que a recordação exata seria a que lhes apontasse no momento em que lhes pusesse a mão sobre a frente. Dessa maneira pude, prescindindo do hipnotismo, conseguir que os doentes revelassem tudo quanto fosse preciso para estabelecer os liames existentes entre as cenas patogênicas olvidadas e os resíduos – os sintomas. (FREUD, 1909/1996, p. 38)

Detivemos-nos por um instante nessa relação entre lembrança – trauma – saber para deixarmos apontado que a verdade em questão não será a do acontecimento. Freud busca um saber nas lembranças. Esse que aparece sob pressão na frente. Em 1909, evocando os findos 1890, acrescenta que logo abandonou a “pressão”, mas sem desestimar jamais as conclusões decisivas: que as recordações não tinham perdido seu valor.

Estamos com Freud e a Frau J. P. Após Freud insistir que ela sabe e após duas palavras “marido”, “desejar”, ele lhe pergunta pela bela *Canzonnetta* do *Cherubino*, do *Fígaro*, de Mozart. E *alude, falando-lhe no ouvido*:

Voi che sapete che cosa è amor,

Donne vedete s'io l'ho nel cor...

Só para indicar que as mulheres algo sabem... do amor... e do sexo. Razão pela qual, a seguir, ela lhe confirmou que sim, que nesse dia da ária de *Carmen*, quando tudo começou, tinha sentido além do corpo desvairado - o vômito, a cabeça, o estômago - um *desejo convulsivo de urinar*. “De modo que tinha sido realmente um *orgasmo*” – sentenciou e concluiu Freud; não sem antes acrescentar que a insinceridade das mulheres começa quando elas omitem o caráter sexual do seu padecimento!

Mas, até aí, não tínhamos mais do que uma cena, dela recortamos os versos da ária de *Carmen*, duas palavras “marido” e “desejar”, um ataque que reunia: orgasmo e pavor; porém nenhum *falso enlace* que permitisse acessar a *outra cena*¹¹. Freud percebe isso e disse que o medo era ainda enigmático.

Saber da Cena I, o piano, a mulher cantando, o ataque, não era suficiente para desfazer o sintoma. Todas as peças da cena estavam à disposição, na consciência. Porém, para que

¹¹ A cena inconsciente ainda estava sendo gestada em termos teóricos, como veremos neste capítulo.

houvesse *falso enlace* era necessário que um grupo psíquico estivesse fora do comércio associativo.

Finalmente, os indícios da Cena 2 são construídos com um alto custo: a paciente não voltou. O que se soube no dia em que ela voltou chorando, pela última vez ao consultório de Freud: quatro anos antes ela já tinha experimentado um ataque com as mesmas características, porém morigerado. Coincidia com o abandono da sua carreira profissional como cantora. Ela tivera de cantar em Ratisbona. Pela manhã cantou num recital conseguindo realizar uma bela interpretação. Pela tarde lhe acometeu a crise: tivera uma “visão” como se fosse uma briga com um colega, provavelmente um tenor da sua *troupe*. Dois dias antes dessa crise morigerada fora abordada pelo tenor, quem teria acariciado-lhe os seios. Freud conclui que a imagem mnêmica do orgasmo foi o que funcionou como *falso enlace* entre a Cena 1 (cantar ao piano) e a Cena 2 (a investida do tenor). Eis o que ela teria sentido como aumento de tensão nessa cena sexual no teatro, a plena Ópera. Eis o que nos permite conjecturar que algumas frases, tais como *amoureux... il est au diable... Qui veut mon âme? elle est à prendre*, poderiam ter atizado o que acabou em orgasmo. Consideremos que nesse exemplo não é a puberdade o que funciona como intervalo, mas o tempo necessário para que o sujeito saiba que está interessado com uma satisfação, na cena.

Diferentemente do caso de Katharina, aquela jovem que lhe encontrou nos Alpes e que, em plena montanha lhe relatou o drama familiar que tinha desencadeado a sedução do seu pai. Um sintoma de angústia, a falta de ar que *lhe apanhava*, sufocando-a, a garganta apertada, a pressão nos olhos. De repente.... A visão de um rosto irado estranho. Freud busca a conexão causal, a cena primeira onde possam ter ficado traços das percepções: o visto e o ouvido. Avança e verifica como os sintomas se constituem em resposta à repulsa que a lembrança de certas marcas deixa nas pacientes.

Há duas cenas também para Katharina: Cena 1: ela vê seu tio¹² com uma jovem numa relação sexual, ele em cima dela. Cena 2: esse homem *lhe* acorda e *lhe* pega de surpresa. Nesse caso ele divide as cenas do trauma entre momento traumático (Cena 2) – a causa incidental e eficiente – e o momento auxiliar (Cena 1). Ambas são traumáticas por terem conteúdo sexual. No entreato, a elaboração:

A semelhança está no fato de que, nas experiências anteriores, criou-se um elemento da consciência que foi excluído da atividade de pensamento do ego e permaneceu, por assim dizer, armazenado, ao passo que, na última cena, uma nova impressão ocasionou forçosamente uma ligação associativa entre esse grupo separado e o ego. Por outro lado, existem diferenças que não podem ser desprezadas. A causa do isolamento não foi, como no Caso 3, um ato de vontade do ego, mas *ignorância* por parte deste, que ainda não era capaz de lidar com experiências sexuais. Nesse sentido, o caso de Katharina é típico. Em toda análise de casos de histeria baseados em traumas sexuais, verificamos que as impressões do período pré-sexual que não produziram nenhum efeito na criança atingem um poder traumático, numa data posterior, como lembranças, quando a moça ou a mulher casada adquire uma compreensão da vida sexual. (FREUD (1893-1895/1996, v. 2, p. 159)

O explosão dos sintomas histéricos não ocorreu após a Cena 2 (primeira no tempo) mas sim após o período de incubação. Portanto, quando ela adquiriu um saber sobre a sexualidade, acrescentando aos dois momentos traumáticos, seu significado sexual.

A causa incidental

Foram essas mulheres atendidas por Charcot que prenderam a atenção de Freud. *Histeria* é um artigo escrito por Freud em 1888¹³, após a viagem de Freud a Paris, quando participou

¹² Freud informa em 1924, vinte anos depois, que não se tratava do tio, mas do pai da paciente.

¹³ Embora o autor não o tenha assinado, os diferentes estudos da sua biografia e da sua historiografia erudita (JONES, 1953; ANDERSSON, 1962/2000; STRACHEY, In. FREUD, 1966/1996) afirmam tratar-se de sua autoria, tomando como testemunha de tal afirmação três cartas escritas por Freud para seu amigo e colega Fliess, assim como a conexão desse texto com outros

do ensino de Jean-Martin Charcot (1825-1893), recolhendo dessa passagem o cuidado que esse médico famoso tinha com o tratamento dessa doença da histeria, retirando-lhe qualquer estigma de feitiçaria que ainda restasse, embora o pré-conceito com relação as neuroses fosse eficaz para a medicina da época.

O termo “neurose” deve-se a William Cullem (1712-1790), um dos inventores da patologia nervosa. Cullem construiu uma teoria baseada na “irritabilidade” e na “sensibilidade” dos organismos e segundo a qual o sistema nervoso seria a fonte e o regulador dos fenômenos da vida (saúde e doença). Desse modo, os distúrbios desse funcionamento explicariam a doença. A ausência de localização anatômica da doença não impediu acentuar seu des-funcionamento. As neuroses sem origem orgânica foram qualificadas de “funcionais”, o qual significa: sem inflamação nem lesão do órgão no qual aparecia a dor. Nesse texto “Histeria” encontramos uma definição sobre o trauma como sendo uma ocorrência que funciona como causa incidental e cuja temporalidade é escandida por um período de latência.

A histérica cria um corpo solidário com a cena traumática. Freud logo se apercebe desse fato crucial afirmando que as paralisias das histéricas não acompanham a estrutura anatômica do sistema nervoso. Todas as paralisias histéricas se limitam a uma parte do corpo, diferentemente das paralisias orgânicas que são mais amplas.

É inegável que neste momento Freud destaca a *diátese nervosa da histeria*, ou seja, a disposição hereditária; e que localiza todos os outros fatores com um valor secundário. Porém não subestima o *fator accidental traumático*, uma vez que ele pode servir de gatilho aí onde uma disposição estaria colocada na base do quadro histérico. Como fatores que fazem

escritos freudianos desses anos. Segundo Strachey, a autoria de Freud sobre esse texto é incontestável, no mesmo teria comunicado para a comunidade científica os primeiros resultados do método catártico de Josef Breuer, praticado desde 1882. Esse dado retira a pretensão de autoria tomada em 1889 por Pierre Janet, cujo livro incluía ideias semelhantes.

irromper a doença são citados: trauma, luto, intoxicação. Mas também podem ser mobilizados por causas banais ou obscuras. Quais? As “condições *funcionalmente* (os grifos são do autor) relacionadas à vida sexual desempenham importante papel na etiologia da histeria” (FREUD, *Ibid*, p. 85). É fato que a junção da hereditariedade, oriunda da Escola de Charcot, e da funcionalidade – afiliada às teorias da fisiologia e da neurologia alemã e austríacas –, podem permitir uma leitura dessas condições. Porém, gostaríamos de frisar que ditas associações não estão separadas desse mapa do corpo histérico.

Entrementes, esse trecho do texto merece um parágrafo à parte. Uma vez que Freud localiza a etiologia da histeria estreitamente vinculada não tão somente à hereditariedade, mas ao trauma. O trauma é a causa *incidental*, portanto conta com a contingência da ocorrência num quadro que já mantinha uma disposição hereditária. O trauma coagula o determinismo e a causalidade incidental. Citemos:

O trauma é uma causa incidental frequente da doença histérica, em dois sentidos: primeiro porque a disposição histérica, anteriormente não detectada, pode manifestar-se por ocasião de um trauma físico intenso, que se acompanha de medo e perda momentânea da consciência; em segundo lugar porque a parte do corpo afetada pelo trauma se torna sede de uma histeria local. (FREUD, 1888/1996, v. I, p. 89)

A partir daqui a pergunta que não quis calar para Freud foi: por que um trauma se torna patogênico? Cabe observar que nessa época ele também considerou as diferenças da histeria masculina. Na época das ondas da revolução industrial, os acidentes ferroviários levaram Charcot a refletir sobre a “railway spine” e “railway brain”, acidentes graves, portanto *traumas* graves, dos quais se afirmava um diagnóstico de histeria traumática. Charcot se opunha a estabelecer, pelo trauma, uma diferença para a histeria masculina sustentada nas catástrofes ferroviárias.

Refletindo sobre a *evolução da histeria*, Freud propõe a *temporalidade* do trauma. A evolução dos distúrbios da histeria, na maior parte dos casos, exige “um período de incubação, ou melhor, *um período de latência* durante o qual a causa desencadeante *continua atuando no inconsciente*” (FREUD, 1888/1996, v. I, p. 89, grifo nosso). Observemos que um traço diferencial da *diátese nervosa* é que *a causa desencadeante continua atuando no inconsciente*. Há um laço entre a disposição e a ocorrência. Encontramos aqui uma explicação causal do trauma, qual seja, fazer o paciente, via a hipnose, “remontar à pré-história psíquica da doença, compelindo-o a reconhecer a ocasião psíquica em que se originou o referido distúrbio” (FREUD, Ibid, p. 93). Um passo a mais: o trauma é uma ocasião psíquica.

Vejamos o resumo dessa neurose, segundo entendemos a partir desta leitura. *Uma diagnóstica*: “a histeria é uma anomalia do sistema nervoso” (Freud, Ibid, p. 94). *Uma etiologia*: “se fundamenta na distribuição diferente das excitações, provavelmente acompanhada de excesso de estímulos no órgão da mente” (Freud, Ibid, p. 94). *Uma semiologia*: “sua sintomatologia mostra que esse excesso é distribuído por meio de ideias conscientes e inconscientes” (Freud, Ibid, p. 94). *Uma terapêutica*: “Tudo o que modifica a distribuição das excitações no sistema nervoso pode curar os distúrbios histéricos: esses efeitos são, em parte, de natureza física e, em parte, de natureza diretamente psíquica” (Freud, Ibid, p. 94).

Acompanhando a proposta de Dunker (2011), encontramos nesse texto “Histeria” uma definição precursora da Estrutura Clínica na qual o trauma se define por ser, ao mesmo tempo, uma causa incidental e determinante que atua *no inconsciente* (*das unbewusste*) e que define o evento traumático como ocasião psíquica. Parece-nos conveniente lembrar que o verbete “ocasião” inclui o momento, o instante, a causa e a razão. Embora o inconsciente ainda não adquirisse o estatuto de sistema ou de localidade psíquica, temos que contemplar aqui a ideia

de um processo (Garcia-Roza, 2004) que se sustenta nessa *incidental ocasião*. Isso se confirma no estudo contemporâneo das Afasias que Freud escreveu em 1891.

A psicopatologia do trauma: Neuropsicose de defesa

Freud as chamou *Histeria de defesa*, em 1894, elas são as neuroses do trauma psíquico, não porque na histeria hipnóide e na histeria de retenção o trauma não opere, mas porque na histeria de defesa, ou mesmo “histeria de defesa adquirida”, o que adoece é a incompatibilidade da representação somada ao malogro da defesa. *Esses pacientes que analisei gozaram de boa saúde mental*, disse Freud, *até o momento em que houve uma ocorrência de incompatibilidade em sua vida representativa*.

Vejamos, então, que o trauma psíquico, assim como propomos no quadro acima, somente se faz saber pela defesa que opera produzindo o *falso enlace*. A defesa é o seu fracasso!. Trauma – Defesa. Há solidariedade lógica entre trauma e defesa (DELGADO, 2005, p. 128). Acrescentemos que também há solidariedade lógica entre a defesa e o seu fracasso. Portanto, as Neuropsicoses de defesa são de defesa... e do seu fracasso, malgrado a afirmação da eficácia da defesa no caso da psicose. Freud assim o afirma, mas sabemos o impedimento que isso implica para o psicótico que se arranca de todo princípio de realidade e paga com a alucinação. Acompanhemos Freud e veremos que, até o momento do fracasso, o caminho é o mesmo, o que se modifica são as experiências de gozo, ou, de satisfação passiva – ativa na primeira infância.

Há um esforço em extrair as consequências das marcas da cena traumática sexual infantil.

Idades					
Ia	Ib	A	II	B	III
até os 4 anos	até os 8 [anos]		[até os 14 anos]		até x
Pré-consciente	[Infantil]		Pré-puberdade		Maturidade

A (de 8 – a 10 anos) e B (de 13 a 17 anos) são os períodos de transição durante os quais opera a defesa. “O despertar, numa época posterior, de uma lembrança sexual de época precedente produz um *excesso de sexualidade* na psique, o qual atua como uma inibição do pensamento e confere à lembrança e às consequências desta um caráter obsessivo — impossibilidade de ser inibido”. O período *Ia* é *intraduzível*, de modo que o despertar de uma cena sexual *Ia* conduz não a consequências psíquicas, mas à *conversão*. O excesso de sexualidade impede a tradução.

Sem um excesso de sexualidade a defesa não produz uma neurose.

“As diferentes neuroses têm seus requisitos cronológicos particulares para suas cenas sexuais [Fig. 6]”

Requisitos Cronológicos						
	Ia	Ib	A	II	B	III
	até os 4	até os 8		até os 14		até x
Histeria	Cena		Recalque		Recalque	
Neur. Obs.		Cena	Recalque		Recalque	
Paranóia				Cena	Recalque	

As neuropsicoses de defesa (histeria – obsessão – psicose alucinatória) são “aberrações patológicas de estados afetivos psíquicos normais: de *conflito* (histeria), de *autocensura* (neuroses obsessiva), de *mortificação* (paranóia) de *luto* (amênia alucinatória

aguda)”¹⁴ (FREUD, 1896/1996, v. 1, p. 267). Todas elas trazem um prejuízo permanente para o eu. A etiologia exige que as experiências nas quais se ancoram cumpram dois requisitos: que sejam sexuais e que sejam anteriores à maturidade sexual, portanto anterior à adolescência. O eu opera a defesa (lembramos que nesse momento o eu faz parte do sistema ψ), ele deve tratar a representação como incompatível (*Unvertraeglich*), “*non-arrivé*”. “Tanto o traço mnêmico (a marca) como o afeto ligado à representação lá estão de uma vez por todas e não podem ser erradicados” (FREUD, 1894/1996, v. 3, p. 53). Haveria um modo de não cair na doença: que o eu continuasse a manter a representação separada parcialmente do seu afeto, não a esvaziando, mas mantendo o mesmo num nível energético que não lhe permita “*arrivar*”. A representação “fraca” não terá exigências a fazer ao trabalho associativo. A Q η - soma de excitação – não pode ficar ociosa, “tem que ser utilizada de alguma forma”.

O caminho se bifurca na diferenciação a partir das respostas sintomáticas.

Antes de passarmos a elas vejamos uma frase de Freud nas “Cinco Lições de Psicanálise” (1909) que esclarece a relação entre trauma e sintoma e terapêutica: “onde existe sintoma, existe também uma amnésia, uma lacuna da memória cujo preenchimento suprime as condições que conduzem à produção de sintomas”. (FREUD, 1909/1996, v. 11, p. 36)

As respostas sintomáticas:

Histeria: inervação somática. Sintoma conversivo. A conversão parcial ou total opera na corrente da inervação motora ou sensorial “relacionada – intimamente ou mais frouxamente – com a *experiência traumática*” (Freud, Ibid, p. 56, grifo nosso). Se o eu conseguir enfraquecer a representação, libertando-se da contradição que a representação incompatível lhe impunha, então, desde esse momento, se sobrecarrega com o *símbolo mnêmico* que é uma parasita na consciência, seja como inervação motora insolúvel, seja como

¹⁴ Trata-se da Amênia de Meynert. Trabalhamos extensamente sobre a mesma na Dissertação de Mestrado, anteriormente mencionada. (BERTA, 2007)

sensação alucinatória. O traço mnêmico da representação recalçada não é dissolvido e formará o grupo psíquico separado. O *instante* traumático, outro nome do *fator* traumático, é responsável por essa divisão.

Obsessão: a representação incompatível é separada do afeto, mas fica na esfera psíquica. O afeto livre se enlaça a outra representação não incompatível e, graças a isso, ele permanece na consciência como representação obsessiva. Essa “falsa ligação” é condição da transferência psicanalítica. O afeto é desalojado e transposto¹⁵.

Psicose alucinatória: ambos, representação e afeto, são *rejeitados* da consciência. O eu se comporta como se a representação jamais tivesse existido.

Notas sobre os termos: representação, traço, impressão, *Prägung*

Para acompanhar a leitura que propomos sobre os textos freudianos é importante situar as referências bibliográficas que usamos. Em primeiro lugar Strachey, nas Obras Completas, a seguir, Guy Le Gaufey (1996) e Garcia-Roza (1991/2004, a, b, c).

Sobre a Teoria da Representação na obra freudiana

Freud elabora uma teoria da representação que começa a delinear-se no texto *Zur Auffassung der Aphasien* (1891), quando distingue o *Objektvorstellung* (representação-objeto)

¹⁵ A seguir, ainda neste capítulo, tomaremos as diferentes hipóteses sobre a soma de excitação e quantum de energia.

e *Wortvorstellung* (representação-palavra)¹⁶. A representação no trabalho sobre as *Aphasien* se resume em 4 pontos: (1) a representação não está contida na célula nervosa; (2) a representação não é independente das associações, uma vez que representação e associação constituem um mesmo processo; (3) a representação não é um efeito mecânico da estimulação periférica; (4) a representação deve ser entendida como a diferença entre duas séries de associações, ou seja, como diferença entre as séries de processos. As associações são responsáveis pela estruturação do aparelho.

Na escrita do aparelho neuronal (1891) devemos apreciar as diferenças entre “representação-palavra” e “representação-objeto”. A representação-palavra é uma representação complexa, formada de representações simples: imagem acústica da palavra, imagem motora, imagem da leitura e imagem da escrita. É esse conjunto que forma o complexo *fechado* da representação-palavra. O Outro complexo é o da “representação-objeto” que em princípio não se constitui como representação, mas como um conjunto denominado “associação-objeto”, ele sendo um conjunto de imagens visuais, acústicas, táteis, etc. que darão lugar à representação. A percepção não oferece imagens de objeto, mas imagens elementares. “As associações de objeto não constituem, por si mesmas, uma representação-objeto, como tampouco são consideradas como representação icônica de um objeto externo; elas formam a matéria-prima da *Objektvorstellung*” (GARCIA-ROZA, 1995/2000, v. 3, p. 244). Ditas associações de objeto se agrupam para formar a representação-objeto apenas a partir da sua relação com a representação-palavra. É essa ligação que nos possibilita falar de representação-objeto. Por essa ligação, a palavra adquire sua *significação*. Também por essa relação a representação-objeto não designará referente algum, mas pela sua relação com a

¹⁶ Adotamos a escrita proposta pela tradução ao espanhol de José L. Etcheverry (Editora Amorrortu), qual seja, “representação-palavra” e “representação-coisa”, uma vez que consideramos, junto com comentadores acima citados, que a preposição “de” insere uma ideia de referente que complica o entendimento do texto freudiano.

representação palavra designará o *significado*. Aqui não se nega que exista o mundo externo. O que se questiona é que a representação seja a representação da coisa externa.

Em 1915, Strachey esclarece que *representação-objeto* (*Objektvorstellung*), em 1891 será a *representação-coisa* (*Sachvorstellung*) em 1915 ou (*Dingvorstellung*), em (1917 [1915]). Retomamos essas observações no capítulo 2. Somente ao final de um percurso, que inclui a construção da teoria do inconsciente e da teoria das pulsões, pode-se elaborar o conceito de *Vorstellungsrepräsentanz*.

A *Vorstellungsrepräsentanz*, cuja tradução levanta ainda inúmeras polêmicas, refere à relação entre Inconsciente e Pulsão. É no artigo sobre *A repressão* (FREUD, 1915/1996, v.14, pp. 145-162)¹⁷ que Freud inclui este termo de modo a juntar *Vorstellung* e *Repräsentanz*. O que temos que considerar, neste momento, é que ela é um lugar-tenente (ou delegado) da pulsão no psiquismo. A *Vorstellungrepräsentanz* se define tanto como representação (*Vorstellung*), isto é, uma rede de representações, uma imagem (traço mnêmico), quanto pelo “*repräsentanz*” que tem caráter de *sinal* e intensidade, tratando-se de *Affekt* ou *Affektbetrag* (quantum ou quota de afeto). Se o afeto é a parte intensiva, a representação é a parte significativa. Se o afeto é o sinal, a representação deve ser entendida nas relações entre significante e significado, quando acompanhamos os argumentos de Lacan sobre esse tema. Por último, a *Vorstellung* se liga à noção de investimento (*Bezetsung*) do aparelho e o *Affekt* se vincula com a noção de descarga. Segundo Gaufey (1996), a *Vorstellungrepräsentanz* deve ser entendida como um oximóron que funciona como princípio de partida para as elaborações lacanianas.

¹⁷ Aqui apenas acompanhamos as Obras Completas de Sigmund Freud. Tradução da Edição Brasileira de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Editora Imago (1996), com a ressalva feita à tradução do termo *Verdrängung*. Ver, dentre outros, HANNS (1996, pp. 355-368), LAPLANCHE-PONTALIS (1986, pp. 552-560), ROUDINESCO-PLON (1998, pp. 647-649), ETCHEVERRY (2007 In. FREUD, *Obras Completas; sobre la versión castellana*, pp. 59-67); GARCIA-ROSA, (1995/2000, v. 3. Pp. 165-169).

A impressão (*Eindruck*)

A impressão se vincula às percepções entendidas no sentido que Freud lhe deu. A percepção não oferece uma imagem de um objeto, mas imagens elementares que constituem a associação de objeto, a qual, por sua vez, constitui a representação-objeto na sua relação com a representação-palavra. A impressão, como seu nome o diz, imprime no aparelho uma intensidade que terá de ser inscrita para que possa participar da memória inconsciente.

A impressão está mais próxima da “*Prägung*” (cunhagem) traumática do que do significante. Freud faz referência à impressão, no sentido da *Prägung* quando evoca as cenas traumáticas em casos de histeria e no caso do Homem dos Lobos. Salientamos que ela não é ainda um traço e que se vincula com experiências de prevalência imaginária. Isso nos remete às pesquisas dos etologistas, assim como Lacan o indica na década de 1945-1955, tanto nos seus escritos, quanto no Seminário 1. O *imprinting* é um processo pelo qual a cria do animal se fixa a um primeiro objeto. Citamos Lacan:

Essa *Prägung* – Freud no-lo explica da maneira mais clara – situa-se inicialmente num inconsciente não-recalcado – precisaremos mais tarde essa expressão aproximativa. Digamos que a *Prägung* não foi integrada ao sistema verbalizado do sujeito, que ela nem mesmo atingiu a verbalização, e nem mesmo, pode-se dizer, a significação. Essa *Prägung*, estritamente limitada ao domínio do imaginário, ressurge ao longo do processo do sujeito num mundo simbólico cada vez mais organizado. (LACAN, 1953-1954, p. 220)

O que nos interessa por enquanto é frisar que a *Prägung* é uma noção que refere: ao imaginário, ao traumático, ao não inscrito. Garcia-Roza entende que a *Prägung* “revela a permanência de algo que não foi inscrito no inconsciente, mas que permaneceu como pura intensidade, memória de pura impressão e não o traço que a representa” (1995/2000, v. 3, p. 55). Porém, considera que não se trata da ordem imaginária, mas que é uma irrupção do real.

Temos a possibilidade de pensar as relações do real com o imaginário, na perspectiva da teoria borromeana, de Lacan, que possibilitem outro entendimento da questão.

Traço (Spur) mnêmico

A noção de traço já estava presente no texto das Afasias. O traço é produto da relação entre a intensidade das diferentes impressões e as barreiras de contato do aparelho de memória. As facilitações ou trilhamentos (*Bahnung*) para o escoamento da excitação do aparelho criam as condições para a produção do traço. Porém, além das facilitações, é preciso contar com a intensidade da impressão e com a repetição dos diferentes processos de excitação. É fundamental que um traço se inscreva em diferentes registros que têm relação uns com os outros pelas facilitações. A noção de traço mnêmico adquire importância capital na teoria dos sonhos, uma vez que é a eles que, sendo da ordem de uma inscrição, são também a sede da fixação da pulsão. Posteriormente, Freud articula ao traço sua argumentação sobre as lembranças encobridoras que são a resposta ao período de amnésia infantil (período de latência). Ele decorre também das diferentes facilitações que o aparelho de memória vai traçando, numa relação dada entre a intensidade da impressão e a formação das barreiras de contato.

O trauma e o referente

Não carece de interesse retomar o texto *Zur Auffassung der Aphasien: eine kritische Studie* (Freud, 1891/2004)¹⁸ para pensarmos pontualmente a relação existente entre o trauma e o referente. Ao dizermos “referente” aludimos ao valor dado por Freud, desde 1888, ao acontecimento traumático, entendido como ocasião psíquica, quando nos adverte sobre os processos da latência como incubadores da eclosão sintomática que denunciaria o efeito traumático, *a posteriori*.

Aphasien é um texto de cunho científico, no qual Freud teoriza sobre um aparelho de linguagem (*Sprachapparat*) e propõe um esquema psicológico da representação-palavra (*Psychologisches Schema der Wortvorstellung*) que é de nosso interesse abordar. Sustentando uma crítica incisiva às teorias localizacionistas sobre os distúrbios linguísticos que imperavam entre seus contemporâneos (Broca, Wernicke, Lichtheim, Grashey), Freud realiza uma revisão minuciosa com o interesse evidente de propor uma reflexão que acentuasse o funcionamento do *aparelho de linguagem*. Nessa empreitada, filia-se a uma teoria baseada no associacionismo, tendo como referente os trabalhos de Hughlings Jackson que considerava a teoria da regressão funcional como referente para explicar as afasias conforme a hierarquia temporal dos diferentes centros de funcionamento: sensório-auditivo, motor e visual. A lesão limitaria o funcionamento global e o distúrbio indicaria que o aparelho da linguagem estaria funcionando a um nível diferente, porém, permaneceria unificado. Trata-se, portanto, de uma proposta que considera a regressão a estados de associação primários. A noção de perturbação funcional é central nesse argumento, designando uma série de efeitos relacionados com o funcionamento global do aparelho. Freud não nega a localização, mas levanta um debate sobre as relações entre as funções e a localização.

¹⁸ Freud, S. (1891). *Las afasias*. Argentina: Nueva Visión, 2004. Tivemos a oportunidade de cotejar com a versão em alemão a partir do site http://www.archive.org/stream/ZurAuffassungDerAphasien.EineKritischeStudie/Deuticke_Freud_1891_Aphasie

Precisamos nos deter nas duas páginas que contém indicadores para entendermos qual é a concepção de Freud sobre a representação em 1891, uma vez que dela depende o que possa ser entendido sobre o trauma e o referente. A grande crítica à teoria localizacionista refere à confusão que promoveram entre o psíquico e o fisiológico “A relação entre a cadeia de sucessos fisiológicos que se dão no sistema nervoso e os processos mentais provavelmente não seja de causa e efeito” (FREUD, 1891/2004, p. 70). O processo psíquico é um “concomitante dependente” do fisiológico. Como aponta Guy Le Gaufey (1996, p. 125), a reposta de Freud destaca a representação como sendo o produto de uma *modificação*. Certamente é o que diz Freud quando sustenta que o que não foi contemplado é que ambos os processos (psíquico e fisiológico) estão absolutamente dissociados. Após essa afirmação Freud se pergunta qual seria, então, o correlato fisiológico da simples ideia (representação) que emerge pela primeira vez ou que volta a emergir. E se responde:

Obviamente nada estático, mas algo que tem o caráter de um processo. Esse processo não é incompatível com a localização. Começa em um ponto específico do córtex e a partir daí se difunde por todo o córtex e ao largo de algumas vias. Quando esse fato acontece, deixa atrás dele uma modificação com a possibilidade de uma lembrança, na parte do córtex afetada. É muito duvidoso que esse acontecimento fisiológico esteja associado de algum modo com algo psíquico. Nossa consciência não contém nada que, do ponto de vista psicológico, possa justificar a expressão “imagem latente da lembrança”. Contudo, cada vez que o mesmo estado cortical é provocado, o acontecimento psíquico anterior emerge novamente como uma lembrança. (FREUD, 1891/2004, p. 71, *tradução livre*)

A representação que instaura a memória é um elemento relacional entre os componentes fisiológicos de base (as células nervosas) através dos rastros, das trilhas, que vai deixando atrás de si; em 1895 os mesmos serão nomeados “*Bahnung*” (facilitações, trilhamentos). O trilhamento supõe localização psíquica diferenciada, um mínimo de inibição

no fluxo da quantidade e adiamento da descarga. O trilhamento introduz o nó da representação como diferença e da temporalidade como trauma (VIDAL, 2007, p. 41).

Entretanto, a nova questão colocada torna-se crucial: é possível diferenciar o papel da percepção do papel da associação, no processo fisiológico concomitante? Obviamente, não! Responde Freud. “Percepção” e “associação” são termos que descrevem diferentes aspectos de um mesmo processo. Eles são *abstrações* de um processo unitário. Não temos percepção, sem termos uma associação concomitante. Consideramos que aqui é expressiva a relação lógica “não, sem”. Não há percepção sem associação. Precisamente, comentando esse trecho, Gaufey (1996, p. 125) assinala que Freud, posteriormente, teve que retroceder nessa afirmação, uma vez que podem existir sensações que restam não associadas, não ligadas, sendo esse estado o que lhes conferirá um destino muito especial no cerne do aparelho psíquico, e adenda que isso seria a base da teoria do *après-coup*. Segundo nossa compreensão, Freud ainda sustentava que não poderia haver ideias latentes e, por essa razão, afirma a relação lógica “não sem” entre percepção e associação. Mas, é curioso que já em 1888, no texto *Histeria*, ele tinha colocado o “período de latência”. Insistimos em trazer novamente essa citação: “um período de incubação, ou melhor, *um período de latência* durante o qual a causa desencadeante *continua atuando no inconsciente*” (FREUD, 1888/1996, v. I, p. 89, grifo nosso)¹⁹.

Partindo dessa perspectiva dinâmica – funcional, em *Aphasien* Freud argumenta que a área cortical, onde foram localizados os centros da fala por Broca e Wernicke, seria um território da linguagem (*Sprachgebiet*) definido como *área cortical contínua*, a mesma sendo constituída pelas *modificações* anteriormente mencionadas. Nesse terreno pensa e propõe o aparelho de linguagem (*Sprachapparat*).

¹⁹ Após termos escrito nosso comentário sobre o texto sobre *Histeria*, muito nos alegrou encontrar uma observação parecida no livro de Garcia-Roza (1991/2004, p. 33).

Desde um ponto de vista psicológico destaca a palavra como unidade linguística. O poder semântico dessa definição se encontra na relação dos complexos representacionais, quais sejam:

– A representação-palavra (*Wortvorstellung*), que é um complexo *fechado* com possibilidade de extensão. Existem quatro posições diferentes, interconectadas: a imagem da escrita, a imagem do movimento, a imagem da leitura e a imagem sonora, esta última é a responsável por ligar a representação-palavra à representação-objeto.

– A representação-objeto (*Objectvorstellung*) é um complexo de associações de objeto (*Objectassocationen*) *aberto*, que pode acolher novas imagens, sejam elas visuais, táteis, acústicas ou outras.

A palavra adquire sua significação (*Bedeutung*) mediante a associação da imagem sonora com a representação-objeto. O que é representado em cada representação não refere a um objeto exterior, mas à relação entre as diferentes séries de associações. Lembremos o que nos diz Lacan em relação aos esquemas de Freud: são jogos de escrita (LACAN, 1954-1955, p. 166).

Esquema psicológico da representação-palavra²⁰

²⁰ Esse esquema foi incluído no texto “O inconsciente” (1915), no Apêndice C, “Palavras e coisas” (FREUD, 1915/1996, v. 14, p. 221).

Segundo Loffredo (1997), o parágrafo que se segue a esse esquema testemunha a influência de John Stuart Mill²¹ no pensamento de Freud:

Da filosofia aprendemos que a representação do objeto não compreende senão isto, e que a aparência de uma “coisa”, de cujas diferentes propriedades falam aquelas impressões sensoriais, surge apenas na medida em que no leque das impressões sensoriais obtidas por um objeto incluímos também a possibilidade de uma longa sucessão de novas impressões na mesma cadeia associativa (Freud, 1891/2004 p. 90-91).

Esse suporte filosófico lhe permite apontar o contraponto entre a representação-palavra e a representação-objeto. A referência ao associacionismo nominalista indica o contexto a partir do qual Freud pôde construir uma ideia do funcionamento das representações que não se apoiasse numa localização anatômica, nem tivesse uma relação direta com o objeto do mundo exterior. A partir daí, conseguimos acompanhar o fato de Freud ter nomeado *afasia assimbólica* àquela na qual o distúrbio se localiza na ligação entre a representação-palavra e a representação-objeto. Além dessa afasia, Freud define as *afasias verbais*, nas quais o distúrbio se promove no interior da representação-palavra e, finalmente, as *afasias agnósicas*, que promovem um distúrbio no reconhecimento do objeto exterior. Garcia-Roza convida a pensar esta última como um distúrbio sígnico. Ele oferece a seguinte proposta de leitura (Ibid, p. 61):

²¹ John Stuart Mill: *Sistema de lógica dedutiva indutiva* (1843/1974) *Um exame da filosofia de Sir William Hamilton* (1865, 1974). Esse pensador inglês se inscreve numa tradição empirista, aproximando-se de David Hume. Destaquemos a referência de Loffredo a Gabbi Jr. quem aponta que “Freud não retirou de Mill uma concepção, mas um método de investigação do fenômeno mental” (Gabbi, Jr *apud* Loffredo 1997).

Essa articulação não apaga sua filiação numa leitura da obra de Jacques Lacan, em particular no que refere ao tratamento dado ao estudo do das Ding, por esse autor em 1960. Na Dissertação *O Exílio: vicissitudes do Luto* (Berta, 2007) nos detivemos nas relações de *das Ding* com a angústia e com o luto. Retomemos agora, pontualmente, o que Freud escreve em 1895. A percepção dará o signo de realidade e se localiza no sistema ω . Dito sistema ω é sede dos complexos perceptuais que podem ser comparados e dos quais se extrai um elemento constante e um elemento variável. O elemento constante (idêntico) toma o nome de neurônio “a”, a coisa (*Ding*) (FREUD, 1950 [1895]/1996 v. 1, p. 380)²², enquanto os elementos “b” e “c” são variáveis.

Diferentes comentadores desse texto freudiano assinalam que está em gérmen uma teoria da representação psíquica (Garcia-Roza, 1991/2004; Loffredo, 1999, Gabbi, Jr, 1990; Araújo, 2003). A densidade do debate, segundo entendemos, refere à diferenciação entre o valor ontológico e o valor semântico que caracterizaria essa proposta freudiana. Entendemos que, tratando-se da extensa teorização freudiana, os dois campos estão em permanente diálogo: há uma teoria do objeto e há uma teoria da representação, em Freud.

O texto sobre as afasias supõe uma organização ou um mapeamento do campo da linguagem, em termos de funcionamento - de *aparelhagem* - o qual implica considerar que as representações não são impressões e sim um produto das associações dos diferentes

²² Na versão de AE, no v. 1, à p. 373, versa “la neurona a será nombranda la *cosa del mundo (Ding)*, y clã neurona b, su actividad o propiedad – em suma su *predicado*” (grifos do autor).

elementos, assim como o indica o esquema. Nessa mesma linha de raciocínio, Garcia-Roza (Ibid, p. 31) sustenta que a transmissão de uma impressão não é linear, mas se faz através de sistemas de condução passando por estágios de diferentes intensidades. A teoria da excitabilidade que terá seus sérios efeitos na concepção do aparelho psíquico – “teoria econômica” – também está em germen neste momento. As diferentes excitações decorrentes das impressões (que não se entendem como correlato da estimulação periférica com a ideia) sulcam caminhos que se tornam *inscrições* permanentes.

Algumas reflexões sobre a teorização do trauma remetem aos argumentos levantados em *Aphasies*, no que diz respeito às relações de associação entre a representação-palavra e a representação-objeto, ou mesmo as associações no interior da representação-palavra. A noção de trauma – sua temporalidade – sentaria suas bases nessa concepção de aparelho de linguagem. Além da divisão nos três tipos de afasias, com o intuito de demonstrar o caráter funcional do aparelho, Freud exemplifica com as parafasias que são definidas como um mal uso da representação-palavra (podem ser consideradas como um antecedente do *lapsus linguae*). Toda afasia é, no final das contas, uma parafasia, isto porque frisa o poder funcional da representação, no sentido da excitabilidade das vias de condução (conexões axiais das fibras nervosas com enodamentos diferentes).

Entretanto, a afasia assimbólica carrega consigo a crença na relação da palavra com algum referente, mesmo que esse referente seja a representação do objeto ou do vazio ou, ainda, seja o furo do objeto perdido. A afasia assimbólica sustenta uma relação de símbolo, a saber: uma representação é símbolo de alguma coisa. Um sintoma histérico simboliza a cena traumática, como foi proposto em 1888 quando Freud diz que a histérica não sabe de ciência anatômica. A representação da afonia se conecta com a cena da *felatio*, se nos permitem, ou com a identificação à tosse do pai (Dora).

O trauma freudiano carrega esse peso da relação da representação-palavra com a representação-objeto. Segundo Loffredo:

O rumo teria sido outro, portanto, se o sintoma histérico não fosse tomado como uma afasia assimbólica (onde o vínculo entre a representação de palavra e a representação de objeto está perturbado) – que é o que Freud propôs – mas sim como uma afasia verbal, onde estão perturbadas as associações entre elementos da representação de palavra. A linha dupla que une a imagem sonora da representação de palavra com a imagem visual da representação do objeto, no esquema das afasias (Freud, 1891, p. 71), parece ter sido uma espécie de fio de aço indestrutível que Freud jamais deixou que se destruísse. Desde que a palavra é a garantia de existência (ou melhor, da crença – perdurabilidade) do objeto, o método de trabalho na clínica procurará buscar o referencial externo que esclareça os contrasensos emitidos pelo sujeito (LOFFREDO, 1997).

A partir do estudo de 1893 sobre as paralisias orgânicas e histéricas, que retoma as articulações de 1888 sobre a histeria, podemos considerar que esta última padece de afasias assimbólicas (GABBI, JR. 1990, p. 141). Essa articulação, possível a partir da proposta do aparelho da linguagem de 1891, parece-nos de valor para nosso tema. A questão não é que a histérica não sabe de anatomia, é que ela sabe – por meio das representações – de uma cena traumática que ficou fora do comércio associativo consciente, porém, que se “repete” por associação com a cena traumática. Eis o esboço, não da *verdade* de uma cena traumática, mas da força de um *saber* inconsciente que visa a sexualidade, mais do que a cena traumática. Esse saber inconsciente perdura na figura dos efeitos póstumos do trauma que se articulam no valor dado à fantasia, como veremos a seguir.

Para que Freud abandonasse o referente na teoria do trauma seria necessário que abandonasse a teoria da gênese do sintoma, e mesmo perdendo o trauma factual de vista – pelo menos por um tempo – e dando privilegio à fantasia, o referente não cai. É esse referente que dará a significação (*Bedeutung*) da castração na neurose. Pecado original freudiano?

Se avançarmos um pouco mais, veremos como o “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1950 [1895]) – celeiro epistemológico da psicanálise – nos indica a proposta freudiana e sua tensão, uma vez que o trauma incomoda e causa a construção da psicanálise, via o sintoma, em primeiro lugar, e por meio da fantasia, a seguir. Assim, nesse texto de 1895, um capítulo à parte, quase isolado do constructo freudiano, traz à luz o exemplo paradigmático da temporalidade *nachträglich do trauma*.

Parêntese. O *Entwurf* (rascunho – esboço) e o texto das *Aphasies* somente nos permitem uma leitura *em nachträglich*. É possível que isso dê a aventura dessas leituras e dos tão variados comentários e rascunhos, da origem do pensamento freudiano.

O trauma é o cisto da neurose, o corpo estranho, *extimo*. Ele é uma hipótese que permitiu pensar o aparelho psíquico, as estruturas clínicas e a clínica psicanalítica.

Podemos acompanhar uma série de opostos que sustentam uma teoria do aparelho psíquico e que aludem a hipóteses do trauma. Eis os três pares de opostos que destacamos:

- a. Fechado / aberto: representação-palavra – representação-objeto,
- b. Impermeável / Permeável: neurônios ψ – neurônios ϕ ,
- c. Ligado / livre: processo secundário – processo primário²³.

Notas sobre o *Entwurf*

Em 1895, no *Projeto para uma Psicologia Científica* (FREUD, 1950 [1895]/1996, v. 1, pp. 333-454), Freud escreve os dois teoremas que sustentaram todas as hipóteses sobre o

²³ Decorrente das hipóteses anteriores, das barreiras de contato, das facilitações e dos investimentos, os processos primários com energia livre referem ao funcionamento do inconsciente e o processo secundário com energia ligada subscrevem o funcionamento do sistema pré-consciente – consciente. Detalhados a partir da primeira tópica Freudiana, definida em 1900.

funcionamento do aparelho. 1. O *teorema da concepção quantitativa*, pelo qual postula um princípio de inércia neuronal que explica a dicotomia dos neurônios, divididos em motores e sensoriais, criando um dispositivo para neutralizar a recepção das quantidades (Q , quantidade exógena e $Q\grave{h}$, quantidade endógena) através da sua descarga. As vias de descarga do aparelho têm a propriedade de poder evitar o aumento da quantidade através da *fuga do estímulo*. O problema se apresenta quando encontramos estímulos dos quais não se pode fugir (antecedente do conceito de pulsão) senão com a intervenção de uma ação. Eis o caso da *ação específica* que requer do outro, quando da nutrição da cria humana. Para efetuar essa ação específica se requer um esforço independente da $Q\grave{h}$, e em geral maior. O ser humano está exposto às exigências de vida (*Not des Lebens*). Portanto o funcionamento dos neurônios dentro do sistema precisa tolerar um acúmulo de quantidade ($Q\grave{h}$ e Q) para satisfazer as exigências de uma ação específica. Não é possível a descarga total da quantidade, embora se constate que a tendência do aparelho é de manter a quantidade o mais baixa possível.

A proposta das barreiras de contato entre os neurônios, a serem entendidas a partir do maior ou menor grau de facilitação (*Bahnung*) da condução da Q é de fundamental importância para compreender a relação existente entre os diferentes sistemas do aparelho. Freud divide os neurônios em neurônios permeáveis (ϕ) que são aqueles condutores de Q (quantidade exógena), sem capacidade de retenção; e os neurônios impermeáveis (ψ) que são aqueles responsáveis por manter o armazenamento das quantidades (Q e $Q\grave{h}$) necessário para responder às exigências de vida.

O aparelho neuronal divide-se em três sistemas:

a. Sistema ϕ em contato direto com o mundo externo, responsável pela recepção de estímulos e pela manutenção da permeabilidade que permite, além da recepção da Q (quantidade exógena), sua circulação através dos outros sistemas. Lacan (1954-1955) cedo

nos aponta que o princípio do funcionamento do sistema ϕ é a alucinação, portanto remete ao processo primário. Trata-se do sistema do arco – reflexo, sustentado na noção de quantidade e do princípio de Constância.

b. O sistema ψ , não tem contato com o mundo externo, porém é suscetível de receber as quantidades exógenas (Q) provenientes de ϕ e as quantidades endógenas (provenientes do próprio corpo). É responsável pela impermeabilidade dos neurônios, a qual permite o investimento de $Q\eta$ (quantidade exógena) e a manutenção das barreiras de contato para o armazenamento da memória. Esse sistema não desestima a facilitação e as modificações necessárias para a manutenção das imagens mnêmicas, que nada mais são do que os diferentes conjuntos de neurônios ψ , que constituíram as diferentes representações de palavras investidas. Nesse sistema se alberga o ego com as mesmas características de permeabilidade que a representação-palavra. Todavia o sistema ψ se subdivide entre o *pallium* (manto) em contato com o sistema ϕ e o núcleo de onde recebe as quantidades exógenas ($Q\eta$). Portanto, é no momento da descarga reflexa que se interpõe esse sistema de equilíbrio e de filtrado, sendo um amortecedor da passagem da quantidade.

c. O sistema ω responsável pela percepção-consciência e encarregado de transmitir, através do sinal de período, o signo de qualidade. Esse sistema levantou reflexões paradoxais pelas dificuldades encontradas para sua localização, na tentativa de formulações sobre a regressão alucinatória. Entre o *Projeto* (1895) e a *carta 39* (FREUD, 1896/1996, v. 1, p. 445-448) encontramos algumas modificações propostas que desvincularam a relação exclusiva do sistema ω com o sistema ψ , para localizá-lo entre ambos – sistema ϕ e sistema ψ . Lacan (1954-1955) recoloca a questão sustentando que o sistema ω deve ter um mínimo de energia, porém, que o que interessa ali é a qualidade como mundo exterior tomado como reflexo. Esse sistema distingue no aparelho duas regiões pelas funções que lá se realizam, qual seja, a *alucinação memorial* e um sistema perceptual específico. A consciência, segundo Lacan, seria

aí registro da realidade ou, dito de um modo que nos interessa, a referência à realidade. Porém, um sistema que aloja um paradoxo, uma vez que é preciso que a consciência esteja aí e não esteja aí ao mesmo tempo.

O trauma e os aparelhos de escrita

Em 1892, no Esboço para a Comunicação Preliminar, Freud escreve a Breuer uma carta na qual manifesta sua preocupação: como transmitir para a comunidade os avanços nos estudos sobre a histeria: apresentariam casos clínicos ou começariam por “afirmar dogmaticamente as teorias que formulamos à guisa de explicação?”. Não está demais incluir essa preocupação que não perde atualidade. O certo é que Freud inicia e conclui esse Esboço da Comunicação Preliminar (a não ser confundido com o *Projeto*) tramando a casuística com as premissas. E termina, precisamente, propondo a hipótese do **trauma psíquico**:

Transforma-se em trauma psíquico toda impressão que o sistema nervoso tem dificuldade em abolir por meio do pensamento associativo ou da reação motora. (FREUD, 1892 /1996, v. 1. p. 196)

Essa definição de trauma psíquico se apoia em outra, qual seja, o princípio de constância, escrito num parágrafo imediatamente anterior, nessa carta-esboço. Sabemos que a **economia da “soma de excitação”** ganhou rapidamente sua extensão ultrapassando a fronteira da histeria para declarar-se como pilastra da teoria do aparelho psíquico. Dita hipótese é retomada em vários momentos no curto período entre os anos 1892 e 1896:

O sistema nervoso procura manter constante, nas suas relações funcionais, algo que podemos descrever como “soma de excitação”. Ele executa essa precondição da saúde eliminando associativamente todo acúmulo significativo de excitação ou então descarregando-o mediante uma reação motora (FREUD, 1892 /1996, v. 1. p. 196).

Cabe destacar que o trauma psíquico é o trauma sexual a ser considerado como impressão que não pode ser abolida nem entrar em comércio associativo. Em *Estudos sobre histeria* (FREUD, 1893-1895/1996, v. 2) o *trauma sexual* inaugura a hipótese da sedução. *Uma criança seduzida por um adulto*, essa é a fórmula da hipótese de sedução que Freud recolhe da clínica do século XIX. Entretanto, observemos que em 1892 não é somente o pai sedutor o que fornece ao trauma seu caráter de acidente. Freud afirma que a *vida sexual* proporciona o *conteúdo* dos traumas. Entendemos que esse conteúdo refere à *significação* (*Bedeutung*) que já tinha sido abordada no texto das Afasias. As significações sexuais promovem *não-reagibilidade* (*Unreagierbarkeit*). Portanto, a terapêutica proposta será a *ab-reação*, isto é: *a descarga*.

Em dezembro de 1896, na carta 52, Freud avança suas formulações sobre as afasias e sobre as neuropsicoses de defesa. Ele postula que o psiquismo se forma num processo de estratificação que resulta em reordenamentos que constituem uma série de inscrições (*Niederschriften*) e de transcrições (*Umschrift*) do material psíquico. Lembremos, por exemplo, das primeiras experiências sexuais que seriam intraduzíveis. Ele propõe três transcrições a partir de uma primeira percepção.

A inscrição não é a percepção e tampouco é uma representação porque ela ainda não está ligada a nenhuma ideia nem fantasia (SILVA, p. 149). A inscrição é a fixação (*Fixierung*) de uma experiência de satisfação, porém, ela não é passível de ser significada por não estar transcrita.

1. Carta 52²⁴: a Prägung traumática

Em 6 de dezembro de 1896 Freud escreve a Fliess essa carta na qual avançava sua hipótese proposta desde *Aphasies*, sobre a etiologia das psiconeuroses e, especificamente, sobre a memória inconsciente que, pelas facilitações, organizaria o funcionamento dos três sistemas mencionados do *Entwurf*: ψ , ϕ e ω . Freud avança do *aparelho neuronal* para o *aparelho de memória*, indicando a importância da reminiscência na definição da histeria. Nessa nova escrita contamos com três registros: inscrição (*Niederschrift*), retranscrição (*Umschrift*) e reordenação (*Umordnung*). A temporalidade (*nächtiglich*) possibilita essa reordenação dos três sistemas de signos (*Zeichen*). “Assim, o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações” (Freud, 1950[1892-1899]/1996, v. 1. p. 281). No Bloco Mágico (1924/1996) Freud acentua a diferença dos registros uma vez que onde há inscrição não haverá a transcrição de dita inscrição. Temos que retomar a importância do *Bahnung* como trilhamento, mas a materialidade desse trilhamento, segundo entendemos, serão os rastros (*Spur*) de memória (*Erinnerungspur*). Na medida em que as transcrições se realizam, circunscreve-se o *furo* do aparelho.

²⁴

FREUD, (1950[1892-1899])/1996, v. 1. p. 281-287.

“W [*Wahrnehmungen* (percepções)] são os neurônios em que se originam as percepções, às quais a consciência se liga, mas que, nelas mesmas, não conservam nenhum traço do que aconteceu. Pois a consciência e a memória são mutuamente excludentes” (Freud, 1950[1892-1899]/1996, v. 1. p. 282). Lacan se refere à W como a *Prägung*²⁵, a impressão traumática. Ele afirma no Seminário da Ética (1959-1960/1988) que as *Wahrnehmung* é a impressão do mundo externo bruto, original, primitiva, fora do campo da experiência apreciável, isto é, da experiência inscrita (*Niederschrift*). A *Prägung* é proposta não somente em termos de impressão, mas também como aquilo que faz signo e que é da ordem da escrita. Essa citação resulta enigmática, uma vez que percepção – consciência e memória são excludentes. Porém, ao lermos o Bloco Mágico (FREUD, (1925 –[1924])/1996, p. 251- 259) entendemos a indicação de Lacan. Esse bloco mágico é esse aparelho de escritas de signos que desaparecem. Precisamos para ele três peças: a prancha de resina, a folha de papel fina e transparente de celulóide e uma borda que permita a união de ambos. Além de ser a resina um escudo protetor e além de “desaparecer” a escrita, quando a folha de papel se descola da resina, o que interessa apontar é que, mesmo assim, a marca (traço) permanece na prancha de resina, isto é, em outro registro (*Wz*), vista desde certo ângulo e com certa luz. Deixemos também apontado que no nível da percepção (sistema ϕ) – antes da entrada no sistema ψ e do passo das facilitações, portanto da organização das *Vorstellungen* – a resposta é a *elisão*: “As coisas estão *vermeidet, elididas*” (LACAN, 1959 – 1960, p. 81) .

“*Wz [Wahrnehmungszeichen* (indicação da percepção)] é o primeiro registro das percepções; é praticamente incapaz de assomar à consciência e se dispõe conforme as associações por simultaneidade” (FREUD, Ibid, p. 282). Ao redor da inscrição (*Niederschrift*), *Nieder* (passagem para abaixo) e *Schrift* (escrita). Em primeiro lugar, um tema que nos interessa há tempos, qual seja, a *elisão*. Freud constrói sua teoria da memória

25

Prägung: cunhar, imprimir.

que começa nesse primeiro registro de signos. Algo do sistema de percepção é *Unterdrückt* (elidido). A escrita elide alguma coisa da *Prägung* (impressão) traumática. Segundo Lacan, esse é o sistema primeiro do significante, com a sincronia primitiva do sistema significante e com a presença por simultaneidade. A simultaneidade permite a possibilidade de falso enlace. Por essa razão é também o lugar em que um jogo tão característico como o *Fort – Da* pode apresentar-se por alternância e em sincronia. É o par – ímpar, concebido como na Carta roubada. (LACAN, 1959-1960/1988).

“*Ub (Unbewusstsein)* [inconsciência] é o segundo registro, disposto de acordo com outras relações (talvez causais). Os traços *Ub* talvez correspondam a lembranças conceituais; igualmente sem acesso à consciência” (FREUD, *Ibid*, p. 282). Esse segundo registro é o resultado da transcrição das *Wz* que, embora jamais poderá ser objeto de consciência, organiza e pode ser transcrito e organizado na *Ub*. Se a *Wz* é imexível, a *Ub* é a primeira transcrição (SILVA, 1994).

“*Vb (Vorbewusstsein)* [pré-consciência] é a terceira transcrição, ligada às representações verbais e correspondendo ao nosso ego reconhecido como tal. As catexias provenientes de *Vb* tornam-se conscientes de acordo com determinadas regras; essa *consciência secundária do pensamento* é posterior no tempo e provavelmente se liga à ativação alucinatória das representações verbais, de modo que os neurônios da consciência seriam também neurônios da percepção e, em si mesmos, destituídos de memória. Se eu conseguisse dar uma descrição completa das características psicológicas da percepção e dos três registros, teria descrito uma nova psicologia” (FREUD, *Ibid*, p. 282). Eis o campo no qual representação-palavra (*Wortvorstellung*), *nachträglich*, liga-se à ativação alucinatória.

A transcrição é possível no sistema *Vb*. As transcrições são possíveis devido às facilitações (*Bahnungen*) e às diferenças entre as representações. De que diferença tratar-se-

ia? Da diferença da repetição. O recalque é o resultado da negação da tradução. O motivo dessa negação da tradução é o desprazer que o contato com os traços mnêmicos (que são as impressões das sucessivas experiências perceptivas que foram acolhidas no sistema ψ , através das facilitações e as diferenças) promoveria. É a possível perturbação do pensar que nega a tradução (GARCIA-ROZA, 1991/2004).

Se a defesa deixa de ser *normal* (barreiras de contato que possibilitam a impermeabilidade dos neurônios para a atividade da memória) e passa a ser *patológica*, isso não pode depender do desprazer provocado. Muitas lembranças desagradáveis nos perturbam e não podemos apagá-las. Portanto, é necessária outra condição para a defesa patológica: que se trate da sexualidade e da economia de prazer – desprazer da qual ela é responsável. “Se um evento A, quando era atual, despertou uma determinada quantidade de desprazer, então o seu registro mnêmico, A I ou A II, possui um meio de inibir a produção de desprazer quando a lembrança é redespertada (FREUD, *Ibid*, p. 282). Contudo, existe *um caso que* esteriliza a inibição: a somatória de desprazer de AI e AII, sua atualização e potencialização, impedem a inibição. A lembrança, então, se comporta como se fosse atual. “Esse caso só pode ocorrer com os eventos sexuais, porque as magnitudes das excitações causadas por eles aumentam por si mesmas com o tempo (com o desenvolvimento sexual)” (FREUD, *Ibid*, p. 284). A defesa patológica (recalcamento) está determinada pela sexualidade apresentada como representações incompatíveis ao eu. O recalque impede a tradução (*Übersetzung*) uma vez que a denegação (*Versagung*)²⁶ da tradução é o que chamamos de recalque. Seu motivo é a produção de desprazer que a tradução promoveria. É o desprazer que promove uma perturbação de pensar, impedindo o trabalho de tradução. Como muito bem nos apresenta Oliveira:

²⁶

AE (FREUD, *Ibid*, v. 1, p. 276)

O trabalho de tradução é feito sobre a falha na tradução. Transcrever num sistema o que, de alguma maneira, está em outro se faz por dois motivos: primeiro, porque há uma falha que obriga a transcrever; e segundo, a mesma falha aponta a impossibilidade de uma transcrição. A *Überschrift* (sobre-escrito) se apresenta como uma escritura que encontra um ponto de falha, uma perda, e a *Übersetzung* (tradução) atesta que entre os sistemas há um hiato. (OLIVEIRA, 2009, p. 90)

A isso então acrescentamos que a elisão da impressão é condição dessa falha.

Lacan (1959-1960/1988) é explícito: em tudo isso, interessa realmente destacar é que o inconsciente está “entre” percepção e consciência, que o princípio de prazer intervém não tanto pela função de manutenção do investimento (*Besetzung*), mas no que concerne ao trilhamento (*Bahnung*). Acrescentando que é a estrutura da experiência acumulada o que mora nesse “entre” cor e carne. Veremos no capítulo 3 como isso se articulará à *tique traumática*.

Entrementes, gostaríamos de sublinhar que se o pré-conciente é possibilidade de transcrição, o *Prägung* do trauma é índice do que falha na transcrição, isto porque não há *Prägung sem elisão*. Índice do que é elidido. Por outro lado, paradoxalmente, há de se considerar o que Lacan insiste em sustentar ao longo do seu ensino: a *Coisa* freudiana está num “centro excluído”, no mais íntimo exterior – *extimo*, dirá Lacan – algo *que é entfremdet*, alheio porém causando o trabalho desse trilhamento.

A ação *phostume* do trauma sexual

Freud e Breuer redigiram a *Comunicação Preliminar* dos “Estudos sobre a Histeria” (FREUD, 1893 [1892]/1996, v. 2, pp. 39-53) ancorados no que tinha sido recolhido como evidência clínica: os histéricos *sofrem de reminiscências*. Estabeleceram um fator temporal pela permanência do sintoma, apontando que, nas neuroses traumáticas, haveria uma

desproporção entre tempo de duração do sintoma e a ocorrência isolada que o provocou, sendo frequente constatar que um fato da infância funcionaria como referente. Se o sintoma aparece como um produto idiopático, o acontecimento se define como desencadeador. A causa, nesse momento, se liga ao afeto, ao susto, e isso é definido como *trauma psíquico*: “Nas neuroses traumáticas a causa atuante da doença não é o dano físico insignificante, mas o afeto do susto – o trauma psíquico” (FREUD, 1893-1895/1996, v. 2, p. 41). A perduração do sintoma e sua relação causal com o acontecimento é índice de uma temporalidade em questão. É a lembrança do trauma psíquico que atua como *corpo estranho* e se evidencia no estranhamento que o sintoma provoca. A temporalidade já está presente na definição do padecimento dos histéricos, qual seja: as reminiscências.

Podemos acompanhar o que significa, em termos de economia do aparelho, essa definição, uma vez que *essas lembranças correspondem a traumas que não foram suficientemente ab-reagidos*. O detalhe notável é que ditas lembranças não se encontram à disposição. Pelo contrário, “*essas experiências estão inteiramente ausentes da lembrança do paciente quando em estado psíquico normal, ou se fazem presentes de forma bastante sumária*” (FREUD, 1893-1895/1996, v. 2, p. 45, itálicas do autor). Por essa razão, o recurso a terapia hipnótica e ao método da ab-reação.

Tínhamos considerado que a memória (sistema ψ) tem como pré-condição manter o armazenamento mínimo de $Q\eta$ nos neurônios impermeáveis. O que significa, então, padecer de reminiscência? Já no *Projeto* é explicitado que a memória não coincide com o sistema percepção-consciência. Apontemos o que nos interessa: que as representações não tenham sido suficientemente *ab-reagidas* significa que o afeto permanece vinculado à lembrança, em estado inconsciente, e que a mesma, em associação com outras, “penetra no complexo de associações, entra em confronto com outras experiências que possam contradizê-la, e está sujeita à retificação por outras representações” (FREUD, 1893/1996, v. 2, p. 44). Essas

representações inconscientes que se presentificam pelo grau de intensidade, promovendo os sintomas conversivos ou ideativos, são inconscientes e “inadmissíveis (*Bewusstseinsunfaheig*) à consciência” pelo grau de intensidade.

No *Projeto*, encontramos uma reflexão sobre duas experiências: de satisfação e de dor, ambas deixam resíduos que são os *afetos* e os *estados de desejo*. Por sua vez, esses últimos têm em comum envolver um aumento de tensão, isto é de $Q\eta$ em ψ – no caso do afeto a libertação de tensão é súbita, no caso do estado de desejo é por somação. Freud afirma que a *experiência de dor* leva à repulsa, e à aversão por manter a catexia (*Besetzung*) na imagem mnêmica da dor, criando a “defesa primária ou recalçamento – o fato da imagem hostil ser regularmente abandonada o mais depressa possível por sua *catexia*” (FREUD, 1950[1895]/1996, v. 1, p. 374). Mas também a experiência de satisfação é índice da imperiosa *necessidade*²⁷ da intervenção do agente da ação específica. A cria humana é incapaz de promover a ação específica. A *ajuda alheia*, vinda de uma pessoa experiente que assiste o grito definido como “via de descarga”, que adquire a função secundária de laço ao outro. Por essa razão podemos considerar junto que não há possibilidade de enodamento da diferença pura da representação e do tempo, sem a intervenção desse elemento terceiro que é o agente da ação. Há nisso algo traumático, dirá Lacan em 1959, e há também o índice de que toda satisfação dessa premência deixa um “a mais” enigmático nesse encontro ou, dito de outro modo, desse enodamento. Esse “a mais” excede a representação e sua significação. Logo depois Freud se referirá ao desejo indestrutível (1900). Nessa via se desenha o *das Ding* que fica estrangeiro à dimensão da representação-palavra e da representação-objeto.

Avancemos para as considerações de 1896 quando Freud, ao se aprofundar nas conceituações das *neuropsicoses de defesa*, afirma que essas representações inadmissíveis (também traduzidas como “incompatíveis”) são afetadas pela defesa com a consequente

²⁷ Escrevemos o necessário como categoria lógica modal: o que não para de se escrever.

separação do *quantum de energia* (afeto), formando assim o grupo psíquico separado. Nesse texto fica esclarecido o valor econômico do aparelho e sua vinculação com o trauma. Já tínhamos citado o que Freud escreve em 1892 sobre dita hipótese. Agora citaremos o que podemos considerar a hipótese auxiliar, *abdutiva*, na qual se suporta tanto a definição das neuroses quanto a do método clínico da ab-reação:

Gostaria, por fim, de me deter por um momento na hipótese de trabalho que utilizei nesta exposição das neuroses de defesa. Refiro-me ao conceito de que, nas funções mentais, deve-se distinguir algo — uma carga de afeto ou soma de excitação — que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo. Essa hipótese, que aliás já está subjacente a nossa teoria da “ab-reação” na “Comunicação Preliminar” (1893a), pode ser aplicada no mesmo sentido que os físicos aplicam a hipótese de um fluxo de energia elétrica. Ela é provisoriamente justificada por sua utilidade na coordenação e explicação de uma grande variedade de estados psíquicos. (FREUD, 1894/1996, v. 3. p. 66)

Essa hipótese escrita no texto sobre as Neuropsicoses de defesa, além de dar o arcabouço do funcionamento do aparelho, indica que as representações é que são passíveis de sofrer a defesa. Como ele sustenta nesses anos, as percepções se impõem, as representações *são sensíveis* à defesa.

Entendemos que Freud nos transmite sua pergunta sobre o trauma, formulada, segundo entendemos em diferentes degraus, a saber: 1. O que é uma representação? Responde: a soma de uma imagem mnêmica e um afeto, entendido como $Q\eta$. 2. O que torna uma representação inadmissível, que a deixa fora do circuito das representações e, portanto, com um tipo particular de lembrança que se manifesta pela presença sintomática? Responde: o aumento dessa $Q\eta$, qual seja, o *quantum* energético e uma disposição à fixação. 3. Como se traduz em termos subjetivos? Responde: a partir dos sintomas que indicam que lá, em algum lugar,

houve *acontecimento* desencadeador. *Saxa loquuntur!*²⁸. 4. Quando isso aconteceu? Responde: antes da puberdade. Onde localizar a doença: no retorno do recalcado. Portanto, no fracasso da defesa, quando o afeto (Q̇) encontra um escoamento.

A força dessas lembranças de origem sexual comprova que, quanto mais a defesa age contra elas, mais se produz desprazer. É por isso que a lembrança tem esse poder *nachträglich*. Uma condição torna-se necessária: a passagem pela puberdade. O que é a puberdade nesse contexto, a não ser um ganho de saber sobre a sexualidade que continua postumamente, em parte, incomensurável? Algo escapa a esse saber. Nos termos de Freud, esse ganho de saber aumenta a revivescência da lembrança traumática. São várias as citações que podemos localizar sobre a *ação póstuma* do trauma. Escolhemos uma que nos parece ser a mais precisa para nosso interesse:

Graças à transformação devida à puberdade, a lembrança exibe um poder que esteve totalmente ausente do próprio evento. A lembrança atua como se ele fosse um evento contemporâneo. O que acontece é, por assim dizer, a ação póstuma de um trauma sexual [...] Creio poder constatar que *essa relação inversa entre o efeito psíquico da lembrança e o do evento* contém a razão pela qual a *lembrança permanece inconsciente*. (FREUD, 1896b /1996, v. 3, p. 153)

Freud e Breuer afirmam que o trauma psíquico *produz* e que, nesse sentido, pode impedir a reação (ab-reação), seja porque a natureza do evento traumático não comporte reação (caso dos lutos), seja pelo estado psíquico do paciente, a saber, momentos de afetos gravemente paralisantes ou mesmo estados crepusculares; seja por combinações de ambos fatores. O acontecimento traumático não se pode isolar em estado puro. Ele faz parte do que, a seguir, e pela temporalidade, o *trauma psíquico produz*. Concordamos com Giansesi (2011, p 69 e p. 137) quando considera que a causa desencadeante do trauma, o “momento traumático

28

As pedras falam! (FREUD, 1896/1996b, v. 3, p. 190)

real” pode ser entendido como *causa eficiente*, no sentido aristotélico, ou seja: a passagem da potência ao ato. Esse acontecimento não refere ao acidente, mas à fixação da libido, nos esclarece Dunker (2011, p. 449). Dita causa eficiente somente é possível se considerarmos qual é o status entre a lembrança e o evento. Retomaremos no capítulo 2 a questão da fixação articulando com o *nachträglich*.

Nesse primeiro tempo de nossa caminhada podemos arriscar e dizer que as lembranças póstumas são os *símbolos mnêmicos*²⁹ de experiências que atuaram de modo traumático, isto é, com aumento de tensão de $Q\eta$ em ψ , com a produção de desprazer e da formação da defesa primária. Nesse sentido, a *ação* póstuma do trauma dá como resultante a ***eficácia póstuma do trauma***, qual seja, a eficácia da causa eficiente que nos permite, desde 1888, considerar que num *período de latência* a causa desencadeante *continua atuando no inconsciente*.

Nossa proposta: a causa eficiente não é o acidente, é quando a causa desencadeante *continua* (temporalidade e fixação) atuando no inconsciente.

2. O trauma em *nachträglich*, primeiro movimento.

Tentemos agora articular os ensinamentos que se recolhem nesses anos para que isso aporte alguma luz à temporalidade do trauma.

A representação-palavra se liga à representação-objeto no sistema ψ . Como vimos, as representações de objeto são abertas e trazem para o sistema uma dimensão inesgotável, uma deriva ontológica, em contraposição com o determinismo do sistema fechado, impermeável, da representação-palavra. (GAUFEY, 1996). Mas lembremos que isso não impede – Freud é explícito – que a palavra possa incluir o novo, uma vez que essa é a extensão dada à palavra,

²⁹ (FREUD, 1896a/1996, v. 3. p. 190)

que entendemos ser possível pela possibilidade de significações novas. Isso não é sem consequências quando abordamos a questão do trauma, esse que aparece ao sujeito como um evento maciço. Precisamente, fazer um oco nesse caráter maciço do trauma, ou seja, nesse caráter de determinismo é uma reflexão que deixamos colocada, desde já, e que retomaremos algumas vezes nesse percurso.

Com Freud, a partir de 1891, a temporalidade do trauma foi referenciada a essa articulação entre a representação-objeto e a representação-palavra, porque a realidade histórica lhe permitia acreditar na cena traumática como gérmen da neurose. O trauma psíquico, sexual, já lhe oferecia um panorama inédito, uma vez que se extraia como hipótese, a partir de um sintoma que se manifestava como uma representação inusitada, ridícula, seja como fobia, seja como compulsão, seja como conversão. Esse traço inusitado do sintoma lhe permitiu deduzir uma temporalidade *a posteriori*. O exemplo paradigmático do caso da Sra. Emma, incluído na parte II, exemplifica o *nachträglich*. Antes de acompanhar em detalhe, advertimos que, sendo a relação entre representação-palavra e representação-objeto uma relação simbólica, a mesma traz algo de novo. O simbólico não é uma cópia da realidade.

Observemos que a relação de *referente* entre a representação-palavra e a representação-objeto é afetada pela temporalidade *a posteriori* que daria a dita relação algo de inusitado: uma estranheza. Dito de outro modo: é possível considerar que o cerne do referente – na relação da representação-palavra e da representação-objeto – é a estranheza que a temporalidade *nachträglich* evidencia.

Temporalidade lógica *nachträglich*

Retomemos nosso Frau P. J.

Cena 1. Atual. Um acontecimento se registra como traumático. Um susto e uma representação (R_A) absurda, inusitada.

Latência (puberdade ou amnésia) anterior à Cena 1 e posterior à Cena 2.

Cena 2. A primeira cena em termos cronológicos. Um acontecimento *sexual* se perde, porém deixa sua marca, a saber: uma representação (R_B) e seu afeto à deriva.

Propomos um esquema simples sobre o trauma psíquico. Servirá para acompanhar a clínica.

Um esquema sobre o *trauma psíquico*

Esse esquema que propomos é uma tentativa de acompanhar a temporalidade do trauma assim como a questão do referente. Será essa abordagem que retomaremos com o caso Emma. Dissemos anteriormente que consideramos que o acontecimento, o acidente, não é a causa eficiente (potência e ato). A causa eficiente é o que, a partir da causa desencadeante (o acidente), *continua* (temporalidade e fixação) atuando no inconsciente. Desse modo, se escrevemos o trauma abaixo da Cena 1, indicamos com isso que: (a) se produz somente *nächtraglich* e (b) ele está produzindo a partir dessa fixação, entendida nesse momento como

satisfação e dor, elididos. Experiências essas que podem ser localizadas em *W, Prägung*, segundo entendemos, mas que deverão passar para o primeiro registro *Wz* (inscrição) para entrarem *potencialmente* no que foi chamada a ordem da *Vorstellung* (representação) a partir das diferentes transcrições e traduções.

Emma em nachträglich

A temporalidade *nachträglich* do trauma é indissociável do estudo sobre a histeria. Esse primeiro capítulo teve como eixo principal essa hipótese. Advertimos, entretanto, que é somente na primeira tópica que é *escrita* essa temporalidade. Como sustentamos anteriormente, consideramos que, apesar da crença na hipótese da sedução pelo adulto, o referente na relação simbólica entre representação-palavra e representação-objeto não é nem o objeto nem o evento exterior, mas algo inominável, algo que permanece invariável, *das Ding*.

Encerramos este capítulo com o exemplo paradigmático da temporalidade traumática que permite apreender como os sintomas são esses resíduos – símbolos mnêmicos – da transcrição e da tradução necessárias ao aparelho psíquico. A possibilidade de tradução de uma cena implica em um ganho de saber sobre a sexualidade, saber esse a ser considerado como ganho de saber inconsciente, uma vez que são os grupos psíquicos das representações sexuais os que tinham sido afastados do comércio associativo.

A vinheta clínica de Emma foi escrita no segundo capítulo do *Projeto* e ele condensa as reflexões de Freud sobre as diferenças diagnósticas, porém, e especificamente, torna-se um exemplo do que será escrito um ano depois na carta 52, que abordamos anteriormente. Antes do exemplo Freud articula sua concepção sobre a compulsão histérica, nas histerias de defesa,

localizando a eclosão sintomática e dando ao sintoma histérico o estatuto de símbolo mnêmico.

A relação do símbolo com a coisa se exprime no exemplo do cavaleiro que se bate a duelo pela luva da sua dama porque ele porta um saber, qual seja, a importância simbólica da luva em relação à dama, assim como isso não lhe impede de, além da luva, cortejar a dama. Essa relação simbólica deve ser entendida no símbolo histérico que está presente no resíduo do sintoma: “O *histérico*, que chora por causa de *A*, não percebe que isso se deve à associação $A - B$, sendo que *B* não desempenha o menor papel em sua vida psíquica. Neste caso, a *coisa* foi completamente substituída pelo símbolo” (FREUD, (1950 [1895]/1996, v. 1, p. 403-404, grifo do autor). A histérica não sabe da associação $A - B$ e nesse não saber ela ancora sua repulsa pela *coisa*, que no entanto lhe surpreende através dos ataques de angústia (compulsão histérica). *A* é compulsiva e *B* está recalcada. “Algo foi acrescentado a *A*, que foi subtraído a *B*. O processo patológico é um processo de deslocamento...” (FREUD, *Ibid*, p. 404). Esse deslocamento da $Q\eta$ será definido como sendo um dos constituintes do *processo primário*.

Proton pseudos – $\pi\rho\acute{o}\tau\omicron\nu\ \psi\epsilon\upsilon\delta\acute{o}\varsigma$, – *primeira mentira*: essa expressão procede de Aristóteles, nos Primeiros Analíticos, obra que se ocupa dos silogismos e que fora incluída no *Organon*. “Pseudos” significa mentira ou erro, sem animosidade. A *proton pseudos* é uma premissa maior falsa em um silogismo que dá como resultado uma conclusão falsa. Estando constituído um silogismo de duas ou mais premissas, se a conclusão for falsa, então pelo menos uma ou as duas premissas são falsas, uma vez que não se pode formar um falso silogismo com base em premissas verdadeiras. De modo genérico se pode definir a *próton pseudos* como qualquer proposição inicial falsa em um sistema dedutivo ou mesmo como uma tese básica falsa. Finalmente, uma *próton pseudos* vicia radicalmente toda argumentação (FERRATER MORA, 1965, p. 499).

Qual é a mentira? A tentativa de fazer um tratamento integral da *Coisa* pelo símbolo, por meio do sintoma. Segundo Vidal (2007), a histérica, nesse tratamento, esquece do resto que se perde no que ela diz, sua aversão radical à *Coisa* ordena sua insatisfação pelo objeto perdido.

Emma sofre de um sintoma fóbico pouco escandaloso, poderíamos dizer: ela não consegue entrar sozinha nas lojas. Tenhamos presente o esquema da temporalidade proposto acima. Na **Cena 1** ela foge em pranto – *afeto de susto* – perante o riso de dois vendedores. Ambos riram pelas vestes (*Kleider*) que ela portava nesse dia e um lhe agradou sexualmente. Na **Cena 2**, acontecida antes da puberdade, aos 8 anos de idade, ela estava numa confeitaria e foi beliscada nos genitais pelo proprietário da confeitaria, esse velho homem (*Greissler*) também rira.

O trabalho de Freud busca *saber* sobre os falsos enlaces, índices da defesa que teriam interrompido a transcrição e a tradução das cenas sexuais. Portanto, ele busca estabelecer a conexão associativa entre as duas cenas. O riso faz o enlace: o riso dos dois vendedores lhe fez lembrar o sorriso maroto do confeiteiro. Porém, o riso evocou (inconscientemente) a lembrança do confeiteiro, logo: isso só esteve à disposição de uma significação consciente a partir do trabalho *analítico*. O tempo da clínica inclui a possibilidade de dizer o sintoma. É pelo relato da Cena 1 que se pode, *nachträglich*, construir a Cena 2. Nesse relato é *evocada* a lembrança do confeiteiro. Precisamente, a grande diferença a partir do relato é que as Cenas 1 e 2 tomam a significação sexual, restituindo à *representação-palavra* seu status. Os acontecimentos sozinhos, sem significação, funcionam como resíduos sintomáticos, símbolos mnêmicos. É a lembrança o que desperta um *desprendimento sexual* que se transpõe em angústia. É preciso aqui apontar que nesse momento Freud considerava que a defesa causava angústia. Essa teoria da angústia foi modificada em 1926. Trataremos sobre essa mudança nos capítulos 2 e 3. Mas, aqui, o que interessa marcar é a afirmação “forte” de Freud sobre o

padecimento histérico: *as histéricas sofrem de reminiscências!* Com essa angústia em seu haver, ela faz o sintoma fóbico.

Duas vertentes do traumático: I. o *nachträglich* confere valor traumático desde a Cena 1 para a Cena 2. II O valor econômico do aumento do quantum energético também é traumático, como resíduo do trabalho associativo.

O traumático e a cura, primeiro movimento.

Até aqui, o traumático é a falta de transcrição e de tradução. Se o trauma em nosso esquema está escrito abaixo da Cena 1 é porque consideramos que o trauma é testemunha desse exílio que a defesa promove e que o falso enlace vem denunciar. Observemos que os casos exemplificados neste capítulo referem-se à primeira época da teoria da *defesa* que operava separando a *Vorstellung* do *Affekt*.

Visto a partir da carta 52: são as impressões (*Prägung*), uma intensidade à espreita. Mas que é algo que não foi nem verbalizado, nem significado (LACAN, 1953-1954). O valor traumático da *Prägung* é dado pelo “assalto” imaginário da cena.

Sugerimos que o traumático, *nachträglich*, cria a possibilidade de inscrição. Fixa nessa cena significantizada o que era pura intensidade. Afeto? Veremos as relações do trauma e da angústia no capítulo 3.

Mas esse mapa nos indica algo que Dominique Fingermann, mais uma vez, consegue dizer de modo preciso e poético: *É no desvão deste inconciliável (Unverträglich) que o inconsciente se escreve.* (FINGERMAN, 2006, p. 8)

A *talking cure* restitui à palavra sua estatura, qual seja, a de aludir a Coisa pela articulação simbólica. Ressaltamos que é Freud quem fala da “alusão” (FREUD, 1909/1996,

v. 11, p. 41 e p. 44) como resposta do analista. O analista é aquele que alusivamente irá *parlamentar* com o sintoma e, a partir dele, reconstruir um saber sobre esse falso enlace. Portanto, o analista aponta, pelo recalque, para a *Versagung*. Para tal, ele mesmo, na transferência, terá de se emprestar “*in esfígie, in absentia*” a se fazer de *falso enlace*.

Capítulo 2

O INSTANTE TRAUMÁTICO

A experiência clínica evidencia abertamente que, de fato, é este o caso. São apenas as repressões posteriores que mostram o mecanismo que descrevemos, no qual a ansiedade é despertada como sinal de uma situação de perigo prévia. As repressões primeiras e originais surgem diretamente de momentos traumáticos, quando o ego enfrenta uma exigência libidinal excessivamente grande; elas formam de novo a sua ansiedade, embora, na verdade, a partir do modelo do nascimento. (FREUD, 1933)

Foi a seguir desse primeiro tempo que a importância da *sexualidade* infantil na vida psíquica separou Freud da crença na cena de sedução, sem retirar o valor traumático da mesma nem desestimar a temporalidade *nachträglich*, uma vez que prevalecia o período de latência como divisor de águas entre dois tempos: a infância e a puberdade. A primeira tópica, causada em dita temporalidade *nachträglich*, aprimorou as relações complexas entre os sistemas do aparelho psíquico. O fator econômico continuou a se apresentar com o inassimilável, e por essa razão podemos relacioná-lo com o traumático. Uma leitura pormenorizada de “A interpretação dos sonhos” (FREUD, 1900 [1899]/1996) e dos textos da metapsicologia (1915) nos permite argumentar que a *fixação* (*fixierung*) pode ser considerada como a causa eficiente traumática, diferenciando-a da causa accidental, escrita por Freud em 1917. Um último tempo, para pensarmos o tratamento do trauma, se inaugura com as reflexões sobre a guerra, as neuroses traumáticas e a pulsão de morte. Aqui o fator econômico do trauma toma a dianteira e se articula com a segunda teoria da angústia, para concluir com *Moisés*, onde, entendemos que se propõe um tratamento do trauma pelo poder da palavra.

A crítica à teoria da sedução

...O aspecto que me escapou na solução da histeria está na descoberta de uma nova fonte a partir da qual surge um novo elemento da produção inconsciente. O que tenho em mente são as fantasias histéricas, que, habitualmente, segundo me parece, remontam a coisas ouvidas pelas crianças em tenra idade e compreendidas somente mais tarde {nachträglich}³⁰. A idade em que elas captam informações dessa ordem é realmente surpreendente — dois seis ou sete meses em diante![...]. (FREUD, 1950[1892-1899]/1996, v. 1, p. 293)

Nesta carta, datada em 6 de abril de 1897, Freud antecipa o que será escrito cinco meses depois, quando anuncie que as cenas de sedução *eram apenas fantasias*. Tão só..., a seguir, foi o seu *ato*: a *psicanálise*. Mas essa carta, ao pé da letra, diz que a fantasia é uma nova fonte. Qual era a fonte anterior? As lembranças, uma vez que as histéricas sofriam de *reminiscências*. Como vimos no primeiro capítulo, nesse momento Freud tentava localizar uma temporalidade das vivências da sexualidade, com o intuito de realizar a diferenciação diagnóstica: histeria, obsessão, neurose de angústia e melancolia; a serem consideradas sob o prisma da defesa e do fator econômico. Acompanhando a psiquiatria da sua época, Freud já tinha diferenciado a neurose histérica (espontânea) da neurose traumática de guerra. A sexualidade e os acidentes traumáticos dividiam ambos os campos “incidentais” do trauma. Fazendo essa ressalva, Freud afirma que existe um extremo em que essas neuroses coincidem, qual seja, o fator econômico do afeto hiperintenso.

O termo “traumático” possui esse sentido econômico designando processos que aportam à vida anímica, em brevíssimos instantes, um enorme incremento de energia, fazendo impossível a assimilação da mesma, provocando duradouras perturbações. Esse fator econômico se evidenciaria nas *representações hiper-intensas* que perturbam o funcionamento do psiquismo. As representações funcionam como símbolo mnêmico que sofrem as

³⁰ Na versão de AE consta esse termo.

transcrições necessárias para sua reorganização. Outras não chegam a se inscrever e imprimem uma intensidade perturbadora.

Em 1897 se produz uma virada fundamental, a partir do momento em que a verdade do *acontecimento* é posta em questão³¹. Na carta 69, datada em 21 de setembro de 1897, Freud escreve a Fliess “não acredito mais na minha neurótica”. Em 1925, referindo-se a essa descoberta, escreveu: “devo mencionar um erro no qual incidi por algum tempo e que bem poderia ter tido consequências fatais para o meu trabalho”. (FREUD, 1925[1924]/1996, v. 20, p. 39) Pelo tema que nos convoca, citemos, dividindo essa carta/letra nos quatro motivos que lhe fazem afirmar sua incredulidade e seu espanto:

[...]Confiar-lhe-ei de imediato o grande segredo que lentamente comecei a compreender nos últimos meses. Não acredito mais em minha *neurótica* [teoria das neuroses] [...]. (FREUD, 1950[1892-1899]/1996, v. 1, p. 309)

O primeiro motivo articula a autoanálise de Freud e o fracasso dos tratamentos interrompidos. Após a morte do seu pai, Freud inicia sua “auto-análise”, que questiona em 14 de novembro desse ano, uma vez que afirma ter encontrado a fonte do recalque e ter concluído que a autoanálise é impossível. Como assinala Porge (2010), dois são os fatos que confirmam essa afirmação e que reforçam o *valor de ato* da mesma: a carta de Freud se interrompe, e ele não assina. Afirmando a autoanálise como impossível, Freud faz a prova do seu eu (*Ich*) como estrangeiro. O *si mesmo* é *extimo*: o mais estranho no mais íntimo. Essa foi a orientação de Lacan sobre o entendimento a ser dado ao *Wo Es war, soll Ich werden*. O dever ético de “vir à luz” não é algo que se possa preparar. O dever ético do *Ich*, o sujeito o produz onde ele se assume. Um ato implica um certo ultrapassagem. Lacan disse que o

³¹ Trataremos das relações da verdade e a realidade no capítulo 3.

traumatismo é “um fantasma estrutural” (LACAN, 1966-1967, 7 de dezembro de 1966, p. 73), era fantasmático, que a primeira torção promoveu o trauma ao lugar de máscara da fantasia.

[...] Os contínuos desapontamentos em minhas tentativas de fazer minha análise chegar a uma conclusão real, a debandada das pessoas que, durante algum tempo, eu parecia estar compreendendo com muita segurança, a ausência dos êxitos completos com que eu havia contado, a possibilidade de explicar os êxitos parciais de outras maneiras, segundo critérios comuns — este foi o primeiro grupo [de motivos] [...] (FREUD, 1950[1892-1899]/1996, v. 1, p. 310).

O segundo motivo versa sobre a cena traumática de sedução e seu valor de fantasia. Toca numa questão que será retomada quando se considerar que a histérica tem horror à perversão (razão pela qual invariavelmente encontra uma versão desse horror no Outro) e finalmente anuncia, não sem receio dos ecos a serem promovidos, a sexualidade perverso polimorfa da criança.

[...] Depois, veio a surpresa diante do fato de que, em todos os casos, o pai, não excluindo o meu, tinha de ser apontado como perverso — a constatação da inesperada frequência da histeria, na qual o mesmo fator determinante é invariavelmente estabelecido, embora, afinal, uma dimensão tão difundida da perversão em relação às crianças não seja muito provável [...] (FREUD, 1950[1892-1899]/1996, v. 1, p. p. 310) .

O terceiro argumento é a hipótese do inconsciente, articulada a partir das elaborações que evocamos no capítulo anterior, a saber: os traços mnêmicos que são isolados do comércio associativo pela intervenção da defesa. A novidade é que o afeto, isolado da representação incompatível pode ficar à disposição para investir uma *ficção*. Lembremos que estamos na época na qual a defesa opera sobre a representação incompatível, que não é somente *uma* representação, mas um complexo de representações. Esse ponto é crucial para acompanhar a construção da noção de realidade psíquica:

[...] Depois, em terceiro lugar, a descoberta comprovada de que, no inconsciente, não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção que é catexizada com o afeto. (Assim, permanecia aberta a possibilidade de que a fantasia sexual tivesse invariavelmente os pais como tema) [...] (FREUD, 1950[1892-1899]/1996, v. 1, p.310).

No quarto e último argumento, a convicção de que o inconsciente não pode ser traduzido integralmente para o consciente, parece ser índice do valor a ser dado à fantasia inconsciente:

[...] Em quarto lugar, a reflexão de que, na psicose mais profunda, a lembrança inconsciente não vem à tona, não sendo, pois, revelado o segredo das experiências da infância nem mesmo no delírio mais confuso. Se, dessa forma, verificamos que o inconsciente nunca supera a resistência do consciente, então também abandonamos nossa expectativa de que o inverso aconteça no tratamento, a ponto de o inconsciente ser totalmente domado pelo consciente [...] (FREUD, 1950[1892-1899]/1996, v. 1, p. 310).

Finalmente, não um argumento, mas uma suspeita, nos coloca na pista da crítica do *nachträglich* do trauma. Seria possível que as lembranças não tivessem esse valor traumático e, portanto, a hereditariedade assumisse esse lugar. Não foi a aposta na hereditariedade o que se consolidou, mas a pulsão.

[...] Em tal medida fui influenciado por isso que estava disposto a abandonar duas coisas: a resolução completa de uma neurose e o conhecimento seguro de sua etiologia na infância. Não tenho agora nenhuma ideia do ponto a que cheguei, não obtive uma compreensão teórica do recalçamento e de sua inter-relação de forças. Parece que novamente se tornou discutível se são somente as experiências posteriores que estimulam as fantasias, que então retornam à infância; e, com isso, o fator de uma predisposição hereditária recupera uma esfera de influência da qual eu me incumbira de excluí-lo — com a intenção de elucidar amplamente a neurose [...] (FREUD, 1950[1892-1899]/1996, v. 1, p. 310).

Retomando a etiologia traumática da histeria, acrescenta que não é suficiente que o evento traumático seja de ordem sexual e que se torne patogênico pela liberação de afeto; é preciso, ainda, que ocorra na tenra infância, antes da puberdade. Destarte, fator econômico, sexualidade e temporalidade definem o trauma. As *ficções* de sedução estão inscritas nos *traço mnêmico* de um trauma infantil. A sexualidade é traumática. Mas ele nunca abandonará a ideia sobre a sexualidade *infantil* traumática, isso porque o perverso polimorfo é índice da pulsão que se satisfaz de forma parcial. No caso da histeria, o trauma infantil inclui a posição passiva ligada ao desprazer, no caso da neurose obsessiva, a passividade se liga ao prazer.

Vários são os momentos em que Freud retoma essa crítica à teoria da sedução. Apenas lembremos quando em 1933 afirmou que as cenas da sedução do pai, relatadas pelas histéricas, eram fantasias que se sustentavam no complexo de Édipo. Sobre o Édipo, encontramos na carta de 15 de novembro de 1897 a contribuição primeira a esse tema: “Mas a lenda grega capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de *si mesma*”. (FREUD, 1950[1892-1899]/1996, v. 1, p. 316, as itálicas são nossas)

Reafirmemos que sua crítica à teoria da sedução não retirou a pergunta pelo traumático da sexualidade; e isso lhe permitiu construir a teoria sobre a sexualidade infantil. Algumas cartas a Fliess antecedem essa afirmação sobre a mentira da neurótica, das quais pinçamos a questão do traumático, seguindo as formulações de Freud no final da sua vida: *o traumático são vivências no corpo ou percepções sensoriais do visto e do ouvido*. O traumático agora se liga às fantasias, pela fixação (pulsional) e com a temporalidade *nachträglich*. É o caso de Homem dos Lobos, no qual o sonho liga uma realidade alucinatória com a fantasia da cena sexual que Freud “lhe faz” dizer. No capítulo 3 abordamos esse exemplo.

Trauma (restos do visto e do ouvido) e fantasia

As *Prägungen* das experiências de satisfação e das experiências de dor não são passíveis de serem inscritas nem transcritas, mas podem, pela intensidade, causar uma inscrição, muito embora permaneçam como *a coisa* (*Sachvorstellung* ou *Dingvorstellung*)³². O signo de percepção – o signo do cambista – é essa inscrição (*Wz*, *Wahrnehmungszeichen*). Identidade de percepção significa que ainda não estamos ao nível da significação, mas que tivemos a marca, a inscrição que implica uma fixação pulsional. Na medida em que temos possibilidade de transcrição, a memória, em ψ , vai *traçando* o mapa das facilitações. Assim, se gesta essa memória das experiências que são o produto da *Versagung* da tradução (isso é o que vai promover o recalçamento), a mesma não seria possível sem essa condição da elisão.

A elisão é o ato de supressão, também traduzido como “sofocação”. Lembremos o que apontamos no primeiro capítulo, quando nos referimos à “Carta 52”: Freud, disse que as impressões podem sofrer elisão no momento da inscrição. As *coisas* vistas e ouvidas (*Wz*, *Wahrnehmungszeichen*) das fantasias dizem respeito a esse tipo de inscrição, sem transcrição e por elisão, passando da impressão à inscrição do traço mnêmico. Quer dizer, são traços estranhos, investidos em extremos. Pensemos numa cena que retorna idêntica, que perturba por se repetir, sem possível significação. Suponhamos uma cena – tão freqüente na clínica – que a pesar dos intentos absurdos de ser significada, e mesmo tendo entrado em associação simbólica, retorna esburacando qualquer tentativa de significação. Essa cena avança na reprodução de traços insensatos. Um exilado nos dizia, de modo muito freudiano: “são

³² No texto “O Inconsciente” (1915c/1996, p. 163-222), no Apêndice C “Palavra e coisa”, Strachey observa que representação-coisa (*Sachvorstellung*) no texto “O Inconsciente” deve ser considerado como representação-objeto (*Objektvorstellung*) no aparelho neuronal das “*Aphasies*”. Bem como, a representação-objeto, no texto “O Inconsciente”, corresponde à combinação da representação-palavra e a representação-objeto de “*Aphasies*” (FREUD, AE, 1915/2008, v. 14, p. 207). Em “Luto e melancolia” (1917[1975] *Sachvorstellung* se escreve como *Dingvorstellung* (FREUD, 1917[1915/1996, SE, v. 14, p. 261 e 1917[1915/1996, AE, v. 14, p. 253).

experiências que não se integram no quadro da vida”. É verdade que a cena deve ser considerada como complexos de representações, mas também é verdade que, às vezes, há *algo* que não se integra (inscrição, sem transcrição).

Em 25 de maio de 1897, em outra das cartas a Fliess, Freud afirma que as fantasias se originam de uma combinação inconsciente e conforme determinadas tendências de *coisas vistas e ouvidas*. As fantasias são construídas por um processo de decomposição e recomposição. Ela opera com a possibilidade de facilitar a memória (lembramos do sistema ψ /eu) através dessa decomposição desses traços mnêmicos, na qual as relações cronológicas são deixadas de lado. Desta feita, temos o antecedente da atemporalidade do inconsciente. Um complexo de imagens da cena visual se liga, *nachträglich*, a um complexo de imagens da experiência auditiva, produzindo a fantasia, enquanto o fragmento restante é ligado a outra coisa. Destarte, tornar-se-ia *impossível* determinar a conexão original do falso enlace.

Último recorte: 14 de novembro de 1897, a carta sobre a sexualidade infantil. Se bem ele não fala da criança perversa polimorfa (1905), considera a liberação da sexualidade que ainda não estaria mapeada pelas zonas erógenas. O que aqui interessa é a generalização do *nachträglich* como temporalidade que permite o investimento libidinal de zonas sexuais antigamente abandonadas. O desprendimento (liberação) da libido conta com a temporalidade *nachträglich*. Deste modo, se abre caminho para uma teoria da *fixação libidinal*.

Em *Três ensaios* (1905) faz pública *nas ruas de Ascalon*³³ sua teoria sobre a sexualidade infantil. Esse momento é crucial para as formulações sobre o trauma. Em uma primeira leitura poderíamos entender que, com o abandono da causa incidental (acidental), se abandona o trauma. Porém, há uma segunda leitura que permite localizar o trauma, mais uma vez, como aquilo que se liga à causa eficiente (potência e ato) através da fixação.

³³ II Samuel 1, 20 “Não noticieis em Gath, nem o publiqueis nas ruas de Ascalon, para que não se alegrem as filhas dos filisteus, nem saltem de alegria as filhas dos incircuncisos”.

Retomaremos esse ponto. Antes, precisamos entender melhor de onde tiram sua força e intensidade os restos *vistos e ouvidos*, do instante traumático. O estudo sobre a interpretação dos sonhos nos subsidia nesse percurso.

Notas sobre o trauma

A seguinte frase de Freud pode orientar a leitura, *nachträglich*, deste capítulo que escrevemos.

Denominamos traumas aquelas impressões, cedo experimentadas e mais tarde esquecidas, a que concedemos tão grande importância na etiologia das neuroses. (FREUD, 1938[1934-38]/1996, v. 23, p. 87)

Ainda:

Os traumas são experiências sobre o próprio corpo do indivíduo ou *percepções sensoriais*, principalmente de algo visto ou ouvido, isto é, experiências ou impressões. (FREUD, 1938[1934-38]/1996, v. 23, p. 89)

Lidas com afincio, essas frases promovem estranhamento. Destaquemos, desde já, as noções que trabalharemos, neste e nos próximos capítulos: experiência (*Erlebnis*), percepções sensoriais, impressões.

Essas definições do trauma não são novas, elas mantêm uma coerência com as propostas de Freud, desde o início do seu trabalho. Chamemos aqui ao Freud de 1896, para mostrar como as questões sobre o trauma não foram abandonadas. Aliás, uma hipótese forte de nosso trabalho é que a teoria do trauma não se abandona. Abandona-se a teoria da sedução, a qual, por outro lado, também não retira da cena o valor dado aos primeiros laços de amor e

de desejo, que se traduzem na teorização central do Complexo de Édipo. Citemos Freud em “A etiologia da histeria”:

Em alguns casos, sem dúvida, nosso interesse é voltado para experiências que devem ser encaradas como traumas graves [...] Em outros casos, porém, as experiências são surpreendentemente triviais. [...] Se tanto os acontecimentos graves quanto os banais, e não apenas as experiências que afetam o próprio corpo do sujeito, mas também as impressões visuais e as informações recebidas pela audição devem ser reconhecidas como traumas últimos da histeria ... [...] (FREUD, 1896/1996, v. 3, p. 197-198)

Essas experiências, que num primeiro tempo foram coordenadas pela cena de sedução e pela suspeita de uma predisposição hereditária, são reconsideradas a partir da teoria da fantasia, incluindo aí o valor dado à sexualidade e, portanto, à teoria da pulsão, entendida como satisfação que produz fixação. Chamar aqui à pulsão torna imperativo não abandonar o fator quantitativo. Foi o que Freud fez. Desde os primeiros textos, o trauma se ligou ao fator econômico traumático. Já trabalhamos isso no capítulo anterior.

Freud articula a *hipertrofia* das experiências traumáticas ligando-as a uma impressão não tramitada (não inscrita, nem transcrita, nem traduzida) nas representações. A segunda tópica estende a satisfação pulsional, dividida nas três instâncias: Ego, Id e Superego. A satisfação pulsional, na sua face indomável, se alberga no *Id* (pulsões sexuais), no *Ego* (ganho secundário da doença) e no *Superego* (necessidade de castigo). Essa satisfação pulsional frequentemente se contrapõe ao prazer. Eis o que Freud nos diz sobre o “momento traumático”³⁴ – nas “Novas Conferencias Introdutórias sobre a Psicanálise” – quando articula o trauma com a última teoria da angústia:

³⁴ Na edição *AE*, traduzido como “fator traumático” (FREUD, 1933[1932]/2008, v. 22, p. 87)

Um estado desse tipo, ante o qual os esforços do princípio de prazer malogram, chamemo-lo de momento ‘traumático’. Então, se colocarmos numa série a ansiedade³⁵ neurótica, a ansiedade realística e a situação de perigo, chegamos a essa proposição simples: o que é temido, o que é o objeto da ansiedade, é invariavelmente a emergência de um momento traumático, que não pode ser arrostado com as regras normais do princípio de prazer. De imediato compreendemos que, dotados do princípio de prazer, não nos garantimos contra danos objetivos [...]. (FREUD, 1933[1932]/1996, v. 22, p. 96)

O fator traumático, e mesmo o instante traumático, estão marcados pelo fracasso da barreira antiestímulo. É verdade que aqui reencontramos termos oriundos das teorias neuronais, mas algo é fato: o que não entra no comércio associativo das representações, porque excedeu o que podia ser acolhido nelas, torna-se o insuportável e faz índice do inominável. O que excede tem que ser pensado na relação que impõe o Princípio de Realidade ao Princípio de Prazer, qual seja, retardamento. Falha esse retardamento. Pois bem, as pulsões não são um impulso de choque, mas a satisfação é peremptória. Portanto, o fracasso da barreira antiestímulo pode ser entendido como fracasso na inscrição, e, conseqüentemente, na transcrição e na tradução. A *Prägung* traumática é índice de um Real, sem significação, e, pelo acidente traumático, pode adquirir um caráter *adesivo* (“estar perto”, literalmente). Logo, a *Prägung* do ser falante não é o *imprinting* do animal. Essa *Prägung* parece-nos manifestar um avanço do real no imaginário. Razão pela qual, Freud vai articulando cada vez mais: angústia e trauma. Deixamos isso apontado, retomaremos posteriormente.

³⁵

Na edição *AE*, traduzido como “angústia” (FREUD, 1933[1932]/2008, v. 22, p. 87)

A via real e o trauma.

A *Interpretação dos sonhos* (1900 [1899]) foi escrita em 1896. No Prefácio para a segunda edição, em 1908, Freud menciona o valor subjetivo desse livro. “*Ele foi parte da minha própria autoanálise, minha reação à morte do meu pai – isto é, ao evento mais importante, à perda mais pungente na vida de um homem*”. (FREUD, 1900[1899]/1996, v. 4, p. 32) *Nachträglich*, foi possível a Freud testemunhar que a autoanálise e a escrita foram o trabalho do luto. Deixemos aqui apenas apontado que, em nossa dissertação (BERTA, 2007) propomos que o luto precisa de um ato como ponto limite à elaboração. Essa série “luto – ato – desejo” pode ser sustentada, ainda. Ou seja, a autoanálise de Freud pode ser entendida como trabalho do luto pela morte do seu pai; a carta é seu ato; a psicanálise é o nome do desejo indestrutível.

Para Freud, o sonho é o primeiro elo de uma série de *produtos psíquicos anormais*. Seguem-lhe as fobias, as histerias, as representações obsessivas e as alucinações delirantes. Seu valor teórico como paradigma é sublinhado por Freud. “Quem quer que tenha falhado em explicar a origem das imagens oníricas dificilmente poderá esperar compreender as fobias, obsessões ou delírios, ou fazer com que uma influência terapêutica se faça sentir sobre eles”. (FREUD, 1900[1899]/1996, v. 4, p. 29)

Freud faz uma arqueologia da teorização sobre os sonhos, na literatura e na medicina até chegar ao que lhe interessa expor e propor: a interpretação dos sonhos. Sonho e neuroses partilham a causalidade múltipla, vale dizer, estão *sobredeterminados (überdeterminiert)*³⁶. Em “Estudos sobre a histeria” (1895), Freud e Breuer tinham concluído que nas formações patológicas, chamadas sintomas, a decomposição (*Auflösung*) coincide com a solução

³⁶ Em “Estudos sobre a histeria” aparece, pela primeira vez, esse termo ((1899-1895)/1996, v 2. p. 232) Freud já tinha empregado a palavra *überbestimmt* (“de comando múltiplo”) no texto *Aphasien* (1891).

(*Lösung*). Nessa associação entre os sintomas neuróticos e o sonho, Freud afirma os motivos clínicos de considerar o sonho como *a via real do inconsciente*. Se o sonho é *uma* realização de desejo, a teoria dos sintomas neuróticos se sustenta em uma tese: “também eles devem ser encarados como realizações de desejos inconscientes” (FREUD, 1900 [1899]/1996, v. 5, p. 597).

Foram os profanos os que se interessaram nos sonhos através de dois métodos: a interpretação pelo conteúdo (simbólica) e pelo decifrado. Nesse último, o sonho é uma sorte de escrita cifrada – um texto – na qual cada signo haverá de ser traduzido, graças a uma chave fixada em outro código que terá um significado determinado. Freud retira desse método o valor do referente e fica com o decifrado. O sonho é um texto cifrado. Para a psicanálise, o sonho é uma escrita... pulsional. Afirmar isso significa dizer, com Lacan, que “a interpretação não está aberta a todos os sentidos” (1964). O método do deciframento se oferece, na análise, por fragmentos, isto é: no detalhe. É desses fragmentos que ele vai recolher a mensagem inconsciente do sonho. O sonho freudiano é um *rébus*³⁷ do qual ele privilegia: o trabalho de *figuração* e o método de decifrado.

O sonho inaugural – sonho da injeção de Irma – lhe permite extrair uma conclusão que será inabalável na sua obra: o sonho é uma *realização de desejo*. *O que significa dizer que o sonho realiza um desejo inconsciente?* Há uma diferença explícita entre os desejos pré-conscientes, que incitam o dormir e essa força indestrutível do desejo, que se produz como sonho, pelo trabalho inconsciente. Sabemos que isso nos orienta na psicanálise: e a bússola. A realização de desejo não é o desejo indestrutível, é simplesmente seu índice. Afinal das contas, em 1900, o desejo tem uma definição singela: o desejo que se realiza no sonho é o

³⁷ O ideograma no estágio em que deixa de significar diretamente o objeto que representa para indicar o fonograma correspondente ao nome desse objeto.

desejo inconsciente. Assim, dessa obra imensa, se retira a definição do desejo: ele se realiza, ele é inconsciente, ele é indestrutível.

O desejo indestrutível

Que Freud tenha tomado a palavra com o sonho paradigmático de Irma, isso prova que ele colocava a questão sobre o estatuto do desejo em primeiro plano. O sonho de Irma tinha lhe dado uma boa pista: os desejos se representam como realizados, no presente. Portanto há uma realização de desejo por vir que se atualiza no presente, *nachträglich*. Esses desejos se traduzem nos pensamentos (*Gedanken*) inconscientes. Porém, e fundamentalmente, a interpretação do sonho lhe permitiu diferenciar o anseio pré-consciente (o desejo de dormir) do desejo indestrutível. Esse desejo que aparece pelo avesso, seja no sonho de Irma, seja no sonho do pai que vela seu filho morto. Godino Cabas (2009), ao comentar esse sonho, postula que, entre o momento inicial do sonho (a festa) e o desfecho (reunião de notáveis e emissão de um laudo) há um intervalo. É um intervalo que acolhe uma *imagem*, qual seja, a carne da garganta aberta e exposta. E continua:

E aí, sim, fica fácil entender por que Freud afirmava haver por trás do desejo pré-consciente um outro desejo. Um desejo mais além, por evocar esse trecho do sonho que aponta para o fundo da caverna difícil de encarar. Porque o fato é que esse encontro sinaliza um ponto crucial. O encontro com o “si mesmo”. Isto é um desejo que concerne ao próprio sonhante até o mais íntimo do seu ser. É o desejo inconsciente. (CABAS, 2009, p. 34)

O núcleo de nosso ser, o âmago que consiste em moções de desejos inconscientes, permanece inacessível, escreve Freud quando compara o processo primário e o processo

secundário que regulam o funcionamento do aparelho psíquico. Em 1925³⁸, adenda: isso que não é meu ego, que não somente está em mim, mas que *age* desde mim. O *núcleo de nosso ser*, *Kern unseres Wesens*, o que há de essencial em seu juízo mais íntimo (LACAN, 1958/1998, p. 573). São essas vias que nos conduzem ao âmago que Freud nos indica seguir, a partir daqui.

Um trabalho árduo

O sentido dos sonhos é dado pelo conteúdo latente, mas ele se extrai pelo trabalho interpretativo do conteúdo manifesto³⁹. Três são as fontes que servem à produção do sonho: (1). As impressões do dia anterior; (2) o material acessório e inadvertido, importante pela sua participação na figuração do sonho e (3) as impressões mais primitivas da vida infantil que, no estado de vigília, caíram no esquecimento. Quatro são os responsáveis pelo trabalho do sonho: (1) *condensação* (*Verdichtung*)⁴⁰ e (2) *deslocamento* (*Verschiebung*)⁴¹ que operam na mudança de material entre os conteúdos, ambos são os *mestres artesões* da desfiguração e atuam sob o comando da censura⁴²; (3) a *figuração* (*Darstellbarkeit*) encarregada da encenação dos sonhos e cuja tarefa é a de transpor pensamentos em imagens e (4) a elaboração secundária ou consideração de representabilidade, ela cuida de dar coerência ao conteúdo manifesto. Essa montagem, que tem por objetivo principal ser guardiã do dormir,

³⁸ FREUD, 1925/1996, v. 19, p. 136-152.

³⁹ O material do sonho se divide em: conteúdos manifestos e os conteúdos latentes.

⁴⁰ A condensação é um mecanismo pelo qual o conteúdo manifesto do sonho é sucinto, lacônico se comparado com os pensamentos latentes. (FREUD, Ibid, v. 4, p. 305-308) Ela é a principal responsável pela sensação do estranho (impressão desconcertante) no sonho. No processo de condensação todo nexos psíquico se transpõe em intensidade. (FREUD, 1900 [1899]/1996, v. 4, p. 621-622)

⁴¹ O deslocamento é o mecanismo que permite o descentramento, reagrupamento e reordenação do material. (FREUD, 1900 [1899]/1996, v. 4, p. 331-335)

⁴² A censura onírica é quem cuida da deformação dos conteúdos. Nesse momento ela atua tanto entre o sistema *Pcs.* e *Ics.* quanto entre *Pcs* e *Cs.* Deve-se distinguir entre censura como operador do trabalho do aparelho psíquico e resistência que designa tudo aquilo que detém o trabalho analítico. (LACAN, 1954-1955, p. 195)

não seria possível sem considerar a *sobredeterminação* do conteúdo onírico (manifesto e latente).

É importante deter-se na condensação, isso porque pode nos ajudar a compreender a transformação de representação em imagem, isto é, da figuração. Não é no apartado sobre o processo de condensação que recolhemos dados esclarecedores, mas, no capítulo intitulado “Os processos primários e secundários: recalçamento” (FREUD, 1900 [1899]/1996, v. 5. p. 615-634), Freud nos diz que toda condensação ou compressão promove um aumento de *intensidade* numa representação, pela descarga que algumas representações podem receber de outras. A condensação é a principal responsável pelo estranhamento que o sonho pode causar. São elas que formam os *pontos nodais* ou *resultados finais de cadeias inteiras de pensamento* que possuem um alto valor de significação (*Bedeutung*) psíquica. Ora, não é a significação psíquica o que promove a percepção, mas a intensidade. Por isso, na condensação o que interessa é essa *intensificação*. O exemplo dado é singelo: é pôr **negrito** numa palavra que nos interessa ressaltar em um texto, ou mesmo quando leio e acentuo a palavra que me interessa. E o exemplo que nos traz para o negrito é o do sonho de Irma e a palavra *trimetilamina*. Além disso, mais um dado sobre a condensação: a direção em que avançam as condensações no sonho é *retrocedente*, impelidas pela pressão da censura e pela atração exercidas pelas lembranças visuais, do inconsciente. Por fim, “O efeito do trabalho da condensação é a obtenção das intensidades necessárias para forçar a irrupção nos sistemas perceptivos” (FREUD, 1900 [1899]/1996, v. 5, p. 622).

Da mesma importância é o *deslocamento* ou transferência de acento, que no pensar consciente aparece como falácia ou como recurso ao *witz* (chiste). As representações singulares dos pensamentos oníricos não possuem, todas elas, o mesmo valor. Estão catexizadas com *quotas de afeto* diferentes, e o juízo pode estimá-las como de maior ou menor interesse. Assim como acontecia nas psiconeuroses, no trabalho do sonho se separa a

representação da quota de afeto e esses podem ser deslocados, sofrer mudanças ou mesmo não aparecer. A importância das representações despojadas de afeto retorna no sonho na transmutação das intensidades das imagens oníricas. Porém, nota-se que nesse deslocamento do acento, se produz um efeito singular: as representações tornam-se indiferentes, de modo tal a aparecer no primeiro plano do sonho aquilo que nos pensamentos oníricos desempenhava um papel acessório; do avesso, os pensamentos oníricos de maior relevância permanecem numa figuração pouco nítida. Essa parte da elaboração onírica é a maior responsável por tornar o sonho incompreensível. “O deslocamento é o meio principal usado na *distorção onírica*, à qual os pensamentos devem submeter-se sob a influência da censura”. (FREUD, 1933 [1932]/1996, v. 22, p. 30).

Vejamos como Freud resume sua teoria do sonho, antes de incluir a proposta da *Primeira Tópica*. Ele nos indica que o sonho é um produto, e que para realizar-se tem de escapar da censura da instância crítica. Por essa razão ele se serve do *deslocamento das intensidades psíquicas a ponto de chegar a uma transmutação de todos os valores psíquicos*. (FREUD, Ibid, v. 5, p. 538). Observemos que a “transmutação” é um processo de mudança de um material químico em outro. Ora, os pensamentos (*Gedanken*) têm que ser reproduzidos, *exclusiva ou predominantemente, no material dos traços mnêmicos visuais e acústicos, e essa necessidade impõe ao trabalho do sonho uma consideração à representabilidade* (FREUD, Ibid, p. 539). A *figuração* trabalha para a manutenção do dormir, mas nos interessa pela transmutação. Isto porque, quanto mais avançamos nesses argumentos, mais percebemos que “o visto e o ouvido do instante traumático” não se refere a nenhuma teoria psicológica da percepção, da Gestalt, mas se refere ao inconsciente, à relação existente entre *representação-palavra a representação-objeto* (“*Aphasien*”, 1891). São os pensamentos inconscientes que têm de ser reproduzidos em imagens. Entre percepção e consciência está o inconsciente, reiteramos. Freud dirá depois que P-Cs é um sistema só.

Veremos que novos esclarecimentos surgem a partir das releituras da *Primeira tópica* (1900); dos artigos da metapsicologia (1915), das formulações sobre a fixação (1917) e as relações do trauma com a angústia (1926 e 1933).

A peneira

Detenhamo-nos na proposta do *aparelho psíquico*. São localidades psíquicas que não merecem analogia alguma com a localização anatômica. A *Primeira tópica*: consciente (Cs), inconsciente (Ics.) e pré-consciente (Pcs.)⁴³ enlaça uma *dinâmica* da relação entre os sistemas, apoiando-se na *economia* que rege as distribuições, as facilitações e as intensidades das quantidades, à qual se acrescenta a *qualidade*, característica temporal (ritmo ou período, em ω) das mudanças de excitação.

O aparelho psíquico é homologado por Freud ao aparelho de estímulo – resposta (pólo perceptivo e pólo motor). Essa afirmação é dele.

Fig 1⁴⁴

⁴³ Adotamos a escrita da edição em português. (FREUD, 1900 [1899]/1996, v. 5, p. 570).

⁴⁴ *Pcpt.* = sistema perceptivo (*W* = *Wahrnehmung*) e *M* = motilidade (*M* = *Motilität*). FREUD, 1900- [1899]/1996, p. 568.

“Esse aparelho composto de sistema ψ , tem um sentido ou direção” (FREUD, 1900 – [1899], V. 5, p. 568) Lembremos: o sistema ψ é responsável pela memória. “Toda nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações. Por conseguinte, atribuiremos ao aparelho uma extremidade sensorial e uma extremidade motora” (Ibid, p. 568) Porém, o aparelho reflexo do *ser falante* acrescenta um detalhe – que é do maior interesse para nosso tema sobre o trauma – qual seja, no pólo sensorial, permanecem percepções que incidem sobre ele. Essas percepções são o ponto de partida de uma experiência que não se faz sem a *ação específica*. A experiência de satisfação inclui a dimensão do *nebensmensch* (homem/humano/ao lado) que reúne ambos os termos. Segundo Ronaldo Torres (2010, p. 79-97) essa *ação específica* deve ser entendida como “o instante de atravessamento do vivente, pelo simbólico”. O aparelho psíquico, desde o arco reflexo, exige um *Ato de fundação do sujeito*, segundo Conrado Ramos (2011)⁴⁵ no qual sujeito e outro comparecem. Se dessas ações específicas se recolhem as primeiras percepções e inscrições, elas incluem o agente da ação. Essas percepções se vincularão, por inscrição e transcrição, aos traços mnêmicos, cuja função é a memória inconsciente. “Se levarmos a sério nosso projeto de ligar os processos psíquicos a sistemas, os traços mnêmicos só podem consistir em modificações permanentes dos elementos do sistema” (FREUD, Ibid, p. 568). Lembremos que no sistema das *W* [*Wahrnehmungen* (percepções)] a mudança é permanente. A diferenciação se dá entre o sistema perceptivo e a memória. Sendo todo traço, traço de uma impressão, quando houver simultaneidade de impressões, haverá conexão de traços, por simultaneidade de ocorrência. Ditos traços mnêmicos (*Erinnerungsspur*) se dispõem por contiguidade espacial, causal e temporal. Assim, a esse primeiro esquema se acrescentam a inscrição dos traços mnêmicos:

⁴⁵ Apresentação no Cartel de Transmissão. Fórum do Campo Lacaniano – São Paulo, 2011.

Fig 2⁴⁶

Façamos uma observação: o que descrevemos como nosso “caráter”, baseia-se nos traços mnêmicos de nossas impressões. Freud escreve isso em 1900, e chegará até o final da sua obra, em “Análise terminável e interminável” (1937), sustentando que o que não se abala na cura são esses traços, incorporados ao eu. Eles, assim como o fator letal pulsional, constituem o incurável. Curioso é observar que Freud aposta na cura das neuroses traumáticas. Mas, desses fatores que incidem na constituição do instante traumático deixa-nos esse legado. Veremos essa articulação quando trabalharmos as neuroses traumáticas no capítulo 3.

Após esse segundo esquema, Freud escreve que as percepções que têm efeito sobre o sistema *Pcpt.* (pólo perceptivo / pólo sensorial / sistema perceptivo) conservam como duradouro algo mais do que seu conteúdo. Elas se enlaçam à memória por associação, como já observamos. Todavia, acrescentemos que pelos diferentes sistemas de memória (traços mnêmicos), a “mesma” excitação propagada pelo sistema *Ics /Pcs.* sofrerá fixações (*Fixierung*) diversas. O primeiro sistema terá fixação por simultaneidade, e os que estão mais afastados do mesmo material poderão ordenar-se conforme outras relações: semelhança, contigüidade, etc. Os traços mnêmicos não são passíveis de significação (*Bedeutung*)

46

Mnem. = sistemas mnêmicos (*Er* = *Erinnerungsspur*). FREUD, 1900- [1899]/1996, p. 569.

psíquica. Somente no sistema *Pcs.* se oferece essa possibilidade⁴⁷. O esquema segue sendo da percepção à motilidade. Entre “couro e carne”: o inconsciente. Mas a direção que lhe interessa para o funcionamento do aparelho já está determinada. Vejamos:

Fig.

3⁴⁸

Enfim, o que faz problema a esse primeiro aparelho reflexo é o Inconsciente e a regressão temporal. Mas isso já sabíamos! É só retomarmos a carta 52... Por que Freud volta? O que persegue? Por que num lugar temos 'x' ("Carta 52"), e em outro lugar temos um aparelho ótico? Pode ser porque a *temporalidade* se escreve nesse esquema. A Freud lhe interessa a regressão temporal, por motivos clínicos, seja do sonho, seja das psiconeuroses. Desde já, deixemos colocado que, embora o inconsciente seja *atemporal*, existem temporalidades paradoxais, tais como o *Nächträglichkeit*, a importância da repetição e da compulsão à repetição, as diferenças entre rememoração e repetição, dentre outras.

Como disse Lacan, nada se complicaria nessa articulação da primeira tópica, a não ser por ter incluído a temporalidade (Lacan, 1954-1955). A primeira tópica é mais uma *tópica temporal* e também é uma *tópica espacial*, a considerar pelas observações de Freud de 1920.

⁴⁷ Como podemos acompanhar, existe nessa proposta uma referência permanente à Carta 52.
⁴⁸ FREUD, 1900- [1899]/1996, p. 571.

Acrescentamos, que a introdução das pulsões no arco reflexo (FREUD, 1915a/2008, AE. v. 14, p. 116) é índice de uma busca permanente pelo arcabouço para uma clínica que punha no centro da cena as psiconeuroses de defesa. Disso se recolhe a importância dada à regressão.

Os processos que regem o funcionamento de aparelho são dois: o processo primário, trajeto de sentido regressivo (Motilidade – Percepção), busca a identidade de percepção e produz a alucinação. O processo secundário, cujo funcionamento se faz no sentido progressivo (Percepção – Motilidade) busca a identidade de pensamento e produz inibição, possibilitando a memória inconsciente.

São os *apertos* da regressão temporal (LACAN, 1954-1955) que criam os paradoxos aos sistemas. Freud se pergunta em qual sistema teremos de localizar o impulso da formação dos sonhos? A definição do desejo lhe permite responder sem duvidar: no *Ics*. Embora o pré-consciente possa partilhar da formação do sonho através da elaboração secundária, ele já tinha advertido que ela não era a primeira protagonista. Os sonhos se formam por regressão⁴⁹, e a censura possibilita que esse trabalho se realize nesse sentido regressivo.

Essa regressão (*Regression*) é típica dos sonhos, mas não exclusiva. Outros processos de pensamentos – como, por exemplo, a rememoração – também são afetados por esse movimento retrocedente (*Rückschreiten* – *caminho para atrás*), dentro do aparelho, indo desde o complexo de representações até os traços mnêmicos. Porém, no estado de vigília esse movimento retrocedente (*Zurückgreifen* - *retrogressão*)⁵⁰ não consegue produzir a animação alucinatória das imagens perceptivas.

Mas por que acontece isso no sonho? Primeira resposta: se investe o sistema Pcpt. (pólo perceptivo/ pólo sensorial/ sistemas perceptivos) com pleno direito da *vividez* sensorial.

⁴⁹ Em *Estudos sobre a Histeria* (1895), Breuer se refere às alucinações e indica que deve haver uma excitação “retrocedente” que emana do órgão da memória e atua sobre o aparelho perceptivo através das representações.” (FREUD, 1900 [1899] /1996, v. 5, p. 573.

⁵⁰ Acompanhamos as diferenças estabelecidas na edição AE, v. 5, p. 536.

A seguir, ele mesmo faz uma crítica, indicando a complexidade desses argumentos. Mas o autor não abandona sua insistência na regressão, e munido das idéias sobre o trabalho do sonho, acrescenta: “*Na regressão a trama dos pensamentos oníricos descompõe-se em sua matéria prima*” (FREUD, Ibid, v. 5, p. 574, grifos do autor). Ou seja, vamos da representação (*Vorstellung*) para a imagem sensorial. No capítulo 1 observamos que em 1900 Freud não tinha escrito a expressão *Vorstellungrepräsentanz*, porque lhe faltava sua teoria das pulsões.

Por essa via argumentativa se esclarece a questão sobre o *cuidado com a figuração* e com a *consideração à representabilidade*, uma vez que pode ser vinculado com “a *atração seletiva* exercida pelas cenas visualmente lembradas em que os pensamentos oníricos tocam”. (FREUD, Ibid, v. 5, p. 578, grifos do autor) Dita *atração seletiva* também se localiza na formação de sintomas dos neuróticos. Lembremos os três tipos de regressão: (1) regressão *tópica*, pelas diferentes facilitações e conexões no sistema ψ ; (2) regressão *temporal*, retorno às estruturas psíquicas mais antigas (as Wz, (*Wahrnehmungszeichen*, que *elidem algo* das impressões, *Prägung*); (3) regressão *forma*, onde os modos de figuração primitivos substituem os habituais. Apesar dessas diferenciações, as regressões são processos que possibilitam uma completa catexia alucinatória do sistema perceptivo.

Então, encontramos aqui, a partir desse percurso, o que nos interessa destacar nesse processo de regressão, que justifica a figuração-desfiguração, qual seja, o sonhar implica um trabalho de regressão que pode comprometer a *transmutação* dos *materiais* em jogo. Em 1917, no “Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos”, fica esclarecido como os pensamentos podem ser transformados em imagens visuais: “isto é, as apresentações da palavra são levadas de volta às apresentações da *coisa* (*Sachvorstellung*) que lhes correspondem, como se, em geral, o processo fosse dominado por considerações de *representabilidade*” (FREUD 1917 [1915]/1996, v. 14, p. 233)

No melhor estilo “tanguero”, Isidoro Vegh, fala para Freud: “Bien Maestro⁵¹, essa é a dica: o que chega a nossa consciência não é uma percepção pura que nos aproxima sem nenhum tipo de desvio da realidade. O que chega à nossa consciência passou pela *peneira* do inconsciente”. (VEGH, 2010, grifo nosso, tradução livre) Parece-nos ser um modo certo de dizer sobre essa questão da ficção do aparelho psíquico.

Não podemos dar o próximo passo sem nos determos nas considerações de 1915, que, por sua vez, retomam às de 1891. Freud está articulando o conceito de recalque, pulsão, inconsciente e suas considerações numa teoria sobre o narcisismo.

Notas sobre três *conceitos* fundamentais

Para melhor compreensão do que nos interessa debater sobre a regressão da representação às imagens a partir da *Primeira tópica* e da interpretação dos sonhos (1900), damos um *pequeno* pulo no tempo e realizamos uma leitura sucinta sobre os conceitos de pulsão, recalque e inconsciente, tal como foram articulados em 1915. Eles permitirão acompanhar a leitura de 1900 “com outros olhos”.

Pulsão (*Trieb*)⁵²

Sobre a pulsão: é uma força de choque, mas uma força constante, (endógena), que se define como conceito fronteira entre o psíquico e o somático. Uma pulsão jamais poderá ser recalçada, somente sua agência representante de pulsão (*Triebrepräsenz*), também

⁵¹ Aqui entre Regente de orquestra e Mestre.

⁵² FREUD 1915/2008; AE, v. 14, pp. 107 – 134. FREUD 1915/1996, SE., v. 14, p. 116-144.

chamada agência representante-representação, ou lugar-tenente da representação, *Vorstellungrepräsentanz*. A pulsão – mito e conceito – se descompõe em: (1) esforço ou pressão (*Drang*)⁵³, que é a soma de força ou a medida de trabalho que ela representa; (2) meta ou finalidade (*Ziel*) que é a satisfação da pulsão que se alcança ao cancelar o estado de estimulação na fonte da pulsão; (3) objeto (*Objekt*), aquilo através do qual se alcança a meta. Uma observação é que a pulsão pode, por fixação ao objeto, pôr termo à sua mobilidade; (4) fonte (*Quelle*), o processo somático interior a um órgão ou a uma parte do corpo cujo estímulo é representado (*repräsentiert*) na vida anímica, pela pulsão. É pela fonte que se podem diferenciar as pulsões. Quatro são os destinos da pulsão sexual (*a*) Reversão a seu oposto; (*b*) Retorno em direção ao próprio eu (self) do indivíduo; (*c*) Repressão e (*d*) Sublimação. Lembremos ainda o dualismo entre (1) pulsão sexual / pulsão do ego (autopreservativas) (1915a); (2) Pulsão de vida (pulsão sexual e pulsão do ego) / Pulsão de morte (1920). Todavia, a passagem do primeiro para o segundo dualismo foi orientada pela pesquisa sobre o narcisismo que o levou a diferenciar, na libido narcisista, a libido do ego e a libido de objeto. (FREUD, 1915a/1996, v. 14, p. 116 - 144)

Repressão (*Verdrängung*)⁵⁴

Trata-se de um dos destinos da pulsão. A repressão é um dos mecanismos de defesa do ego. Divide-se em: (1) *Repressão Primordial* ou *Primeva*, através da qual a agência representante psíquica (*Vorstellungrepräsentanz*) da pulsão vê denegada a sua admissão no consciente. Estabelece-se uma *fixação*. A *Vorstellungrepräsentanz* persiste *imutável* e a pulsão continua a ela ligada, por fixação. (2) *Repressão propriamente dita* que recai sobre os

⁵³ Sobre os quatro “componentes” da pulsão, incluímos a tradução em espanhol, português e alemão, respectivamente.

⁵⁴ FREUD 1915/2008; *AE*, v. 14, p. 135-152. FREUD 1915/1996, *SE.*, v. 14, p. 145-162.

rebentos psíquicos (derivados mentais) da *Vorstellungrepräsentanz* reprimida e sobre itinerários de pensamentos, que podem entrar em vínculos associativos com ela. Por causa disso, tais representações experimentam o mesmo destino que o recalcado primordial. Trata-se de um “esforço de dar caça” (*Nachdrängen*) ou “repressão ulterior” (*Nachverdrängung*). Podemos apreciar aqui a temporalidade *nachträglich*.

A repressão primordial atua como pólo de atração constante para novas repressões. A manutenção de uma repressão acarreta ininterrupto dispêndio de força. Sua interrupção significa uma poupança desse gasto econômico. Tal gasto constante que a repressão exige do aparelho se manifestará, após a definição da Segunda Tópica (Ego, Id, Supereu), nas *resistências* operadas pelo Ego que pressupõe uma *anticatexia* (*contrainvestimento*) para manter “à raia” o recalcado.

Considera-se uma diferença a partir da repressão, entre os destinos da *Vorstellungrepräsentanz*. A mesma se compõe por (a) uma representação (*Vorstellung*) ou grupo de representações; (b) o *montante ou quota de afeto* (*Affekbetrag*) que representa (*räpresentieren*) à pulsão. A cada repressão há de se pesquisar qual o destino da *Vorstellung* e qual o destino da *quota* de afeto. O destino da *Vorstellung* é desaparecer do consciente – se já foi consciente – ou seguir afastada da consciência, caso estivesse prestes a se tornar consciente. Já o fator quantitativo (*Afekt* – afeto ou *Affekbetrag* – quotas de afeto) tem três destinos possíveis (a) a pulsão é sufocada (*Unterdrückt*) por completo de modo a nada saber dela, (b) sai à luz como um afeto e (c) em 1915 o terceiro destino seria transposição em angústia. Porém, em 1926, com a reformulação da teoria da angústia, isso será modificado. Veremos mais adiante em detalhes. Agora é suficiente dizer que a libido (energia pulsional) já não é considerada como algo que, diretamente, possa provocar angústia. A energia pulsional deve ser entendida no sentido de energia física: cinética e potencial. Essa indicação é de Lacan, quem nos oferece alguns exemplos de usinas e máquinas que produzem entropia.

Assim como posteriormente serve-se da entropia para apontar a relação da linguagem com o real.

Inconsciente (*Unbewusste*)⁵⁵

Somente recortaremos uma questão que Freud se coloca, e as respostas que ele se dá, e que se encontram no capítulo II “Vários significados de ‘o inconsciente’, o ponto de vista topográfico”.

Citemos a pergunta de Freud que se divide em duas partes:

Se vamos considerar seriamente a topografia dos atos mentais, devemos dirigir nosso interesse para uma dúvida que surge nesse ponto. Quando um ato psíquico (limitemo-nos aqui a um ato que seja da natureza de uma ideia⁵⁶) é transposto do sistema *Ics.* para o sistema *Cs.* (ou *Pcs.*), devemos nós supor que essa transição acarreta um registro novo — por assim dizer, um segundo registro — da ideia em questão, que, assim, pode também ser situada numa nova localidade psíquica, paralelamente à qual o registro inconsciente original continua a existir? Ou, antes, devemos acreditar que a transposição consiste numa mudança no estado da ideia, mudança que envolve o mesmo material e ocorre na mesma localidade? (FREUD, 1915c/1996 v. 14, p. 178-179)

Após breves considerações da pertinência dessa questão, Freud responde o seguinte que dividimos para melhor compreensão:

A primeira pergunta, “Se vamos considerar seriamente a topografia”, é a versão *topográfica*. Considera que a fase *Cs.* da representação acarreta uma nova transcrição — ou registro — localizada em outro lugar. É a versão “grosseira”. Tratar-se-ia da dupla inscrição

⁵⁵ FREUD 1915/2008; AE, v. 14, p. 153-213. FREUD 1915/1996, SE., v. 14, p. 163-227.

⁵⁶ Em nota de rodapé se indica que a palavra alemã escrita aí é “*Vorstellung*”.

em sistemas diferentes. Esse suposto se enlaça a uma separação entre os sistemas *Ics.* e *Cs.* e à possibilidade que uma representação esteja presente ao mesmo tempo em dois lugares do aparelho psíquico, e que se possa trasladar regularmente de um lado ao outro, se não estiver inibida, sem perder sua primeira transcrição. Essa hipótese é coerente com a proposta da Carta 52 e do Bloco mágico, conforme vimos no capítulo 1. Freud acrescenta que se pode acompanhar por observações da clínica psicanalítica, por mais que possa parecer estranha. Por exemplo, se comunicamos uma construção a um analisante, ele pode reagir rechaçando-a, mas já lhe fornecemos uma pista. Entretanto, cabe destacar a diferença fundamental entre a representação consciente (a que foi comunicada) e o traço mnêmico inconsciente. Para cancelar a repressão é preciso que, vencendo as resistências, ambos entrem em contato. “Ouvir algo e experimentar algo são, em sua natureza psicológica, duas coisas bem diferentes, ainda que o conteúdo de ambas seja o mesmo” (FREUD, 1915c /1996, v. 14, p. 180).

A segunda pergunta “Ou, antes, devemos acreditar que a transposição... “supõe uma mudança de estado puramente *funcional*, é a mais verossímil, a mais prática e de manejo mais difícil. Ela é retomada no capítulo 4 “Topografia e dinâmica da repressão”. Inicia dizendo que a repressão é um processo que afeta as representações na fronteira entre o *Ics.* e o *Pcs.-Cs.* Trata-se de uma nova explicação com suporte na teoria econômica. Deve tratar-se de uma retirada da catexia (investimento), mas a pergunta é: de que sistema se retira essa catexia? A representação recalçada permanece no *Ics.*, e deve ter uma catexia. Ele disse: o subtraído tem que ser algo diferente. E de fato isso se explica depois. Entretanto, tomará como exemplo a *repressão propriamente dita* (“repressão ulterior”, *Nachverdrängung*). Tomará como exemplo a repressão propriamente dita (“repressão ulterior”, *Nachverdrängung*). Nesse caso, a repressão consiste em que seja subtraída da representação a investidura *Pcs.* A representação quedaria não investida, recebendo ou conservando a investidura do *Ics.* Notemos, além disso, que Freud indica que essas reflexões servem-lhe “intencionalmente” para indicar que a

transição do *Ics.* ao *Pcs.* não se processa pela efetuação de um novo registro, mas pela modificação em seu estado, ou seja, uma alteração de suas catexias. “A hipótese funcional anulou facilmente a tópica” (FREUD, 1915c/1996, v. 14, p. 185).

Sejamos francos. Não esperávamos por essa observação! E as considerações do “Bloco Mágico” (1925), onde ficariam? Considerações a serem realizadas nove anos depois! E as considerações de Lacan nos seus primeiros seminários, sobre a *Prägung* traumática, sobre sua teoria do significante, oriunda das diferenças entre significante e significado? Onde ficariam?

Enfim, tivemos que dar ainda outros passos que serão relatados aqui e no próximo capítulo.

O primeiro passo foi constatar, de novo, que o *aparelho neuronal* foi incluído como apêndice no final do texto “O Inconsciente” (1915). O segundo passo foi perceber que antes do final temos a famosa passagem sobre a diferença do tratamento das palavras entre a esquizofrênica de Tausk e a neurose trabalhada por Breuer, Freud e outros. O terceiro passo foi encontrar uma consideração de Garcia-Roza (2000, v. 3, p. 220-229), quem coloca sua opinião a esse respeito, sustentando que não parecem ser supostos excludentes, apesar da afirmação de Freud, que a hipótese topográfica refere-se à *repressão primeva*, que se faz no sentido *Ics.* → *Pcs.* e que a hipótese funcional, como o próprio Freud exemplifica, refere-se à *repressão propriamente dita*, portanto, o recalçamento posterior em sentido *Ics.* ← *Pcs.* Mas a pergunta fica em aberto, simplesmente por considerarmos que o sentido “→” exclui o *nachträglich*, que é a temporalidade do trauma e do sujeito. Ilustremos com uma frase de Lacan, quando se pergunta pelo suprimido (*Unterdrückt*), a respeito do Homem dos Lobos, no Seminário “A lógica da fantasia”: “O que é então o recalçado? Bem, por mais paradoxal que

isso pareça, o recalcado como tal, no nível dessa teoria não se suporta – no está ESCRITO – senão no nível de seu retorno” (LACAN, 1966-1967, 14 de dezembro de 1966, p. 92).

Voltemos a Freud, após falar do dispêndio de energia da repressão e do contra-investimento exercido pelo *Pcs.* (nesse momento ele não fala do Ego, nesses termos), dá diferentes exemplos sobre a tópica e a dinâmica da repressão⁵⁷. Finalmente, explica, nesse contraponto entre esquizofrenia e neurose, como considera a noção de *Vorstellung*. Nesse parágrafo incluímos entre parênteses algumas palavras da *Edição Amorrortu* para melhor compreensão. Foi imprescindível, para nós, escrevê-lo em toda a sua extensão:

O que livremente denominamos de apresentação consciente do objeto (*representación-objeto [Objektvorstellung]*) pode agora ser dividido na apresentação da palavra (*representación-palabra [Wortvorstellung]*) e na apresentação da coisa (*representación-cosa [Sachvorstellung]*); a última consiste na catexia, se não das imagens diretas da memória da coisa (*imagen mnêmica directa de la cosa*), pelo menos de traços de memória mais remotos derivados delas. Agora parece que sabemos de imediato qual a diferença entre uma apresentação (*representación*) consciente e uma inconsciente⁵⁸. As duas não são, como supúnhamos, registros diferentes do mesmo conteúdo em diferentes localidades psíquicas, nem tampouco diferentes estados funcionais de catexias na mesma localidade; mas a apresentação (*representación*) consciente abrange a apresentação da coisa (*representación-cosa*) mais a apresentação da palavra (*representación-palabra*) que pertence a ela, ao passo que a apresentação (*representación*) inconsciente é a apresentação da coisa (*representación-cosa*) apenas. **O sistema *Ics.* contém as catexias da (*de*) coisa dos objetos**, as primeiras e verdadeiras catexias objetais; **o sistema *Pcs.* ocorre quando essa apresentação da coisa (*representación-cosa*) é hipercatexizada através da ligação com as apresentações da palavra (*representación-palabra*) que lhe correspondem**. São essas hipercatexias, podemos supor, que provocam uma organização psíquica mais elevada, possibilitando que o processo primário seja sucedido pelo processo secundário, dominante no *Pcs.* Ora, também estamos em condições de declarar precisamente o que é que a repressão nega à apresentação rejeitada nas

⁵⁷ No capítulo 3 voltaremos a esses exemplos, em particular para considerar o tratamento dado à histeria da angústia, no caso do homem dos Lobos.

⁵⁸ Em nota de rodapé reza: em *Luto e melancolia*, Freud substituiu *Sachvorstellung* pelo sinônimo *Dingvorstellung*, já usado na *Interpretação dos Sonhos* (1900).

neuroses de transferência: o que ele nega à apresentação (*representación*) é a **tradução** em palavras que permanecerá ligada ao objeto. Uma apresentação (*representación*) que não seja posta em palavras, ou um ato psíquico que não seja hipercatexizado, permanece a partir de então no *Ics.* em estado de repressão. (FREUD, 1915c/1996, v. 14, p. 205-206)

Para melhor compreensão desse trecho, retomemos a advertência de Strachey quando inclui trechos do texto “*Aphasien*” (1891), no fim do texto “O inconsciente”, no Apêndice C “Palavras e coisas”. (FREUD, 1915c/1996, v. 14, p. 217).

O que Freud denomina *Representación-objeto (Objektvorstellung)* não é o mesmo em 1891 e em 1915.

Em 1891

Representación-objeto (Objektvorstellung), em 1891 = *Representação-coisa (Sachvorstellung)* em 1915 ou (*Dingvorstellung*), em 1917 [1915].

Em 1915:

Ics. / *representação-coisa (Sachvorstellung)* ou (*Dingvorstellung*)

Pcs. / *representación-objeto (Objektvorstellung)* consciente, se divide em:

representação-coisa (Sachvorstellung) ou (*Dingvorstellung*)

+

representação-palavra (Wortvorstellung)

No inconsciente temos *representação-coisa* (*representação-objeto*: imagem visual, tátil, acústica). No *Pcs.* temos *representação-coisa* (imagem visual, tátil, acústica) + *representação-palavra* (imagem sonora, imagem de leitura, imagem motora). Além da relação simbólica entre a *representação-palavra* e a *representação-objeto* (no laço entre a imagem sonora e a imagem visual), já nos foi advertido que *das Ding* é estrangeira. Entre Percepção e Consciência: o inconsciente, ou “a peneira”. O ser falante tem “existência de linguagem”

(LACAN, 1958-1959). É um dos modos que Lacan tem de falar do trauma e da *dor de existir*. As percepções estão contaminadas pelo *aparelho de linguagem*. As imagens sonoras e as imagens acústicas não são *o referente* da coisa. Elas são *na Trama*.

Nosso entendimento é que temos aí duas vertentes (1) O traumático entendido como uma regressão que *não é sem* a “peneira” do inconsciente, causada pelos traços mnêmicos (*Erinnerungsspur*) do visto e do ouvido e afetando o sistema P-Cs. (2) O *instante traumático*, ou *momento traumático*, entendido como uma *impressão* (*Prägung*) que resta “em elisão” e que proporciona *vividez* sensorial, sem inscrição (*Niederschrift*) e sem transcrições. Retomaremos nos próximos capítulos para salientar a expressão do instante traumático como “instante de ver”, conforme propôs Lacan em diferentes momentos do seu ensino.

Acheronta movebo

No início do apartado referido, depois de fazer menção ao sonho *Pai não vê que estou queimando*⁵⁹, Freud afirma que devemos examinar o sonho desde dois pontos: (a) como realização de desejos e (b) enquanto a significação dos pensamentos da vigília presentes no sonho. Onde se originam esses desejos? No contraste entre a vida diurna conscientemente percebida e a atividade psíquica do inconsciente que dá vazão ao trabalho do sonho. A seguir, nos dá três possíveis procedências do desejo: (a) produzido durante o dia, por não ter sido satisfeito, o desejo permanece como reconhecido e insatisfeito; (b) pode ter surgido durante o dia e ter sido rejeitado, trata-se do desejo recalcado e insatisfeito; (c) desejo fora de toda relação com a vida diurna que emerge do recalcado. Uma quarta fonte se adenda a essa série: as moções de desejo surgidas durante a noite (sede, necessidade sexual, etc).

⁵⁹

Retomaremos no capítulo 3 os comentários de Lacan sobre o mesmo.

Freud avança até afirmar que necessariamente deve ser acrescentado outro fator aos desejos insatisfeitos na vida diurna, e que, portanto, ele considera que o desejo consciente somente se constitui em um estímulo para a formação do sonho quando consegue despertar, atingir, um desejo inconsciente do mesmo teor, e dele obter esse reforço. A partir dessa hipótese retoma o estudo das neuroses e do material recalcado. Conclui que no sonho a realização de desejos depende do material inconsciente e que o desejo *representado* no sonho tem que ser um *desejo infantil*. O sonho se materializa porque o desejo pré-consciente toma toda sua força de outro lugar: no *Ics. Flectere si nequeo súperos, Acheronta movebo!*⁶⁰ Foram as psiconeuroses que lhe fizeram saber sobre o poder dos desejos inconscientes, sempre alertas, à espreita da boa oportunidade para se aliarem às moções conscientes, pelas transferências de intensidade. O desejo inconsciente tem um caráter indestrutível, assim como todos os outros atos inconscientes, que pertencem, portanto, ao sistema *Ics*.

São vias estabelecidas de uma vez por todas que jamais caem em desuso e que, sempre que uma excitação inconsciente volta a catexizá-las, estão prontas a levar o processo excitatório à descarga. Para usar um símile, eles só são passíveis de aniquilamento no mesmo sentido que os fantasmas do mundo subterrâneo da Odisséia – fantasmas que despertavam para uma nova vida assim que provavam o sangue. Os processos que dependem do sistema pré-consciente são destrutíveis num sentido muito diferente. A psicoterapia das neuroses baseia-se nessa distinção. (FREUD, (1900[1899])/1996, v. 5, p. 583)

O âmago de nosso ser está feito dessa *matéria*. O traumático, diz Lacan (1958-1959) é termos existência de linguagem. Porque ela se promove até esse núcleo. Isso é freudiano.

⁶⁰ *Flectere si nequeo súperos, Acheronta movebo*. “Se não posso dobrar os poderes superiores, moverei o inferno, o rio Aqüeronte”. Frase com a qual Freud abre a *Interpretação dos sonhos* indicando a força do desejo indestrutível.

Os que perturbam são os restos diurnos.... do ouvido, do visto

As moções de pensamento que persistem no sono no *Pcs.* são: (a) processos que durante o dia não se manifestam, pois foram interrompidos por uma circunstância qualquer; (b) o que não foi tratado nem resolvido devido à insuficiência da capacidade intelectual; (c) aquilo que rejeitamos e reprimimos durante o dia; (d) um poderoso grupo que consiste no que foi ativado no *Inc.* pelo *Pcs.*; (e) o grupo dos restos diurnos, quer dizer, das impressões diurnas indiferentes e sem derivação.

A importância dos restos diurnos se deve às intensidades psíquicas que os mesmos introduzem no estado de repouso, constituindo excitações que tentam alguma possibilidade de expressão. Freud assinala que durante o repouso o *Pcs.* recebe uma modificação da carga psíquica, coisa que não acontece com o sistema *Inc.* Assim, o *Pcs.*, privado da descarga motora (pelo próprio estado de repouso), tem que procurar derivações das excitações pelas mesmas trilhas que as que procura o sistema *Inc.* Segue-se uma extensa descrição do valor destes restos diurnos que tomam a energia psíquica do *Ics.* Para poder expressar-se, da qual destacamos dois pontos essenciais: devem ser *indiferentes* e *recentes*.

As representações inconscientes que foram recalcadas não têm possibilidade de acessar ao *Pcs.* a não ser transferindo uma carga ou intensidade ao resto diurno. Este último, por ser indiferente, não corre risco de cair sobre os efeitos da censura da resistência. Os restos diurnos tomam do inconsciente a força impulsora do desejo recalcado. São os restos diurnos que perturbam. O papel fundamental destes restos diurnos permite a Freud dar o valor à sua afirmação de que **todo sonho é uma realização do desejo inconsciente**, o qual se constata quando descreve os sonhos de angústia e os sonhos de punição.

Segundo Intermezzo. O sonho traumático.

Além do sonho de Irma ao qual apenas aludimos, queremos agora nos deter no sonho que abre o capítulo VII da *Interpretação dos sonhos* para trazer, nesse momento, os comentários tecidos por Freud⁶¹. Ele escreve esse sonho que aparentava contradizer sua hipótese fundamental sobre o sonho, qual seja, ele é uma realização de desejo.

O texto do sonho:

As condições preliminares desse sonho-padrão foram as seguintes: um pai estivera de vigília à cabeceira do leito de seu filho enfermo por dias e noites a fio. Após a morte do menino, ele foi para o quarto contíguo para descansar, mas deixou a porta aberta, de maneira a poder enxergar de seu quarto o aposento em que jazia o corpo do filho, com velas altas a seu redor. Um velho fora encarregado de velá-lo e se sentou ao lado do corpo, murmurando preces. Após algumas horas de sono, o pai sonhou que *seu filho estava de pé junto a sua cama, que o tomou pelo braço e lhe sussurrou em tom de censura: “Pai, não vês que estou queimando?”*. (FREUD, 1900 [1899]/1996, v. 5, p. 541)

O comentário feito a seguir indica que uma primeira explicação lhe foi transmitida pela paciente que tinha lhe relatado o sonho⁶². O clarão de luz teria chegado pela porta aberta até os olhos do pai adormecido e lhe fez concluir que uma vela caída teria provocado um incêndio perto do corpo do filho. É possível, também, que esse pai fosse dormir com a preocupação de que o velho guardião, que cuidava do cadáver, não fosse capaz de cumprir a tarefa que lhe estava encarregada.

⁶¹ No capítulo 3 nos deteremos nos comentários que Lacan fez ao redor desse sonho, em 1964.

⁶² Curioso é sabermos que ela não o tinha sonhado, mas que essa explicação foi-lhe dada por quem tinha lhe informado acerca desse sonho.

Segundo Freud, nada se tem que modificar dessa “interpretação”, somente acrescentar que a *sobredeterminação* do conteúdo desse sonho deve estar implícita:

[...] as palavras proferidas pelo menino devem ter sido compostas de expressões que ele realmente proferira em vida e que estavam ligadas a acontecimentos importantes no espírito do pai. Por exemplo, “*Estou queimando*” pode ter sido dito em meio à febre da doença fatal da criança e “*Pai não vê?*” talvez tenha derivado de alguma outra situação altamente carregada de afeto que nos é desconhecida (FREUD, 1900 [1899]/1996, v. 5, p. 541-542).

A seguir, ele dá uma segunda indicação, dividida em duas partes. Na primeira parte, Freud diz que o sonho segue sendo declarado como realização de um desejo. Mas, qual? Temos que considerar as instâncias psíquicas. O pensamento onírico rezava: “Vejo um clarão vindo do quarto onde jaz o cadáver. Talvez uma vela tenha caído e meu filho esteja ardendo!”. (FREUD, 1900[1899]/1996, v. 5, p. 564) O sonho reproduziu essas reflexões representando-as numa situação atual a ser percebida pelos sentidos como uma experiência de vigília. Essa é a característica mais geral: um pensamento desejado que se objetiva no sonho, ele sendo representado numa cena ou vivenciado. Trata-se, continua Freud, da característica *psicológica* mais geral e *mais notável* do trabalho do sonho: “um pensamento, geralmente um pensamento sobre algo desejado, objetiva-se no sonho, é representado como uma cena, ou, segundo nos parece, é vivenciado”. (FREUD, 1900[1899]/1996, v. 5, p. 565) O que desperta não é a vela caída, são os pensamentos. Na segunda parte dessa segunda observação, Freud se pergunta: como explicar essa peculiaridade característica do sonho ou mesmo como descobrir um lugar para ele na trama dos processos psíquicos. Eis que encontramos o que nos interessa desse sonho traumático que acorda o pai, com a frase proferida do filho, que indica o inominável, o *umbigo do sonho*. Citemos:

Se examinarmos o assunto mais de perto, observaremos que dois aspectos quase independentes ressaltam como característicos da forma assumida por esse sonho. Um deles é o fato de o pensamento ser representado como uma situação imediata em que o “talvez” é omitido, e o outro é o fato de que o pensamento se transforma em imagens visuais e em fala (FREUD, 1900[1899]/1996, v. 5, p. 565).

Observemos que na versão *Amorrortu* consta “imagens visuais e em ditos”. São os restos do visto e do ouvido. Por que, no sonho, o pai vê o clarão, reflete, e depois vê o filho e lhe ouve dizer *Pai, não vês? A genialidade* de Freud não pára aí. Porque essa divisão da interpretação do sonho entre gramática e figuração traz consequências que muito nos interessa destacar.

Por um lado, na análise gramatical, Freud observa que os pensamentos oníricos (latentes) transmudaram as palavras do filho e fizeram articular o presente do indicativo omitindo o “talvez”. Será que o talvez foi *Unterdrückt*? Perguntamo-nos. Será que foi “puxado para abaixo”, “suprimido”, para permitir a chispa poética da frase do filho, por mais perturbadora que ela seja? Mas vejamos que *omitir o “talvez”* é a interpretação de Freud. A mesma lhe serve para sustentar que o presente é o tempo do desejo, ou como ele escreve “O presente é o tempo em que os desejos se representam como realizados” (FREUD, 1900 [1899]/1996, v. 5, p. 566) Entendemos que nessa torção gramatical apontada – a passagem para o presente – ele cava a fresta por onde, nesse sonho de angústia, passa sorrateiramente a realização de desejo: o filho, ainda vivo, diz. Embora, como veremos, essa frase comove o pai até o fracasso da sua função. Mas, continuando com Freud, ele vai comparar esse sonho do pai com o sonho de Irma, para nos dizer que, neste último, o desejo não se distancia da vigília, e que, portanto, a frase desse sonho é desiderativa: o pensamento onírico latente no modo optativo (subjuntivo) “Oxalá Otto fosse responsável pela doença da Irma” (FREUD, Ibid, p. 565) se realiza como pensamento onírico manifesto, no presente do indicativo “Sim, Otto é responsável pela doença da Irma”. (FREUD, Ibid, p. 565).

Essa articulação fina lhe permite passar do sonho ao devaneio (fantasias diurnas) que tanto ocuparam as histéricas e sua relação com a bissexualidade. O tratamento do conteúdo das fantasias diurnas é o mesmo! Mas também aquele velho Sr. Joyeuse, que desempregado vagava pelas ruas sonhando com um presente melhor⁶³, pode nos lembrar, sem dúvida, os imigrantes. Por que não? Continua Freud, dizendo que nas fantasias diurnas não há essa transmutação dos pensamentos em imagens. Aqui se liga quase imperceptivelmente as alucinações das histéricas assim como tinham sido trabalhadas nos primeiros anos com as psiconeuroses de defesa. Uma última observação sobre o sonho do pai refere-se ao desejo pré-consciente de dormir. Esse anseio, que nada tem a ver com a realização de desejo, essa que pulsa desde o inconsciente (FREUD, *Ibid.*, p. 562).

Retomaremos esse sonho no capítulo 3, trazendo as elaborações de Lacan. As mesmas permitem diferenciar: a realização do sonho (entrelaçamento entre o imaginário e o simbólico) e o umbigo do sonho (índice de um real), que interrompe o trabalho do sonho.

Freud se ocupou de diferenciar os sonhos de angústia e os de punição. Ambos se ligam com nossas reflexões sobre o trauma.

Os sonhos de angústia realizam um desejo inconsciente. Embora o conteúdo das ideias latentes seja penoso, dita realização não pode deixar de ser reconhecida. São duas as opções no que diz respeito às representações penosas: elas podem ser deformadas a tal ponto de converter o desprazer em prazer, ou elas podem ser menos desfiguradas e dessa maneira passar ao conteúdo manifesto do sonho, quase no seu estado original. Um *detalhe* não sem importância: o desejo inconsciente, recalcado, pode servir-se do conteúdo penoso de um resto diurno para realizar-se, lembremos que ditos restos diurnos conservam uma catexia psíquica à disposição do desejo inconsciente. Neste ponto Freud articula o material recalcado com o eu, e pode dizer que nem sempre concordam a satisfação de um com a do outro. Tratando-se da

⁶³ É Freud quem nos traz o poeta Daudet.

satisfação produzida pelo desejo recalcado, pode dar-se o caso que ela seja tão intensa que equilibre os afetos penosos, correspondentes aos restos diurnos. Neste caso, o sonho apresenta um matiz afetivo indiferente, constituindo tanto a satisfação de algo recalcado quanto à realização de algo temido. O eu pode reagir com uma carga que provoque afetos desprazerosos, chegando até à interrupção do repouso com a irrupção de angústia.

O despertar marca um fracasso na função que cuida do dormir. Se o sonho se faz no caminho retrocedente, em busca da percepção impossível – porque a *Prägung* não se atinge jamais, uma vez que não há regressão absoluta e completa ao pólo perceptual (esse é o esquema do sonho) – então, podem-se catexizar traços mnêmicos que dão a possibilidade de decifrar o cifrado. A fixação ao inconsciente remete a isso. O problema se apresenta quando a fixação ao trauma interrompe esse trabalho. Isso será explicado com mais recursos em 1920. Esse sonho do pai não se repete como os sonhos dos traumatizados de guerra. Aqui não há compulsão à repetição. Aqui há a vividez de algo que foi elidido, que não se suporta na frase do filho. A frase não tece o simbólico. Fica arrancada. Fracassa o trabalho do sonho e, então, o pai desperta.... para seguir dormindo, dirá Lacan. O umbigo do sonho faz limite ao trabalho do sonho e também à rememoração. O trauma resta como o inassimilável; a experiência sexual traumática precoce também. A trama se esgarça (DELGADO, 2005).

Trauma e fixação

Os desenvolvimentos metapsicológicos permitem a Freud aprimorar a etiologia das neuroses à luz dos conceitos de libido e de fixação. São as fixações que traçam o mapa pelo qual a libido investirá os objetos parciais, a começar pelo eu. A libido freudiana é sempre sexual.

Em 1917, Freud abre suas *Conferências sobre a doutrina general das neuroses*, intitulada “Fixação ao trauma: o inconsciente” perguntando-se sobre o que faz adoecer. O que faz com que alguém tome um evento nímio e se agencie uma doença que lhe incapacite? A pergunta pelas neuroses e sua etiologia, insiste aqui.

Destaquemos que, logo de saída – comparando as neuroses traumáticas (por acidentes ou por guerras) com as psiconeuroses – afirma que umas e outras têm um fator em comum, uma *concordância plena*, qual seja, trata-se da fixação ao “momento” traumático. Esse momento traumático se lhes impõe como uma tarefa atual inevitável e incontornável. Acompanhemos o que ele diz a seguir: *tomamos isso ao pé da letra*, porque essa fixação ao momento traumático nos ensina um caminho para uma consideração *econômica* (grifos do autor) dos processos psíquicos.

Realmente, o termo traumático não tem outro sentido senão o sentido econômico. Aplicando-o a uma experiência que, em um curto período de tempo, aporta a mente um acréscimo de estímulo excessivamente poderoso para ser manejado ou elaborado de maneira normal, e isto só pode resultar em perturbações permanentes da forma em que essa energia opera (FREUD, 1917 [1916-17]/1996, v. 16, p. 283).

Definindo o traumático como a incapacidade do neurótico de assimilar a experiência e a consequente reação do aparelho psíquico, em face de um sucesso carregado de afetos, Freud estende a fixação das neuroses traumáticas às psiconeuroses. Nas neuroses sempre encontramos fixações. A recíproca não é verdadeira. Há eventos que promovem fixações, mas não produzem uma neurose. Logo, a neurose pede fixação; a fixação não pede neurose. O exemplo simples de acompanhar é a fixação perante a perda de um ser amado, ou substituto; no caso do luto. A fixação entendida somente como evento traumático é necessária, mas não

suficiente, para responder sua questão. O que vai acrescentar é a presença imperativa do Inconsciente, para pensarmos a pergunta pelo adoecer.

Freud retoma os conceitos que já trabalhamos nesse capítulo (inconsciente, libido, repressão, regressão, pulsão, contra-investimento, define mais uma vez o sintoma como retorno do recalado, formação de compromisso) e abre a pergunta novamente:

As neuroses são endógenas ou exógenas?

Adoecemos de neurose por (1) uma inevitável e determinada constituição ou (2) por experiências prejudiciais (traumáticas)?

Adoecemos de neurose por: (1) fixação da libido e pelos outros aspectos da constituição sexual, portanto, a sexualidade infantil entendida como pulsional, com todos os elementos acima mencionados sobre a pulsão e considerando as diversas zonas erógenas que vão cavando os orifícios do corpo como satisfação e o outro como objeto de amor, ou, (2) pela pressão da frustração (*Versagung*), no sentido de denegar a satisfação.

Uma quota de humor freudiano indica a saída que ele nos propõe: “Parece-me que esse dilema, em sua totalidade, não se reveste de sensatez maior do que um outro dilema que eu poderia apresentar-lhes: um bebê surge por ter sido gerado por seu pai ou por ter sido concebido por sua mãe” (FREUD, 1917 [1916-17]/1996, v. 16, p. 350).

Deste modo, os valores da pergunta coordenada pelo “ou” – pergunta lógica, devemos dizer – devem ser incluídos porque são igualmente indispensáveis.

A causação da Neurose enquadra-se numa série que conta com constituição sexual e experiência (traumática), ou, se quisermos, fixação de libido e frustração. Para que a frustração externa torne-se patogênica, ainda devemos acrescentar a frustração interna.

O quadro da **Causação da neurose** (FREUD, 1917 [1916-1917] /1996, v. 16, p. 364), apresentado por Freud, é o seguinte:

Esquema da neurose= Disposição devida à fixação da libido + Experiência causal
(traumática) [do adulto]

A fixação da libido inclui a sexualidade infantil como experiências que integram: vivência de satisfação, a organização das fases libidinais, conforme a satisfação pulsional e a escolha do objeto de amor, que toma como marco o já mencionado Complexo de Édipo (existem menções sobre o mesmo, desde 1897, que já citamos). A sexualidade é uma experiência que não pode ser pensada sem o trauma, considerando: o fator econômico e as experiências que ficam fora de qualquer comércio associativo. Freud pergunta, antes mesmo de escrever esse quadro das séries complementares, onde encontra a libido as fixações: “nas atividades e experiências da sexualidade infantil, nas tendências parciais abandonadas, nos objetos da infância que foram abandonados” (FREUD, 1917[1916-1917], v. 16, p. 363).

Concordamos com Giansesi (2011) e Dunker (2011), a fixação pode ser considerada como causa eficiente. A fixação ao trauma faz parte dessa causa eficiente, propomos, lendo Freud. Ele nomeia sua conferência: A fixação ao trauma, o inconsciente. O Bloco mágico inscreve o perdido sempre a ser contado na relação ao Outro. O que se escreve é a experiência, ela própria. Cifra-se o *ato de fundação do sujeito*.

Ao igual do que as séries complementares, isso parece ser difícil de dividir. O trauma se inclui na estrutura, pelo seu valor econômico, pelo que deixa sem inscrição. É uma colocação com intenção de ser uma questão.

Nessa Conferência sobre o sentido dos sintomas, Freud destaca o valor da realidade psíquica, dando com isso um estatuto diferente à fantasia. Como já foi observado, isso não foi uma novidade. Porém, nesse momento em que ele nos oferece as séries complementares sobre a causação da neurose, essa observação recebe maior ênfase na clínica. Lendo atentamente, podemos observar que em momento algum se desestima o valor das impressões que um doente pode analisar, *nachträglich*. Há, sim, uma diferença que se refere à precisão nos detalhes que a experiência comporta. Passar do particular para o Universal da fantasia: de sedução, de castração, de comércio sexual dos adultos, é outro passo crucial. Por último, ainda nesse contexto, sua afirmação “no mundo da neurose, a realidade psíquica é a decisiva”, deve ser considerada.

Além disso, temos que dar relevância ao que foi o valor de pura construção gramatical, dado à fantasia, a partir da análise de uma frase fantasmática “terminal”, no sentido de ponto limite do saber: “Bate-se, numa criança. Não sei mais”, isto é: “a construção da fantasia desemboca no Complexo de Castração como irreduzível a qualquer interpretação” (PRATES, 2006, p. 60). O valor de repetição da frase fantasmática pode fazer-nos pensar se a diferença com o trauma se estabelece nesse ponto. Destarte: repetição (fantasia), compulsão à repetição (sintoma).

Precisamente, é o que tentamos sustentar nesta tese. Freud desestimou a cena de sedução, também relativamente, podemos dizer. Ele não desestimou o trauma, esse permanecendo ligado como conceito da metapsicologia e como experiências que imprimem, que se repetem como compulsão à repetição. As experiências trazem também a preocupação

freudiana pela verdade. Buscar a verdade do acontecimento, disso Freud não desiste, e o leva muito longe no seu escrito sobre Moisés.

Essa trama: inconsciente – sexualidade – pulsão – trauma – fantasia – sintoma, renova a cada vez, a cada caso clínico, a leitura do esquema da causação.

Trauma e angústia

A partir de 1920 encontramos uma definição do trauma na linha argumentativa sobre a economia do aparelho psíquico. Nas situações traumáticas, a barreira protetora contra os estímulos não foi eficaz. No capítulo 4 de “Mais Além do Princípio do Prazer” (1920), após conjecturar sobre o sistema *Pcpt.-Cs.*, ele define como traumática toda situação *externa* que possua força suficiente para atravessar o escudo protetor. Porém, o que é esse escudo protetor se não o aparelho mesmo? E Freud passa, no mesmo parágrafo, das situações traumáticas para o “conceito de trauma” (FREUD, 1920/1996, v. 18, p. 40). É o conceito de trauma que define esse estado de suspensão dos recursos subjetivos. Essa definição torna-se fundamental para definir os fenômenos das neuroses traumáticas, mas excede esses casos, permitindo-lhe avançar para uma nova proposta sobre a teoria da angústia.

Entretanto, a pergunta pelos sonhos de guerra, nas neuroses traumáticas, também lhe abre uma linha argumentativa que vai confluir com as relações entre angústia e trauma. Das reflexões sobre os sonhos que repetem a cena traumática, conclui:

- (1) A angústia protege contra o trauma.
- (2) Sobre os sonhos traumáticos, considera que estão a serviço de promover angústia, uma vez que a mesma já se define como expectativa perante o perigo. Se antes não foi possível a proteção, agora, no sonho, se promove um trabalho que é de ligar a energia e catexizar a experiência. Os sonhos buscam recuperar esse domínio (*Bewältigung*) sobre os

estímulos produzindo angústia. Todavia, esses sonhos responderiam – do mesmo modo que os sonhos que nos remontam aos traumas psíquicos infantis – à reprodução mitigada do trauma. Eles não são realização de um desejo, estão inscritos no poder da compulsão de repetição. Algo que se figura “além do princípio do prazer”.

(3) Logo, o terror não é a angústia.

(4) A repetição como recordação não é o mesmo do que a compulsão de repetição.

(5) A repetição pode contribuir com a elaboração.

(6) Existe algo além do princípio de prazer: a pulsão de morte que pode manifestar-se como “misteriosas tendências masoquistas do ego”.

(7) As feridas de guerra podem ter o mesmo valor de escudo protetor que a angústia sinal, o qual é um prognóstico promissório para a cura, a ser comentado em 1937, em “Análise finita e infinita”.

(8) Além da pulsão de vida temos as pulsões de morte.

Em 1926, em “Inibição, sintoma e angústia”, a angústia se define como sendo um sinal que emana do Ego. Nesse momento, a Segunda Tópica (Ego, Id, Superego) já tinha sido definida. O Ego cuida do equilíbrio das instâncias, respondendo pelas coordenadas necessárias do funcionamento do aparelho, acorde com as exigências do Princípio de Realidade. Então, não surpreende que a angústia seja sinal, e que esse sinal seja dado pelo Ego. Todavia, há perigos externos – já comentados – e há perigos internos: a satisfação paradoxal da pulsão. Os textos da época falam da necessidade de castigo, o ganho secundário do sintoma, da reação terapêutica negativa.

Aqui se define a segunda teoria da angústia. Ela não é resposta ao recalque, ela é causa do recalque. Esse ponto nos interessa. Anteriormente pontuamos as conjecturas de Freud sobre a *Cs*. Retomemos. Freud se pergunta em 1920 sobre o processo do tornar consciente. Ele descentra o lugar da consciência. Temos um sistema *Pcpt.-Cs*. (percepção – consciência)

que tem que se encontrar na fronteira “entre o exterior e o interior” e que por essa “posição espacial” (sic.) deve “envolver” os outros sistemas. Nesse sistema *Pcpt.-Cs.* nem tudo é devir consciente. Se adotarmos a posição de que todos os outros processos excitatórios deixam atrás de si traços permanentes, que são o fundamento da memória inconsciente, então, precisamos entender que a consciência é fugaz. Esses traços permanentes muito frequentemente foram produzidos por processos que nunca chegarão à consciência. Os traços permanentes de excitação não se produzem em *Pcpt.-Cc.* porque: (1) se permanecem constantemente conscientes, rapidamente limitariam o sistema, (2) não se admite a contradição de considerar que um sistema consciente seja “administrado” por traços inconscientes. Freud conclui sem achar suficientes seus argumentos. A consciência surge *em vez de um traço de memória* (FREUD, 1920/1996, v. 18, p. 36). Aliás, ela goza de uma prioridade: “seu choque direto com o mundo exterior”. O qual também traz complicações porque lhe deveríamos supor uma energia livre do processo primário.

Bem, como vemos, isso ficou sem conclusão. O Bloco mágico – ao qual já nos referimos no capítulo 1 – possibilitou-lhe apostar num aparelho de escrita. Mas todos os aparelhos têm em comum a preocupação pela trama, pelo texto, pelas facilitações e investimentos. As conjecturas de Freud chegam ao que nos interessa aqui: o trauma. As excitações externas são traumáticas, podem perfurar a proteção contra os estímulos. O aparelho se vê compelido a responder: as energias se dividem entre “energia catéxica quiescente” e “energia livre”. Regido pelo princípio de prazer, o aparelho tem que ligar a energia livre, e isso se faz através das facilitações e dos investimentos nos traços mnêmicos. Mas como não se pode fugir da pulsão, da força constante, uma saída será a *projeção*.

Voltamos a 1926 munidos dessas articulações e vemos como o trauma está na estrutura. Não se abandonou. Já sabemos que a angústia mitiga o trauma. Ela é um estado de expectativa angustiada. Agora confirmamos que a angústia é sinal de perigo externo e interno.

No capítulo II deste texto, Freud disse que o sintoma é um substituto de uma satisfação pulsional que permaneceu em estado latente. Pelo recalque, o ego consegue frear o tornar-consciente, mantendo a representação inconsciente. Se tal representação viesse à luz, então, teríamos desprazer. Resumindo: o *Ego* afirma seus vínculos como sistema *Pcpt-Cs*, fundamento da sua diferenciação com o *Id*. Ele emite o sinal de desprazer. De onde provém a energia para emitir esse sinal? Aqui se equiparam perigo exterior e interior, pelo tipo de resposta que o aparelho deve emitir. O vivente pela percepção do perigo pode tentar a fuga. O recalque é uma tentativa de fuga. Logo, o Ego retira a catexia (pré-consciente) da *Vorstellungrepräsentans*, que é preciso recalcar, e emprega a catexia para o desenvolvimento da angústia. Ainda: a angústia não é produzida pelo recalque. Ela é reproduzida como estados afetivos incorporados na vida anímica *como precipitados de experiências traumáticas primevas*. (FREUD, 1926/1996, v. 20, p. 97)

“A angústia é a reação originária ao desamparo no trauma” (FREUD, Ibid, p. 162). Qual é essa situação de desamparo originária? As experiências penosas que levam ao Fort-Da, aí o *Ego* repete para mitigar o trauma. Qual é o trauma de desvalimento ou mesmo as “experiências penosas”? A falta do Outro materno (1) quando a criança está sozinha; (2) quando está na escuridão; (3) quando está com um estranho. Qual é a explicação metapicológica?

A resposta é crucial. A imagem mnêmica da mãe (ou substituto) é *intensamente* catexizada, provavelmente de forma alucinatória, inicialmente. Isso não tem qualquer efeito, então, o anseio se transforma em angústia. A angústia é a reação à perda do objeto e “lembramo-nos de imediato do fato de que a ansiedade (angústia) de castração constitui o medo de sermos separados de um objeto altamente valioso e de que a mais antiga angústia – a angustia primeva do nascimento” (FREUD, Ibid, v. 20, p. 135-136). Sim, mas Freud se diferencia de Rank, porque não se trata da perda do objeto, mas do trauma no seu valor

econômico, isto é, uma repetição da situação de perigo que quebra o escudo protetor. A ausência da mãe é uma imagem que catexiza esse perigo. É a presença da ausência que está catexizada como imagem. Escrevemos em 2007 articulando luto e angústia:

Desse complexo desenvolvimento, nossa interpretação refere-se ao desamparo, sendo esse o *nódulo* da situação perigosa, seja o desamparo material (caso do perigo real), ou, seja o desamparo psíquico (as exigências pulsionais do Id). O nódulo e a perturbação econômica provocam o *automatôn* da angústia, razão que liga a angústia com a repetição. Lembremos o que é fundamental: a angústia está sediada pelo eu, e este emitirá o sinal. Quer dizer, ao falarmos do sinal da angústia temos que considerar a dimensão narcísica. (BERTA, 2007)

Freud conclui: já não podemos diferenciar a angústia real da angústia neurótica. Ou seja, já não podemos diferenciar a angústia que promove um perigo exterior ou a angústia que promove um perigo interior. O perigo realista ameaça desde um objeto externo, o perigo neurótico ameaça desde uma exigência pulsional. Na medida em que essa exigência pulsional é algo real (Real) podemos reconhecer na angústia neurótica um fundamento real. Enfim, a série proposta por Freud é:

angústia – perigo – desamparo (trauma)

Freud não abandona a importância dessas experiências *primevas*. Elas retornam nos textos de 1933 [1932], vinculadas ao trauma, curiosamente na Conferência XXIX, *Revisão à teoria dos sonhos* e XXXII, *Angústia e vida pulsional* (Ansiedade e vida Instintual, em SE). A angústia infantil não é angústia realista, ela é “transmutação da libido”. Aqui ele categórico: a

angústia “cria a repressão”, a situação pulsional provém de um perigo exterior. Assim o indica Lacan (1964), a Pulsão parcial se faz no campo do Outro.

A citação que deve ficar para nós nesse desenvolvimento:

Um estado desse tipo, ante o qual os esforços do princípio de prazer malogram, chamemo-lo de momento ‘traumático’ (*instante traumático, AE*). Então, se colocarmos numa série a ansiedade neurótica, a ansiedade realística e a situação de perigo, chegamos a essa proposição simples: o que é temido, o que é o objeto da ansiedade, é invariavelmente a emergência de um momento traumático, que não pode ser arrostado com as regras normais do princípio de prazer. De imediato compreendemos que, dotados do princípio de prazer, não nos garantimos contra danos objetivos, mas sim apenas contra determinado dano à nossa economia psíquica. Vai uma grande distância desde o princípio de prazer ao instinto de autopreservação. [...] (FREUD, 1933 [1932], v. 22, p. 96-97)

Estamos chegando ao final deste capítulo, e esperamos ter dados os passos necessários para dizer que:

- (1) Freud perde a crença na cena de sedução, mas não abandona a experiência traumática, menos ainda o “conceito de trauma”.
- (2) Ele busca a experiência da pulsão que fabrica satisfação paradoxal, como fixação a uma fonte, que é nada mais do que um furo (CABAS, 2009), lugar de fixação.
- (3) Conclui que a angústia é sinal dessa presença através da qual o vivente se faz entre “couro e carne”.
- (4) Essas experiências *imprimem* algo que pressiona para o investimento das *Vorstellunsrepräsentanz*.
- (5) Um jeito de dizer entre “couro e carne” poderia ser entre *Prägung* é *Vorstellungrepräsentanz*.

- (6) Isso se sabe *nachträglich*, pelo desejo que anima essa satisfação até o umbigo da representabilidade.
- (7) O inconsciente é o campo desse desejo, onde ele se realiza, até o limite desse umbigo.
- (8) Outros nomes do umbigo do sonho são: “castração” e “Pulsão de morte”.
- (9) É suficiente ler a epígrafe que escrevemos no início deste capítulo para conferir que um dos nomes do “instante traumático” se localiza *junto a, ao lado de*, ou, se quiserem, “*ele alude*” o *recalque primordial*. Na aula de 15 de fevereiro de 1956, Lacan assinala que a *Verneinung* primordial acarreta uma primeira apresentação dos signos, *Wahrnehmungzeicahn*, admitindo o campo do significante primordial. Trata-se de um furo no simbólico, onde se sustentam as outras defesas.

Sobre os obstáculos na dinâmica da transferência

Antes de fechar este percurso, gostaríamos de observar que o aspecto econômico e o aspecto tópico, amplamente abordados, vão deixando um resto no que concerne à dinâmica dessa *metapsicologia* freudiana sobre o trauma. Não podemos desprezar essa pontuação, uma vez que a “dinâmica da transferência” é o alicerce da psicanálise. Freud falou de “dinâmica”, Lacan se referiu à *práxis*, quando balizou a política, a tática e a estratégia com a ética. Salientemos isso que pode nos dar alguns indícios para pensar a alteridade nas propostas de Freud e de Lacan. Porém, voltemos ao ponto que nos interessa, em termos de dinâmica da transferência, o qual significa considerar a dinâmica do inconsciente.

Do percurso se extrai que o texto freudiano – um texto “dinâmico” – permite: imprimir, inscrever, transcrever, traduzir, a condição de considerar a “presença do analista”.

Portanto, de considerar a presença do Outro. Voltaremos a essa noção no capítulo 4. Dita presença requer o “falso enlace”. Já aí deve ser considerado o equívoco que toda relação ao Outro implica. Porém, pela via do falso enlace teríamos uma análise infinita. Um sentido infinito. O que é que se apresenta a Freud, cada vez mais claro? Os obstáculos à transferência e, portanto, à direção da cura. Esses obstáculos, chamados por ele “rochedo da castração”, podem ser o produto das transmutações às quais nos referimos anteriormente.

Façamos uma comparação grosseira, mas que provavelmente já foi evocada pelos praticantes da psicanálise. A transmutação, para os alquimistas, é a transformação integral de um metal inferior em metais nobres. A psicanálise não é uma alquimia, a começar porque o inconsciente não é inferior, é *Acheronta Movebo!* E como a psicanálise não é uma religião, logo o inferno não é inferior. A transmutação do inconsciente freudiano (quer dizer, do sujeito lacaniano), parece-nos responder à transmutação, assim como entendida pela física nuclear, a saber: implica considerar a *fusão* nuclear que exige a produção de *entropia* e a *fissão* nuclear que produz uma perda. Enfim, temos aqui dois problemas (1) toda analogia traz suspeitas no sentido epistêmico, (2) nada nos autoriza a entrar na física nuclear, por falta total de gabarito para tal.

O fato é, sim, que a transmutação pode indicar o que se produz como resto, e que para Freud apareceu vinculado, por um lado ao *das Ding* , como furo criado pela fonte da pulsão; e por outro à Pulsão de Morte no sentido de todos os obstáculos à transferência, em particular, a reação terapêutica negativa e o masoquismo da necessidade de castigo. Entretanto, dito *das Ding* também é promovido a “desejo indestrutível” e, por essa via, parece-nos, indica-se o que produz a transmutação, a saber: o “ *si mesmo* ”, o *nebensmensch* , que fica fora do sentido, e que não implica uma *metafísica* , mas uma *metapsicologia* . Não haveria possibilidade de pensar o *si mesmo* sem a pulsão. O *si mesmo* é o *âmag* o do ser, que Lacan nomeou, após longo caminho, *des-ser* . No final das contas, foi Freud quem, em 1900, ao se perguntar pelas

diferenças entre determinismo e causalidade, apontou que poderia tratar-se da passagem da sua *metafísica* para a *metapsicologia considerar a diferença entre o que determina e o que causa*.

O traumático e a cura: Segundo movimento

Trauma e traumático (instante traumático) remetem ao fator econômico e à impressão que, por impossível de tramitar, alimenta a permanência do trauma e permite sua fixação, no inconsciente. Isso nada tem a ver com o evento accidental. O trauma vai se fazendo à estrutura do aparelho. Como vimos, isso deve ser considerado desde as primeiras experiências que se constroem, *nachträglich*. Pretendíamos diferenciar trauma e traumático. Temos nossas reservas. A saída de escrever: o trauma (real) e o traumático (simbólico e imaginário) a partir desse percurso freudiano, já não é tão simples.

Curam-se as neuroses? A entendermos que dito fator traumático (econômico) pode sofrer elaboração, podemos seguir o indicador de Freud: análise finita. Porém, existem as “experiências que não se integram no quadro da vida”.

Propomos, pelo caminhado até aqui, que “o visto e o ouvido” como sendo o traumático, no instante traumático, pode ser entendido em duas vertentes complementares: (1) uma regressão que *não é sem* a peneira do inconsciente, causada pela atração dos traços mnêmicos (*Erinnerungsspur*) e afetando o sistema *P-Cs*. (*Warnehmung-Bewusstsein*); e que se exemplifica com o sonho e o caminho retrocedente até uma percepção impossível; (2) uma *impressão* (*Prägung*) que resta com alguma falha, na sua elisão (como se o bloco mágico falhasse), e que, portanto, proporciona *vividez* sensorial, sem inscrição (*Niederschrift*), e deixando o signo perceptivo *Wz* (*Wahrnehmungszeichen*) em dificuldades para sua transcrição e sua tradução.

Será por isso que naqueles que passaram por um trauma não tão longínquo no tempo, as respostas da angústia (*passagem ao ato* e *acting out*) se colocam em primeiro plano? Ou mesmo o mutismo que ainda nem chega a ser inibição, e que lembra a debilidade se entendida como holófrase? Nos dois últimos capítulos abordaremos essas perguntas trabalhando essas noções. Por enquanto, essas duas vertentes do instante traumático nos indicam que, igual ao sonho, são bordas dos limites da interpretabilidade. Isso vale ao trauma entendido como *detalhe* (GARCIA, 2004), mas também para eventos traumáticos, dos quais não se extraiu detalhe algum. “Não se extraiu detalhe algum” significa dizer que ainda não podemos supor aí um sujeito afetado pela sua questão, ou seja, pela sua divisão. Isto é: que não houve Ata de fundação do sujeito. Ou ainda: aí não podemos supor o Inconsciente em função. Portanto, consideramos que isso pode trazer indicações precisas para o trabalho com pessoas que estão em estados de urgência subjetiva. Adiantamos que na temporalidade lógica que nos indica Lacan – instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir – o sujeito se fissa pela pressa, a partir deste último, e *a posteriori*.

Capítulo 3

TRAUMA E FANTASIA

Pois, além disso, a psicanálise é uma prática subordinada em sua destinação ao que há de mais particular no sujeito, quando Freud enfatiza isso, a ponto de dizer que a ciência analítica deve ser recolocada em questão na análise de cada caso (vide o Homem dos Lobos, passim, desenrolando-se toda a discussão do caso com base nesse princípio), ele mostra suficientemente ao analisado a via de sua formação. (Lacan, 1955[1953])

Por mais de 10 anos Lacan fez o que ele chamou seu retorno a Freud, acompanhado de uma leitura pormenorizada dos casos freudianos. Trauma e acontecimento traumático foram temas presentes ao longo dos quatro primeiros seminários, se considerarmos o *Seminário -I*. Nesses seminários há um vetor, qual seja, a leitura do caso do Homem dos Lobos. Não se trata do tema central, com exceção do *Seminário -I*, que está dedicado especificamente a ele. Porém, esse caso, nesses seminários é algo que insiste. Aliás, sempre que retoma ao caso, Lacan reitera sua pergunta pelas diferenças possíveis entre acontecimento e fantasia. A cena primária que o Homem dos Lobos teria olhado, o sonho dos Lobos no qual são os lobos que lhe olham, assim como a alucinação do dedo cortado, serão articulados com a Carta 52. Faremos esse caminho, acompanhados pelas questões que já nos colocamos com Freud, e que dizem respeito à pergunta pela operação possível a ser considerada quando pensamos o trauma. Notas dos conceitos que Lacan constrói ao redor dessa observação: o tempo lógico, os complexos familiares, o estádio do espelho, a imagem, e uma menção particular à noção da *Verneinung*, contribuem com a compreensão do objeto desta pesquisa. Finalmente retomamos a diferenciação entre trauma e angústia, acompanhando as elaborações de Lacan nos seminários *O desejo e sua interpretação* (1958-1959) e *A ética da Psicanálise* (1959-1960) e *A angústia* (1963). Esse último percurso contribui para apontar as relações entre trauma e fantasia. Entrementes, além de poder “fisgar” o tratamento do trauma no ensino de Lacan, continuamos a buscar o que possamos recolher sobre a escrita do trauma.

A imagem, a imago e a *Prägung*

Nas primeiras produções escritas de Jacques Lacan temos um tempo anterior ao que ele chamou seu “retorno a Freud” do qual datam seus primeiros Seminários. Nessa pré-história lacaniana observamos que Lacan tenta diferenciar o registro Imaginário da Imagem do registro simbólico que se define na noção de imago, sendo ela nodal na escrita dos *Complexos Familiares*. Os primeiros Escritos publicados trabalham a noção de imago. A experiência da assunção da imagem depende da imago. Essa imago, um passo mais a frente do que a *Prägung*, não deixa de evocá-la, pela qualidade da intensidade, isto é, daquilo que imprime uma pressão. No que se refere ao trauma, Lacan destaca, no lugar das *impressões traumáticas*, a *divisão psíquica denunciada pelo sintoma*. Uma vez que a imago será uma representação inconsciente, ela se vinculará à identificação. Lembremos que o *Estádio* do espelho é uma identificação, ou seja, “a transformação produzida no sujeito quando assume sua identificação” (LACAN, 1949/1998, p. 97). Ao aspecto *instantâneo da imagem*, Lacan acrescenta *a constituição*, via *a identificação*. Nesse momento diz algo muito preciso sobre a *imago*: [as imagens] “cujos rostos velados é nosso privilegio ver perfilarem-se em nossa experiência cotidiana e na penumbra da eficácia simbólica” (LACAN, 1949/1998, p. 98).

Os complexos familiares – desmame, a intrusão e Édipo – referem-se, em primeira instância, a três formas de imago. São elas respectivamente: a imago materna, a imago do semelhante e a imago paterna. Nessas imagens que compõem cada complexo, estão em jogo: a experiência perdida (o objeto perdido), a fixação de uma satisfação, a identificação e a repetição.

O *complexo do desmame*, que representa a forma mais primordial da imago materna, confere expressão psíquica a uma separação ainda mais antiga, separação que “nenhum cuidado materno é capaz de compensar” ((Lacan, 1938/2003, p. 40). A separação taxativa que Lacan propõe, posteriormente, entre a mãe e a mulher poderia ser localizada em um trecho dos enunciados desse complexo de desmame: *A realização dessa imago na consciência assegura à mulher uma satisfação psíquica privilegiada enquanto seus efeitos na conduta da mãe poupam a criança do abandono que lhe seria fatal.* (LACAN, 1938/2003, p. 40)

O *complexo da intrusão* refere-se à relação ao semelhante. A temporalidade do *estádio* do espelho mostrará a coincidência do complexo de intrusão com o transitivismo e o conhecimento paranóico. Lacan enfatiza a passagem do júbilo e a alienação à imagem ortopédica para o transitivismo infantil no qual localizamos o conhecimento paranóico. O transitivismo exemplifica a relação entre o eu e o outro, evocando o duplo (especular – mortífero), ou o *próximo* freudiano. A resolução se dá pela agressividade, uma vez que essa relação com o outro de amor/ódio dará outro destino à pulsão: o desvio para o mundo externo, como agressividade.

O *Complexo de Édipo* denota as relações psíquicas da família humana. O Complexo de Édipo e o Complexo de Castração são as bases simbólicas – e seus limites – para pensarmos a sexuação e sua consequência na partilha dos sexos. Lacan aponta a função da imago paterna nesse complexo. Em primeiro lugar lembremos que aqui temos ainda um drama triangular, e não quaternário. Entretanto, parece-nos que o Complexo de Castração é aquele que alude à estrutura quadripartite, na qual posteriormente encontraremos os desenvolvimentos sobre o objeto. O *Complexo de Castração* – e com ele o papel da fantasia de castração – representa o valor de defesa que o sujeito dá a essas formas contra a angústia da dilaceração vital, obra da pré-maturação. Ele adverte que a *fantasia* de castração, no cerne do Complexo de Castração, representa uma defesa contra a angústia que causa a re-

atualização da relação com o objeto, não genital, porém primordial. É essa aproximação de um objeto, que já teria sido superada, o que provoca a angústia. Por isso propomos que essa fantasia de castração anuncia o quarto lugar. Caso seja imaginarizada teremos a versão do falo imaginário, que posteriormente foi escrito com ϕ ⁶⁴.

Após essas colocações, Lacan se refere ao trauma. As *impressões* do trauma pareciam determinar diretamente a formação dos sintomas. Porém, o que se destaca é algo que marca a origem do tratamento do trauma em Lacan, e que pode nos orientar nas diferenças a ser estabelecidas entre ambos os autores. O que é que Lacan destaca, no lugar das *impressões* das experiências traumáticas? Aqui temos dois momentos da resposta; (1) a divisão da *personalidade* que todo sintoma denuncia e (2) a causa dessa divisão, qual seja, a defesa do sujeito, leva em conta o sinal de angústia. (LACAN, 1938/2003, p. 77). Lacan é um herdeiro da *Ichspaltung* freudiana, a defesa levada até suas últimas consequências, determina a causalidade psíquica. (FREUD, 1940[1938]/1996, v. 23, p. 271-278).

No texto “Formulações sobre a causalidade psíquica” (LACAN, 1946/1998), encontra-se *seu pequeno discurso sobre a imago* para diferenciar o que é a imagem animal do que é a imagem para a cria humana. O que é a imago? Um *objeto psíquico*. Que tipo de objeto a imago é? Um objeto psíquico que irá revelar o que é inacessível aos nossos olhos, mas não aos sinais do operador de câmbio. São esses sinais “cujo vestígio imperceptível o caçador do deserto sabe ver – a pegada da gazela na pedra” (Ibid, p.194).

A autonomia da imago do corpo próprio, do psiquismo, indica essa exterioridade em que se constitui a imagem. Uma exterioridade que não se refere somente ao mundo externo,

⁶⁴ O falo imaginário, escrito por Lacan “ ϕ ”, foi um termo sempre referido à castração imaginária, em oposição à castração simbólica, sendo esta última a escrita Φ . Advertimos que esse uso das letras não coincide com as letras dos primeiros textos freudianos. Sugerimos, em particular, a leitura do texto *A significação do Falo* (1958), In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 692-703, para melhor acompanhamento dessa questão. Sugerimos também o texto de Diana Rabinovich, *A significação do falo. Uma leitura* (1995/2005).

mas à pulsão, sempre parcial, essa que se faz no campo do Outro. Essa assunção da imagem – que é o estádio do espelho – implica que se faça a experiência dessa imagem, através da imago. Lacan a chama o *estádio* do espelho: *Gestalt* visual do próprio corpo. Trata-se da forma que cativa o vivente: essa *imago salutar* (LACAN, 1948/1998, p. 115). O valor que lhe é conferido, em primeira instância, deve-se a essa comemoração de gozo.

Por essa via há uma segunda questão que a imago nos apresenta e que se refere à rivalidade estrutural do narcisismo, uma vez que o eu se torna a primeira paixão. Essa organização, diz Lacan que se cristalizará nessa tensão chamada desejo, um desejo pelo objeto que irá se expandir precipitando-se numa concorrência agressiva. Dessa precipitação causada pela experiência da *imago*, teremos ao mesmo tempo: a erótica com os objetos e a agressividade com o outro. Temos assim, o início da tríade: outro, objeto, eu. Esse nível de análise permite-lhe incluir na Instância do Eu (*je*) a experiência com o outro imaginário, que o exemplo de Santo Agostinho, *Amaro aspectu*, nos mostra. Fora reiterada, em diferentes momentos do ensino de Lacan, a cena de santo Agostinho, na qual se prioriza a relação ao semelhante, relação imaginária que se suporta do marco simbólico a ser dado pela função da fala e da linguagem. Citemos:

Vidi ego et expertus sum zelatem parvulum: nodum loquebatur et intuebatur pallidus amaro aspectu – Vi com meus olhos e conheci uma criancinha tomada pelo ciúme: ainda não falava e contemplava, pálida, e com uma expressão amarga, seu irmão de leite. Assim liga ele imperecivelmente, à etapa *infans* (*anterior à fala*) da primeira infância, a situação de elaboração especular [...] (LACAN, 1948/2003, p. 117).

Por fim, numa terceira acepção, a imago oferece à experiência outra modulação, que é um fundamento da angústia, entendida, também, como experiência causal do psiquismo, qual

seja: a angústia de castração. Lembremos, antes, a seguinte colocação: é em função desse atraso que a maturação precoce da percepção visual adquire seu caráter de antecipação funcional. Daí a acentuada prevalência da estrutura visual no reconhecimento precoce da forma humana. A imago, esse objeto psíquico – *cujo rosto velado vemos perfilar na penumbra da eficácia simbólica* (LACAN, 1945, p. 98) –: as dos sonhos (o pólo perceptivo), a ilusão dos amputados, as alucinações do duplo (*Unheimlich*) que Freud trabalha quando comenta o Homem de areia, de Hofmann, são exemplos da angústia, que sulcam esse encontro onde a função da imagem fracassa. A imago é correlata de um espaço inextenso, indivisível, e de um tempo fechado, entre espera e trégua, de um tempo de fase e de repetição (LACAN, 1946, p.189).

Seria interessante – estamos tentados a entrar nesse tema, mas a extensão de nosso trabalho não o permite – observar como a função da imagem do objeto da fobia se vincula com essa percepção hiperintensa faz fracassar a função do objeto como pólo de investimento libidinal. O que Freud diz, somente no início do cap. VII de “Inibição, Sintoma e Angústia” (1926), é que a angústia da fobia é facultativa, só emerge quando o objeto é assunto (*Gegenstand*) da percepção. É uma definição lacaniana da angústia. A angústia não é sem objeto, diz Lacan em 1963.

Contudo, a experiência dessa primeira identificação, divide as águas entre o eu imaginário e o Eu (je) como primeira identificação simbólica. Marca de origem do “se fazer no campo do outro”, não atrás do espelho, tampouco na frente, mas *no* espelho. É uma identificação que funda a causalidade psíquica. A partir daí, o Eu é uma instância psíquica.

Acompanhemos, por um momento, o comentário de Antônio Godino Cabas (2009, p.119-121) sobre o texto “De nossos antecedentes” (LACAN, 1966/1998, p. 69-76). Cabas indica que essa *identificação* – matriz simbólica onde o Ideal se institui a partir de uma

cristalização – é uma fixação que promoverá novas identificações secundárias. Estas últimas têm sua raiz no Ideal. A primeira cristalização “tem a função de balizar o curso da libido, embora ao preço de situar o ego (*moi*) em uma linha de ficção para sempre irredutível”. A função da imago permite estabelecer a relação do organismo com seu entorno e sua realidade (do *Innewelt* ao *Umwelt*), sendo que essa relação está alterada por certa deiscência. Deiscência que, como observa Cabas, denota a tendência de certos organismos vivos de abrir-se, fender-se, rachar-se. Dita deiscência se vincula, por um lado, com a prematuração do nascimento e, pelo outro, com o fato da pulsão ser, por definição, parcial. Todavia, esse autor destaca – isso nos parece crucial neste argumento – o fato dele considerar que, com o estatuto da imagem, Lacan propõe um *princípio que vai se consolidar com o tempo*:

É o princípio segundo o qual o Eu carece de consistência. Princípio a cujo respeito cabe dizer que a causa é a ausência de toda referência material capaz de dar substâncias à função subjetiva. Significa que não há nem substância pensante, nem extensa capaz de fazer o sujeito consistir. Significa que a única substância à qual a subjetividade pode ser referida é essa substância, cuja característica é ser acéfala e que, para mais dados, reduz tudo quanto encontra pela frente à consecução de um único fim: a satisfação pulsional. A substância de gozo. De tal modo que é possível deduzir que o sujeito é uma função. Uma pura função. Sem mais. E, ainda, que o que define essa função – e isso como um dado de estrutura – é uma inconsistência radical. Tanto e a tal ponto que, o encontro com esse ponto, real, no final da análise leva o analisante a um efeito muito preciso: a destituição subjetiva. (CABAS, 2009, p. 121-122)

Esse processo que vai desde a identificação primordial até as identificações secundárias vai constituir um nó imaginário, absolutamente essencial, que a psicanálise designou pelo nome de *narcisismo*. O homem se apreende como corpo, como forma vazia desse corpo, num movimento de báscula com o Outro. O caos pulsional, a angústia que ele

produz, é isso que o narcisismo vela, mas como sabemos, nem sempre o consegue. *A imagem responde à discórdia e á carência orgânica.*

Todavia, temos que retomar essa dimensão da imago que produz um efeito de alienação, pois é no outro que o sujeito se experimenta e se identifica. O homem tem por objeto de desejo, o desejo de reconhecimento. “O desejo é o desejo do Outro” significa que esse outro é o objeto do sujeito. Não há Outro do Outro, há o sujeito e objeto. Do lado do objeto, o que o sujeito encontra é esse desejo do Outro. Esse objeto marcado pela negatividade será definido, na dialética do desejo: “Ele tem por objeto um desejo, o do outro, no sentido em que o homem não tem objeto que se constitua para seu desejo, sem alguma mediação” (LACAN, 1946/1998, p. 183).

No livro *A paixão do negativo* (2006), Vladimir Safatle considera que essa proposta é coerente com o tratamento dado ao desejo nessa primeira parte do ensino de Lacan, qual seja, um desejo purificado de objetos. Acrescenta que se trata da definição de um desejo puro – que Lacan contestará posteriormente quando se refira ao desejo do analista – e que deve ser pensada a partir das considerações sobre o narcisismo. É o que se recolhe da agressividade como constitutiva. Se objetos e indivíduos são *projeções* do eu, então isso determina o caráter *egomórfico* dos objetos. Destarte, temos um narcisismo fundamental que guia todas as relações de objeto. A relação objetal deve submeter-se a uma estrutura narcísica. A questão que esse autor considera como problemática é que Lacan não renuncia à estática da *Gestalt* e que isso irá desembocar na estática do fantasma. Salienta, também, que o objeto empírico aparece necessariamente como um objeto submetido à *engenharia do Imaginário e à lógica do fantasma*. Assim sendo, para livrar o sujeito da fascinação pelos objetos do mundo, Lacan teve que propor uma definição que purifica o desejo.

Essa é a dialética do desejo que se extrai do estádio do espelho, e, fundamentalmente, da imago que cria essa posição de alienação, causada por essa primeira cristalização. Além das diferentes versões do imaginário, “a palavra (*mot*) não é signo, mas nó de significação” (1946/1998, p. 167). O poder da palavra, como cortina cujo sentido tem que ser desvelado, inclui: a metáfora, o limite do domínio do Eu, o espaço aberto para o infinito e o desconhecido. “Cortina! É uma imagem, enfim, do sentido como sentido, que para se descobrir tem que ser revelado.” (LACAN, Ibid. p. 168) Ela é um espaço aberto para o infinito.

Intermezzo clínico: O Homem dos lobos em *nachträglich*

Em 1952, Lacan realiza a leitura do caso clínico Homem dos Lobos, que Freud publicara em 1918. Trata-se do *retorno a Freud*. Nessa leitura pormenorizada do caso, Lacan levanta algumas considerações sobre o trauma que orientaram a diferenciação entre trauma e fantasia. Ele referia-se ao acontecimento traumático em oposição à fantasia. Porém, a fantasia estava determinada por um fator temporal que ele nomeou: historização. A fantasia era definida por uma construção da história do sujeito, entendida como *assunção subjetiva*. A seguir, trazemos as coordenadas desse caso freudiano para acompanhar a proposta de Lacan.

Este caso é exemplar para vermos como Freud consegue extrair da ficção do sonho, por interpretação, uma *verdade* que se articula na cena primária. Ele hesita: cena primária ou fantasia primitiva? Acompanhemos sua resposta.

O *Homem dos Lobos*⁶⁵ – como Freud o nomeou – foi atendido, em primeira instância, entre 1914 e 1919. Esse jovem russo aristocrata fez uma histeria de angústia, especificamente, uma fobia aos lobos que se desencadeou aos quatro anos de idade e, posteriormente, na vida adulta, foi transformada numa neurose obsessiva grave.

Muriel Gardiner escreveu o prefácio da autobiografia do Homem dos Lobos que se intitula *O Homem dos Lobos pelo Homem dos Lobos*. (FREUD, A.; GARDINER e BRUNSWICK, 1976). Lemos nesse texto que o paciente de Freud fora um homem rico que morara numa fazenda com os seus pais. Sua fobia infantil pelos lobos era exagerada e nada realista. Desde seus 18 anos percorrera com todo o luxo o Império Astro-Húngaro e a Alemanha, além de ser acompanhado por médicos particulares. Em plena decadência do Império, o que Freud observou foi o desinteresse pelos eventos do mundo e o afeto angustiado que se traduzia na sua preocupação por sobreviver. Quem faça a leitura desse texto autobiográfico poderá, quiçá, saber que a *escrita do caso clínico, nada tem a ver com o relato de uma história, embora comovedor*. Salientamos essa diferença para indicar que o trauma que à psicanálise interessa é aquele que afeta o sujeito, por se repetir. É a cena que satura o sintoma impondo-lhe sua estranheza. Destaquemos ainda, que, posteriormente, o Homem dos Lobos realizara um primeiro percurso “pós-analítico” com Ruth Mack Brunswick, que se desenvolvera em apenas cinco meses, desde outubro de 1926 até fevereiro de 1927; é um segundo percurso que se estendera por “vários anos”. A analista diagnosticou, em primeira instância, como um caso de paranóia, embora, num segundo momento, tenha considerado seus sintomas sexuais à luz da neurose.

O caso do Homem dos Lobos é paradigmático para observar o valor da fantasia e a sua relação com o trauma. Há uma passagem para o valor da construção da cena fantasmática, quando tomada nessa temporalidade *nachträglich*, que inclui o sujeito. A repetição da fantasia

⁶⁵ Nossa escolha é usar aqui o Nome dado por quem fez a *escrita do caso*, a saber, Freud.

dá a possibilidade de saber que, nessa temporalidade que inclui *nachträglich* e repetição, algo além do evento, e mesmo da construção, organiza a cena. Esse *algo* é a pulsão. É por essa relação que insistimos em localizar o valor traumático, em questão, na cena. Duas citações parecem-nos interessantes para ver de que modo trauma e fantasia dialogam. Ambas foram incluídas por Freud no capítulo “*Recapitulação e problemas*”.

Primeira citação, na qual Freud se refere à produção do sonho (*nachträglich*). Nesse ponto temporal podemos pensar um “ponto nodal” – especificamente todo *nachträglich* exige deslocamento e condensação – onde se produz essa *formação do inconsciente* que levará a criança até o desenvolvimento de angústia, e, portanto, à produção de uma fobia. Aqui, o desencadeamento da neurose de angústia é nomeado “novo trauma”. O trauma está colocado como causa incidental. Porém, é desse sonho que se extrai a posição do sujeito, nesse estado de divisão por esse olhar no qual é fígado, não pelo lobo, mas pela própria satisfação enigmática, proveniente das cenas de sedução com a irmã e da cena primária. Citemos:

Fixamos, então, o nosso relato mais ou menos na época do quarto aniversário do menino, e foi nesse ponto que o sonho fez operar, preteridamente, a sua observação da relação sexual, com a idade de um ano e meio. Não nos é possível entender completamente ou descrever adequadamente o que então sucedeu. A ativação do quadro, que, graças ao progresso no seu desenvolvimento intelectual, já conseguia então compreender, operou não apenas como um evento recente, mas como um novo trauma, como uma interferência do exterior, análoga à sedução. A organização genital que fora interrompida restabeleceu-se de uma só vez; mas o progresso que fora alcançado no sonho não podia ser mantido. Pelo contrário, por meio de um processo que só pode equivaler a uma repressão, veio à tona uma rejeição do novo elemento e a sua substituição por uma fobia. (FREUD, 1918[1914]/1996, v. 17, p.115-116)

A segunda citação dá prioridade ao valor fundamental da fantasia. Antes de entrar nela, vejamos o contexto, no texto. Freud está levantando dois problemas, que lhe restam a modo de considerações finais.

O primeiro problema refere-se à filogênese. É um argumento que arrisca deixar a fantasia como impressão hereditária. Mas se algo tem de curioso é que ditas fantasias seriam as testemunhas (monumentos?) daquilo que falha na hereditariedade. Literalmente, as fantasias seriam respostas que estão fora do esquema, isto é: fora das coordenadas universais do Édipo. “As contradições entre a experiência e o esquema parecem suprir os conflitos da infância com material abundante” (FREUD, Ibid., p. 125). Entendemos que o equívoco de considerar que a teoria do trauma perdeu valor refere-se a uma relação lógica “ou...ou” que não conseguimos ler, nem nesse trecho, nem mesmo nos trechos a seguir, ou ainda, nos textos posteriores. Freud não desiste de pensar um aparelho que transmuta a vivência de satisfação.

Sobre o segundo problema – que precede à citação que logo escreveremos – Freud diz que não está muito afastado do primeiro, porém que é *incomparavelmente mais importante*. Trata-se da pergunta pelo saber que uma criança pode ter ao vivenciar essa cena primária. Freud afirma que será difícil “apartar de si a concepção de que na criança coopera uma *sorte de saber*, difícil de determinar, algo como uma preparação para entender”. (FREUD, 1918[1914]/2008, AE, v. 17, p. 109) Essas reflexões seriam ociosas se o sonho não se tivesse produzido na infância. O Homem dos Lobos escreveu que, certa vez, quando teria dito a Freud sobre suas dúvidas e meditações infantis, ele teria lhe respondido “somente uma criança pode pensar de maneira tão lógica”. (FREUD, A.; GARDINER e BRUNSWICK, 1976, p. 163). Existe uma verdade que se busca na cena primária, mas há um saber inconsciente pelo qual Freud se pergunta. Portanto, a questão desse segundo problema se numa “nota de rodapé”:

Posso considerar o fato de que não foi possível transformar em palavras esse comportamento senão vinte anos mais tarde, pois todos os efeitos que atribuímos, regressivamente, à cena, já se haviam manifestado em forma de sintomas, obsessões etc., na infância do paciente e muito antes da análise. Em relação a isso, também é indiferente a questão de escolhermos considerá-la como uma *cena* primária ou como uma *fantasia* primitiva. (FREUD, 1918[1914]/1996, v. 17, p.125)

Foi Lacan quem advertiu a paixão de Freud por extrair uma verdade da cena traumática, o que o teria levado a destacar o valor do sonho e da fantasia. Algo que podemos observar é que a escrita desse caso é contemporânea dos textos sobre metapsicologia, embora tenha sido publicada junto com escritos fundamentais ao tema da fantasia. Talvez, também não seja gratuito que a escrita desse caso seja contemporânea de “Totem e tabu” (1913) e de “O estranho [*Das Unheimlich*]” (1919). Queremos indicar com isso uma leitura que permita cotejar essa preocupação freudiana entre “a cena inominável” – seja na construção da fantasia, como proposto por Lacan, seja na fantasia social, como a articulou Žižek⁶⁶ – e *Das Unheimlich*. Salientemos que no texto “Um estudo autobiográfico” (FREUD, 1914/1996), escrito após concluir a escrita do caso clínico, e com o intuito de exprimir os fundamentos da psicanálise, Freud afirma que “a teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura psicanalítica” (FREUD, 1914/1996, v. 14, p. 26).

Voltemos ao caso escrito pelo Freud sobre a neurose infantil.

Com três anos e três meses o paciente foi seduzido pela sua irmã e induzido a um jogo de masturbação, no qual ela lhe manuseava o pênis. Sua posição dividira-se num primeiro tempo no qual ele era passivo em relação às propostas da irmã e, num segundo tempo, no qual, nas fantasias diurnas passara a uma posição ativa olhando sua irmã recebendo,

⁶⁶

Referimos-nos à noção proposta por esse autor sobre a fantasia social, quando a articula no grafo do desejo, de Lacan, ao lugar da fantasia $S \diamond a$ (ŽIŽEK, 1992, p. 121).

consequentemente, o castigo do pai. Finalmente, os jogos sexuais infantis levaram-no à tentativa de seduzir a babá, masturbando-se na sua frente de modo a receber dela a *ameaça de castração*.

Articulando repressão e regressão, Freud considera que nesse momento se produz uma regressão da fase genital à fase sádica. Surge aí uma prática masoquista em relação ao pai, a quem ataca, para dele receber castigos, marcando um novo destino de satisfação da pulsão. Nesse contexto, posteriormente, se produz o sonho dos Lobos. Citemos o sonho:

Sonhei que era noite e que eu estava deitado na cama. (Meu leito tem o pé da cama voltado para a janela: em frente da janela havia uma fileira de velhas nogueiras. Sei que era inverno quando tive o sonho, e de noite.) De repente, a janela abriu-se sozinha e fiquei aterrorizado ao ver que alguns lobos brancos estavam sentados na grande nogueira em frente da janela. Havia seis ou sete deles. Os lobos eram muito brancos e pareciam-se mais com raposas ou cães pastores, pois tinham caudas grandes, como as raposas, e orelhas empinadas, como cães quando prestam atenção a algo. Com grande terror, evidentemente de ser comido pelos lobos, gritei e acordei. (FREUD, 1918[1914]/1996, v. 17, p. 41)

O sonho sempre tinha sido associado com uma imagem que o angustiara, oriunda de um livro que a irmã se empenhara em lhe mostrar, com um lobo erguido, em posição vertical, avançando ameaçadoramente. Os lobos brancos lembram os lobos da fazenda na qual o paciente morara na época do sonho. Ele associa os lobos na árvore com a fantasia de castração, a partir de uma história relatada pelo avô. Os sete lobos também serão associados com a história infantil “O Lobo e os sete Cabritinhos”. Freud dirá que o lobo é substituto do pai

Obter a interpretação , nos diz Freud, levou vários anos. Portanto, há de se estimar qual o valor desse sonho nessa cura. Trata-se de uma construção da fantasia fundamental, dirá Lacan. Freud introduz aqui a questão da “realidade efetiva” que todo sonho exige e que pode ser não conhecida (*Unbekannt*). Eis que ele supõe, pela angústia que permanece além do sonho, que deve haver outras cenas *Unbekannt*. A desfiguração do sonho possibilita deduzir os destinos da pulsão, a saber: (1) Permuta de sujeito-objeto, atividade-passividade: ser olhado, em lugar de olhar e (2) Transformação no contrário: repouso em lugar de mobilidade.

Tudo leva Freud a pensar na relação desse sonho com a sexualidade infantil. A associação com a noite de Natal, na qual o sonho teria se produzido, permite-lhe concluir uma interpretação sobre uma satisfação libidinal enlaçada a um objeto proibido: o pai. Será que isso era suficiente para a eficácia prolongada do estado de angústia? Tratar-se-ia da angústia de castração (primeira teoria da angústia). Eis que aqui Freud teme perder o crédito do leitor porque “abandona o trabalho do sonho” e comunica o que teria sido uma construção, qual seja: a cena primária do *coito a tergo* dos pais que a criança com a idade de um ano e meio teria assistido. Eis o ponto em que paramos essa leitura do caso. Acrescentemos, ainda, uma curiosidade: esse é o texto que tem mais menções do termo *nachträglich*, na obra de Freud.

Em 1919, precisamente após ter registrado a importância das fantasias primordiais (sedução, castração, nascimento), Freud escreve “Bate-se numa criança” e coloca à prova a gramática do fantasma. Entretanto, em 1917, na “Conferencia 23”, na qual escreve o *Esquema da Causação das neuroses*, ele faz uma referência ao caso clínico do Homem dos Lobos. Quando o ato é descrito com detalhes precisos, que dificilmente poderiam observar-se, e que deixam impressões indeléveis, no sentido do afeto; ou quando é apresentado – isto é frequente – como executado desde atrás, *more ferarum* [ao modo dos animais]; não resta nenhuma dúvida de que essa fantasia se apóia na observação do comércio sexual entre animais (cachorros) e seu motivo é o insatisfeito prazer de olhar (*Schaulust*) da criança nos anos da

puberdade. O produto extremo dessa série é a fantasia de ter observado o coito dos pais, todavia *não nato*, quando ainda se estava no seio materno. Seja como for, a experiência dessa construção somente *nachträglich* poderá passar à palavra. Seja como for, a cena inclui a satisfação da pulsão, no olhar. Por último, a palavra é não-toda dita no campo da realidade sexual... do inconsciente.

Sem dúvida, no primeiro tempo do ensino de Jacques Lacan, o caso do Homem dos Lobos rendeu várias articulações a respeito de uma teoria sobre o trauma.

Trauma, história e verdade

Quando Lacan fez sua leitura comentada sobre o caso do Homem dos Lobos, no *Seminário -I* (LACAN, 1952, inédito) já contava com o arcabouço conceitual acima citado. Uma das primeiras colocações sobre o caso refere-se à separação precoce do contexto no qual a criança tinha cursado seus primeiros anos de vida. Lacan considerou que a ausência do pai devia ser interpretada como *carência* do pai. Literalmente, trata-se de um pai que não esteve à altura da sua função. Também diz isso em relação ao pai de Hans. Por essa razão a fobia funciona como suplência. A fobia é a suplência dessa carência. Essa matriz teve efeitos na transferência, nesses casos clínicos, se considerarmos o lugar que teve Freud: um pai forte demais.

Foi esse lugar, na relação transferencial, que, posteriormente, foi trabalhado na análise do Homem dos Lobos com a Dra. Brunswik. Freud teria estado identificado a um “pai supremo”, o qual inviabilizou sua eficácia simbólica. O Homem dos Lobos, segundo Lacan, tinha sido diagnosticado pela segunda analista como uma psicose maníaco depressiva,

enquanto, como vimos, Freud considerava tratar-se de uma neurose de angústia que se resolvera numa neurose obsessiva.

Em 1952, ano desse Seminário, Lacan salientara a importância que Freud teria dado ao acontecimento traumático no momento em que debatia com Jung e Adler. A regularidade das cenas de sedução e de estupro deveria ser considerada como a resposta fantasística, muito embora isso não significasse o desprezo pela realidade do acontecimento.

Há uma direção no tratamento, qual seja, “que o sujeito não seja dissuadido da realização plena e completa daquilo que devemos chamar a sua *história*. O que é uma análise, se não aquilo que deve permitir ao sujeito assumir plenamente aquela que é sua própria história?” (LACAN, 1952) A questão é que Freud não conseguiu obter dessa cena dados de um acontecimento, e, não obstante, a mesma foi o centro a partir do qual o trabalho da análise se realizou. Esse acontecimento foi construído e Freud teria ensinado a lê-lo como se lê um sonho, e a partir do sonho, “A leitura do sonho leva à cena reconstruída, que em seguida é assumida pelo sujeito”. (LACAN, 1952, inédito). Uma vez lido e reconstruído, o acontecimento traumático permite compreender tudo aquilo que acontece depois, e tudo aquilo que compõe a história do sujeito. Mas Lacan não deixa de assinalar a importância de que esse fato tenha deixado uma impressão, no sentido da *Prägung*.

A partir dessas reflexões, se delineia sua pergunta pelas relações entre história e verdade. “A história é da ordem da verdade, e o sujeito que a assume, dela depende. E reciprocamente, esta história depende também do próprio sujeito, enquanto a pensa e a repensa ao seu modo”. (LACAN, 1952, inédito). Não podemos deixar de notar a incidência de um pensamento hegeliano, nesse momento. Nesse sentido, toda análise deveria levar a uma assunção da “consciência de si”. A transferência providenciaria um campo onde aquilo que foi deixado fora da consciência, poderia a ela reintegrar-se.

Aquilo que a experiência de Freud exige é exatamente isto: que o sujeito que fala realize em um certo âmbito, que é o das relações simbólicas, uma integração difícil – aquela da sua sexualidade. Sua sexualidade é uma realidade que, em parte, passa despercebida, na medida em que há falhas na simbolização humana de certas relações simbólicas.

Essa integração deve ser cumprida na experiência enquanto esta acontece, para o sujeito, sobre o plano daquilo que chamamos a sua verdade, ou seja, enquanto é uma experiência em primeira pessoa, por assim dizer. (LACAN, 1952, inédito)

É esse o campo oferecido pela transferência. Freud quis lhe dar a palavra a partir dessa escansão temporal, mas isso não foi assumido pelo paciente. Isso ficou do lado de Freud. Vejamos o quadro: uma cura espontânea da neurose obsessiva que, após análise, deflagra um quadro psicótico, no qual o delírio é ser “o filho preferido de Freud”. Enfim, diz Lacan, não é alentador ver o que significa forçar o relato da cena primitiva. Freud vai atrás da sua isca, qual seja, a verdade. E isso tem consequências inassimiláveis, nesse caso. Essa cena devastadora sobreveio antes do *estádio* do espelho, significando uma posição passiva e homossexual. Quais são os lugares estruturais que comparecem na cena de sedução, na infância?

- A regularidade da aparição de cenas de estupro ou sucedâneas.
- O caráter estereotipado da cena primitiva: o coito a *tergo*.

A leitura de Lacan é que ambas as cenas conseguem responder ao quadro freudiano. Observemos que Lacan faz um comentário que inclui as séries complementares: esquema que inclui uma imagem filogenética que ressurge no retorno da cena imaginária. Entendemos que a proposta lacaniana, em 1952, segue uma série (não cronológica, mas *nachträglich*), qual seja: acontecimento traumático → ficção no sonho e na fantasia → assunção da verdade da história → consciência de si pelo trabalho da transferência.

Trauma e temporalidade lógica.

Faremos uma breve leitura do texto de Lacan “O tempo Lógico e a asserção de certeza antecipada. Um novo sofisma” (1945/1998, pp. 197-213)⁶⁷, acompanhados dos desenvolvimentos de Porge no seu livro *Se compter trois*, que foi traduzido ao português como “Psicanálise e tempo. O tempo Lógico de Lacan” (1998), bem como as elaborações de Dunker, publicadas em “Os tempos do sujeito do inconsciente” (2008)

Em primeira instância destaquemos o valor dado ao tempo e ao espaço, no sentido de *desespacializar o tempo, sempre falseado pela medida*. Essa observação, que Porge tomou de Minkovski, é de extrema importância para entender o papel da topologia no ensino de Lacan. Dita topologia refere-se ao que, na transferência se produz como efeito: o sujeito do inconsciente e o resto que Lacan nomeou sua invenção: objeto *a*.

Em 1955, portanto, nos anos dos primeiros Seminários, disse sobre os motivos que lhe fizeram escrever esse texto sobre o tempo, qual seja: a função do tempo. Por esse viés, Lacan pretende distinguir o que é da ordem imaginária e o que é da ordem simbólica. O apólogo apresentado é da sua autoria. Ressaltemos que essa leitura *nachträglich* tem a ressalva de, em 1945, Lacan não ter ainda articulado os três registros: real, simbólico e imaginário. No entanto, fazer uma leitura sobre a primeira versão do Estádio do espelho, de 1949, evidencia como os três registros já estavam colocados, com as ressalvas necessárias dos diferentes momentos de articulações da “trindade” lacaniana. O tempo lógico introduz a diferenciação entre o eu (*moi*) e o eu (*je*) ou sujeito da asserção

Qual é a situação do sofisma para o qual Lacan considera ter construído uma saída perfeita? Vejamos a formulação do problema que ele dá e, a seguir, a solução.

⁶⁷ Observemos que esse texto já teria sido publicado em *Les Cahier D'Art*, num número que reunia textos de 1940-1945, isto é, em plena segunda Guerra Mundial

O diretor de uma prisão reúne três prisioneiros, prometendo a liberdade àquele que descobrisse a cor do disco que lhe pregara nas costas, disco esse que seria escolhido de um conjunto, que incluía três discos brancos e dois discos pretos. Os prisioneiros não poderiam comunicar-se uns com os outros, nem poderiam ver o disco, uma vez que estava colado nas costas. Mas eles, sim, poderiam ver o disco que os outros dois colegas carregavam. A resposta que eles deviam dar teria de ser *lógica*. Depois de observarem-se *por um certo tempo*, os três prisioneiros se dirigem juntos à saída, dizendo a mesma coisa:

“Sou branco, e eis como sei disso. Dado que meus companheiros eram brancos, achei que, se eu fosse preto, cada um deles poderia ter inferido o seguinte: *Se eu também fosse preto, o outro devendo reconhecer imediatamente que era branco, teria saído na mesma hora, logo não sou preto*. E os dois teriam saído juntos, convencidos de ser brancos. Se não estavam fazendo nada, é que eu era branco como eles. Ao que saí porta fora para dar a conhecer minha conclusão”. (LACAN, 1945/1998, p. 198)

O que se verifica é que nessas ‘paradas’ existe um progresso lógico que se realiza, a cada vez, com a escansão precedente. E nessas o sujeito não está só. Ele fala com o outro (o semelhante, ou o outro prisioneiro, se quisermos) para poder ouvir o Outro.

Além dessa dedução, há uma urgência em concluir. Mas isso depende de que a certeza que o sujeito tenha se funde somente na expectativa do outro. Isso já tinha acontecido anteriormente, quando percebeu o tempo de atraso (2.6). Portanto, para concluir e alcançar sua certeza, é recuperando esse tempo em atraso. Eis a função da pressa para, finalmente, concluir. A objetivação da pressa de concluir se localiza na saída da segunda escansão, e não na primeira. Observemos que há uma repetição desse raciocínio que teria possibilitado a primeira saída, e que ainda não foi.

Lacan nos diz que essa escansão não estão fora do processo lógico, cada escansão representa a instância do tempo no processo lógico. Lacan cifra o tempo, uma vez que os três tempos correspondem a três modos diferentes de assunção dos personagens.

Não é um detalhe pensar que o sujeito não está só, nesse processo, e que ele se faz com o outro, contando com o dado espacial e o temporal. Quando discorremos sobre o Luto político, através da experiência das Madres de Plaza de Mayo (Berta, 2007), nos referimos, precisamente, a esse enodamento dos três registros. Lemos (2006) aponta que, nesse ato da asserção, o sujeito isola-se por uma cadência temporal do outro, numa relação de reciprocidade. Essa autora sublinha o caráter de *declaração* que tem esse raciocínio - “Assunção subjetiva e asserção lógica ocorrem juntas, ou nada feito” (LE MOS, 2006, p. 368) - e a necessária *desubjetivação* que se liga ao ato. Isso se compreende tanto nesse texto de 1945, quanto no Seminário do Ato Analítico, quando exprime, de modos diversos, que o ato está no limite da simbolização, que ele não é sem angústia, porque a angústia não é sem objeto. E, nesse limite que o ato comporta, comparece o *incompletude* do simbólico que o vazio do objeto suplementa. Porque, muito embora, o objeto não seja da mesma cepa do significante (1) ele se articula *logicamente* com o significante; (2) ele se torna um *ponto nodal*, na hora do ato.

O tempo equivale a uma experiência na qual a consciência-de-si se refere a essa subjetivação que implica o conceito de inconsciente, ou seja: “(a) algo que se apresenta, mas não se representa, (b) algo que é por natureza aberto, mas que se apresenta como um conjunto fechado; e (c) algo que qualifica as ligações com os objetos na medida em que transforma o próprio sujeito”. (Dunker, 2008, p. 129).

O Tempo Lógico será retomado, em diferentes momentos, do ensino de Lacan.

Até o fim do seu ensinamento, Lacan fez desse texto o objeto de uma fábrica, qual seja, forjar sobre o conceito freudiano do inconsciente, sua teoria sobre o sujeito. Portanto, o

texto é posto ao trabalho em inúmeras ocasiões, em particular, quando se trata de fisgar esse *efeito* que é o sujeito, pela via do desejo, pela via do gozo.

Nos anos 50 a intersubjetividade definia a relação de um sujeito social, qualificando a relação de sujeito a sujeito, mediada pelo Outro. O esquema L exprime essa relação onde podemos ler as coordenadas de um sujeito determinado pela fala inconsciente dirigida ao Outro, como lugar da palavra, e “interceptada” pela relação imaginária (que articula o narcisismo) a ser escrita *a-a*.

Sete anos antes desse comentário sobre o Homem dos Lobos, Lacan escrevera “O tempo Lógico e a asserção de certeza antecipada. Um novo sofisma” (1945/1998, p. 197-213)⁶⁸. Destaquemos o valor dado ao tempo e ao espaço, no sentido de *desespacializar o tempo, sempre falseado pela medida*. Essa observação, que Porge (1998)⁶⁹ tomou de Minkovski, é de extrema importância para entender o papel da topologia no ensino de Lacan. Em 1955, portanto, nos anos dos primeiros *Seminários*, Lacan apontara sua pergunta sobre a função do tempo, em psicanálise. Por esse viés, ele pretendia distinguir o que é da ordem imaginária e o que é da ordem simbólica. Destaquemos os três momentos da assunção subjetiva que esse texto propõe, ligados intimamente à asserção lógica que merece cada uma das escansões. No caso do Homem dos Lobos, em 1952, Lacan exemplifica da seguinte maneira essa escansão temporal:

- Instante de ver “a embargável evidência no instante de um olhar”. Quer dizer, um instante em que o sujeito se flagra numa satisfação que, por projeção, fica no campo do Outro: o olhar fixo, imóvel dos Lobos.

⁶⁸ Observemos que esse texto já teria sido publicado em *Les Cahier D’Art*, num número que reunia textos de 1940-1945, isto é, em plena segunda Guerra Mundial.

⁶⁹ Para explanação desse tema sugerimos, junto ao escrito de Lacan, a leitura do livro de E. Porge, *Se compter trois*, que foi traduzido ao português como *Psicanálise e tempo. O tempo Lógico de Lacan* (1998), bem como as elaborações de C. Dunker, publicadas em *Os tempos do sujeito do inconsciente* (2008).

- Tempo de Compreender a fase do problema: o trabalho da cogitação do “*working-through*”. Portanto o trabalho de reconstrução das cenas a partir do sonho. Aqui devemos contar também o fenômeno da alucinação do dedo cortado.
- Momento de concluir. O elemento da pressa, isto é, da urgência própria a toda espécie de escolha e de compromisso.

Ainda em 1952, referindo-se ao recalçado, Lacan aponta dois tipos de memória: (1) a criança lembra alguma coisa que aconteceu e (2) isso não pode ser rememorado sobre o plano simbólico. Não há contradição nessa observação, mas a mesma mostra o limite à interpretabilidade.

O sonho dos lobos, pode ser analisado em dois planos: (1) o plano dos mitos que tentam assumir os mitos socializantes e (2) Depois disso “não há aí mais nada”. Por essa razão Freud interpreta essa cena no valor de cena primária. A janela é o véu que envolve o sujeito, ela é um espelho. O sujeito vai *se ver olhando* (sob a forma pela qual esses lobos o olham). Há uma contrapartida na fixação do olhar dos lobos e a cena agitada do *coito a tergo* dos pais. Isso promove um relaxamento esfínteriano devido ao terror. O doente esqueceu essa cena, a qual é não integrável à sua memória consciente. Ela vai surgir quando tenta mediar seu desejo, criando uma relação simbólica com o pai. Lembremos que, segundo Freud, a posição de satisfação masoquista do paciente, com relação a seu pai, deve ser entendida como *Édipo Invertido*. Sua relação homossexual passiva com o pai ficaria como representação inconsciente recalçada, substituída pelo sintoma: a fobia. É a exigência narcísica que mantém o recalque. Nessa relação especular narcísica na qual o sujeito ambigualmente é ele e o outro, colocam-se as questões sobre a bissexualidade, precisamente porque o espelho mostra uma erótica da imagem, nessa ambiguidade.

Vejamos que há dois níveis da imagem propostos por Lacan: (1) a imagem do espelho totalizante que integra o corpo despedaçado e (2) a imagem fragmentada do corpo feminino. Caso o sujeito fique identificado ao corpo fragmentado, as nádegas da mulher na posição *a tergo*, o que apareceria seria angústia. Portanto, é na virilidade que se cumpre a confirmação narcísica de uma imagem completa, mas esse sujeito não consegue acessar esse objeto heterossexual, essa é sua dificuldade.

Todavia, sobre a cena primária traumática, há uma *tipologia* das figuras do pai: (1) o pai castrador: representado pelos dentistas que lhe arrancam os dentes e (2) o pai mortífero: sobre o plano da relação imaginária, do qual o eu (*moi*) foge e se subtrai com pânico. Esse tipo de figura paterna está ligado à imagem da cena primária: identifica o sujeito na sua posição passiva, promove angústia, uma vez que equivale à fragmentação primitiva. *Esse é o perigo pulsional que nesse momento se define como agressividade*. No Seminário *Os escritos técnicos de Freud* (1953-1954), Lacan indica que se trata de uma reconstrução da história do sujeito. A história se define como “o passado historizado no presente”. Portanto, o trauma como ficção (reconstrução) se produz *nachträglich*. O caminho da reconstrução da história tem a eficácia de uma restituição.

A esse respeito, Gaufey coloca com precisão que a realidade histórica não se separa da realidade psíquica. É porque houve coito que há sonho. É porque se relata um caso por vinte e cinco anos, que esse relato – essa narrativa (*Erfahrung*) – tem incidências subjetivas. A realidade psíquica é uma realidade pulsional, portanto, de gozo. Isso que retorna indômito, porque é pulsional, vai escrevendo o trauma. Os vinte e tantos anos de um relato onde o sujeito é fato de discurso têm consequências para a incidência do trauma na posição fantasmática. Dito de outro modo, se houve coito, então teremos o sonho, o que significa que o trauma que se diz e se diz, mais uma vez, e mais uma vez, vai decantando a prova do

impossível de dizer. Impossível a ser considerado nos termos da lógica modal que Lacan trabalhará em anos posteriores a esse comentário.

Essa construção se ancora no trabalho dos sonhos e na construção do mito familiar. Lacan é categórico no *Seminário -I*, quando imputa a Freud que ele teria percebido a ambiguidade da sua resposta, perante a pergunta: *O que é o trauma?* Assim, Lacan responde à pergunta freudiana: a dimensão fantasmática é *infinitamente* mais importante que sua dimensão de acontecimento. O acontecimento passa a um segundo plano na ordem das referências subjetivas.

Porém, e nesse mesmo ponto, Lacan mostra a importância que ele mesmo dá ao “acontecimento”. Por quê? Porque se o sujeito viu ou não viu, somente poderá tê-lo visto numa data precisa. E aí o que interessa a Lacan é a conta. O *Isso* conta. Todavia, ele afirma que entende não estar traindo Freud quando coloca a importância da historização e do reconhecimento, porque são eles que permitem contar. Achamos esse um dado clínico relevante. Porque o que se conta, inclui o sujeito num tempo lógico. O momento da conta permite incluir-se na conta. Lacan dá um nome: *Erlebnis*.

Essa *Erlebnis* é a experiência crua vivida. Há outro termo que lemos com Benjamin (1936/1994, p. 197-221), qual seja, *Erfahrung*, que se refere à experiência na qual se transmite algo do vivido, assim como poderia transmiti-lo um narrador. Entretanto, o que Lacan relata é uma cena vívida, uma cena quase alucinatória; e que nos remete ao que escrevemos nos primeiros dois capítulos desta Tese.

Mais um apontamento nisto que nos interessa: Lacan nos pergunta se realmente percebemos o alcance da questão da historização. Há uma síntese presente do passado. A análise convoca a isso. Qual o discurso que fazemos proferir o analisante a partir da associação livre? Sabemos que “livre” aqui significa “sobredeterminado” pelo *falso enlace*.

Nesse percurso, Lacan vai dando à intencionalidade discursiva todo o seu valor quando entendida como historização. O Inconsciente é o discurso do Outro, por essa razão a historização toma esse valor inusitado. E é por essa orientação que ele entra no estudo da resistência, resistência que aparece na cena analítica. Essa resistência não é resistência do Ego (que de fato é censura), essa resistência é de discurso. Por essa via, busca nos *Estudos sobre histeria*, nas construções das linhas do discurso em volta do núcleo patogênico, uma relação de causalidade. Nessa construção freudiana do aparelho psíquico como sendo vetorizado por uma rede que tem dois sentidos: longitudinal e radial ao redor de um osso, localiza e reencontra o núcleo patogênico. Ele volta a Freud, aos *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895). Porque se nesse “ser para a fala” algo resiste, então isso que resiste é o “âmago patogênico”.

Trauma e resistência

Visto a partir do que Lacan vai teorizar posteriormente, esse mapa freudiano do núcleo patogênico, nada mais é do que a rede significante e sua determinação. Aqui se apresenta a rede significante. Lembremos apenas o argumento freudiano de *Estudos sobre a histeria*. As lembranças se agrupam em séries semelhantes que (1) se dispõem por conexões por sequências lineares, como arquivos, compondo temas, (2) cada um deles está concentricamente estratificado em torno de um núcleo patogênico, assim sendo, os conteúdos se organizam por camadas de igual resistência. Mais perto do núcleo, maior a resistência e (3) um arranjo de acordo com o conteúdo dos pensamentos, a ligação feita por um fio lógico que chega até o núcleo e tende a seguir um caminho irregular e sinuoso, diferente em cada caso. Este possui um caráter dinâmico, em contraste com (1) e (2) que tem um caráter morfológico. Para atingir esse núcleo da série lógica é preciso traçar uma linha em ziguezague, como numa

partida de xadrez. Destarte, esse é o mapa, em 1895, para falar do caráter sobredeterminado (*Überbestimmt*)⁷⁰ do sintoma.

A esse respeito Lacan dirá no final da aula de 7 de janeiro de 1954, que Freud define o nódulo patogênico como: aquilo que se busca, mas que o discurso rejeita. A resistência é a inflexão do discurso quando se aproxima do nódulo patógeno. Qual é o sentido desse discurso? É um discurso histórico. A técnica analítica, no seu início, era a hipnose. No hipnotismo o sujeito sustenta esse discurso histórico, dramatizado, fazendo necessária a presença do ouvinte. Se Lacan se indaga pelo que seja a porta de entrada na clínica a partir da *Erlebnis* traumática, é para se perguntar pelo sujeito do discurso. A pergunta será; qual é o sujeito do discurso?

Nesse contexto, não surpreende que Lacan se coloque novamente sua pergunta sobre o Homem dos Lobos para indicar que a resistência aponta a algo que ficou fora do comércio associativo. Esse algo está fora do alcance de qualquer enlace: é como se não existisse. É o centro de atração que traz para si todos os outros recalques e é também o núcleo patogênico, fora de toda associação. Como observamos, no Seminário *As psicoses* (1955-1956), Lacan aponta algo esclarecedor: a cena primordial deve ser considerada ao nível da *Verneinung*, proposta por Freud em 1925. Essa *Verneinung* é condição de afirmação primordial. Todo o debate de Lacan com Jean Hyppolite sobre a alucinação do dedo cortado do Homem dos Lobos gira em torno dessa questão.

A *Verneinung* e o trauma

⁷⁰ “Un síntoma es de determinismo múltiple, de comando múltiple {mehrlach determiniert, überbestimmt.}” (FREUD, AE, 1995/2998, v, 2, p. 285).

Qual é a colocação de Lacan sobre *Verneinung* e trauma, que nos interessa destacar?

Temos em primeiro lugar a observação sobre a *Verneinung*, que nos leva a pensá-la como operador responsável da marca de um signo do real. Isso não é *das Ding*. O problema da *Verneinung*, diz Lacan, permanece integralmente não resolvido. O importante é captar que Freud a concebeu relacionando-a ao mais primitivo. Isso é admitido formalmente na Carta 52 – continua dizendo. A *Verneinung* Primordial é responsável por uma primeira colocação em signos, [*Wahrnehmung-Zeichen*], ela admite a existência do significante primordial. A Carta 52 de Freud supõe a existência de um estágio primordial que é o lugar escolhido da *Verwerfung*. Para Freud era necessário supor uma organização anterior, primordial, do aparelho. Através dela sustentar sua pergunta pela memória inconsciente. Segundo Lacan, para Freud, os fenômenos de linguagem são os fenômenos de memória.

No Homem dos Lobos, a impressão primitiva da famosa cena primordial ficou aí por anos, sem servir para nada, mas já significativa, mesmo antes de poder dizer sua palavra na história do sujeito. O significante está dado primitivamente, mas se o sujeito não o integra na sua história, então, de nada ele serve. Nesse caso, adquiriu importância entre o 1 ½ anos e os 4 ½ anos de idade. Com efeito é o desejo sexual o que serve ao homem para historizar-se, enquanto é a esse nível que, pela primeira vez, se introduz a lei. (LACAN, 1952, inédito)

O que nos interessa é pensar se o trauma é: *Verneinung* (Negação), *Verwerfung* (Foraclusão), *Urvedragung* (Recalque Primordial). Adiantemos que não temos uma resposta fechada.

Garcia-Roza (2000), aponta que o conceito de *Aufhebung* permite uma duplicidade de sentidos: algo é suprimido, abolido, superado, mas ao mesmo tempo mantido, enquanto suprimido, abolido, superado. Algo é *negado* e ao mesmo tempo é *conservado*. No texto *Die*

Verneinung (FREUD, 1925\1996, v.19) a *Aufhebung* adquire seu peso teórico enunciando ao mesmo tempo o que nega: “Agora o senhor vai pensar que quero dizer algo insultante, mas realmente não tenho essa intenção.”; “O senhor pergunta quem pode ser essa pessoa no sonho. *Não é minha mãe*” (FREUD, 1925\1996, v.19, p.265). Na medida em que o paciente exprime o conteúdo do recalcado, e ao mesmo tempo nega que seja expressão do seu desejo, há uma suspensão (*Aufhebung*) do recalçamento – uma vez que o recalcado torna-se consciente – mas mantem-se o essencial do recalçamento, porque o conteúdo é negado.

No que diz respeito ao instante traumático, instante de ver, tratar-se-ia da contingência de uma cena, na qual sua vividez sensorial se reitera de modo insensato, resistindo a qualquer elaboração. Apresentamos agora uma questão para debatermos: a *Verneinung* possibilita a suspensão do recalçamento, assim como pode ser solidária da elisão, da qual Freud apontou sua importância no que diz respeito a dita vividez da cena. Isso poderia explicar por que ouvimos os pacientes dizer que não esqueceram determinada cena, mas que não estava à disposição; que foi como “se tivessem esquecido”? É o que encontramos no caso da cena primitiva dos lobos. É, também, o que se recolhe na clínica psicanalítica, no momento em que o sujeito integra uma cena traumática porque nela inclui sua pergunta pelo desejo. A *Verneinung* poderia abrir para a pergunta sobre o silêncio característico daqueles que passaram por situações traumáticas. Dito silêncio excede a fala e aponta, por vezes, para reações que podem ser entendidas como passagem ao ato ou *acting out*.

Assim nos parece ter sido para Laura, como detalharemos no capítulo 4. A imagem do corpo despedaçado do irmão, numa caixa de papelão, será carregada até o fim dos dias. Isso não se integra, está despedaçado do campo pulsional. Todavia, o silêncio sobre a cena não se limitava a falar conosco, mas a poder partilhar com seus semelhantes, moradores da Casa, os motivos que lhe fizeram sair do país e a dor que lhe provocava estar longe dos seus familiares.

Trauma e fantasia: a dor de existir⁷¹.

No fim dos anos de 1950, Lacan aproxima o trauma da “dor de existir”, índice da existência de linguagem do ser falante. O trauma refere-se aí, não ao acontecimento traumático, mas à própria estrutura. Nas primeiras aulas do Seminário *O desejo e sua interpretação* (1958-1959), Lacan nos aponta que podemos pensar a constituição do sujeito dividida em três etapas que, não sendo cronológicas, devem ser entendidas numa geração regida por sua anterioridade lógica. A psicanálise mostra que, “[...] na tomada do homem no constituinte da cadeia significante” (LACAN, 1958-1959, p. 21), ele, para falar, deverá entrar na linguagem e no seu discurso pré-existente.

Temos, de início, a tendência, a cadeia intencional do sujeito encontrando a cadeia significante e produzindo-se, ao final, a primeira identificação: o sujeito recebendo o primeiro *signum* de sua relação com o Outro. Nesse ponto, o sujeito é dito inocente, tomado simplesmente, forçosamente, na linguagem, que lhe impõe, queira ele ou não, sua forma.

Em seguida, funda-se nessa experiência da linguagem a apreensão do Outro, na medida em que este fará com que um significante ou outro esteja presente na fala, expressão do encontro do desejo como desejo do Outro, ao passo que anteriormente era em si mesma que a bateria de significantes se apresentava. Na segunda e terceira etapas, se produz a resposta do sujeito ao desejo do Outro, tomada do suporte dado pela a relação imaginária com o semelhante $i(a) - moi$, que terá sua homologação na construção da fantasia fundamental, $\$ \diamond a$. O sujeito responde ao desamparo, *Hilflosigkeit*, com a intervenção do elemento imaginário apoiando-se na experiência do semelhante, cujos referentes se encontram no *esquema óptico* e no *grafo da subversão do sujeito e da dialética do desejo* articulando-se no quadrante $m - i(a) - d - \$ \diamond a$. O que o sujeito reflete nessa experiência imaginária não é

⁷¹ Esse texto, quase na íntegra, faz parte de um escrito publicado com o título “A dialética do desejo no Seminário 6”, no livro “As realidades sexuais do inconsciente”, 2006, 173-182.

somente o jogo de prestígio, mas ele mesmo como ser falante. Neste nível o sujeito é aquele que sabe falar, passagem do *infans* para a constituição do sujeito do inconsciente.

A dialética do desejo dividida nesta geração de três momentos lembra o que nos dois Seminários imediatamente anteriores fora trabalhado por Lacan em termos de dialética da frustração. Na mesma, temos dois tempos. No primeiro tempo, localizado no primeiro andar do grafo, a mãe simbólica instaura o par presença – ausência e dá um objeto real: o seio. No segundo tempo, a mãe deixa espaços abertos, brechas, entre o apelo da criança e sua resposta. Nessa brecha, a criança joga seu *fort-da* e retroativamente significa a presença e a ausência da mãe e o que ela, a criança, é nesse jogo. Assim sendo, a mãe torna-se real, onipotente, e o objeto adquire o estatuto simbólico, ele será signo de amor. Esse é o conceito do objeto enquanto *dom*. Isto possibilita a abertura da questão colocada ao Outro, que retorna em forma retroativa para o sujeito. É na experiência da linguagem que se funda a apreensão do Outro, o *Che vuoi?*

“*Che vuoi?* O que queres tu? A questão posta ao Outro sobre o que ele quer, em outras palavras, daí onde o sujeito faz o primeiro encontro com seu desejo.” (LACAN, 1958-1959, p.25). O que queres? O que eu quero? Eis aqui a estrutura da banda de Moebius, na qual o sujeito se noticia que, daí em diante, entre o desejo e o objeto, somente será possível uma relação articulada na fantasia fundamental, lugar de referência no qual o desejo aprende a situar-se. Esta é a razão pela qual Lacan diz que o desejo não visa o objeto, mas a relação do sujeito com o objeto, \$ punção *a*. O desejo está atrelado a essa relação de “...o sujeito falante enquanto se refere ao outro como olhar, ao outro imaginário.” (Lacan, 1958-1959, p. 29). Destacamos o estatuto do objeto na fórmula da fantasia fundamental em 1958-1959: objeto imaginário articulado à cadeia significante. Destacamos, também, o contraponto entre trauma e fantasia, nesse momento, uma vez que a resposta da fantasia fundamental é a resposta ao trauma.

Lembremos o exemplo do filme de Renoir *La regle du jeu* evocado por Lacan. Dalio é um colecionador de objetos, mais especificamente de caixas de música. Num determinado momento, o personagem revela para um público numeroso sua mais querida caixa musical, especialmente bela, e fica tomado pelo pudor, a vergonha e essa perturbação que assinala seu desejo. “O que o sujeito mostra não seria mais do que o ponto máximo, o mais íntimo de si próprio; o que é suportado por este objeto [...] é essa alguma coisa que está mesmo à beira do maior segredo” (LACAN, 1958-1959, p. 101). Vemos que, para o sujeito, não somente é enigmático e obscuro o desejo do Outro, mas também o seu próprio desejo, razão pela qual evocávamos a banda topológica.

Ao final deste detalhamento das etapas lógicas, encontramos a seguinte frase: “O desejo é a metonímia do ser no sujeito: o falo é a metonímia do sujeito no ser”(LACAN, 1958-1959, p. 33). Comentaremos a mesma a seguir.

“O desejo é a metonímia do ser no sujeito”. O desejo, condição absoluta, é o que alude o ser no sujeito. Cabe destacar que esse ser é definido como “[...]o real enquanto ele se manifesta ao nível simbólico.” (LACAN, 1958-1959, p. 434). Esta é a razão pela qual Lacan insiste em dizer que o sujeito tem existência de linguagem. Por outro lado, esse desejo, com estrutura de metonímia, carrega o *reberto da alma ferida* e tira daí a força que lhe determina sua condição. O desejo é “o retorno da particularidade perdida” (RABINOVICH, 1995/2005, p.28) na passagem da necessidade à demanda. O objeto humano sofre essa espécie de volatilização, deslocamento em que pode se manter o frágil equilíbrio do desejo. Deste modo, o desejo, apontando a falta que ele suporta, determina que o que era objeto do instinto fique cativo do funcionamento da cadeia significante e da sua remissão incessante. O “horizonte do ser”, para o sujeito, se articula nos destinos da demanda, definidos pelas marcas do Outro. Nos intervalos da mesma, a experiência do desejo se realiza.

Os dois pontos (“:”) podem ser lidos da seguinte maneira: “isto é”. Que o desejo seja a metonímia do ser no sujeito se afirma por outra relação metonímica, a saber: “o falo é a metonímia do sujeito no ser”. O falo, no seu estatuto de elemento significante que indica a falta de significante, “...elemento subtraído à cadeia da fala” (LACAN, 1958-1959, p.33), delega a relação do sujeito com a cadeia e aponta a definição do mesmo: o sujeito é o que um significante representa para outro significante. Nessa representação, o referente último está perdido. Podemos dizer que a parte perdida e sacrificada ao *logos* na passagem da necessidade à demanda toma valor de significante. O falo, como elemento significante, carrega em si a falta. Na aula de 11 de fevereiro de 1959, Lacan retoma o conceito de falo a partir da seguinte questão “qual é a relação deste falo com o Outro, o grande Outro do qual falamos como o lugar da fala?” (LACAN, 1958-1959, p. 231). E responde que o falo, se tem relação ao Outro, não é para designar-lhe seu ser. Antes, o falo tem relação com o ser do sujeito.

Neste ponto, devemos retomar os conceitos de objeto *a* e de falo. No Seminário *As formações do inconsciente* (LACAN, 1957-1958), Lacan tinha definido e diferenciado o falo como objeto imaginário e o falo como significante. Neste Seminário VI, avança com o intuito de diferenciar o objeto *a* inscrito na fórmula da fantasia fundamental e o falo; e oferece uma íntima relação entre ambos. O objeto *a*, objeto do desejo – o que não significa dizer: desejo de um objeto - se relaciona com o falo enquanto $-\phi$, isto é, no plano imaginário, ao nível do complexo de castração. Lacan afirma que, se o objeto *a* é efeito da castração, o falo é o objeto da castração (LACAN, 1958-1959, p.389). Acrescenta que o objeto *a* - sendo aquilo ao qual o sujeito se “amarra” em face de sua existência de linguagem - tem três formas, a saber: pré-genital, falo e delírio (antecipando aqui o objeto voz).

Então, se o falo é o objeto da castração, essa é a razão pela qual o que está no cerne do complexo de Édipo é o luto do falo, mais precisamente o luto de ser o falo. No declínio do complexo de Édipo vemos que o sujeito está numa relação narcísica com esse termo: o falo.

Frente ao luto do falo – dimensão simbólica da relação do sujeito ao Outro – o sujeito dá uma resposta ao nível imaginário: a castração sendo assim assumida no plano imaginário $-\phi$. Lacan dirá que o objeto a é justamente aquele que sustenta a relação do sujeito com aquilo que ele não é: ele não é o falo. “O sujeito está presente no fantasma. E a função do objeto – que é objeto do desejo unicamente naquilo que ele é termo do fantasma – o objeto toma o lugar, eu diria, daquilo do qual o sujeito foi privado simbolicamente” (LACAN, 1958-1959, p. 329). Isto significa dizer que é porque o sujeito está privado, por sua relação com o significante, de algo que é significante do âmago do seu ser – o falo – insistimos, é porque o sujeito está privado desse significante que um objeto particular se torna para ele o objeto do seu desejo.

A relação do sujeito à função do significante falo aponta as duas respostas que são sê-lo e tê-lo. Vemos, então, a linha de divisão que anuncia a resposta ao complexo de castração: não se pode sê-lo e tê-lo. Assim, para o homem encontramos que, frente à assunção da castração, “ele não é sem tê-lo”, enquanto para a mulher “ela é sem tê-lo”. São essas as modulações da assunção subjetiva com que joga a realidade da castração, e que se flexionam entre o ser e o ter. As mesmas tomam seu lugar na construção da fantasia fundamental. Reiteramos, se o falo tem uma relação ao ser do sujeito, é enquanto o sujeito falante se articula a um objeto.

Se na notação algo se apresenta [...] como sendo o sujeito barrado diante do objeto, $\$ \diamond a$, isto é, o sujeito do desejo, o sujeito enquanto que na sua relação ao objeto, é ele mesmo profundamente colocado em questão e que é isto que constitui a especificidade da relação do desejo no próprio sujeito, é na medida que o sujeito é na nossa notação o sujeito barrado, que se pode dizer que é possível, em certas condições, lhe dar como significante o falo. Isto em quanto ele é o sujeito falante (LACAN, 1958-1959, p. 232).

O desejo é a metonímia do ser no sujeito: o falo é a metonímia do sujeito no ser. Eis a forma de Lacan nos dizer que esse sujeito deve interpor, entre ele e sua existência, um desejo... um sonho. Por esta razão, o inconsciente é a testemunha de que o sujeito jamais alcança seu ser.

A questão que nos colocamos é de saber o que acontece quando o sujeito se confronta com situações nas quais ele não encontra um estofo para sustentar sua ficção, tempo no qual a tela se abre, e confronta o sujeito com o mais íntimo do seu ser, sua falta-a-ser. No Seminário VI, isso é nomeado “dor de existir”, o vazio, a falta constitutiva do sujeito. O trauma é ter existência de linguagem. A dor de existir denuncia esse ser de linguagem, sempre evanescente. Essa existência não pode ser abolida, nem o próprio suicídio permitiria isso. Pode haver maneira mais *hard* de dizer o que é da ordem do ser para o sujeito? O desejo é aquilo que permite ao sujeito suportar esse fato da não abolição da existência. Parece-nos que essa é a razão pela qual, assim como o ser do sujeito se define pelo *des-ser*, também o objeto adquire estrutura de corte. “Eu disse-lhes, é como corte e como intervalo que o sujeito se encontra no ponto termo de sua interrogação. É também essencialmente como forma de corte que o *a*, em toda sua generalidade, mostra-nos sua forma” (LACAN, 1958-1959, p. 405). Assim sendo, aqui não percebemos um apagamento da questão do trauma, menos ainda, uma oposição à fantasia. Trata-se de um contraponto que mostra a relação suplementar entre um e outro.

Existem as “astúcias” do sujeito perante a estrutura que lhe impõe o significante, ou seja, o sujeito pode responder nas diferentes formas de agarrar-se ao objeto, de manipulá-lo. No que diz respeito à “dor de existir”, podemos considerar que há algo de um limite, que de alguma maneira mostra ao sujeito o segredo da sua astúcia. Veremos isto, a seguir, recortando alguns pontos do comentário de Hamlet.

Por quê Hamlet? Pois, trata-se do drama centrado na frase sobre o ser, *to be or no to be*. A tragédia de Hamlet, diz Lacan, é o drama do desejo, do objeto e da morte, todos os três reunidos na questão do luto.

Lacan articula, na sua análise, três elementos, a saber, o fantasma do pai, o desejo da mãe e o lugar de Ofélia no desejo de Hamlet. Pretendemos nos deter nestas articulações, uma vez que darão a possibilidade de pensar a dialética do desejo.

Qual trauma para Hamlet?

Hamlet é aquele que foi envenenado por um excesso de saber vindo do Outro, encarnado pelo *ghost*. Se é preciso que no Outro exista uma falha no saber, com Hamlet isto não acontece. O fantasma do pai sabe e envenena a seu filho com esse saber. Aqui, envenenar significa transmitir uma vontade que se transforma em mandato – ele deve vingar a morte do pai, deixando Hamlet na encruzilhada do seu desejo. A partir do momento em que o espectro do pai fala desse saber, produz-se a vacilação fantasmática em Hamlet. Podemos dizer que o fato de que o Outro saiba ou não localiza a possibilidade da constituição do sujeito do inconsciente. Em S (A) Lacan situa esta diferença. Isto é, se não há um último significante no Outro que diga de um saber absoluto, então o sujeito – em retroatividade – tem a possibilidade de acessar a um certo saber sobre o seu desejo e responde a isso com a construção da fantasia fundamental. O *ghost* seria uma versão do Outro na ordem do mandato do supereu, que faz Hamlet perder-se do seu desejo, e inibir-se em seu ato. Ao ouvir as palavras do fantasma, Hamlet entra num estado de estupor, suspendendo, por esse excesso de saber, todo movimento possível em direção ao desejo. A saída é que seu ato o atravesse de maneira derradeira. Hamlet procrastina seu ato, pois nele está em jogo seu ser. Algo não anda

no desejo de Hamlet e isto aparece no sintoma da procrastinação do ato. Em consequência, a retificação do seu desejo se equivale à efetivação do ato. Ele acaba morto.

Ao saber do Outro se adjunta o que será a mola fundamental do drama: a mãe. O problema está não em relação ao desejo *pela* mãe, mas ao desejo *da* mãe, essa mulher que Lacan nomeia “uma genital”, ironizando as articulações dos pós-freudianos sobre o objeto. A mãe de Hamlet é aquela que não faz o luto, ela é uma mulher voraz. Deitar-se com Cláudio, seu cunhado, e saber do assassinato retira dela qualquer possibilidade de ser localizada no Ideal do amor do seu filho. Após a *play scene*, a qual Hamlet fez representar para surpreender a consciência de Cláudio, encontramos o diálogo com a mãe. “Desejo, claro, a senhora tem, do contrário não teria impulsos. Mas certamente, são desejos apopléticos, a própria loucura não erraria assim.” (SHAKESPEARE, Ato III, cena 4, p. 86). Esse diálogo é um apelo fracassado à lei e à dignidade. Vemos que o próprio discurso de Hamlet recai a partir do pedido do fantasma do pai que intervêm, nesse momento, ao modo de pedir clemência para sua antiga mulher. O recaimento do discurso é o próprio desvanecimento do apelo, pois há alguma coisa do desejo da mãe à qual o sujeito não consegue sublevar-se. Hamlet é representante da demanda do *ghost* nesse apelo, mas seu próprio desejo, o de Hamlet, está fora do jogo: “é no lugar do Outro voraz onde Hamlet fica retido, não como seu falo imaginário, mas como umas das espécies do objeto.” (VEGH, 2003, p. 84)⁷².

Sabendo dos fatos do assassinato do pai e constatando voracidade da mãe, Hamlet perde a condição de sujeito desejante. Por isso, o estupor antes mencionado. Ofélia era seu objeto de amor e de desejo. Ainda mais, ela está aí para interrogá-lo sobre o segredo do seu desejo. É nas relações com o objeto Ofélia, o qual Lacan anuncia como escandido em tempos, que será possível apreender as relações de \$ com o objeto *a*. Primeiramente, Ofélia é causa do sofrimento de Hamlet, ele sofre por amor, diz Polônio. Após o encontro com o *ghost*, começa

72

Tradução livre.

a escansão que Lacan divide em três tempos. No primeiro tempo, Hamlet encontra Ofélia depois da revelação e passa a examiná-la. Isso se produz porque na vacilação fantasmática aparecem os componentes da fantasia fundamental e se provoca uma alteridade imaginária experimentada por um certo estranhamento. No segundo tempo, Ofélia é completamente dissolvida como objeto de amor e, via as agressões de Hamlet, converte-se num puro e simples suporte da vida, isto é, o falo: “...isto que não pode ser dado ao sujeito a não ser no momento em que literalmente ele se sacrifica, em que ele não é mais ele próprio, em que ele o rejeita todo do seu ser, ele é bem e unicamente o falo” (LACAN, 1958-1959, p. 339). Ofélia é o falo enquanto símbolo significante da vida - sendo uma vida impossível para Hamlet - e que, como tal, é rejeitado pelo sujeito. Finalmente, o terceiro tempo se dá na cena do cemitério (SHAKESPEARE, Ato V, cena 1).

Lembremos os detalhes desta cena. Lacan retoma uma fórmula que lhe serve neste Seminário para avaliar a constituição do sujeito em relação ao semelhante: a equação $i(a)/\$$ *punção a/I*. Havia falado dela ao tomar o exemplo de Santo Agostinho, quando a criança vê o semelhante, seu irmão, no seio da mãe. É na medida em que o objeto (*a*) pode substituir à totalidade (*I*), e é na medida em que o sujeito (\$) pode se substituir pelo semelhante *i(a)*, que entramos na atividade simbólica naquela que faz do ser humano um ser falante e que vai definir toda sua relação ulterior ao objeto. Lacan dirá que, perante o angustiante do desejo do Outro, o sujeito se faz substituir pela sua imagem. Na cena do cemitério, Hamlet se reconhece na imagem do desespero de Laertes pela morte da sua irmã. Hamlet, por intermédio de Laertes, pode entrever algo do que tinha sido seu objeto de desejo: Ofélia. Lemos isso nas seguintes palavras de Hamlet nessa cena:

Quem é esse cuja mágoa
Se adorna com tal violência; cujo grito de dor
Enfeitiça as estrelas errantes, detendo-as no céu,
Petrificadas como espantadas ouvintes? Esse sou eu,

Hamlet, da Dinamarca (salta na sepultura).
(SHAKESPEARE, Ato V, cena 1, p. 125)

Porém, o objeto somente poderá ser re-conquistado ao preço da própria morte. Esta é a saída do desvario do desejo de Hamlet. O ato lhe permite recuperar seu desejo de forma trágica e isto somente é possível através do luto que realiza em *i(a)*. Anos depois, Lacan dirá que o luto é a elaboração de uma perda centrada na imagem do semelhante e que confronta o sujeito com o “faltar a falta” na relação dialética amante-amado. Hamlet, diante do corpo morto de Ofélia, abraça-se ao que era sua falta, razão pela qual Lacan afirma que é essa a recuperação do objeto *a*. Momento este que assinala o limite da dialética do desejo articulada na fantasia fundamental e que indica a “dor de existir”. Sem a presença de Laerte, do semelhante, o luto poderia ter sido impedido. Lembremos, novamente, do fator estruturante, para Lacan da cena de Santo Agostinho; o sujeito realiza seu desejo a partir de se refletir no outro, seu semelhante, quando vlizado pelo Outro simbólico.

Nas últimas aulas, vislumbra-se o caminho que tomarão as articulações de Lacan sobre o objeto nos seguintes anos do seu ensino, aqui articulado sempre em relação ao desejo. Assinalamos que o objeto tem função de corte em face ao corte que se inscreve na sincronia significante que define o sujeito. Quanto ao *a*, Lacan diz que ele, o objeto do desejo, na sua natureza, é um resíduo, um resto. “Ele é o resíduo que deixa o ser ao qual o sujeito falante é confrontado como tal, a toda demanda possível. E é por aí que o objeto junta-se ao real” (LACAN, 1958-1959, p. 510). Esse real que se apresenta como o que resiste à demanda, chamado de *o inexorável*. “O objeto do desejo é o inexorável como tal, e se ele se junta ao real [...] é sob essa forma de real que ele melhor encarna, esse inexorável, essa forma do real que se apresenta por retornar sempre ao mesmo lugar” (LACAN, 1958-1959, p. 511). A imagem do pastor que, em sua solidão, traduz, ao ver o céu, o que volta sempre ao mesmo lugar, permite a Lacan dizer que esse objeto do desejo é para ser definido como significante.

Destacamos que isso é o que torna difícil, no final deste seminário, a diferenciação entre o objeto e o significante. Parece-nos que, na medida em que avança sobre as definições de um Real pouco desenvolvido nesse momento do seu ensino, essa diferenciação se faz mais obscura e enigmática. Talvez sejam estes os limites conceituais nos anos 1958-59. Entretanto, esse desejo que não é harmônico, que é polimorfo, problemático e que não se fixa a um sentido último, ele se manifesta nos intervalos, razão pela qual Lacan conclui dizendo que o analista é aquele que é o parteiro, aquele que preside o advento do desejo e que o artifício com o qual ele conta é, nada mais nem nada menos do que o corte, um dos métodos mais eficazes da sua intervenção.

Trauma e *das Ding*

No Seminário *A ética da psicanálise* (LACAN, 1959-1960), Lacan dedica um longo percurso para tratar sobre o objeto, chamado nesse momento: *das Ding*, a Coisa. Ele afirma que com Freud a psicanálise teve a dizer sobre a ética, na medida em que assinala a relação do homem com o real. Lacan traça um caminho bem delimitado: num extremo temos a onipresença da infiltração do imperativo moral, no outro extremo, temos o prazer que podemos paradoxalmente obter dessa onipresença do imperativo, e que Freud chamou de masoquismo moral. Esse caminho indica de uma ponta à outra a presença e a onipresença do real.

Há nesse Seminário uma apresentação de conceitos fundamentais que já estavam sendo trabalhados com a noção da fantasia. Ditos conceitos levantam questões em relação ao que a psicanálise entende por realidade, por ficção, por prazer e por trauma; seguindo a letra freudiana.

No que se refere ao real e ao trauma, Lacan comenta que o termo “felicidade” (*bonheur*) remete – em quase todas as línguas – ao encontro, à *Tyche* (o que toca em sorte). *Bonheur*, isto é: boa sorte. Caso o homem busque esse encontro, essa boa sorte, nada estará preparado nem escrito previamente. Portanto, não há destino prévio. Se o destino não está escrito de antemão, a ética da psicanálise se refere ao desejo, ao dever ético do *Wo Es war, soll Ich werden*. É perante esse imperativo ético que as ficções do desejo dão seu estatuto ao que o fantasma indica: o desejo impõe para o sujeito uma pergunta a ser respondida lentamente, uma pergunta sobre o tratamento que ele tem a fazer em face do impossível, em face do real. Mas para isso o sujeito endereça sua pergunta ao Outro, pergunta articulada na ficção simbólica, e é por isso que sua pergunta lhe retorna como mensagem invertida, vinda do Outro, e o faz entrar na miragem seguinte: o desejo é o desejo do Outro.

A questão que se coloca é que além do prazer, além do princípio do prazer, o que Freud encontrou foi a pulsão de morte. Esse além é um ponto de fuga, impossível de alcançar. Lacan faz aqui uma torção que é uma chave para a leitura desse seminário: parece que o princípio de realidade continua o princípio do prazer, mas o que sabemos é que o que domina essa construção é o mais além do princípio do prazer, e que sem o masoquismo primordial não há como se pensar a construção de uma realidade. Isso porque, sendo o objeto perdido por definição, o que o sujeito encontra são os signos da *Coisa*, do impossível do encontro, do mau encontro. Da *bonheur* entendida nesses termos: o encontro faltoso, o encontro de uma fenda impossível de suturar. É nessa fenda que a realidade, como ficção, se constitui. E é por isso que a ficção dará as pistas da lei particular, não da lei universal. Isto é, dará as pistas da lei particular de cada um. Lei do *Wunsch*. Vemos desse modo que, na fenda do trauma, e da fantasia, torna-se uma construção que articula o possível (cessa de se escrever) com o impossível (não cessa de não se escrever).

Nesse Seminário de 1960, Lacan aponta que a realidade é precária. Refere-se com isso à *Wirklichkeit*, acessível a partir do simbólico. Lembremos que o processo primário é a colocação do estatuto do objeto perdido e que o processo secundário implica na articulação da fala. O inconsciente se escreve pela articulação da fala, desde o grito. Essa oposição: Princípio do Prazer – Princípio de realidade / Processo primário – Processo secundário funda-se na ética da psicanálise. Razão pela qual, nessas articulações, Lacan incluirá *das Ding*, a *Coisa* freudiana.

Das Ding – *die Sache* são os dois termos que dizem a *Coisa*. Nesse momento a *Coisa* fica claramente vinculada à causalidade. *Sache* é a coisa como produto da ação humana, governada pela linguagem. As *saches*, as coisas e as *worte*, as palavras, estão intimamente ligadas. Porém, *das Ding* se localiza em outro lugar. É de outro campo: extimidade, diz Lacan. A função do princípio de realidade será de tamisar, peneirar, trilhar o que resulta como efeito da *extimidade* da *Coisa*, de modo tal que o homem tenha a ver com pedaços escolhidos dessa realidade que são índice do real. Lembremos que Lacan realiza aqui uma leitura do *Projeto para uma psicologia científica* (1895), da *Carta 52* e de *A negativa* (*Verneinung*), precisamente para apontar que *das Ding* é a *Coisa* estrangeira.

Se os atributos do objeto podem ser avaliados pelo prazer e o desprazer, *das Ding* é totalmente diferente. Não cai sobre essa possibilidade de juízo. *Das Ding* é o primeiro exterior. Trata-se de um objeto perdido a partir o qual o desejo se promove a *Wunsh* – isso significa: um desejo, dentro das coordenadas simbólicas e imaginárias.

Desse modo, *das Ding* é o Outro absoluto do sujeito, o qual significa dizer que é a alteridade. É esse absoluto que se tenta reencontrar. E o que se encontra são suas coordenadas de prazer, e não o objeto. *Das Ding* é o *fora-do-significado*, em função disso, o sujeito constrói uma relação patética (*pathos*) com esse fora, conservando uma distância e extraindo

um afeto primário – a angústia anterior a todo recalque. Essa relação a *das Ding* dará a orientação da escolha subjetiva, isso que Freud chamou – e Lacan reforça – *escolha de neurose*. Portanto, *das Ding* é uma realidade muda que comanda e ordena o sujeito. *das Ding* se nos apresenta na medida em que faz palavra (*fait mot*) como se desse no alvo (*faire moche*). Lacan acentua que *mot*, em francês, é a palavra na medida em que não há respostas. *Das Ding* é a *Coisa* muda! Todavia, dela tem-se notícias pelo significante pela *wiederzufinden* (a tendência a voltar a encontrar). Mas o objeto não foi perdido jamais, a questão é que se tenta encontrá-lo e, nisso, se institui como perdido. Insistimos: a causa é *nachträglich*.

Esse tempo do ensino de Lacan define o trauma entre a existência de linguagem e esse encontro faltoso. Como veremos no próximo capítulo, somente quatro anos depois se vincula com maior precisão a contingência do trauma: entre o acontecimento e a estrutura. Entendemos que entre eles – assim como entre trauma e fantasia – tratar-se-ia de uma relação que não é de oposição, nem mesmo remete ao vel exclusivo (ou...ou), mas, uma relação suplementar. Ao dizermos “suplementar” apontamos que, postos a funcionar conjuntamente, ambos acrescentam uma compreensão maior das noções que os define.

Trauma e angústia: leitura lacaniana

No Seminário *A angústia* (1963), Lacan retoma uma definição que já tinha dado em 1959, “o objeto é o corte”, e que articulara em termos topológicos no Seminário *A identificação* (1961-1962). A angústia é uma tradução subjetiva do objeto *a*. Esse objeto cessível é a marca do que o vivente perde por nascer. A angústia não é sem objeto. Isso significa que se presentifica essa impossibilidade, ou, dito de outro modo, se presentifica,

nesse “não...sem”, o registro da causa. O objeto *a* não é um objeto de cooptação do sujeito, é um objeto causa, causa de desejo (PORGE, 2006, p. 202). Curiosamente, ele retoma o trauma de nascimento de Otto Rank, criticado por Freud para afirmar que o único trauma é o trauma de nascimento. O traumático é essa cessão. O outro deseja o *em si* do sujeito. Por isso o temor do desejo é vivido como angústia. A angústia é o temor porque o Outro deseja o *em si* do sujeito, esse *em si* fundado sobre a ignorância do que é desejado, no nível do Outro. O objeto *a* aparece não tanto como falta, mas como ser: *das Ding*, a *Coisa* freudiana.

Nessa articulação, Lacan subverte a relação da criança ao outro materno. O seio não pertence ao Outro. O seio é o órgão pertencente ao *infans*. Ele terá que ceder essa parte de si mesmo, mas não se dá conta que se separa de si mesmo uma vez que não se vê ele mesmo como esse pedaço pendurado da mãe. O sujeito confunde seu *a* com o Outro. Por essa razão, quando o desejo se manifesta a esse nível, é um desejo de separação (NOMINÉ, 2007).

Evidencia-se assim que, no âmbito da angústia, para Lacan, a dimensão significante se empalidece. Faltam palavras para saber dizer do desejo. Dito de outro modo: faltam palavras para que a metonímia do desejo se faça valer. A significação do falo fica em suspensão e será isso o que o psicanalista deverá motorizar. Virginia Leite assinala esse contraponto entre a significante e o objeto que se articulam na fantasia. Citemos:

Lembremos que o significante não é o traço, a marca do real, mas surge da sua tentativa de apagamento. O significante engana quanto ao traço do real. É neste ponto que podemos entender que, se o significante engana quanto ao traço do real, se o significante só remete a outro significante impondo à linguagem um funcionamento de obliquidade, a angústia, como única tradução subjetiva do objeto *a*, tradução disto que furta à significantização, é inequívoca, não idioletizável, um afeto não enganador. (LEITE, 2006, p120-121)

O traumático e a cura: terceiro movimento

Se o tempo de compreender exige a significantização da experiência, o fato dele ser suspenso – aqui incide a *Verneinung* – promove traços precisos para a clínica do traumático.

Desse modo, podemos pensar o *acting-out* e a passagem ao ato como duas modalidades do ato que se referem à fantasia no sentido em que, nessa vertente o sujeito “sai” da cena. Borram-se as coordenadas simbólicas da fantasia. A palavra falta. No *acting –out*, ainda se trata de uma demanda por interpretação: que o Outro diga o que o sujeito perdeu como poder da palavra. Esse Outro, nele mesmo, é chamado a responder, via interpretação. No caso da passagem ao ato, trata-se de uma identificação com o objeto, uma rejeição do Outro e, portanto, a mensagem do inconsciente fica excluída radicalmente. As passagens ao ato suicidas são os exemplos paradigmáticos. Mas não os únicos. Nesse caso, não há *suposição do sujeito ao saber*. É uma rejeição do inconsciente. Portanto, de difícil manejo clínico.

Deixemos apontado que o instante traumático, assim como o temos abordado, participa destas coordenadas, dificultando seriamente o trabalho da transferência. Podemos agora adiantar uma conclusão no que diz respeito às relações entre trauma e fantasia, uma vez que consideramos que a suspensão do tempo de compreender é a suspensão da possibilidade de fazer a ficção do real em jogo em quaisquer experiências. Isso é índice do que buscamos na clínica com aqueles que passaram por acontecimentos traumáticos, qual seja: dar lugar à fala. Abrir um espaço que permita a reconstrução da ficção fantasmática significa gerar as condições para que a fala possa advir. Portanto, nessa clínica que realizamos na Casa, temos que pensar nas operações que visem a possibilidade da transferência e da colocação em pauta do inconsciente. Trata-se de uma clínica, como veremos no próximo capítulo, que vise gerar condições para que se suponha a um sujeito um saber. Portanto, gerar condições que liguem o

acontecimento, não a uma verdade, mas a uma suposição de saber. Se a transferência é a atualização sexual do inconsciente (LACAN, 1964), isso significa dizer que a transferência se define como colocação à prova dos significantes que representam o sujeito na sua história (hystória, dirá Lacan posteriormente) pulsional e que haverá de ser integrada. *H(y)stória* que tem ficado muda, atravessada, na garganta do acontecimento traumático. Hassoun (1996) sustenta que, perante a clínica do trauma, é preciso haver passadores, isto é, aqueles que possam fazer ouvir o que, do trauma, amordaçou o sujeito. Isso é possível na transferência. Porém, esse não é o único lugar. Em nossa dissertação sobre o Exílio e o Luto (BERTA, 2007) sustentamos que Luto Político das Madres de Plazo de Mayo funcionou como passador de uma experiência inassimilável.

A intervenção do analista deve operar no sentido de delimitar o espaço no qual se aloja o sujeito: entre o enunciado e a enunciação. O trauma violenta esse espaço onde opera o campo da fala e da linguagem.

Pode-se dizer que mais do que apagar a questão do trauma em favor das formulações da fantasia, constatamos que, após ter dividido acontecimento e fantasia, Lacan trabalhou as diferenciações entre trauma e fantasia, partindo da teoria do objeto e apresentando, concomitantemente a essa última, seu conceito da angústia. Isso leva a frisar o valor estrutural do trauma. Nessa vertente, o trauma é associado a *Verwerfung*, como operação fundamental.

Por outro lado, parece-nos pertinente frisar a relação entre trauma e *Verneinung*, uma vez que a mesma pode indicar a especificidade do instante traumático: deixar em suspenso o que não foi recalcado.

CAPÍTULO 4

A CLÍNICA DO TRAUMA

Aquele que me interroga, também sabe-me ler.
Lacan. *Televisão*.

Neste capítulo avançamos em nosso programa de trabalho, partindo das formulações sobre o trauma no ano de 1964. Iniciamos o mesmo a partir da referência ao *Unbenannt*, o desconhecido, o umbigo do sonho, acompanhando as relações entre saber e verdade. Pretendemos deixar como pano de fundo essa articulação para a leitura desse último passo. A seguir, fazemos um extenso comentário sobre o trauma vinculado à noção da *Tychê*, o encontro faltoso, e à sua relação com a teorização aristotélica da causalidade. Retomamos o sonho freudiano do pai que vela seu filho para diferenciar, na *Tychê*: a realidade do real do trauma. Consideramos que uma leitura possível da passagem do trauma ao *troumatismo* se dá a partir das articulações que orientam a proposta de ser o significante um evento de gozo. Eis o que Lacan nomeia *pai real*, e que tomará como expressão última: *Y a d'l'Un*. Essa leitura proporciona alguns esclarecimentos para o que se possa articular do trauma e a relação entre saber e verdade, oriunda da teoria dos discursos. Finalmente abordamos as consequências dessa proposta que culmina com a assertiva: *Troumatismo! O troumatismo* do ser falante tem duas indicações específicas no ensino de Lacan: uma refere à impossibilidade lógica da relação solidária com a incompletude do simbólico (não-todo). A segunda refere ao *insabido* (*insu*) furo no saber. Ambas serão abordadas nesse último capítulo da Tese, articuladas ao conceito de sintoma e de letra. Entretanto, advertimos que é nossa intenção aproximar instrumentos de trabalho que façam desta Tese algo que possa causar. Bem, esse seria um bom destino para o trabalho de uma Tese. Em nosso caso, é um bom destino continuar a clinicar e a pensar essas questões que ora levantamos e trabalhamos.

O trauma e o *Unbekannt*

Todo sonho tem um umbigo que repousa no “não conhecido” (*Unbekannt*). “É de algum ponto em que essa trama é particularmente fechada que brota o desejo do sonho, tal como um cogumelo de micélio” (FREUD, 1900[1899]/1996, v. 5, p. 557). Lacan diz que isso é um furo e um nó, além do qual o sonho parece relacionar-se com o coração do ser (1955-1956). E ainda observa que, em face desse umbigo, desse ponto infranqueável do *Logos*, a resposta que Freud dá, em *Moisés e o Monoteísmo*, em um prefácio de 1938, deveria ser vinculada com o momento em que o coro da tragédia de Édipo responde quando ele está no seu momento derradeiro: *me phunaí*. “*Me phunaí*”, (*não haver nascido, tal*, traduz Lacan). Entre esse saber e a verdade que essa cena do Édipo comporta, perante o *Unbenkannt* do desejo, podemos, quiçá, pensar uma diferença entre o tratamento dado ao trauma, por Freud e por Lacan.

A tiquê⁷³ do trauma e autômaton da fantasia

Em 1964 (LACAN 1964/1985), o trauma toma um estatuto diferenciado, uma vez que o acento não se ancora na opacidade da origem, mas no acontecimento traumático como encontro, isto é, com um sentido que se associa ao atual e ao ato. Isso leva a fazer a divisão entre o *autômaton* dos significantes e a *tiquê*, que define o encontro faltoso. Um encontro com o perdido. Nesse ponto Lacan articula sua “invenção”, o objeto *a*, privilegiando suas articulações com o objeto pulsional.

O *autômaton* como a rede de significantes define o retorno. A *tiquê* refere ao real como encontro. Para além do retorno dos signos, e por causa desse retorno, se verifica esse real como encontro, que em Freud pode ser identificado ao umbigo dos sonhos. Essa relação

⁷³

Usamos diferentes escritas dessa palavra, conforme as referências: tuché, tyche, tiquê e tychê.

entre *tiquê* e *autômaton* permite vislumbrar uma solidariedade existente entre o que se repete e o encontro, pois se há repetição é porque sempre se encontra a falta.

A função da *tiquê*, do real como encontro – encontro enquanto que podendo faltar, enquanto que essencialmente é encontro faltoso – se apresenta primeiro, na história da psicanálise, de uma forma que, só por si, já é suficiente para despertar nossa atenção – a do traumatismo (LACAN 1964/1985, p. 57).

Observamos que é nesse contexto do ano de 1964 que Lacan retoma o exemplo do sonho que Freud (1901[1900]/1974) nos legou. Sonho amplamente comentado na literatura psicanalítica. Um pai dorme quando vela seu filho morto. Separado por um instante do Outro, esse pai sonha e vê seu filho segurando-o pelo braço. Além de vê-lo, ouve lhe dizer: *Pai, não vês que estou queimando?* Olhar e voz - os objetos lacanianos da pulsão - se encontram nessa frase para testemunhar que do real do trauma nada poderia ser apreendido em efígie ou em ausência. Trata-se da tessitura desse sonho que na interpelação do “não vê” acorda o pai para morte de um filho. Um pai *knocked* pelo despertar traumático. O despertar vai ao encontro com a realidade para velar o real do trauma. Realidade psíquica que vela o trauma factual, fatal, acidental – *tyquê*. Na clínica, a modo de exemplo, poderíamos imaginar como segue essa história, dizendo que o melhor que poderia acontecer com esse pai seria fazer da voz, encarnada na palavra do corpo febril do filho morto, um sintoma. A contingência do sonho faz passar de maneira enigmática, nessa interpelação, a pergunta pela morte de um filho. Nas palavras de Caruth, acordar para sobreviver e “contar o que significa não ver, o que significa escutar as palavras impensáveis da criança que morre” (CARUTH, 2000, p. 128).

Lacan elucida esse sonho com o intuito de, nele, diferenciar, na repetição: o retorno dos signos e encontro faltoso:

Primeiro a *tiquê* que tomamos emprestada, eu lhes disse da última vez, do vocabulário de Aristóteles em busca de sua pesquisa da causa. Nós a traduzimos por *encontro do real*⁷⁴. O real está para além do *autômaton*, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio de prazer. O real é o que vige sempre por trás do *autômaton*, e do qual é evidente, em toda a pesquisa de Freud, que é do que ele cuida (LACAN, 1964/1985, p. 56).

Quando Lacan trabalha o conceito de repetição cita Aristóteles, em particular, *A Física*, livro II (ARISTÓTELES), capítulos: 3 *As causas*, 4 *A sorte e a casualidade* e 5 *A sorte e a casualidade como causas acidentais e indeterminadas*. Lacan cita esse filósofo para diferenciar o retorno dos signos do que se produz por acidente. Optando por essa referência filosófica assinala que não existe causa única de todas as causas e que há causas acidentais que se vinculam inesperadamente às séries causais, entendidas como o retorno dos signos. Todavia, que há intervalos entre as séries causais, nos quais o encontro com o real, como impossível, se verificaria.

Tomemos a definição de “acidente” que oferece José Ferrater Mora, no Dicionário de Filosofia (1965): acidente é o que acontece a alguma coisa sem constituir um elemento essencial ou derivar da sua natureza essencial. Seguindo Ferrater Mora, as definições encontradas em Aristóteles, sobre o acidente (*sumbebhko*), referem-se ao que pode pertencer a um ser, sem que por isso deva ser necessário nem constante. Por essa razão o acidental se diferencia do essencial. O acidental também se diferencia do necessário, de modo tal que o acidente é fortuito e contingente podendo existir ou não existir. Entretanto, veremos que a causa acidental que é uma variável da causa eficiente – a *tiquê* – se vincula à necessidade.

Na *Física*, Aristóteles retoma sua teoria das quatro causas, que tinha sido colocada na *Metafísica*, livro V, capítulo I. Segundo Garcia-Roza (1999, p. 39) a teoria das quatro causas diz respeito aos princípios ou fatores explicativos das coisas articulando-se às distinções

74

Na versão em francês está escrito *rencontre du réel*.

fundamentais da sua filosofia: essência-acidente, matéria-forma, ato-potência, com o intuito de mostrar que a filosofia consiste fundamentalmente numa indagação de princípios. A teoria das quatro causas responde à exigência de que não há mudanças sem causas.

Segundo Mikosz (1991), o movimento que implica em mudanças é uma preocupação central para Aristóteles. A teoria das causas poderia ser suportada na pergunta: por que mudam os seres? E responder: por razão das causas. Esse autor assinala que as causas poderiam ser chamadas de implicações ou de condições de possibilidade dos processos de transformação, das mudanças, “quer dizer, das atuações dos seres em potência enquanto tais”. Portanto, as mudanças têm como razão as quatro causas: (1) a causa daquilo pela qual uma coisa é produzida – causa material (*hyle*). O princípio material é requerido como condição de movimento, da transformação, da atuação do ser em potência, enquanto tal, (2) a causa que permite dar uma forma ou fórmula de quiddidade, o que faz que uma coisa seja o que é, distinguindo-a das demais – causa formal (*eidos*), (3) a causa ou origem imediata do movimento ou repouso ou produtor de mudanças – causa eficiente (*kinoun*) e (4) a causa que se refere ao fim ou objetivo para o qual uma coisa existe – causa final (*telos*).

Além das quatro causas na ordem natural, Aristóteles dedicou uma atenção particular para as causas acidentais, a serem compreendidas dentro das causas eficientes, onde trata das noções que aqui nos interessam: *Tyche* e *Autómaton*. As causas acidentais podem-se referir a fatos que se produzem por exceção. Tudo o que escapa à determinação, na natureza, é excepcional e se realiza acidentalmente. “O oposto ao *ser por acidente* é o *ser por si* que contém todas as determinações causais de uma coisa” (MIKOSZ, 1991, p. 64).

No livro II, capítulo 4, Aristóteles diferencia sorte e acaso: “Assim, há de se examinar a casualidade e a sorte, ver o que é cada uma, se são o mesmo ou se são diferentes, e de que modo se encontram entre as causas que temos distinguido” (ARISTÓTELES, Ibid, p. 59).⁷⁵

⁷⁵ Tradução livre. “Así pues, hay que examinar la casualidad y la suerte, ver qué es cada una, si son lo mismo o son diferentes, y de qué modo se encuentran entre las causas que hemos distinguido”.

Tyche e *autômaton* são duas causas acidentais que pertencem às causas eficientes, distinguindo-se das demais pelo seu caráter de excepcionalidade. Enquanto a *tyche* é associada a uma necessidade (fortuna) desconhecida para o homem, porém dotada de algum grau de deliberação, o *autômaton* é associado ao acaso no qual não houve nenhuma deliberação humana ou divina. Mikosz, nos textos anteriormente citados, esclarece ambas as noções. Sobre o *autômaton*, disse que o caráter acidental se manifesta na coincidência das séries dos fatos. O encontro dessas séries não foi buscado com nenhuma finalidade. Ele toma o exemplo de Aristóteles: “A pedra não cai com a finalidade de cair na cabeça de alguém”, sendo que as duas séries coincidem, mas a coincidência não é pretendida por nenhuma delas. Vejamos isso em Aristóteles: “Assim, a casualidade, como indica seu nome (*autômaton*), tem lugar quando alguma coisa acontece “em vão” (*mátem*). A pedra não cai com o propósito de ferir alguém, mas por casualidade, pois poderia ter caído por obra de alguém e com a finalidade de ferir”. (ARISTÓTELES, Ibid, p. 64)⁷⁶

Mikosz esclarece as diferenças entre *tyche* e *autômaton*, a partir das raízes etimológicas:

A distinção que Aristóteles faz usando as duas palavras *autômaton* e *tyche* e, às vezes tomando um pelo outro, às vezes usando simplesmente *apó tyche* por fortuna, para coisas imprevisíveis ou não previstas, é uma distinção um pouco discutível. Mas, ele mesmo dá um fundamento. Então poderíamos dizer o seguinte, conforme a etimologia que ele dá: *Autômaton* é composto por *autós* mais *máten*, segundo a etimologia dada pelo próprio Aristóteles. *Autós* significa *por si mesmo* no sentido de espontaneidade, e mais *máten* que quer dizer *em vão*, sem sentido [...] Portanto, o *autômaton* é a natureza agindo sem intenção [...] Já a palavra fortuna ou sorte (*tyche*) é um caso de *autômaton*, e é mais aplicada à realidade humana. E pode-se também definir esta fortuna como sendo o intelecto agindo para além da intenção: *intellectus agens praeter intentionem*. A palavra para a fortuna é *tyche* que vem do grego

⁷⁶ Tradução livre. “Así, la casualidad, como indica su nombre (*autômaton*), tiene lugar cuando algo ocurre «en vano» (*máten*). La piedra no cae con el propósito de herir a alguien, sino por casualidad, pues podría haber caído por obra de alguien y con la finalidad de herir”.

tynchâno, que quer dizer: encontrar, topar. O alemão diz *antreffen*, *Zufall*. Surgir assim meio inesperadamente. Também significa: caber a, ser destinado a. Seria uma espécie de sina. Daí nós entendermos muito esta fortuna ou sorte como uma espécie de sina, o destino das pessoas. Uma força cega, talvez, por detrás dos acontecimentos. Mas também *tynchâno* pode significar simplesmente acontecer, ocorrer. Há um aspecto de imprevisível o de não regular nesta palavra. Achar-se, estar presente. De fato não havia necessidade nenhuma (ECHANDIA, in 1991, p.85).

Echandia (1991)⁷⁷ - tradutor e comentador da versão em língua espanhola - sublinha que nos três capítulos da *Física*, que tratam sobre as causas acidentais, Aristóteles, buscando conceituar o esquema causal da *tyche* e o *autômaton*, retoma o que para muitos pensadores anteriores era a verdadeira razão de todo acontecer, em íntima conexão com a ideia de necessidade. Ele também adverte que a tradução desses termos é difícil, sendo que, por vezes, se perde o significado. Assinala que desde os tempos homéricos os grandes poetas tinham dito que o divino se manifestava como *tyche*, isto é: que a experiência do divino era a experiência da *tyche*. Ambos termos pertenciam ao modo grego de sentir e conceber o mundo. Os romanos traduziram *tyche* por *fortuna*, pois acreditavam que sua antiga Deusa *Fortuna* corresponderia à Deusa *Tyche*. Assim também traduziram *autômaton* por *casus* (causalidade) e algumas vezes por *spontaneus* (*gênesis automaté* por *generatio spontanea*), ambas traduções sendo parciais. Por outro lado o termo *Autômaton*, que deriva de automático e autômata, teria entre os gregos um uso mais profano, porém não menos inquietante, assim como se encontra entre os hipocráticos: alguma coisa é *autômaton* quando se produz por causas que o determinam de maneira espontânea e cega, como por exemplo a chuva ou a auto-curação. O casual, o que Aristóteles chama *tó apo autómatou* estaria nos seus efeitos concretos sobre tal ou qual coisa, não na trama causal que o determina. A *tyche*, “sorte”, chamada *tó após tychés* é traduzida por “fortuito”. A *tyche* tampouco faz referência aos efeitos,

⁷⁷ *Física*, op. cit., comentários de Echandia.

mas à trama da qual eles resultam, e por essa razão os gregos não vêem diferença entre *tyche* e necessidade. A mesma interpretação é proposta por Garcia-Roza quando esclarece que para os gregos o fato da *tyche* designar uma causa oculta ou desconhecida para a razão humana não significava que ela deveria ser vinculada com um caráter absurdo, ou mesmo, fortuito, do fenômeno.

O que nos interessa destacar é que essas duas versões da causa eficiente não se referem a um caos ou a ausência de ordem, mas a um acidente que articula séries causais independentes que pressupõem uma ordem natural à qual se articula uma exceção. Eis o exemplo que dá Aristóteles no qual se entrecruzam duas séries. Um homem poderia ir a um determinado lugar para receber uma soma de dinheiro de um devedor se soubesse que tal devedor receberia ali um montante de dinheiro. Mas acontece que ele vai a esse lugar e, por acidente, ele encontra o devedor e recupera esse dinheiro. Lemos em Aristóteles “Vemos, então, que a sorte é uma causa accidental que concorre nas coisas que se fazem por algo e que são objetos de escolha. Por isso, o pensamento e a sorte se referem a uma mesma ordem, uma vez que não há escolha sem pensamento” (*Ibid*, p. 62).⁷⁸

Assim, por detrás das coisas que acontecem sempre do mesmo modo e daquelas que acontecem na maior parte dos casos, existem outras que constituem exceções às regras habituais da natureza, consideradas como desvios secundários. Um adendo importante é o seguinte: o que se chama de sorte, fortuna ou mesmo destino, para Aristóteles, tem a ver com atividades nas quais o homem intervém. A sorte se limita necessariamente à atividade humana

Assim o *autômaton* pode ser coisa da natureza, mas a *tiquê*, a sorte, é exclusiva do homem. Eis o fundamental que queremos destacar desse percurso. Talvez seja por essa razão que, na responsabilidade que compete ao sujeito na sua relação ao trauma, Lacan tenha sublinhado o lado da *tiquê*, o encontro do real. Lembremos que o homem faz a escolha de

⁷⁸ Tradução livre. “Vemos entonces que la suerte es una causa accidental que concurre en las cosas que se hacen para algo y que son objeto de elección. Por eso el pensamiento y la suerte se refieren a un mismo orden, ya que no hay elección sin pensamiento”.

receber o dinheiro. Para Lacan, o trauma é sermos seres de linguagem, o que implica considerar a relação do sujeito ao Outro, e com isso introduzir a questão do objeto (seja pela via dos objetos de escolha, seja como causa de desejo, seja como o objeto ligado à satisfação). Nesse sentido podemos dizer que o trauma “exterior” não se constitui como tal, a não ser por um sujeito que levante a pergunta pela verdade e que seja afetado por um saber possível sobre o “acidente”, isto é, sobre a *tiquê*.

O Real do trauma, em 1964

O que se repete, com efeito, é sempre algo que se produz – a expressão nos diz bastante sua relação com a *tiquê* – como por acaso. [...] Não há que tomar as coisas ao pé da declaração do sujeito – na medida em que aquilo com que precisamente temos que trabalhar é com esse tropeção, esse físgamento, que reencontramos a todo instante (LACAN, 1965/1985, p. 66).

O real não é o que retorna como signos, mas o que se repete como falta. O trauma deveria ser suturado pela homeostase subjetivante que orienta o princípio de prazer, mas os tropeços assinalam o fracasso da mesma. O que retorna ao mesmo lugar é esse encontro no qual os significantes hipernítidos perdem sua função de significar, perdem sua condição de ligar o aparelho, razão pela qual o exemplo do despertar do sonho demonstra o fracasso da função-semblante do significante. O sistema da realidade (a fantasia) deixa prisioneiro o real, por isso a realidade permanece alerta, em *souffrance* (sofrimento, paciência, espera de algo indeterminado). A realidade está em *souffrance*, está aí sustentando como pode sua relação com o real. A fuga no funcionamento do princípio do prazer conduz para o mais além desse campo. Desde Freud, sabe-se que, na cena traumática, trata-se de restos, vistos ou ouvidos, que resistem à rede de significantes.

Observemos que ao falar da repetição (*Wiederholen*), Lacan se pergunta o porquê da repetição ter aparecido primeiro, com Freud, associada às neuroses traumáticas. Colette Soler aponta:

O traumatismo se impõe numa temporalidade de ruptura: o sujeito não tem nele a mínima parte, isso lhe cai em cima. É uma temporalidade de instante, mas de um instante que não se percebe facilmente, enquanto existem tantos instantes que se evaporam no esquecimento e a partir do qual se instala uma constância, como uma onda que se propaga, rebelde ao apagamento. De alguma forma, portanto, um instante que engendra algo, uma perpetuidade (SOLER, 2004, p.55).

Segundo Colette Soler, o que se apreende em um encontro, por mais brutal que ele seja não poderia ser traumático sem uma participação subjetiva, sem que o sujeito do inconsciente acuse recibo dessa ruptura, entendendo esse “acusar recibo” na resposta subjetiva, seja pela via da fantasia, ou seja pela via do sintoma.

Isso também é sustentado por Christian Dunker quando escreve que na neurose traumática o que está em falta é a própria realidade, como anteparo ao real. Comentando o sonho ao qual fazemos referência, esse autor escreve:

Diante desta pergunta o pai enlutado, acorda. Este é o ponto chave. A realidade vem recobrir o traumático na perda do filho, representado pela sua aparição. Se Freud fala inúmeras vezes na “fuga para a neurose” como uma estratégia para lidar com o real, no caso da neurose traumática há, inversamente, uma “fuga para a realidade” para lidar com o real (DUNKER, 2002, p. 117).

Esse autor adverte que o trabalho do trauma não é unidimensional, trata-se de uma dialética entre velamento e desocultação na qual o empenho é de devolver ao trauma sua vigência, malgrado as reações da defesa. Em um momento posterior, Dunker (2006) avança essa tese, articulando o núcleo real entre trauma e fantasia. Divide o encontro do real

(trauma), por um lado, e o ato que toca o real (fantasia), este último ligado ao *acting out*. Retoma a expressão “encontro do real” para assinalar, com Lacan, que esse lugar é aquele que se situa entre trauma e fantasia: trauma e fantasia são as duas bordas do Real concernido pelo encontro, as duas séries que se encontram na *tyche*. Numa relação de inversão, o autor propõe que as duas bordas referem-se tanto ao Real que volta sempre ao mesmo lugar, quanto ao Real que é o instante fantasmático do encontro faltoso. E adverte que desse cruzamento restam: o sintoma como desencontro e a pulsão como reencontro, ambos a serem considerados nas consequências do tratamento psicanalítico: a pulsão pode vir a ser liberada da fantasia e o sintoma pode vir a ser liberado do trauma, essa é a *função terapêutica do real*, que dá nome a seu texto.

Retomemos, então, o sonho desse pai que vela seu filho, para nos perguntarmos por essa relação entre real e realidade que se impõe à questão do trauma. Pois se devemos diferenciar a função da repetição (*Wiederholen*), a função do retorno (*Wiederkehr*) e a rememoração (*Erinnern*), observamos que nesse sonho se presentifica a cena tão próxima de uma realidade indizível, que não se integra à rememoração (*Erinnern*) a não ser deixando aparecer essa frase “*pai, não vês, das ich verbrenne, que estou queimando*”. Na mesma, é o laço do retorno dos signos (*Wiederkehr*), isto é, o *autômaton* (simbólico), e da repetição (*Wiederholen*), isto é, a *tyche* (real), que se conjuga para deixar cair o apelo de uma voz; isso que é impossível de dizer – a morte de um filho – e impossível de ver. Acontecimento e “destino” se entrecruzam. Razão pela qual o despertar leva o sujeito de novo a uma realidade: desperta para seguir sonhando, para manter o retorno dos signos além do encontro do real. Nesse contexto após o caminho realizado nesta Tese, propomos que o despertar é ele próprio o instante traumático. Entretanto, como Lacan observa: entre o acidente que se repete como por acaso e o comovedor da frase do sonho “O que é falhado não é a adaptação, mas a tiquê, o encontro” (LACAN, 1964/1993, p. 70) A propósito da repetição e comentando esse sonho do

pai, Colette Soler (2010) ⁷⁹ sustenta que a repetição do encontro faltoso com o Outro é estritamente solidária com o encontro bem sucedido com o *a*, que faz objeção ao encontro com o Outro, instituindo a fantasia que faz objeção ao encontro.

Se o saber, além de suposto, é opaco, então podemos dizer que o *umbigo do sonho* que acorda o pai para inocular-lhe uma realidade possível que ultrapasse o encontro com a solidão do olhar e da voz que a frase do filho carrega, esse umbigo assinala a falta radical de um saber último. Freud e Lacan, cada um a seu modo, chamaram isso de castração, de impossibilidade de dizer sobre o sexo e a morte. O umbigo do sonho indica que “não há proporção – relação sexual”, que não se alcança o Outro. Consideremos aqui duas vias na impossibilidade de alcançar o Outro:

(1) a via do $S(A)$, ou seja, falta um significante no Outro, portanto experimentamos um limite por experiências tais como o umbigo do sonho e

(2) a via lógica que indica que não há relação – ratio – para escrever a relação sexual (xRy), aqui experimentamos um limite pela denotação (LA).

É por isso que nem mesmo no amor há abraço possível para alcançar o Outro; e que toda crença neurótica tenta driblar esse fato. Do Outro, em última instância, nada sabemos. O Outro, nós o supomos, e por isso o inconsciente se ancora numa suposição, sendo que a mesma se desvanece no final de análise. Melhor dito, no limite, quando o sujeito constata que com o Outro jamais fará Um. E que o que lhe resta são os significantes mestres que lhe funcionaram como imperativos da demanda e, também, um litoral, que indica o furo, para o qual não há $S1$ – e seu gozo concomitante – que sature.

⁷⁹ Soler, Seminário *Repetição e sintoma*, 29 e 30 de novembro de 2010, Salvador, Brasil (notas pessoais).

Do trauma do pai ao pai traumático

Para os gregos o mito se revela como um modo de discurso que se define como sendo o de um relato. O relato é um enunciado, mas o relato mítico é um enunciado do impossível, qual seja, do impossível na estrutura. Lacan tinha em vista essa especificação do mito quando criticou a versão freudiana do mito do pai. Se Freud se vale do mito para dar conta da estrutura, Lacan nos propõe passar do mito à estrutura, tentando formalizar, com a lógica, a meia-verdade do mito. Tratar-se-ia da passagem da verdade do mito ao saber furado da estrutura.

Houve diferentes versões do mito e do lugar do pai na estrutura, desde Freud e com Lacan. Num primeiro momento o pai é correlacionado com o trauma, o pai sedutor que produz a neurose. Houve também o pai impotente de Dora, o pai inofensivo do Hans e o pai endeusado de Schreber. Quer dizer, todos eles são pais que, por defeito ou por excesso, não estão à altura de sua função. Também o pai foi vinculado à identificação primordial, paradoxal, anterior mesmo a escolha objetual. São algumas versões do pai. Lembremos também do pai perverso de “bate-se numa criança”. São eles *nomes do pai* que aparecem na obra freudiana e que dão conta de desenvolvimentos cruciais no ensino de Lacan.

A relevância para a psicanálise sobre a questão *O que é um pai?* é considerada por Lacan, à luz da sua leitura do mito do assassinato do pai, em *Totem e Tabu* (FREUD, 1913/1996), que será retomado em *Moisés e a religião monoteísta* (FREUD, 1938/1996). Neste último, Freud tenta ligar os fenômenos religiosos aos sintomas neuróticos, dar conta de uma herança arcaica na humanidade que teria um correlato com a história do sujeito. Assim, o que retorna do recalado no estalo da neurose pode ser correlacionado com o esquecido na história da humanidade.

Trauma, saber e verdade

Precisamos distinguir a leitura do Édipo segundo a tragédia de Sófocles e a leitura do mito de Totem e Tabu. Lacan apresenta os dois mitos numa oposição entre lei e gozo. O mito de Sófocles se localiza na vertente da histeria, enquanto que o mito de Totem e Tabu se localiza em relação à neurose obsessiva.

Assim, tomando desde o mito do Édipo, no nível trágico em que Freud o trabalhou, a questão dá uma reviravolta, e, na verdade, nos mostra que o assassinato do pai é a condição do gozo. Tomar Édipo e sua relação à verdade é o que nos propõe Lacan para pensar neste assassinato do pai como condição de gozo. Quando Édipo responde o enigma da esfinge, o que produz é a supressão do que se introduzia como pergunta da verdade para o seu povo. Édipo não sabe as consequências da sua resposta. Desvendar a verdade se paga com o preço da castração. Os olhos de Édipo caem por terra. Lacan afirma que mais do que Édipo sofrer a castração, ele é a castração mesma. Seus olhos são o que resta dele, isto é: o objeto *a*. Édipo se transforma em mestre da verdade, uma vez que apagou a pergunta da verdade. Isto é coerente com a questão do mestre castrado que Lacan trabalha nesse ano. O mestre é castrado. Ele somente pode exercer sua condição de mestre na condição de ter recalcado o que está no lugar da verdade, isto é, a divisão do sujeito.

Temos que dizer que se o assassinato do pai pode funcionar como encobrimento, o mito, entretanto, seria o enunciado do impossível. Lacan se propõe a formalização do que está em jogo no mito. Eis então que ele afirma que, mais além do mito, mais além do Édipo há um operador estrutural: o pai real. Retomemos as condições em que Lacan fala do pai real. O mito freudiano de *Totem e Tabu* é a equivalência do pai morto e o gozo. E, neste sentido, funciona como operador estrutural. O pai morto é o Real, pois o pai morto tem a salvaguarda

do gozo e é daí que procede a proibição do gozo. Lacan afirma que o fato de que o pai morto seja o gozo é alguma coisa que se nos apresenta como o signo do impossível. O real é o impossível. Impossível não como simples limite, mas como limite lógico daquilo que desde o simbólico se enuncia como impossível. Daí surge o real. Portanto, além do Édipo, Lacan reconhece um operador estrutural chamado *pai real*. Assim sendo, a enunciação freudiana não tem nada a ver com a psicologia. Se por um lado, Lacan nos diz que o mito de Édipo deve ser pensado no nível de um enunciado, um enunciado com pretensão de verdade, por outro, é no nível da enunciação que Freud nos oferece essa articulação do impossível, no que diz respeito ao pai real. Por essa razão, e dito de outro modo, se a questão do pai gozador chega a ser absurda para Lacan, ele não retira o valor que deve ser pensado entre o pai morto e o gozo. Essa é a dimensão real à qual ele não renuncia, e que abre o caminho para ser pensado o que era considerado como pai real nos anos '50. O pai real é o agente da castração. Assim o enunciava naquela época e o retoma neste Seminário. Porém, ele disse que somente pode ser entendido se considerarmos que a castração é simbólica. O pai real é aquele que agencia a castração simbólica, isto é, ele faz o trabalho da agência mestre.

Entretanto, em 1970 a castração se vincula ao significante mestre. À luz da teoria dos quatro discursos, Lacan assinala que o discurso do mestre nos mostra que a linguagem obtém um gozo pelo mecanismo da insistência, produzindo a perda que ele nomeia mais de gozo ($S1 \rightarrow S2 / \$ // a$). A linguagem é uma demanda que fracassa e por essa razão é insistência que se articula na repetição. E é por essa repetição que é possível a produção do mais de gozo como perda.

Para acompanhar esse percurso, apontamos a escrita dos 4 discursos, segundo constam no texto *Radiofonia* (1970/2003, p. 447) e no Seminário *O avesso da Psicanálise* (1969-1970).

Figura 1. Os Quatro Discursos Radicais

O pai real: *Y a d'l'Un*

O mito de *Totem e Tabu*, como todo mito, não pode ter outro sentido mais do que ser o enunciado de um impossível. Como poderíamos pensar o ato do assassinato do pai e a instituição da lei se ali não houvesse já o sistema simbólico em funcionamento? O ato não é possível de ser pensado sem o registro do simbólico porque ele – o ato – indica o limite do simbólico. Não há outro ato além daquele que se refere aos efeitos do significante e de sua articulação. Desse modo, o pai real é a construção mesma da linguagem, e ao nível inconsciente. O pai real é um efeito da construção da linguagem, do aparelhar-se do sujeito ($S1 \rightarrow S2$). É nesse sentido que podemos entender a questão que Lacan nos coloca ao dizer por que o psicanalista não poderia ser, ele mesmo, o pai real. Isso como condição de fundação e colocação em ato do inconsciente. Então a posição do pai real, tal e como a articula Freud, isto é, como impossível, é o que possibilita que se tome a figura do pai como agente não da castração, mas da privação. Versão do pai imaginário, qual seja, o pai terrível das fantasias da criança.

O pai real é o agente da castração. Ma agora o que surpreende neste texto é que existe uma passagem do que era considerado como operação simbólica. A castração é uma operação

real introduzida pela incidência do significante na relação do sexo. Ela determina o pai como esse real impossível (LACAN, 1970). Entende-se que o pai real se localiza em S1, significante que é puro sem sentido. Tomemos o jogo do *Fort-da* através do qual a *infans*, na sua relação ao Outro, faz da sua *lalação* algo que se transcreve como significante. *Fort* é o que faz buraco. Mas, para que o sujeito se produza como efeito do que um significante representa para outro significante, é necessário o *Da*, ou seja, o S2. Essa é a versão do pai como operador estrutural. Tratar-se-ia de saber o que significa essa castração que não é uma fantasia e da qual resulta que somente há causa de desejo como produto de tal operação, e que a fantasia domina toda a realidade do desejo, quer dizer, a lei.

A idéia de colocar o pai onipotente no início somente poderia ser sustentada se localizamos ao pai tal e como o considera a histérica. Trata-se do pai idealizado. Embora acabe por mostrá-lo à sua condição de castrado, o que a histérica quer é um mestre. Ela quer que o outro seja seu mestre, seu mestre do saber. Porém, assim querendo, e querendo, e querendo, o que a histérica quer é “um mestre sobre o qual ela possa reinar”. Significantes mestres com os quais ela reina, neuroticamente, na sua vida.

Se considerarmos o pai real em relação ao S1, o mecanismo é o seguinte: o gozo separa o significante mestre – na medida em que se queira atribuir ao pai esse significante – do saber no lugar da verdade. Se tomarmos o discurso do analista, o obstáculo que constitui o gozo se encontra entre S1 e S2, isto é, entre o que pode produzir-se como significante mestre e o campo que dispõe o saber ao colocar-se como verdade. Vemos, então, o que acontece com a castração: o pai é aquele que não sabe nada da verdade.

Depois Lacan dirá que para ser um pai do real é necessário manter um nível de ignorância: é preciso ignorar ferozmente. Aquele que por ventura pudesse manter-se ao nível da verdade não saberia o que diz. O que é que o mito encobre como impossível? Que a

relação (proporção) sexual não existe. Isto é: é impossível gozar de todas as mulheres. Freud põe nesse lugar da *não relação* ao pai como exceção. O que possibilita é a fraternidade. O pai morto é um significante, e não um significante qualquer, mas re-afirmação do gozo proibido.

Père (pai) vertidamente orientado quer dizer sujeito dividido e orientado pelo gozo. Este que se dirige a uma mulher, que como *semblant*, pode encarnar o objeto que causa o seu desejo. Esta operação tem uma dupla inserção. Por um lado, ela, uma mãe, se ocupará de seus filhos, isto é, não gozará deles; e o pai, por sua vez, fará de uma mulher, e não do filho, o objeto que, no seu fantasma, polariza o gozo. O contrário nesse caso seria esta versão que Lacan chamou de pai educador. (MARTINS, 2004)

Na medida em que o pai morto é o resguardo do gozo, é signo do impossível. É por isso que o impossível do gozo implica a incidência do significante que constitui uma impossibilidade lógica: não há relação sexual. Entretanto se a exceção funda a regra, a lei, deve ser pensado que essa é a fantasia do neurótico. Ao menos um não é castrado.

No seminário 11, Lacan tratou a causação do sujeito – alienação - separação – destacando o S1 da cadeia. O traço unário que tinha sido trabalhado como entalhe, é recolocado à luz dessas elaborações que chegam até o final da análise. Tania Mara Costa Pinto escreve sobre as relações dessa proposta com o infinito:

O primeiro significante é o entalhe, pela qual se marca, por exemplo, que o sujeito matou um animal, mediante o qual não se embrulhará em sua memória quando tenha matado dez. Não terá que recordar qual é qual, e a partir desse traço unário os contará. O traço unário, o próprio sujeito se localiza nele, e, em primeiro lugar, se marca como tatuagem, primeiro dos significantes". Assim, o S₁ carrega em seu bojo o traço, a marca de um gozo, *Bejahung* segundo Freud, percepção, afirmação primeira e fundamental, que "afirma a posse" e é "expresso na linguagem dos mais antigos impulsos instintuais", dizendo: houve um objeto que satisfez. Essa afirmação primeira da satisfação se inscreve como um *Zug*, um engate no aparelho psíquico, e abrirá a cadeia de representações, buscando reencontrar o objeto que

satisfez, "convencer-se de que ele está lá", enfim, construindo um saber sobre sua existência que, doravante, tomará o caminho da representação. "[...] todas as representações se originam de percepções e são repetições destas". (PINTO, 2003, p. 27)

“Houve uma vez”, essa é a passagem da verdade para o saber. Na medida em que se aposta no saber furado, se localiza o gozo a mais. “O analista o convoca à invenção significante, de novo, supondo que esse novo significante possa ser operativo no processo de incorporação do **a mais**, ainda que essa operação não possa se dar toda, por inteiro” (MORETTO, 2006, p. 197).

Do traumático ao *trou*

Em *Les non-dupes errent* (LACAN, 1973/1974), já iniciado seu percurso na teoria do nó *borromeano*, Lacan insiste em diferenciar realidade psíquica e real. O sentido (imaginário) ele nos diz: é muito curto. O que se descobre do saber inconsciente é o sentido sexual, o “sentido - não sentido”. E é onde toda construção ficcional falha em dizer a verdade, *uma vez que não há verdade senão do que não tem sentido* (LACAN, 20/10/73). Por isso Lacan dirá que a verdade, não toda, somente é sustentável através da escrita, além do saber. Um passo a mais na disjunção entre saber e verdade. A invenção é do escrito e compromete a dimensão da letra. Curioso é ver que após ter criticado o *negócio* da matemática no Seminário anterior, Lacan retoma o valor da letra na função do escrito, em particular quando articula o furo no saber e a invenção. O saber inconsciente inventa: “[...] todos sabemos porque todos inventamos um truque para preencher o furo (*trou*) no Real. Lá onde não há relação sexual, isso produz "troumatismo" (*troumatisme*). A gente inventa. Inventa-se o que se pode”(LACAN, 19/02/74). Ir do traumático para o *troumatismo* será possível se, na clínica, destacarmos o *non-sense* que se vincula ao “efeito de sentido” – sem com ele se confundir – fazendo vacilar o sentido fixo e unívoco do acontecimento. Flagrar o acontecimento para

equivocá-lo. Acontecimento do corpo, dirá depois Lacan. Isso significa que o acidente, contingente, se marca como necessário (o que não cessa de se escrever). A questão é que há o impossível de escrever. Na clínica trata-se de passar desse necessário para o possível (o que cessa de se escrever). Uma analisante (BERTA, 2010) encontra no equívoco “in-visível” esse real do corpo falante, o qual lhe permite articular um saber além do trauma factual, além da realidade que a localiza numa cena infantil traumática cujo excesso se imprime com a marca do gozo sexual. O sintoma fóbico equivocado pelo dito “in-visível” é testemunha de um corpo torneado pela pulsão, eco do fato de que há um dizer. Agora podemos dizer que essa paciente se “apalavra” com o seu in-visível.

Na atualidade, uma das propostas sobre esse tema é aportada pela psicanalista francesa Colette Soler, em livros editados nos últimos anos. Ela sustenta a hipótese da *lalingua traumática*, e orienta essa leitura ao pontuar nos textos de Lacan, dos anos 70, a elocubração do inconsciente-linguagem. A hipótese que ela traz acentua a expressão “*saber sem sujeito*” na qual a recorrência da estrutura de representação do sujeito – representação de significantes – o deixa separado do saber inconsciente. Parece-me que a elocubração de saber do inconsciente *troumatiza* o sujeito. É o puro exercício do significante à procura de uma verdade pela via do saber que fará passar o saber ignorado, S2, do lado do S1.

Citemos Colette Soler:

Lacan o formulou explicitamente. Pelo decifrado de um significante ignorado do saber, que não representa o sujeito, mas que regula seu gozo no sintoma, um S2 pois, sejam que o chamem signo ou letra, isto é, um significante causa e objeto de gozo, converte-se em S1, não significante do sujeito, mas significante mestre do seu gozo. O qual não significa que a estrutura da representação deste S1, enquanto ao saber, se reduza. Ela é recorrente. É o que o seguinte esquema inscreve (S1 (S1 (S1 → (S2)))). Este é homólogo, do lado do S2, saber inconsciente, do esquema da divisão do sujeito com o saber

S1 → | S2

| (S1 (S1 (S1 → (S2)))

Lalingua aparece, então, como o grande depósito de onde o decifrado extrai alguns fragmentos, mas que permanecem saber inexpugnável (SOLER, 2007).

Tratar-se-ia, de ser enganados do necessário, desse saber que não pára de se escrever. No inconsciente: *Isso* fala, *Isso* goza (*jouis-sens*). Essa poderia ser a razão pela qual o traumatismo perdura na neurose. Essa poderia ser também a razão pela qual o traumatismo pode ser deixado cair. Aqui se enfatiza a disjunção entre saber inconsciente e verdade. Quando, em 1976, Lacan pergunta *O que é a verdade?* Responde: é rastrear o real que não consiste mais que no nó. (LACAN, 1975-1976/2004, p. 64). Todavia, o furo é no saber, como denotação e não como sentido, embora seja recoberto como sentido, e pelo encontro com o não sentido, que se acede à denotação⁸⁰.

“A escrita não é de modo algum do mesmo registro, da mesma cepa se vocês me permitem esta expressão, que o significante” (LACAN, 1972-73/1996, p. 41). Escrever a letra que cava o furo no campo do Outro [S (A)]. Furo no saber, que afeta diretamente a verdade singular, mostrando que a ficção é a falácia necessária para dar conta da insondável leveza do ser [S (A)]. Ainda consideramos isso. A letra indica o furo no saber, a ruptura do semblante (significante), artefato a não habitar mais que a linguagem, sem poder confundi-la com o significante. Por outro lado, a escrita da letra testemunha sobre o furo no saber. A letra tanto limita o gozo quanto o evoca. Isso que evoca não se refere ao furo no saber, mas ao puro exercício de uma fala *non-sense* que leva ao encontro desse furo no saber, até seu limite.

A experiência do sonho do pai que vela seu filho, a partir da qual Lacan nos dá o exemplo nesse Seminário de 1964, inclui o real traumático. Isso implica considerar que em face do *trou* (furo) o que resta é ou a ficção ou o litoral. Justamente porque se a ficção

⁸⁰ Essa observação foi realizada a esse texto pelo psicanalista espanhol Carlos Bermejo. Por sua vez, Conrado Ramos adverte que “talvez podemos considerar o S(A) como a escrita da impossibilidade de denotar xRy, desse modo S(A) pode cumprir uma função de sentido S1=S1, mas escapando-lhe sua denotação S1→a”. Agradecemos por essa observação realizada no percurso de nossa pesquisa.

fantasmática é a tela que opaciza o real, o furo, em particular o que Lacan considera como furo verdadeiro, leva à sua litoralização, sabendo que não há a última palavra. A volta dos ditos faz essa litoralização. Passar do litoral ao literal significa elaborar uma resposta na qual se enxergue o avesso da ficção. O inconsciente inventa porque não há nada a descobrir onde há um furo. Diz Lacan “No entanto, trata-se do Real, visto que é daí que eu parto, ou seja: que para todo saber é preciso que haja invenção, isso é o que sucede em todo encontro, em todo encontro primeiro com a relação sexual” (LACAN, 19/02/74, inédito).

O litoral: a letra como função entre trauma e transmissão

Retomemos, a partir do trabalhado, algumas considerações sobre a letra que incidam sobre o trauma e sobre um ponto nodal que, entendemos, preocupara Freud no final da sua obra quando se perguntara sobre a possibilidade de narrativa do trauma, e ocupara Lacan, partindo de uma pergunta sobre a transmissão.

No Seminário sobre A carta roubada (LACAN, 1956/1998, p 13-66), a letra tem valor de endereçamento, no equívoco da palavra *lettre* (carta e letra). A letra que nos interessa é essa que se constitui pela passagem obrigatória do sujeito ao campo do Outro. A letra (carta) é um enigma tomado do conto de Poe, que passa de mão em mão como a moeda de Mallarmé. A seguir, no escrito *A instância da letra no inconsciente* (LACAN, 1957, p. 496-533), a letra se define como suporte material que o discurso toma da linguagem. Em plena conceituação do inconsciente, tomando como referência os aportes do estruturalismo, Lacan anuncia que a instância da letra, no inconsciente freudiano, é a matéria prima do jogo significante que permite a definição do inconsciente lacaniano, a saber: o sujeito. A dimensão simbólica do inconsciente, estruturado como uma linguagem dá suporte à definição do sujeito. O sujeito,

por definição, dividido entre o que um significante representa para um outro significante, terá na *letra* de comando o enigma de um saber sobre seu ser e sobre seu desejo.

Ainda no paradigma do inconsciente simbólico, no Seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (LACAN, 1964, p. 193–230), se constata um avanço na teoria do sujeito articulada ao trauma como fundante. Nas operações da causação do sujeito, observa-se uma temporalidade retroativa que afetará tanto o sintoma quanto a fantasia. São elas: alienação e separação. A alienação força o sujeito a se representar no campo do Outro. O ser do sujeito se aliena a esse significante S2, e se confronta com a indeterminação infinita da cadeia significante, isto é, do sentido (S1-S2), porém um sentido que *não cessa de se inscrever* (categoria modal do necessário). O destino desse sujeito do inconsciente é uma vacilação entre petrificação (S1) e indeterminação [(S1-S2)]; petrificação por um significante e indeterminação no interior do deslizamento do sentido (SOLER, 1997, p 62-63). Portanto, a alienação dá duas saídas para o sujeito: ou o sentido (S1-S2), ou a petrificação (S1). Lacan diz que se escolhermos o ser, perdemos o sentido e somente resta ao sujeito cair no não-senso. E se escolhermos o sentido, o que cai é o não-senso, esta última sendo a constituição do inconsciente. O segundo tempo, da separação, depende de um *querer*. Soler (1997) escreve que o sujeito tem que se-parar, *se-parir* dessa alienação, ele tem que “se safar” disso. Porém, para “se safar” existe uma condição no Outro que possibilita a separação: é necessário que o Outro esteja atravessado, marcado pela dimensão do desejo.

Se alienação é a um significante primordial (S1), também deve-se buscar na separação o valor da *letra* junto com o valor do *objeto a* com o qual o sujeito se separa do Outro. O sujeito se separa do Outro por um querer, um querer se safar da alienação primordial, constituindo uma ficção que é a somatória do significante mestre (S1), do sentido que outorga a novela familiar (metaforizada pelo Nome do Pai) e do gozo (*objeto a* + a *letra*). Como veremos a seguir, posteriormente o *objeto a* refere-se tanto à causa do desejo quanto ao mais

de gozar, produto da repetição significante. Nos matemas de Lacan, a *letra* e o *objeto a* se referenciam com a escrita do matema da “não relação” radical do sujeito ao Outro [S (A)] (LACAN, 1972-1973, p. 38–52).

No avanço da pergunta pela verdade da ficção fantasmática, na virada dos anos '60, Lacan questiona o saber inconsciente, concluindo que nessa repetição significante (S1-S2) produz um “a mais”, isto é, produz-se um gozo que ele nomeia “mais de gozo” e localiza na escrita do objeto *a*. Na trilha ds suas articulações (LACAN, 1972-1973), redefine o significante pela sua condição de gozo. Por outro lado, nesse momento, a letra toma outro estatuto, pois se diferencia do significante como matéria e se define como litoral entre saber e gozo. Ela não está antes do sujeito, ela se faz na relação primordial do sujeito ao Outro, como lugar. Ela se escreve nessa relação, destacando-se da impressão que o significante alienante comporta. Ela é idêntica a si mesma. Lembremos que um significante necessita da diferenciação com outro significante para definir-se.

“A escrita não é de modo algum do mesmo registro, da mesma cepa se vocês me permitem esta expressão, que o significante” (LACAN, 1972-1973, p. 41). Escrever tem a ver com fazer aparecer o furo que a letra cava no campo do Outro [S (A)]. Furo no saber que afeta diretamente a verdade singular, mostrando que a ficção é a falácia necessária para dar conta da insondável leveza do ser [S (A)]. Essa letra se escreve a partir das “línguas do esquecimento”, expressão que usa Hassoun (1996) ao fazer referencia à *lalangue maternelle*, *a-lingua* materna (LACAN, 1973 e 1976). A letra, em nosso entendimento, é a escrita possível dos restos desse banho de *lalalalala* ao qual o *infans* está exposto desde seu nascimento. São os pedaços do real sonoro, vocante, que funcionam como detritos na passagem do *infans* à criança. Mas não iremos buscá-la nas origens, pois o recalque primordial coloca seu limite. Recolher nos detritos para fazer deles um estilo próprio. A letra

é amiúde o que se escreve de um encontro, de uma contingência. Se a palavra mata a coisa, a letra vivifica *a-lingua*. Eis o que podemos dizer disso. Um acidente como contingência – uma *tychê*, encontro faltoso – pode fazer clarão na existência de um sujeito permitindo-lhe, além do trauma, escrever seu estilo e reconstruir uma ficção. Advirtamos que Lacan, em 1971, afirma que a letra não é o Bloco mágico, de Freud. A letra não é impressão. A letra é “não é impressão, a despeito do Bloco Mágico” (LACAN, 1971/2003, p. 19). A escrita do inconsciente, escrita tecida numa análise, escreve o impossível de dizer. Dit-mansão real. Como escreve Lacan (1971/2003, p. 15): *Ao fazer da letra literalixo (litière)* se rasga o semblante do significante e se evoca o gozo que dele e extrai. Os rastros do inconsciente, das formações da ficção do inconsciente, ravinam o real. Que o inconsciente é feito de rastros, isso é freudiano. Que os mesmos ravinam o real, isso é o avanço ao qual Lacan chega, quando diferencia o rasto do traço, e quando mostra a íntima relação desse último com a letra. Traço que ravina o real e que é evocação, portanto, de um gozo.

Tomaremos um belíssimo exemplo, extraído do livro *Los contrabandistas de la memoria* (HASSOUN, 1996). Najib, um jovem filósofo e professor nascido no seio de uma família de funcionários públicos de um vilarejo da região de Charleville-Mezières se destacou entre seus irmãos por ser o único a fazer uma formação acadêmica. Seu sintoma é achar que ele está afetado por uma profunda ilegitimidade. Tudo nele é ilegítimo: seu casamento e seu desejo de ser pai. Quando esse sentimento o invade se transforma em um louco furioso, desmontando-se em alaridos que reencontram a ferocidade do seu pai, um patriarca severo, antigo militante do Movimento Nacional Argelino, que, da sua cultura, somente havia transmitido injúrias e proibições, assim como o imperativo de continuar vivendo com os costumes da sua terra natal. Najib e seus irmãos viviam clandestinamente toda e qualquer relação com seus conterrâneos franceses. Najib demanda uma análise, torturado por essa ilegitimidade que o invade em seu sintoma e pelas explosões de fúrias. No curso de uma

sessão, uma lembrança dá a chave do jogo. A seguir, as palavras do analisante, narradas pelo analista

Um dia – disse – minha professora me perguntou se eu tinha meu “Bled”⁸¹ Eu fiquei muito surpreso e um pouco chocado de escutá-la falar em árabe. No clima de inquietante estranheza no qual de golpe me encontrei submerso, me escutei responder-lhe que jamais o havia perdido, pois eu havia nascido em Charleville e nunca tinha me movido dali. Meus colegas de sala morreram de rir e eu me senti um idiota. Em poucos segundos tinha-me tornado idêntico à imagem de imbecil, de cretino, que o meu pai tinha de mim. Mas tive a sorte inesperada de que a professora pegasse o sentido da minha resposta, e que me dissesse que *meu bled era o Bled*. Experimentei, então, uma sensação de bem-estar jamais igualada até hoje. (HASSOUN, 1996, p. 118, tradução livre)

Essa contingência do equívoco, o litoral entre *bled* e *Bled* se transforma em *letra*, justamente no ponto de furo do saber paterno, pois o pai não vinculava sua ferocidade à sua derrota na terra natal, escolhendo sempre o campo da ilegitimidade, isto é: o campo dos vencidos. Foi enquanto filho que o analisante pode autorizar-se a sair do exílio parental que articulava seu sintoma: ilegitimidade. É no material sonoro da fala, nos ecos do *bled*, que se exemplifica (e amplifica) que a escrita depende do fato de que em todo dizer “que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve” (LACAN, 1973/2003, p.448).

Do trauma à transmissão contam todas e cada uma das singulares histórias, das narrativas que constroem o sentido da ficção sobre a insondável leveza do ser. A esse furo no saber do Outro que nos afeta intimamente poderemos responder, também, com nossos sintomas e nossas fantasias. Mas a transmissão do trauma requer uma condição: a passagem entre o indizível e o possível de ser nomeado a partir de uma letra, onde a dimensão do terceiro, isto é, da testemunha, é fundamental. No exemplo de Hassoun, duas personagens ocupam esse lugar: a professora e o analista. A passagem do *bled* ao *Bled*, acontecida em um

⁸¹ J. Hausson esclarece a pé de página: *Bled*, palavra árabe incorporada pela língua francesa, significa “aldeia” e também é o nome da célebre obra da Gramática Francesa.

tempo virtual faz de cada um – Najib, sua professora, o analista – peças principais de um dispositivo a partir do qual o sujeito se localizará, a seguir. Hausson não nos fala da letra. Ele aponta a transmissão, localizando Najib como o passador nessa montagem “que permite sustentar esses instantes tanto mais essenciais quanto mais despercebidos”. (HASSOUN, 1996, p. 126). Nossa reflexão é que há um desejo como condição absoluta que possibilita que a letra se escreva (*lettre*), que a letra se enderece (*lettre*) e que a letra caia como lixo (*litter*⁸²). Pois escrever é o ato onde a perda é central.

Topologia do trauma

Qual a topologia do trauma? Uma primeira resposta: a extimidade. Uma segunda resposta se encontra no momento em que Lacan, em 1962, toma da topologia noções epistêmicas para demonstrar esse espaço no qual o exterior pode estar incluído no interior. Posteriormente, trabalhando o nó borromeano e diferenciando o que seria um furo verdadeiro de um falso furo, Lacan retorna ao trauma afirmando – como dissemos acima – que o *falaser* é *troumatizado*.

A esse respeito, recentemente foi publicado um texto de E. Laurent (2006), quem considera que o trauma foi trabalhado por Freud no texto *Die verneinung*. Porém esse autor acentua o reencontro sobre o fundo de uma perda primordial. Lacan traduz o inconsciente freudiano – diz ele – e a perda fundamental; e isto é crucial em termos do pensamento do século XX, século do “giro lingüístico”. Frege, Russel, Husserl chamaram a atenção para o fato de que já não possamos sair da linguagem. O mesmo que foi enunciado por Wittgenstein, numa tese pessimista, qual seja, a linguagem só permite tautologias e o mundo não pode

⁸² No escrito *Lituraterra*, Lacan trabalha encima do equívoco de Joyce, e joga com a escrita *lettre*, pois ele escreve “[... desliza de a *letter* para a *litter* de letra/carta (traduzo) para lixo]” (LACAN, 1971/2003, p.15).

mostra-se a não ser por outros discursos que não a linguística. Refere-se à estética, à moral, à religião. “A fratura do discurso se produz pela mostração, o resto é tautologia”.

Na borda do sistema da linguagem, onde o ser vivo faz a experiência da linguagem, nessa “borda” apresentam-se alguns fenômenos clínicos, como vimos no capítulo anterior, que respondem à categoria do Real. Ditos fenômenos também estão na borda do sistema de linguagem. Seguindo Lacan, Laurent afirma que o trauma responde a uma topologia. A questão do traumatismo é essa extimidade, esse interior-exterior. É por isso que no final do seu ensino, Lacan nos propõe que essa experiência de linguagem é traumática. Em 1953 a representação do toro é intuitiva. A partir de 1961 o toro é um instrumento de trabalho para compreender a relação do sujeito ao Outro, na articulação desejo-Demanda, como assinalamos no capítulo 3. O toro é a forma mais simples do espaço:

Figura topológica do Toro

No Seminário sobre *A Identificação* (1961, INÉDITO), Lacan retoma *A Interpretação dos sonhos* para dizer que Freud nos indica que o sonho não respeita a lógica clássica, no sentido da identidade e princípio de não contradição. Para a lógica clássica $A=A$. A não pode ser não A . Porém, para o inconsciente temos que escrever $A \neq A$ e $A=A$. Queremos deixar apontado que assim como o objeto de corte nos levaria a estudar sobre a lógica, também essas aproximações deste toro são projetos de trabalho, que deixamos apontados para percursos futuros.

Voltemos ao que Laurent diz, referindo-se às colocações de Lacan sobre o *troumatismo*. O toro exemplifica o real do sintoma, o que não pode ser simbolizado. Esse ponto de real impossível de reabsorver no simbólico é a angústia traumática. Ao qual acrescentamos: é a angústia real, freudiana.

A extimidade do Trauma

Disto, deduzimos uma clínica que nos parece muito precisa e econômica no seu modo de dizê-la: em caso de trauma, temos que ir na direção de dar sentido ao que não o tem. Esse autor sustenta que a psicanálise se inscreve, então, com outras psicoterapias, na vontade de não limitar o trauma a um fora de sentido quantitativo. Mas isso não é o ponto de chegada. Isso possibilita a inscrição do trauma na particularidade do inconsciente. Isso significa dizer: sujeito, fantasia, sintoma, cura. O inconsciente produz um sentido libidinal ($S1 \rightarrow S2$). Para produzi-lo tem que estar em condições. Tratar-se-ia de criar essas mínimas condições para que a *tychê* traumática, a contingência (cessa de não se inscrever) deixe lugar a uma primeira passagem que indique o necessário (não cessa de se inscrever) do sintoma. Lembremos que foi Freud quem indicou que o sintoma tem um sentido. O sem-sentido somente pode ser ouvido no que equivoca nos enunciados de quem fala. Isso modifica de uma ponta à outra a concepção que se tenha do trauma. Veremos, a seguir, como se articulam trauma e equívoco.

O equívoco: a subversão do sentido

Em 1959, Lacan associa a *Verneinung* com o não sabido e com o entredito. Anos depois, leva esse entredito ao trauma. Passados mais de 20 anos, ele nos aporta em um escrito sobre a histeria essas reflexões, que devemos tomar como insistência a incluir o trauma na estrutura. *Como operam as palavras?* Pergunta-se Lacan.

Em *Exercices de style*, Raymond Queneau (1947) põe a prova 99 modos diferentes de dizer uma pequena história, comum, singela e banal, brincando com a noção de simulacro. Múltipla repetição. Variações de um tema “cujo original é abolido”. Segundo Marcia Arbex (2009) a gênese de *Exercícios* está na música. Certa vez, tendo ouvido a *Arte da fuga*, de Bach, em companhia de Michel Leiris, os amigos pensaram em construir no gênero literário algo similar, isto é: construir uma obra no gênero de variações proliferando quase até o infinito em torno de um tema bastante reduzido. O projeto iniciou-se em 1942 em uma série de 12 “exercícios” com o título *Le dodécaèdre* (Dodecaedro). Os demais textos foram escritos aos poucos e somente em 1947 chegaram ao número 99. Queneau parou porque a preguiça e o receio de cansar o leitor o fizeram parar: “nem muito nem pouco: o ideal grego”, diz ele.

Em 1960, Queneau fundava, junto com François Le Lionnais, matemático e historiador, o *Oulipo*, *Ouvroir de Littérature Potentielle*, com a participação de escritores, matemáticos e artistas. A proposta do grupo era a de inventar novas formas poéticas ou romanescas, a partir de experiências da matemática e da literatura. O *Oulipo* foi definido como um ateliê em que se fabrica literatura potencialmente produzível até o fim dos tempos.

Vejamos o exercício *Notações*:

No ônibus S, em hora de aperto. Um cara de uns 26 anos, chapéu mole com cordão em vez de fita, pescoço comprido demais, como se tivesse sido estiado. Sobe e desce gente. O cara discute com o vizinho. Acha que é espremido quando passam. Tom choramingas, jeito de pirraça. Mal vê um lugar vago, corre pra se aboletar. Duas horas depois, vejo o mesmo cara pelo Paço de Roma, defronte à estação São Lázaro. Lá vai com outro que diz: "Você devia pôr mais um botão no

sobretudo". Mostra onde (no decote) e como (para fechar)
(QUENEAU, 1947)

Conjugação verbal, estilos literários, aféreses, apócope, síncopa, etc., servem a Queneau e seu grupo para exprimir esse original que vai se perdendo, deixando os rastros desse primeiro evento, encontro, contingência, poderíamos dizer. Um excelente exercício de repetição, de ampliação, de redução de uma cena que logo nos lembra as voltas e reviravoltas dos ditos nos quais os analisantes se enredam e desenredam até evocar, com o uso do significante, que *isso se diz*, que *Isso fala*. Se gasta dizendo e por isso se equivoca. O equívoco é exatamente equivalente a esse gasto. Não importa qual! “Há *une-bévue* quando se equivoca de significante” (LACAN, 1977a, inédito).

“Equivocar-se de significante” nada mais é do que fazer signo do que o significante produz: equívoco. É por isso que, lembrando Saussure, Lacan lembra o debate que Benveniste acrescenta ao signo saussuriano: entre significado e significante o laço não somente é arbitrário, também ele é necessário. Esse laço é testemunha da insistência do significante que o encadeia de modo necessário: não para de se escrever.

Colocação à prova do saber que não se sabe, *L'une bévue*, o um-equívoco, como nos diz Lacan em 1977. Os *Exercícios de estilo* são a escrita do necessário, do que não cessa de se escrever. Até que isso, às vezes, cessa. Bom, uma boa opção seria pensar que isso cessa para não cansar o leitor, como Queneau aponta. Outra opção é a que nos oferece Lacan, em 1976, retomando o corte da banda de Moebius, o que ele chama de *dupla banda*, a ser considerada a partir do corte que ele mesmo realiza no toro.

Produzir a dupla banda é a demonstração da relação entre o necessário e o contingente, ou de considerar que o necessário é o efeito do contingente. É desse “efeito de saber” que se

trata, *efeito* de saber que faz borda a um real a ser nomeado como “saber sem sujeito”.

Citemos Lacan quando se refere ao *um-equívoco* nesse corte na dupla banda:

[...] o um-equívoco é alguma coisa que substitui o que se funda como saber que se sabe, o princípio do saber que se sabe sem sabê-lo, o “lo” é um pronome que, no caso, incide sobre o próprio saber, não enquanto saber mas enquanto ato de saber. É bem nisso que o inconsciente se presta ao que acreditei dever suspender sob o título de “um-equívoco” (LACAN, 1977-1977, inédito).

Esse efeito de saber não é sem considerarmos que o saber é efeito de significantes. Acontece que o homem é débil para tratar desses efeitos. Ao dizer *débil*, nos referimos ao fato de tratar ditos efeitos como sentido fixado. Interessa destacar o que Lacan aponta como *efeito de sentido*. O mesmo leva aqueles que praticam a psicanálise a se perguntarem pela passagem da tagarelice à escroqueria. Não há como se safar desse abuso, se seguirmos somente por essa via. Segundo Lacan, em 1977, trata-se de saber que entre real e simbólico não há relação. O que engancha é o imaginário e por essa razão quando dizemos “o sentido” não estamos no nível da linguística, mas da linguística: a de Lacan. Será por isso que ele nos indica: o inconsciente é um sedimento de linguagem? Efeitos de cristalização: detritos? Portanto se o real está num extremo de nossa prática, se o real é esse ponto de fuga, *nossa fraude* é que na interpretação operamos pelo sentido. “O sentido é isso com o que operamos em nossa prática: a interpretação” (LACAN, 1977b, inédito). Esta afirmação de Lacan nos incomoda quando pensamos na interpretação como equívoco. Incomoda porque entendemos que o equívoco é o produto do corte da banda, da sua subversão.

A interpretação como a operação analítica se fundamenta na ética da psicanálise: a da *Coisa* freudiana. Essa ética é parceira do conceito de inconsciente. Buscar o sentido da *Coisa* é uma escroqueria. Há de se *saber-fazer-aí* (*savoir y faire*). Por essa razão Lacan afirma que o

inconsciente é lacaniano, apontando que Freud se tropeçou com a interpretação. A interpretação como equívoco visa não o não-sabido, mas o *insabido* (*insu*): o *trou*.

Esse inconsciente é feito de palavras que não representam nada, mas que afetam. Ele cria a tagarelice do *falaser*, que fala sem saber o que *Isso* diz. *Isso* faz buraco. O buraco da *Coisa*. E por esse buraco se corre atrás do sentido, na sua fuga, porém presos na cristalização da significação. Vigaristas do sentido: os seres falantes. Isso faz buraco porque o inconsciente, ele é o corpo estranho, o núcleo patogênico. Não temos um osso. O corpo estranho é o buraco que se verifica na reta infinita. O corpo estranho não é um núcleo, ele é a reta infinita. Por isso o nó bó. Somente *nachträglich* se constata o insabido. A isso Lacan o chama: real. Nesse nível o trauma é o *trou-matismo*, que por não cessar de não se escrever, se define como impossível, e, portanto, como real. Disso se sabe *nachträglich*.

A interpretação é o sentido. É por isso que o equívoco é um limite dessa definição da interpretação. O equívoco é uma subversão do sentido, ele se apóia na neutralidade do analista. Lacan vai desde o corte da banda até o corte do toro, mas seu intuito é de fazer do saber algo que não copula com a verdade. A interpretação como equívoco vai contra a escroqueria. Portanto, interrogar o equívoco é *nossa ética*, na qual não tratamos de ir até o osso do real, mas de ser “aspirados” pelo real. De estarmos numa “aspiração” pelo real. Assim é como podemos nos persuadir do *efeito de linguagem*. É por essa razão que Lacan põe o acento no “efeito” ao falar do sentido. *Efeito de sentido*: o que evacua-se do sentido fixado. Por aí se engancha a importância do equívoco. Vejamos a mesma, nessa frase que não pupa dificuldade: “O que disse, Freud, *affreud*, é que aí não há *su-je*. Dito de outro modo, no *jeu* do *je* se substitui o que intento enunciar hoje: o *baffouille-à-je*” (LACAN, 1977c, inédito) ⁸³.

⁸³ Su-je: “sujeto” / “sabido-eu”. Jeu: “jogo”/ *bafouillé-à-je*: jogo entre o *je*, o *bafouillage*: balbuciar e *bafouille*: carta.

Entre a lalação e a letra se ilumina o equívoco. Assim, um analista se orienta na “aspiração” pelo real.

Isso é o inconsciente: somos guiados por palavras. Aliás, adoecemos e nos curamos pelas palavras. É por essa razão que, em 1958, Lacan observara que a significação, a *Bedeutung*, do falo faz aparecer no corpo dos significantes o significável. É pela prova (*épreuve*) do desejo que a significação se produz. Significação fantasmática, escrita, no nó borromeano, entre o imaginário e o simbólico, onde o sentido deve passar na ordem dos ditos ao gozo-sentido (*jouis-sens*) de *um dizer* possibilitando a interpretação e produzindo o *efeito de sentido*. Tal *efeito de sentido* nada mais é do que um dos nomes do objeto *a*. Lacan assim o escreve no seu discurso dado em Roma, em 1974, que foi intitulado *A terceira* (LACAN, 1974/1993, p. 104):

Nó Borromeano em A TERCEIRA

Trata-se da escrita mínima do nó *bo*, na qual se lê a função do objeto *a*, separador de cada um desses gozos.

A questão que Lacan se coloca é a seguinte: por que razão o gozo, seja qual for, supõe um objeto, do qual o mais de gozar é sua condição? Assim agencia novamente a trilogia dos gozos que comprometem a estrutura: JA (Gozo Outro – “entre” Real – I), JΦ (gozo fálico – “entre” Simbólico e Real) e o sentido (“entre” Imaginário e Simbólico), restando, no centro, o

furo que cerne, circunscreve, ajusta os gozos, isto é: o objeto *a*. Esse objeto “conjuga, na ocasião, três superfícies que igualmente se cruzam”.(LACAN, 1974, inédito) Entretanto, um ano antes do Seminário RSI, Lacan advertia aos não incautos do que se precisa ser enganado: do inconsciente. Avancemos: ser enganados do *nó bo* e da sua planificação. A planificação, não sendo projeção, respeita os cruzamentos. Mas a projeção nos leva ao engano, fazendo-nos tomar as rodas de barbante como se fossem *diagramas de Venn*. Assim temos tanto em *A Terceira* quanto em *RSI* um contraponto entre planificação e projeção, na qual somos enganados do *necessário* (não cessa de se escrever), isto é, de “nosso real”, do real da estrutura que constitui o nó borromeano (DREYFUSS, 2001).

Lacan afirma que é pelo objeto *a* que se separa o gozo fálico ($J\Phi$) do gozo imaginário do corpo; o Gozo do Outro (JA) do simbólico; e, o *sentido* (*jouissens*, gozo do sentido, equivocando com *jouissance*, gozo) do Real. De fato são enunciados complexos os que se encontram nesses anos sobre o objeto, ao mesmo tempo, causa de desejo e mais de gozar. Uma pista é quando ele nos diz que todo gozo está conectado com esse mais-de-gozar, porém a condição radical de *ex-sistência* do objeto *a*, na escrita de RSI se define como resto impossível de simbolizar.

Bernard Nominé, no texto *O Luto do Sentido?* (2011), destaca o valor de fixação do fantasma e adverte que a operação analítica “mostra sua eficácia quando ela questiona essa significação fixada” (NOMINÉ, 2011, p. 66). Lembremos que o falo, como função velada, aponta a *Verdrängung*, sendo, ele mesmo “o significante dessa própria *Aufhebung* [suspensão] que ele inaugura (inicia) por seu desaparecimento”(LACAN, 1958/1998, p. 699). O sujeito carrega em si as marcas dessa obliteração. A obliteração é traumática, segundo sustentamos até aqui. Através dela, o sujeito escreve seu fantasma e produz seu sintoma. O psicanalista com elas opera. Razão pela qual, parece-nos crucial a questão levantada por

Nominé quando diferencia o gozo cifrado no sintoma da satisfação obtida pelo deciframento; e quando adverte que o sentido sempre fuga, mas que a significação fálica – cifrada no sintoma – é um modo de detenção, de cristalização dessa fuga de sentido. Segue, com isso, a trilha freudiana e lacaniana, uma vez que é na fenda (*Spaltung*) por onde *Isso* fala, que o sujeito se constitui, *nachträglich* (LACAN, 1958/1998, p. 692-699). É provável que seja por essas diferenças que Lacan continua a insistir sobre a operação analítica que equivoca o sentido fixado evidenciando que *Isso fala*, quer alguém ouça ou não. Porque *Isso* faz nó. Lacan se pergunta e responde:

O inconsciente? Prefiro dar a isso outro corpo porque é pensável que se pensem as coisas sem pensá-las. Ali bastam as palavras. As palavras fazem corpo, isso não quer dizer para nada que se compreenda qualquer coisa. Apesar de tudo temos um esboço disso quando as pessoas falam - seja lá o que for – é totalmente claro que não dão às palavras seu peso e seu sentido. Entre o uso do significante e o peso da significação, o modo em que opera um significante, há um mundo. Aí está nossa prática: aproximar-se a como operam as palavras. (LACAN, 1977b, inédito)

O passo dado por Freud é que nessa falta de relação, a significação engendra relação. É o modo de Freud de falar da sexualidade. É o modo como as histéricas ensinaram a Freud essa relação vigarista que dribla a *não relação*. O passo de Lacan, entendemos, é diferenciar o “uso do significante” e o “peso da significação”.

A clínica no-lo demonstra. Uma analisante equivoca “la perdida” (em espanhol) com “la pérdida” tentando dizer em português “a perda”. Nada demais. Nesse equívoco se murcha a posição fantasmática que diz respeito a uma versão do que entendia ser seu desejo, sua *épreuve*. Um equívoco translíngua que desmonta, no início do fim da análise, isto é, do início ao fim, a versão da sua neurose. O analista esteve ali para marcar a ressonância daquilo

que poderia ser a versão 99 do *Exercício de estilo*. Ali se atestou da contingência, e se atestou também da sequência ao necessário. Entretanto, é pelo equívoco que o *efeito de sentido* se produz. Esse equívoco, considerado como contingência mostra como o necessário, pela contingência, passa ao possível, isto é, para de se escrever como elocubração e faz desses detritos, desses cristais, os *uns* que não fazem mais laço. São cristais que apontam ao “uso do significante”, não à troca (oriunda da fixação da significação articulada na demanda). Esses detritos são as letras produzidas pelo discurso analítico, no fim da análise. Letras que não se dizem, mas se escrevem (S1 $\rightarrow$ a). Um *efeito de saber*, um *efeito de sentido*. Lembremos, novamente, que é assim como Lacan nomeia o *objeto a* na sua época borromeana: *efeito de sentido*. Efeito de sentido que faz borda ao *trou-matismo*. Esse efeito de sentido é uma *causa nachträglich*.

Porque os seres falantes somos *troumatizados*, sendo seres com *ex-sistência* de linguagem vamos em direção a esse encontro: as palavras equivocam, assim elas operam. O inconsciente é testemunha pelos “pontos de fuga” de que somos feitos de palavras que não dizem nada a não ser que se o façamos dizer, que isso faz corpo, que isso afeta.

Como operam as palavras? Gozando. Acontece que os seres falantes, pelo desamparo da nossa própria palavra, precisamos das versões desse gozo. O problema é que comumente acreditamos em uma versão. A chance se dá quando conseguimos vislumbrar que, brincando com 99 versões, podemos retirar o “peso” do necessário de *A Uma versão*. Se assim for, a subversão do sentido será a prova, apontando para sua *fuga (trou)* e para seu *efeito (borda)*⁸⁴. Aí opera a psicanálise. Mas para isso se precisa de tempo, de exercício e de estilo.

⁸⁴ Agradecemos a Conrado Ramos por diferenciar a borda e o furo no texto “Do objeto como borda ao sintoma como furo”, 2011.

Trauma, sintoma e escrita: consequências na clínica psicanalítica⁸⁵

Desde Freud o sintoma é resposta ao trauma e à fantasia. O sintoma carrega as marcas do exílio do trauma. Nesse sentido, o sintoma é o estrangeiro que tende a exilar-se para promover uma satisfação proibida. Sintoma extraterritorial ao eu. Nome do enigma promovido por um sofrimento que incomoda e que perturba pela sua insistência. Ele nos adverte que todo sintoma tem um sentido sexual, oriundo do trauma e da fantasia (realidade psíquica). O sintoma é o que testemunha da força pulsional, da sua implacabilidade, uma vez que a formação sintomática é o que denuncia uma satisfação paradoxal em jogo. O sintoma é a satisfação substitutiva da moção pulsional (FREUD, 1926/2008).

Como se escreve o sintoma na psicanálise?

Com Lacan, há duas grandes vertentes que permitem dizer como se escreve o sintoma, e enlaçam todos os meandros do seu ensino.

(1) Escrever o sintoma como mensagem do Outro

A mensagem é o significado do Outro $s(A)$, assim como proposto no *grafo* da subversão do sujeito e da dialética do desejo. Essa mensagem nada mais é do que a interpretação do sujeito sobre sua existência inefável. Nela se articulam: (a) O traumático, entendido como não termos à disposição uma resposta última vinda do Outro, um último significante que nos dê a resposta definitiva sobre o que somos $S(A)$, nem mesmo sobre o que queremos, uma vez que a *Bedeutung* do falo se suporta no significante da falta de significante

⁸⁵

Algumas elaborações desse ponto foram publicadas no texto “Sintoma e escrita” BERTA (2011, p.181-189)

(Φ) e (b) A construção do fantasma como resposta cristalizada que enoda imaginário e simbólico, como fixação dessa ficção que é a interpretação do sujeito sobre o desejo do Outro.

(2) *Escrever o sintoma como letra*

São as articulações dos anos 1970 em diante. Em primeiro lugar temos a letra como detrito, isolada de qualquer qualidade, tendo a mesma um estatuto secundário à linguagem. A letra indica: o furo no saber, a ruptura do semblante (significante), artefato a não habitar mais que a linguagem, sem poder confundi-la com o significante. A letra do sintoma não é mais do que um gozo autista, isolado de toda possível relação ao Outro (S1).

Entendemos ser essa a tese proposta por Colette Soler no seu livro *Lacan, l'inconscient réinventé* (2009) quando, evocando Lacan no *Prefácio do Seminário XI* (1976/2003), diz que o passe ao real precisa de três tempos: 1. A formação do inconsciente (lapso). 2. O inconsciente como espaço de significantes associados livremente, onde estão em função o sentido, a historização e o inconsciente – verdade. 3. O inconsciente fora-sentido, analfabeto que fez funcionar o significante besta. Nesse terceiro tempo a escrita do sintoma é função reduzida a sua máxima expressão de um gozo opaco, estranho, estrangeiro, mas sem função de enigma.

Parece-nos que assim podemos apreender o que Lacan nos diz no *Seminário RSI*, na aula de 21 de janeiro de 1975, quando escreve, usando-se da formulação matemática $f(x)$, o gozo do inconsciente que se denuncia no sintoma. Isto é: o modo como cada um goza do seu inconsciente. Essa letra do inconsciente é isolada de qualquer qualidade. Essa letra tem identidade de si a si. Portanto o que se lê do sintoma é efeito da erosão da linguagem. É daí que se retira o estatuto da escrita nesse contexto, de uma letra que afirma o gozo, fora do sentido. Por essa razão, essa letra se escreve entre real e simbólico.

Nesse ponto é preciso diferenciar o que escapa no sintoma da possível significação fálica, oriunda do significado do Outro, do qual o sujeito pode retirar uma verdade que se articula em significantes, verdade do inconsciente. Isso que escapa a essa verdade articulada em significantes se recolhe no *Seminário RSI*. Ao escrever a função $f(x)$, Lacan indica que há no sintoma aquilo que é o mais íntimo do gozo do sujeito, aquilo no que ele crê. Trata-se de um elemento que resiste a toda significação, elemento opaco, um x , uma letra que não entra no comércio da associação significante. Uma letra rebelde a ser apropriada pelo simbólico, letra que vem do real. O gozo opaco do sintoma vem do real. Essa letra que *cessa de não se escrever* faz o contraponto com o que no sintoma se apresentava como necessário (*não cessa de se escrever*) na sua repetição. Essa letra, $f(x)$, funciona como âncora à insistência do real. É algo que separa o sujeito do campo do Outro. A escrita dessa letra não funciona como alienação ao significado do Outro, mas como separação ao incurável da repetição.

Citemos a frase que articula letra e o sintoma evidenciando que sua função, $f(x)$, enoda a contingência e o necessário, respectivamente: o que *cessa de não se escrever* e o que *não cessa de se escrever*:

O que é dizer o sintoma? É a função do sintoma, função a se entender como o faria a formulação matemática $f(x)$. O que é esse x ? É o que, do inconsciente, pode se traduzir por uma letra, na medida em que, apenas na letra a identidade de si a si está isolada de qualquer qualidade. Do Inconsciente todo um, naquilo em que ele sustenta o significante em que o inconsciente consiste, todo um é suscetível de se escrever como uma letra. Sem dúvida, seria preciso convenção. Mas, o estranho é que é isto que o sintoma opera selvagememente. O que não cessa de se escrever no sintoma vem daí. (LACAN, 21.01.75)

Lembremos que é no Seminário RSI que Lacan define o sintoma como o modo em que cada um goza do inconsciente, uma vez que é o inconsciente quem determina o gozo do *parlêtre*. Também nessa citação há um laço do sintoma com o gozo e o inconsciente.

Detenhamo-nos na escrita $f(x)$. O atual conceito de função foi fixado por Frege, quem possibilitou a generalização do conceito de função para objetos não numéricos. Lemos na Enciclopédia de termos lógico-filosóficos

Uma função unária é uma correspondência por meio da qual a um objeto, o argumento da função, se associa um outro objeto, único, chamado valor da função para esse argumento. Não se exige que tudo possa ser argumento de uma função, mas aqueles objetos que são argumentos de uma função constituem o seu domínio, e os valores que a função toma para estes argumentos são o seu contradomínio. (BRANQUINHO, MURCHO e GOMES, 2006, pp. 365-366):

A notação para representar o valor de uma função é formada pelo nome da função, seguido pelo do argumento. Portanto se f é uma função e x está no domínio de f , a expressão $f(x)$ denota o valor de f para o argumento x . Se f é a função do gozo, real do sintoma, então esse x , letra do sintoma, como considerá-lo? Qual é o valor do argumento x para essa função? São vários os comentadores que nos localizam na relação que poderia haver entre a letra do sintoma como Um que goza sozinho, Um fora do sentido. Essa letra se aproxima de um S1 que, isolado de todo laço à cadeia, goza sozinho. Uma letra, entendo, tomada do simbólico, mas que não representa sujeito algum. Eis a relação do simbólico com o real, nesse momento do ensino de Lacan. Na planificação do nó borromeano, nesse *Seminário RSI*, o sintoma é o que do simbólico opera no real (Figura 7 do texto *A terceira*, acima citado), um avanço, mínimo, ao entender pela *fixion* que essa letra promove no ser falante, isto é: seu gozo singular. O sintoma opera desde o simbólico em direção ao real.

A escrita do sintoma – comemoração de gozo no vivente – se escreve pela contingência, *cessa de não se escrever*, selvagemmente: $f(x)$. Nessa contingência, temos de diferenciar: (1) O que se escreve como significante traumático, produto da função da fala e da linguagem, a marca que dará lugar ao significante e ao significado e que dará origem ao necessário da repetição – *não cessa de se escrever*, (2) A função da letra, contingência que se escreve como gozo opaco, irreduzível, idêntico a si mesmo (SOLER, 2010). Interessa-nos destacar que há uma relação entre o *que cessa de não se escrever* (contingente) e o *que não cessa de se escrever* (necessário). Algo traumático cessa de não se escrever e a partir daí se repete (*não cessa de não...*). Segundo Soler, (2010) o traço se repete introduzindo a *inmixture* da diferença que produz o sujeito, e uma vez produzida essa perda, não cessa de se escrever. Não é o passado. A repetição é um presente perpetuado. A repetição é única por ser necessária. Existe alguma coisa *selvagem* no desencadeamento de um sintoma, e é esse operar selvagemmente o que indica que aí o real está em questão. Por isso há de se contornar. Isso não se suporta. E, o que é selvagem? Um modo de escrita. Paradoxalmente, é isso que o *parlêtre* goza. O real é o impossível: com isso o *parlêtre* goza e se civiliza. Lacan diz a partir de 1970, diz por um equívoco “*Lalangue*”. *O que é lalangue* (*alíngua* ou *lalingua*, segundo diferentes traduções ao português)? *Lalangue* evidencia o gozo da fala: é disso que somos feitos, os seres falantes, nossa carne. Por essa razão não podemos perder de vista a dimensão “*parl*” do *parlêtre*. E isso que está em jogo, desde o início, no sintoma. Na escrita selvagem há gozo fálico. Gozo que provém da relação do simbólico com o real. No sujeito que tem o suporte no *parlêtre* – INCC – está o poder de conjugar a palavra com esse gozo que se experimenta como parasitário, devido à fala, ela mesma, ou seja, devido ao *poder da fala no parlêtre*. Agora, a questão é que no fundo esses enunciados são indizíveis, por isso a dimensão Real está em questão. Nessa fala, há de se recortar a *potência patogênica de enunciados indizíveis* (GERBASE, 2010). Trata-se do *troumatismo* que perpassa o instante de ver (contingência

traumática e traumatizante) e aponta, pelo acontecimento, a estrutura. São os enunciados indizíveis que fazem com que falar seja traumático, porque a *Coisa* é a pura alteridade.

Duas variações da clínica do trauma: quarto movimento

Laura estava há três meses morando sozinha na Casa. Era uma mulher dessas que destilam força. Ela animava seus colegas, falava com as cozinheiras, ajudava eventualmente na cozinha, conversava com a assistente social sobre seus problemas e os das outras mulheres da casa, cuidava dos filhos alheios, enfim, sempre estava disposta. A analista encontrou Laura em várias oportunidades sem trocar mais do que um cálido cumprimento. Uma tarde ela se aproximou com umas fotos, eram seus filhos, e lhe disse: “hoje não estou nada bem”. Era o dia do aniversário da sua filha mais velha. Tinha falado ao telefone com ela, acabara de falar, por essa razão toparam-se ao lado do orelhão que está em um dos corredores que rodeiam o pátio central da Casa. Foi o primeiro da série dos encontros, que duraram por mais de um ano.

Laura é enfermeira e foi líder do movimento comunitário, no seu país, numa região agricultora carente até o ponto de não ter água potável. Por essa e outras causas, as mulheres da comunidade apoiaram o Prefeito que ganhou as eleições. Um dia depois das mesmas, Laura “recebeu” uma caixa na porta da casa. Foi um “aviso”. Na caixa estavam os restos do seu irmão, também militante. “*Me entregaron mi hermano en pedacitos, es una imagen que me acompañará hasta mi muerte*”. Primeiro ficou escondida por semanas com seus filhos, mas como o cerco se fechava, Cáritas sugeriu que saísse do país. O esquema para os Colombianos é bastante parecido: se refugiam nos montes. Alguns vizinhos solidários cuidam dos víveres estritamente necessários, as crianças são deixadas com familiares, Laura deixou

os três filhos com a sua sogra, uma vez que seu marido vivia refugiado e participando na luta clandestina. Cáritas⁸⁶ deu o apoio necessário para conseguir atravessar a fronteira e ela chegou, meses depois, ao Brasil. Não era refugiada, era clandestina, ainda aqui! Porque sem documentos “*si te hacen algo, mejor ni hablar, porque sos vos la que vas presa*”. Entretanto, ela conseguira pequenos trabalhos: limpava, vendia, cozinhava. Localizamos três escansões nesses encontros: um primeiro tempo no qual se apresentaram os temas da luta e o movimento comunitário que ela tinha liderado, recolhendo inúmeras anedotas, muitas delas engaçadas. Um trabalho de reconstrução através do qual costurava imagens da lutadora, da combativa, da espirituosa. Um segundo tempo começou quando, a raiz do convívio com uma colega. Laura era testemunha dos freqüentes “descuidos” que sua colega tinha com os filhos, e não parava de criticandá-la. As críticas aproximaram-na do seu papel como mãe: teria abandonado seus filhos? Certamente essa era a pergunta mais difícil de ouvir. Isso trouxe à tona as múltiplas cenas das brigas com a mãe. Entretanto, sua angústia se manifestou quando topou com a dor que lhe causava, ainda, a traição do seu marido, que teria ficado com uma mulher, antes de ela fogir do país. Quantos são os eventos que desamarra uma vida? Após saber-se traída, Laura se amarrou na militância. O assassinato do irmão desamarrou essa possibilidade. Além do perigo e do risco, tocar a hipótese de que sua saída também estava vinculada à traição, possibilitou abrir o espaço de um possível futuro que incluísse uma vida com seus filhos. Laura tentou trazê-los para o Brasil, mas ela estava ainda em condições de clandestinidade. Havia uma velha tia, no Canadá que também foi acionada. Um dia Laura se aproximou com um prato com empadas, era um presente para “agradecer” pelas conversas. Laura continuara trabalhando e que por isso já não se encontravam no corredor da Casa. Nesse último encontro,

⁸⁶ A Cáritas Brasileira é uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Sua atuação é junto aos excluídos e excluídas em defesa da vida e na participação da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural. Fundada no Brasil em 12 de novembro de 1956, a Cáritas Brasileira faz parte da Rede Cáritas Internationalis, presente em 165 países e territórios. Reconhecida como entidade de utilidade pública federal, ela também é um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Laura falou dos avanços nas tramitações de Cáritas para conseguir a saída dos filhos da Colômbia, rumo ao Canadá. Quatro meses depois, a assistente social da Casa comentou que Laura já estava lá, supostamente com os filhos.

Esse encontro com Laura, como o de tantos outros atendidos na Instituição, levanta a questão sobre os limites das intervenções. Há mais de vinte anos que acompanhamos o que os psicanalistas de orientação lacaniana chamam de *urgência subjetiva*. Concordamos com as coordenadas propostas: trata-se de uma clínica da localização do sujeito, por vezes mudo, por vezes esmagado. Assumir a palavra numa cena indizível não significa que possamos nomear o Real. O Real não se diz. O Real é o impossível de dizer (não cessa de não se escrever). Porém, dar nome as coisas inomináveis pode ser um exercício de estilo, como propõe Queneau. É a possibilidade ética e poética – *poata*, diz Lacan, para incidir no ato psicanalítico – que um analista, desde sua posição de agente dessa causa furada – a *Coisa* – poderá sustentar em cada experiência que acompanhe. Somente após longos encontros, Laura toca na questão que lhe é *extima*. Entendemos que não se trata do horror do Outro totalitário que promove a morte, decependo. A virada possível pode ter se centrado nesse detalhe a partir do qual ela se sabe não sendo a exceção, mas sendo mais uma: a traída. É nossa hipótese sem pretensão de confirmação. Curiosa virada que lhe noticia do desejo do Outro, nas versões que a vinculam com a Outra mulher. Abalo fantasmático de uma mulher que acreditava que poderia ser a mulher para-á-vida-toda, a guerreira que amava um homem. A mulher de um homem só, a condição de que a recíproca fosse verdadeira. Foi apenas essa pontuação que promoveu um enlace decidido para definir a situação com seus filhos? Sabemos dos deslizes entres a mãe e a mulher. Não entraremos nessas diferenciações. Entretanto, citemos a quem nos fala do amor e da alteridade feminina. Carmen Gallano sustenta que a posição ética do sujeito se enraíza no que é impossível de suportar.

A clínica do amor é a via para seguir a pista do inconsciente, do beco sem saída que converte para uma mulher seu modo de amor em um infortúnio repetido. Isso é particular a uma mulher e não generalizável. Aquilo que a uma mulher faz adoecer de um homem, a outra a enaltece ou a faz rir; o que a uma agrada, a outra espanta, o que a uma enlouquece em seu modo de amar, a outra proporciona encantamento sereno.

O enigma da condição de amor não se decifra em nenhuma lei universal, não está escrito no universo do discurso. Recordemos que a condição de amor nasce na falha que fratura o universo do discurso. É outro modo de dizer ou de aproximar o que Lacan implica nesta fórmula enigmática de que *não há relação sexual*. (Gallano, 2011)

Como escrever a letra, sentido opaco do sintoma, a não ser pela besteira do significante? Porque o real do inconsciente é justamente esse *linguajar* besta que lhe define. O real do inconsciente é a sua tagarelice. Isso posto, consideramos que as análises que dirigimos devem ter presente que é pela contingência do *linguajar* do inconsciente que um sintoma se escreve. Encontramos em Hassoun, uma virtude em transmitir conceitos que articulam o discurso da psicanálise, o lugar do analista como agente de um discurso que tem como referência o vazio, o “x” da equação fregeana. Lembremos o que escrevemos na introdução. Jacques Hassoun (1996) sustenta que os seres humanos, seres falantes, somos portadores de uma história singular, no seio da História, somos seus depositários e seus transmissores. A partir de nossa relação (de estrutura) com a fala e a linguagem, podemos dizer que a letra que carregamos é o elemento mínimo facilitador da passagem.

Uma jovem chega ao consultório trazendo uma queixa, bem precisa: “meu problema é que posso estar e não estar ao mesmo tempo. É o que mais faço. Posso *passar ao largo*, sem que os outros percebam ou sem que eu mesma perceba o que passa para mim”. Eis a partir dessa frase mínima que dará mais um nome, que preservamos. A analista se ocupara em não sublinhar esse traço melancólico para poder fazer dele não a cristalização imaginária do “objeto deprimido” que esse sujeito tentava encarnar, mas fazer disso um traço, passível de

significatização. Num segundo tempo que delimita a entrada em análise, o *passar ao largo* se associa a uma cena sexual para a qual ela diz “*olha, não dei a mínima*”. A cena de fixação libidinal que liga o sintoma e o objeto, *entra em cena*. Portanto: *passar ao largo* se vincula com a suspeita de passar ao largo para o Outro: ele não me quer o suficiente, não lhe interessa. *Passar ao largo* é a interpretação em falso do que o sujeito toma da mensagem do Outro, e é o que faz com que a analisante, à época, fizesse da sua vida, em resposta, um passar ao largo do que quer, do que busca, do que encontra. Por outro lado “*passar despercebida*” confronta-a com o enigma mais obscuro do capricho do Outro, e com sua resposta que evoca o fato de saber que a pulsão é o *eco no corpo do fato que há um dizer*.

É aí que a ética do tempo do *parlêtre* deve ser sustentada para não esquecer que há de se faltar do significante para “tocar” o real. Faltar-se significa usar dele até o abuso, cansar-se dele. Há de se faltar da fantasia, do acúmulo de um saber que engorda o sentido traumático, almejando atingir a última verdade, mas que fracassa na tentativa, por atingir a cada vez o furo no saber.

Uma arma contra o acúmulo de sentido - o qual por sua vez é o produto da defesa contra a operação selvagem do sintoma - encontra-se no equívoco. O mesmo produz um corte na repetição. O *grafo* demonstra a relação do sintoma com a fantasia. Se ele repete, é lá, no sentido imaginário da fantasia, que o analisante vai ancorar suas construções e a proliferação de sentido correspondente, uma vez que ali o sintoma fica vizinho da *mentalidade débil* que enoda imaginário e simbólico. E é desde lá, também, que teremos de laborar para que sua *debilidade* não fique descansando no limbo do sentido. Por isso trata-se de, nessa proliferação de sentido, priorizar o equívoco, *l’une bévue*, como assinalamos anteriormente.

Essa repetição do sintoma, que lhe dá ares do *necessário*, se constata, mais uma vez na clínica quando essa mulher se implica na sua demanda e desenha o sintoma analítico

com algo inusitado, um significante. Diz que outro modo de *passar ao largo* é sentir-se meio morta. Desse “*meio-morta*” se recolhe apenas uma simples falta de atenção que põe em risco seu trabalho, quotidianamente. Nesse frescor do início do trabalho analítico, retorna e traz uma lembrança infantil: “Meu pai dizia “*mezzo-morto*”. Com esse termo – que não existe no português – apontava quando algum paciente estava muito doente, quase morrendo, cansado, chapado. “Ele falava isso e eu ria, mas acho que ao mesmo tempo me assustava”. “*Mezzo-morta*” é “jogar um pedaço de vida fora”, como nesses esquecimentos, lapso de atenção.

Lacan, na sua *Conferência de Genebra*, diz

É absolutamente certo que é pelo modo como a língua foi falada e também ouvida por tal ou qual em sua particularidade, que alguma coisa em seguida reaparecerá nos sonhos, em todo tipo de tropeços, em toda espécie de modos de dizer. É, se me permitem empregar pela primeira vez esse termo, nesse *motérialisme*⁸⁷ onde reside a tomada do inconsciente – quero dizer que é o que faz com que cada um não tenha encontrado outros modos de sustentar a não ser o que há pouco chamei o sintoma (LACAN, 1975, inédito).

Nesse *moterialismo* reside a tomada do inconsciente. *Alingua* não faz acervo, não acrescenta, mas impregna. O acervo, do lado do sentido, fica por conta da associação livre. Engorda a fantasia e a vincula, por fixação à cena traumática. Esse primeiro tempo indica a iminência da entrada em análise a partir de um significante que lhe representa na história edípica. Ela escuta uma palavra fora do dicionário, uma palavra em equívoco. Uma palavra que contém a marca de acontecimento, mas que por sua vez, se oferta como um jogo de entrada na transferência a partir do qual a deriva do sentido – por longo tempo – haverá de vir.

Se tivermos em mente a pergunta de como se escreve o sintoma, ou seja, do que ele opera selvagememente, poderemos privilegiar o equívoco para com ele evocar o enodamento dos gozos e incidir nos mesmos. Mas o sintoma-selvagem não se deixa dominar totalmente,

⁸⁷

condensação de *mot* (palavra) e *materialisme* (materialismo)

ele insiste em se inscrever deixando em evidência o “Gozo opaco, por excluir o sentido” (LACAN, 1975/2003, p. 566). Por essa razão, na análise, operar com a escrita pode ser ético, porque ela reduz ao máximo o sentido. Eis o modo em que temos de transformar o sintoma-selvagem em sintoma analítico. Escrever o fora sentido na erosão do máximo de sentido.

Diferentes modos de se dizer que o inconsciente é aquilo que, enquanto valor de troca, supõe o Outro – cuja inconsistência pode se levar pela via da lógica, nos impasses da significação – mas que só se pode adquirir, este inconsciente, pela via do gozo, daquele mesmo que faz decair o inconsciente do valor de troca ao valor de uso. A escrita do sintoma é moebiana, os cortes da interpretação podem revelar que o mesmo, pela contingência do seu *moterialismo*, funciona no cálculo do significado (metáfora e metonímia) e no *ab-senso* (LACAN, 1972/2003, p. 459) que se liga intimamente ao gozo opaco da letra do sintoma. Isso porque, como Lacan nos lembra: *o sujeito, como efeito de significação, é resposta do real* (LACAN, 1972/2003, p. 458). Eis onde a interpretação ao operar pelo equívoco pode fazer tremer o gozo do sujeito, apontando o gozo-sentido e destacando no equívoco o *ab-senso* da letra do sintoma: gozo opaco fora de todo comércio associativo, mas do qual pode usufruir: *savoir y faire*, saber fazer com ele, aí. Eis, também, o horizonte do final da análise: inventar com essa escrita para saber fazer com o *troumatismo*.

Entretanto, e não sem fundamentos, isso se fará na esteira do ato. O ato, diz Lacan, modifica o sujeito. Já não se trata das patologias do ato, mas do ato no qual o sujeito pode assumir a ética do seu desejo. Apontemos até onde pode exercer sua eficácia uma psicanálise que não desmereça o valor do trauma para a teoria psicanalítica. Dar sentido ao que não o tem. Isso é o tratamento do Real. Isso incide na clínica do trauma, quando dizemos: uma escuta singular. Mas dar sentido não para saturá-lo, e menos ainda para suturá-lo. Dar sentido, tendo no cerne o sem-sentido, o não-sentido, o ab-sense: eis a clínica psicanalítica

que pode operar com o trauma. Dita clínica não se sustenta nos efeitos terapêuticos, mas na transmutação de um sujeito, para que da mesma advenha um desejo, sem mais.

CONCLUSÃO

Freud era admirador de Schliemann. O que dele lhe fascinava - e alimentava seguramente sua paixão pelas antiguidades – o sabemos se nos aproximamos de sua biografia e nos noticiamos de uma obra que traz as marcas de um desejo decidido. Schliemann foi conhecido pelas suas descobertas sobre a Grécia pré-histórica, e esteve à busca dos restos de Troia, o que o levou até Grecia, na segunda metade do século das Luzes. Enquanto a ciência despontava, Schliemann buscava apaixonado a verdade que os poemas de Homero lhe anunciaram, qual seja, os restos de uma civilização. Três anos depois escavara a colina de Hisarlik buscando achar a cidade do texto Homérico. O palácio de Príamo e os espólios das jóias da Turquia foram achados. A seguir foi ao Peloponeso, onde as escavações de Micenas lhe revelaram junto ao Portal do Leão (de 1250, a C.), os túmulos, as máscaras funerárias de ouro. Depois foi a vez de Orcômeno, em busca do tesouro do lendário rei Minos. Enfim, duas pequenas cartas de Freud a Fliess nos transmitem sua admiração pelo arqueólogo.

Nessa carta datada em 21 de Dezembro de 1899, referindo-se ao tratamento de uma paciente, e em particular à sua procura pela verdade da cena, ele escreve:

[...] Profundamente soterrada sob todas as suas fantasias, encontramos uma cena dos primeiros anos de vida (antes dos 22 meses) que cumpre com todas as expectativas e na qual confluem os demais enigmas que ficaram sem resolver. É uma cena paradigmática, ao mesmo tempo sexual, inocente, natural, etc. Ainda não consigo decidir-me a acreditar verdadeiramente na mesma. É como se Schliemann tivesse voltado a desenterrar uma Troia na qual ninguém tivesse acreditado [...] (FREUD, 1899/1996)

Em *Moisés e o Monoteísmo*, referindo-se ao esquecimento, à tradição e à transmissão; e citando Schliemann escreve:

As pesquisas arqueológicas de nossos dias confirmaram agora essa suspeita, que no passado certamente teria sido pronunciada como sendo audaciosa demais. Essas pesquisas revelaram as provas da impressionante civilização minóico-miceniana, que provavelmente chegou ao fim na Grécia continental antes de 1250 a.C. Dificilmente uma alusão a ela pode ser encontrada nos historiadores gregos da época posterior; no máximo, uma observação de que houve um tempo em que os cretenses exerciam o comando do mar, e o nome do rei Minos e de seu palácio, o Labirinto. Isso é tudo; além disso, nada remanesceu, exceto as tradições de que os poetas se apossaram. (FREUD, 1939 [1934-1938]/1996, v. 23, pp. 84-85)

Podemos nos aproximar desse “resto”. Nos quatro capítulos, foi nossa intenção mostrar as razões de um aparelho sustentado no *das Ding*, ou dito de maneira mais precisa, que produz o *das Ding*, *nachträglich*. Essa mítica primeira experiência de satisfação é índice do desejo com movimento retrocedente (lembramos da definição do desejo como essa *Strömung* – fluxo ou corrente). A Freud lhe é necessário sustentar essa experiência e esse objeto que a promoveu a esse Real da experiência, como nos diz Lacan. Todas as vias de retorno vão criando esse impossível da experiência, essa percepção não mítica, mas impossível, que toma o nome de: *a Coisa*. Lacan em 1960 nos advertia que essa é *nossa* ética. Não vamos “em busca do paraíso perdido”. Vamos criar, nessa busca de um saber sobre a verdade, um perdido. É somente *nachträglich* que o *paraíso da infância*, o Outro e a perda da sua garantia, *produzem* o “âmbito de nosso ser”. Não precisamos de uma psicanálise para que isso aconteça. Mas, quando alguém é afetado pela questão sobre o mais estranho de si, *em si*, então, isso não se faz de uma vez. É preciso tempo... para se fazer ao ser.

Gaufey alinhava: a primeira satisfação, a repressão *primeva*, o coito de Pankejeff, o Primeiro Moisés, e nos diz que, “tudo aí constitui uma sorte de inventário como os de

Prevert⁸⁸, Por mais diferentes que sejam, todas elas são “construções”, designando realidades históricas, realidades psíquicas, *Wirklichkeiten*. (GAUFÉY, 1996, p. 138).

É nesse contexto que Freud não renuncia à representação-objeto, no debate com Jung, quem lhe incriminou por ter escrito a versão do pai *primevo*, de *Totem e Tabu*. Temos, sim, a representação-palavra, mas temos a representação-objeto. O enlace entre ambas vai permitir a significação. Lembremos das *Afásias*. Essa é para Freud a relação simbólica: relação entre representação. Isso vai permitir, também, dar relevância ao *nachträglich* freudiano. É porque houve coito que temos o sonho do Homem dos Lobos; é porque houve Pai Totêmico que temos a culpabilidade. É em *nossas “cabeças”* que criamos as causas das causas. Como dizemos: a causa depende da possibilidade do sujeito se responsabilizar pelo gozo e pelo desejo.

É essa experiência que propomos fazer, na psicanálise. As *causas* estão lá: “diga tudo o que vier na sua cabeça”. Ou seja, deixe a censura do *Pcs.* de lado, e faça do texto da tua fala, o texto de um sonho. A associação livre está determinada e causada. Essa realidade psíquica, *moterialite* do significante, faz Freud avançar nas proposições de uma realidade simbólica, que a cada vez que liga representação-palavra com representação-objeto alinhava isso que designa o terceiro termo: a realidade histórica. É nossa clínica. Por quantos anos um analisante pode falar de uma cena traumática? Quantas são as vezes que vai revisá-la, resignificá-la? Quantas vezes ela o fisgará, tornando-se mais enigmática? Essa é a realidade histórica de uma “construção” em análise. Mais avançamos no trauma, naquilo que petrificou, e mais enigmático se faz que isso retorne, que isso se faça causa de nosso padecer. E depois, às vezes, e por grande empenho do analisante – não podemos negá-lo – que assume sua causa, qual seja, a relação entre a representação-objeto e a representação-palavra, ela mesma se lhe torna cada vez mais estranha. Ela vai produzindo esse resto estranho: *das Ding*. *Porque a*

⁸⁸ Lembremos dos exemplos de Lacan em 1958-1959.

causa é nachträglich. Não há causa *apriori*, para a psicanálise. Lá onde a verdade desfalece, porque a satisfação paradoxal imprime toda sua força constante, nesse mesmo ponto o “âmago do ser”, o *das Ding*, êxtimo, se produz.

Certamente, *uma* psicanálise não busca “fazer consciente o inconsciente”, mas “fazer estranho o inconsciente”, fazer *furo o inconsciente*. Lacan chamou isso: o “*insu*”, o *insabido*.

Não será por isso, quiçá, que Freud responde a Jung e sustenta que há necessidade dessa relação entre representação-objeto e representação-palavra, para pôr, de saída, a realidade simbólica, em questão? Podemos andar no caminho das parafasias (Loffredo, Capítulo 1 de nossa tese), mas não há como esquecer que, se a parafasia ressoa, é porque a cena analítica se sustenta, com “fios de aço”, dessa relação onde o referente não é o acontecimento, mas aquilo que o promoveu à dignidade da causa. Dito de outro modo: o referente está vazio.

Nas palavras de Gaufey, além da relação onde se produz a significação, e de toda a história da neurose de angústia do Homem dos Lobos, Freud vai buscar mais um detalhe, a saber:

Há vinte e cinco anos, o homem dos lobos contou seu sonho, o sonho dos seus quatro anos. Mas, nadando contra a maré, Freud é obrigado por tudo o que já elaborou, a dar um passo para trás (recuar): não ali onde as impressões foram organizadas como significações (o tempo do sonho), mas, o momento onde essas impressões foram efetivamente impressas; alguma coisa como um evento não subjetivo. O traço uma vez efetuado, o aparelho psíquico tomará o meio e irá gerar o destino deste traço, tanto em função de suas próprias necessidades internas quanto em função de outros traços que venham posteriormente. Mas por este *não-fechado* inaugural da causa do traço é que Freud é aspirado como um Schiliemann (Gaufey, 1996, p. 139)⁸⁹

O aparelho psíquico de Freud é “Fregeano”, uma vez que o referente é o furo. É o que acontece nos sonhos de angústia. Topa-se com o umbigo do sonho, porque o referente está perdido, porém paradoxalmente apresenta-se uma “impressão” (estamos advertidos de não se tratar de impressão) que excede a ordem da representação inconsciente e impele ao encontro com essa *Vorstellungsrerpräsentanz* incompatível. É desde esse umbigo, desde esse âmago que podemos ver o poder impactante da realidade psíquica a cada vez que fazemos a experiência de uma análise. Ela mais simboliza, ela mais se fura. É possível que seja por isso que, no final da sua obra, Freud questiona a realidade objetiva (mundo exterior) /percepção, para indicar que o sonho é da ordem da alucinação. A *Ichspaltung* freudiana, defesa mãe das outras defesas, reza que: nascemos “entre o céu e a terra”, “entre couro e carne”, “entre guerra e paz”; “entre carne e unha”, “entre cara ou coroa”. Enfim, esse “entre” é *êxtimo*, é *indescidível*.

A hipótese de uma temporalidade retroativa é o resultado do trabalho que Freud realizou junto ao seu colega Breuer, plasmado no texto “*Estudos sobre a Histeria*” (1893-1895/2006). Dito trabalho produziu um método terapêutico: ab-reação, ao qual nos referimos detalhadamente no Capítulo 1. Freud continua a afirmar que deve ser considerado um fator *econômico* nos processos psíquicos da teorização do trauma.

A cena traumática é o que não cai da cena, é o que fica. Porque o trauma, dele, sabemos pela cena. Pelo que nela se inscreve e pela pressão que não é fisicalista, é a pressão da sexualidade. O que ocupou Freud é o fato de sermos seres de linguagem. O que cai é a cena de sedução como “A” verdade. É possível que isso tenha levado Freud até o final dos seus dias, a buscar a verdade das ruínas. É por isso também que ele insistiu em dar valor ao trauma. Houve a época das histéricas. Depois, a guerra. Houve motivos para acreditar no trauma, mas é possível que o trauma – que a atualidade póstuma do trauma – continuasse a insistir como busca da verdade.

A partir das afasias e de considerar a pressão na frente como causação – e não como coerção – Freud topou com a extimidade do trauma, o que excede na cura. Foi essa extimidade que lhe permitiu escrever, para aparelhar a experiência clínica, diferentes modalidades do aparelho. Modalidades de escrita do aparelho, a ser escritas na clínica. Essas modalidades, sem a clínica, podem levar a muitas elocubrações.

Freud buscava a verdade, buscava esse encontro, por isso sua insistência. Mas era a verdade do inconsciente o que ele buscava, até nas ruínas. Há uma proposta da narrativa, que não exclui essa escrita do trauma. Escrita freudiana. Razão pela qual, em 1938, junto com essa narrativa, ele volta ao instante traumático: restos do ouvido e do visto. Entendemos que uma proposta é pensar esse instante em relação ao signo de percepção (*Wahrnehmungszeichen* - Wz) que elidem a *Prägung*: impressão. O valor do instante traumático refere-se ao excesso, à extimidade e à satisfação. Se o signo de percepção é signo do *das Ding*, signo do perdido, a representação inconsciente será o modo de transcrição e tradução dessa perda estruturante: trauma. Esse signo que é a inscrição, podemos, em termos de significante, chamá-lo: S1. As articulações do Capítulo 4 nos permitem fazer essa afirmação, que está em debate, desde já. A narrativa, sua possibilidade de transmissão depende da escrita desse instante, uma escrita cuja materialidade é a representação – sublinhemos – inconsciente. Portanto Freud em 1938 retorna à marca, ao que acunha, à impressão, e arrisca que Moisés houve! Verdade ou saber?

A ficção fantasmática, a fantasia e suas versões nos parecem ser testemunha da eficácia póstuma do trauma, uma vez que o trauma é por um lado a eficácia *nachträglich*, que permite a operação significante, mas também é o umbigo do sonho, isto é: o limite à lembrança, à interpretabilidade e à elaboração. Razão pela qual, se há eficácia póstuma do trauma, também temos a eficácia da fantasia que possibilita um tratamento da questão entre o simbólico e o imaginário, mas com efeitos no real do trauma. Retomamos o que escrevemos no final do Capítulo 2: Trauma e traumático (instante traumático) remetem ao fator

econômico e à impressão que, por impossível de tramitar, alimenta a permanência do trauma e permite sua fixação, no inconsciente. Isso nada tem a ver com o evento acidental. O trauma vai se fazendo à estrutura do aparelho. Como vimos, isso deve ser considerado desde as primeiras experiências que se constróem, *nachträglich*. Pretendíamos diferenciar trauma e traumático. Temos nossas reservas. A possibilidade de escrever: o trauma (real) e o traumático (simbólico e imaginário) a partir desse percurso freudiano, já não parece tão convincente.

Lacan partiu da *Prägung* traumática, do instante traumático do sonho e da cena sexual. Ele tomou o exemplo do Homem dos Lobos, como exemplo paradigmático, na obra de Freud para o tratamento do trauma e sua possível historização. Paralelamente, o estudo da Paranóia (Caso Aimée) e sua relação profícua com a psiquiatria contemporânea, possibilitaram sua proposta sobre as relações da formação da imagem com a constituição do Eu (je) como função do sujeito. Na época, foi uma antecipação da questão do sujeito, na psicanálise. Sua causa estava ancorada ao significante e ao objeto (borda) pulsional. Com o *Projeto* (1895), Lacan percorre a trilha freudiana para recolher o que fará o detalhe, a incidência, no vivente, da mortificação significativa. Temos dito que a *Verneinung* lhe permitiu, muito cedo, extrair uma diferença, difusa, porém válida, entre o recalque originário e a negação. Que algo seja negado, e ao mesmo tempo conservado, parece ser uma boa definição do instante traumático, algo que lhe dá sua especificidade. *Verneinug do instante traumático* leva a respostas que são ou da ordem da inibição (esse semblante de débeis que têm, por vezes, aqueles que estão sob o impacto do pavor do trauma) ou mesmo a resposta pelo ato (*acting-out* e passagem ao ato), segundo vimos no final do Capítulo 3. Temos dito, também, que Lacan considerou a historização como um tornar consciente.

Desde muito cedo, com Lacan, o trauma se associou à angústia real. Parece-nos ser essa uma herança freudiana. Mas temos que diferenciar a angústia enquadrada, da castração

simbólica, e essa angústia real, que avança sobre o imaginário do corpo até decompô-lo em pedaços de holôfrase, assim como aparece para a clínica do ato, da toxicomania e, algumas vezes, dos traumatizados. Essas articulações poderam continuar a serem trabalhadas a partir das colocações que realizamos sobre o nó borromano.

Finalmente, após pronunciar a Tyché traumática, a definição fica em suspense, mas insiste. Após esse ano de 1964, as torções nos conceitos, que lá foram agenciados, são, por vezes, vertiginosas. Tivemos que escolher um caminho, a saber: o contraponto entre o S1 e o objeto. Há outros. Mas nossa escolha se justificou na pretensão de diferenciar o UM totalizante que poderíamos entender – ao modo do neurótico – ser o trauma, e esse Um como traço de distinção de cada sujeito que, por se repetir ‘um Um’, vai mostrando sua estrutura incompleta, ponto esse de emergência dessa entropia, mais de gozo. Ponto também de angústia perante o que o significante não sutura. O mais de gozo foi um dos nomes do objeto *a*.

Y a d'l'Un. Essa articulação, entendemos, é possível a partir do momento em que a repetição do significante possibilita a espacialidade e a temporalidade da estrutura. Em 1961 isso começava a se delinear, dependendo das relações da demanda (significante) e do desejo; operando disso um resto (o objeto *a*). Mais tarde, em 1964, o S1 se define por ser lugar de alienação e petrificação do sujeito, em seu ser.

Após avançar especificações sobre esse tema, em particular no Seminário sobre o ato psicanalítico (1967-1968), Lacan se aproxima de uma definição do significante em relação ao gozo. Para pensarmos o trauma, esse momento é elucidativo: passar do mito ao pai real, passar da sedução do pai ao pai real, permite a Lacan desvencilhar-se do peso da verdade. Eis o momento em que começa a aparecer o valor da verdade mentirosa, não seu descrédito. A verdade pela metade, essa verdade não-toda que, entendemos, dará um novo estatuto ao saber. O S1, além de representar – em termos de saber - o sujeito para outro significante, converte-se

em mestre do seu gozo e também aponta o insabido dessa relação. Repete porque repete; é o indomável do sintoma. Ganho secundário da doença, chamou-o Freud.

Finalmente, a letra não é uma impressão, ela é o produto dessa relação que imprime o fato de o significante ser definido pela sua diferença em relação aos outros. Buscamos o paraíso perdido, nessas voltas. “*Há do um [Y a d'l'Un]. [...]*”, dizia Lacan ser isso o que fazia função de causa.. ou pior. Essa é a virada de Lacan, com relação a Freud. Lacan aposta na raçura do significante como semblante.

Ora, ao pensarmos na clínica do instante traumático, é fato que será necessário que algo tome sentido para começar um percurso, que tome sentido a risco de consistir, mas que esse sentido (necessário) dê a chance de fazer-nos tolos do sem-sentido que em boa hora (*bonheur*) possa advir. No máximo de sentido, se encontra o nada de sentido. Mas, para que tenhamos a cena traumática, para historizar, é preciso passar pela negação de sentido, conservando alguma coisa (*Verneinung*). Isso não é o não sentido. Ao não sentido se chega após gastar o sentido.

Deixamos aqui uma trilha para pensar o trauma, a condição de suportar essa construção em *nachträglich*:

Trauma → Nada de sentido/Sentido Absoluto → Negação do sentido (*Verneinung*) → Sentido → Non-sense → ab-sense → Trauma.

Como afirmamos ao finalizar a escrita dos capítulos: na clínica tratar-se-ia de criar condições para que a *Tychê* traumática, a contingência (cessa de não se inscrever) deixe lugar a uma primeira passagem que indique o necessário (não cessa de se inscrever) do sintoma, como sentido. Em algumas análises, nas quais se passa pela cena traumática uma e outra vez, se atesta da contingência, e se atesta, também, da sequência ao necessário. Entretanto, é pelo equívoco que do sentido se produz o *efeito de sentido*. Esse equívoco, considerado como

contingência mostra como o necessário, pela contingência, passa ao possível, isto é, para de se escrever como elocubração.

É preciso tempo, *nachträglich*, para que um trauma cobre sentido e tena consideração pelo equívoco do sentido.

Enfim, nossa preocupação clínica era pelo instante traumático; obsceno, indecente, que aparece impecavelmente igual, a cada vez. Essa era nossa grande questão. Não passaríamos por ela sem nos perguntar:

O que significa trauma?

Cena traumática.

Sua eficácia póstuma.

O encontro faltoso.

O que manca.

O inassimilável do trauma não é o espanto, é o real, o que se *infinetiza* a cada vez.

O furo da estrutura do ser falante – *Troumatizados*.

Ou... que a cria humana, o vivente, somente nasce, vive e morre *nachträglich*.

A causa é *nachträglich*!

Inventem! Eis a proposta! O imperativo ético do desejo!

REFERÊNCIAS⁹⁰

- ALENCAR, S. L. A experiência do luto em situações de violência: entre duas mortes. Sandra Luiza Alencar; orientadora Miriam Debieux Rosa. -- São Paulo, 2011. 190 p. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Área de Concentração: Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- ALLOUCH, J. *Freud et puis Lacan*. Paris: E.P.E.L., 1993.
- _____. *Erótica do luto no tempo da morte seca*. Tradução P. Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- AMSTER, P. *La matemática en la enseñanza de Lacan. Topologia, Lógica y Teoría de Los conjuntos*. Buenos Aires: Lectorum, 2002.
- _____. *Apuntes matemáticos para leer Lacan. 1. Topología*. Buenos Aires: Letra Viva, 2010.
- _____. *Apuntes matemáticos para leer Lacan. 1. Lógica y teoría de los conjuntos*. Buenos Aires: Letra Viva, 2010.
- ANDERSSON, O (1962). *Freud precursor de Freud*. Estudos sobre a pré-história da psicanálise. A história do caso Emmy V. N. Correspondência com Henri Ellenberger (1963-1976). ROUDINESCO, E. e JOHANSSON, M. P. Introdução. JUNQUEIRA FO, L. C. U. Tradução e Prefácio. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- ARAÚJO, S., de F. O conceito freudiano de representação no texto “Zur auffassung der aphasien (1891)”. In: _____. *Revista Olhar*, Ano 4, n. 7, jan-jun 2003, p. 103-111.
- ARBEX, M. *Exercícios de estilo com sotaque tupiniquim: Luiz Resende tradutor de Raymond Queneau*. In: *O eixo e a roda*, v18. 2009, p.129-145.

⁹⁰ Conta também bibliografia para consulta na construção dos capítulos.

ARISTÓTELES. *Física. Livro II*. Tradução e comentários: Guillermo R. de Echandia.

España: Ed. Gredos. S. A. Biblioteca Clásica Gredos, 1995.

BELAGA, G. *La urgencia Generalizada 1*. Buenos Aires: Grama, 2006, 2da. Edição.

BELAGA, G. *La urgência generalizada 2*. . Buenos Aires: Grama, 2005

BERTA, S. L. *Transferencia: la presencia del analista*. Texto apresentado na Primera Jornadas de Carteles de la Escuela de Orientación Lacanaiana, Noviembre de 1992. Inédito.

_____. O exílio: vicissitudes do luto. Reflexões sobre o exílio político dos argentinos (1976-1983) / Sandra Letícia Berta; orientadora Miriam Debieux Rosa. -- São Paulo, 2007. 132 p. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

_____. *A política do analista: da falta-a-ser ao sinthome*. Texto a ser apresentado nas Jornadas do Fórum do Campo Lacaniano – São Paulo, EPFCL “Política, estratégia e tática no tratamento psicanalítico”, 28 e 29 de novembro de 2008.

_____. O objeto a: separador dos gozos. In:_____. *Stylus: Revista de Psicanálise*, n. 20, abril de 2010. Rio de Janeiro: Associação dos Fóruns do Campo Lacaniano / Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, p. 119-124. Periodicidade semestral. ISSN 1676 – 157X.

_____. Da letra, da instancia e do gozo. In:_____. *LIVRO ZERO: Revista de psicanálise. Corpo e afetos*, v.1. (2do. Semestre, 2010), São Paulo, FCL-SP / EPFCL - Brasil, 2010, 200 p. Publicação do Fórum do Campo Lacaniano – São Paulo / Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, p 100 – 109. Periodicidade anual. ISSN 2178-0250.

_____. Editorial. In:_____. *LIVRO ZERO: Revista de psicanálise. Corpo e afetos*, v.1. (2do. Semestre, 2010), São Paulo, FCL-SP / EPFCL - Brasil, 2010, 200 p. Publicação do Fórum do Campo Lacaniano – São Paulo / Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, p 5 - 6. Periodicidade anual. ISSN 2178-0250.

_____. Sintoma e Escrita: consequências na clínica psicanalítica. In:_____. *LIVRO ZERO: Revista de psicanálise. O sintoma: sua política, sua clínica*, v. 1, n.2. (2do. Semestre, 2011), São Paulo, FCL-SP / EPFCL - Brasil, 2011, 200 p. Publicação do Fórum do Campo Lacaniano – São Paulo / Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, p 181-189. Periodicidade anual. ISSN 2178-0250.

BRANQUINHO, J., DESIDÉRIO, M. E GOMES, G. N. *Enciclopédia de termos lógico-filosóficos*. São Paulo: Martin Fontes, 2006.

CABAS, A. G. *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. *Um retorno a Sócrates*. Curitiba: Criar Edições Ltda. Coleção Série Freudiana Ensaaios, 2002.

CAMPOS, É. B. V. Representação psíquica e teoria da linguagem nos textos iniciais freudianos: um estudo da monografia sobre as afasias. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 2010, vol.20, n.45, pp. 105-115. ISSN 0103-863X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2010000100013>.

CARUTH, C. Modalidades do despertar traumático In:_____. *Catástrofe e representação*. NETROVSKI, A. e SELIGMANN, M. (Org). São Paulo: Escuta, 2000, p. 111-136.

CONJETURAL. Revista de Psicoanálisis. 53. Metáforas de la Luz. El mal-entendido. El duelo. Construcción de um Historial. Buenos Aires. Septiembre 2010.

RAMOS, C.: O sintoma é a Holanda. In:_____. *Revista de psicanálise. O sintoma: sua política, sua clínica*, v. 1, n.2. (2do. Semestre, 2011), São Paulo, FCL-SP / EPFCL - Brasil, 2011, 200 p. Publicação do Fórum do Campo Lacaniano – São Paulo / Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, p 181-189. Periodicidade anual. ISSN 2178-0250, p. 173-180.

DELEUZE, G. (1963) *A filosofia crítica de Lacan*. Coleção O saber da Filosofia. Portugal: Edições 70, 2000.

DARMON, M. *Ensayos acerca de la topologia lacaniana*. Buenos Aires: Letra Viva, 2008

DREYFUSS, J-P. Le non-dupes errent. In: DREYFUSS. J-P , JADIN J-M. E RITTER M.

Escritures de l'inconscient. De la lettre à la topologie. Ed. Arcanes, Apertura, 2001. p. 213-265.

DUNKER, C. I. L. *O cálculo neurótico do gozo*. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. A função terapêutica do real: entre trauma e fantasia. In: _____. Traumas. Org.

RUDGE. São Paulo: Escuta, 2006, p. 39 – 49.

_____. *Ontologia Negativa em Psicanálise: entre Ética e Epistemologia*. Revista Discurso. Departamento de Filosofia da FFLCH da USP. , v.36, p.217 - 242, 2007.

_____. O uso do diagnóstico do tempo em psicanálise. In _____. *O tempo do sujeito do inconsciente: a psicanálise no seu tempo e o tempo da psicanálise*. Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Anais, 2008, p, 128-131.

_____. *Seminário sobre a Obra de Jacques Lacan. Discurso e Semblante*, circulação interna autorizada pelo autor, 2009.

_____. *Seminário sobre a Obra de Jacques Lacan. Por uma Psicopatologia Não-Toda*, circulação interna autorizada pelo autor, 2010.

_____. *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica. Uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Annablume, 2011. (Coleção Ato psicanalítico).

EIDELSZTEIN, A. *La toologia en la clínica psicoanalítica*. Bs As: Letra Viva, 2006.

ELIA, L. A letra: de instância no inconsciente à escrita no corpo. In: COSTA, A.; RINALDI, D. (Orgs.) *Escrita e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud: UERJ, Instituto de Psicologia, 2007.

ESTÊVÃO, I. R. A realidade entre Freud e Lacan/ Ivan Ramos Estêvão; orientadora Miriam Debieux Rosa. -- São Paulo, 2009. 185 p. TESE (Doutorado – Programa de Pós-Graduação

em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

FAVERO, A. B. A noção de trauma em psicanálise / Ana Beatriz Favero; orientadora: Ana Maria Rudge. – 2009. 207 f. ; 30 cm Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

FERRATER MORA, José - *Diccionario de Filosofía*. 5ª ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1965.

FERREIRA, B. de H. , *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 7.0* . © 5ª. Edição do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. ©2010 by Regis Ltda. Edição eletrônica autorizada à Positivo Informática Ltda.

FINGERMAN, D.; DIAS, M.M. *Por causa do pior*, São Paulo: Iluminuras, 2005.

FINGERMAN, D. Abertura do campo Freudiano: o inconsciente e a sexualidade. In _____. *As realidades sexuais e o inconsciente. Histórico da questão*. EPFCL. Volume Preparatório do encontro Internacional 2006 dos Fóruns e da Escola de psicanálise do campo lacaniano, 2006, p. 6-13.

FREUD, S. (1888) Histeria . In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 71-94.

. _____. (1891) Las afasias. Argentina: Nueva Visión, 2004.

_____. (1950 [1892-99]) Manuscrito K (1 de Janeiro de 1896). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 267-276.

_____. (1950 [1892-99]) Carta a Josef Breuer (29 de junho de 1992). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras*

Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução J. Salomão. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 281-287.

_____. (1950 [1892-99]) Carta 52 (6 de dezembro de 1896). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 281-287.

_____. (1950 [1892-99]) Carta 59 (6 de abril de 1897). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 281-287.

_____. (1950 [1892-99]) Carta 69 (21 de setembro de 1897). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 309-311..

_____. (1950 [1892-99]) Carta 71 (15 de outubro de 1897). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 314-316..

_____. (1950 [1892-99]) Carta 75 (14 de novembro de 1897 de 1897). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 318-322.

_____. (1893-1895) Estudos sobre Histeria. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 267-276.

_____. (1894) As Neuropsicose de Defesa Científica . In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 53.

_____. (1950 [1895]) Projeto para uma Psicologia Científica . In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 333-454.

_____. (1896a) Etiologia da Histeria. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 189-286.

_____. (1896b) A Hereditareidade e a Etiologia das Neuroses. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 143-220.

_____. (1900) A Interpretação dos Sonhos. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1908) Sobre as Teorias Sexuais das Crianças. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. IX e V. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 149-158.

_____. (1909[1908]) Romances Familiares. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 219-224.

_____. (1910 [1909]) Cinco Lições de Psicanálise. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 15-72.

_____. (1910) A significação antitética das palavras primitivas. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XI e V. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 157-166.

_____. (1914) Recordar, repetir, elaborar. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 159-172.

_____. (1914a) A História do Movimento Psicanalítico. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-74.

_____. Sobre o Narcisismo: Uma Introdução (1914b) In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 75-110.

_____. (1915a) Os instintos e suas vicissitudes. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 115-144.

_____. (1915b) A Repressão In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 145-162.

_____. (1915c) O Inconsciente. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-222.

_____. (1917[1915]) Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 223-242.

_____. (1917[1915]) Luto e Melancolia. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 243-264.

_____. (1917 [1916]) Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 251.

_____. (1918 [1914]) História de uma Neurose Infantil. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-128.

_____. (1919a). “Uma criança é espancada” Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 191-217.

_____. (1919b). Introdução à Psicanálise e as Neuroses de Guerra. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 227-232.

_____. (1919b). O ‘Estranho’. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 271-285.

_____. (1920). Além do Princípio de Prazer. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 11-77.

_____. (1923). O Ego e o Id. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-79.

_____. (1923). A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 153-162.

_____. (1923). O Problema Económico do Masoquismo. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 173-188.

_____. (1925 [1924]a) Uma nota sobre o Bloco Mágico. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XIX Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 251-261.

_____. (1925 [1924]a) A Negativa. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XIX Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 261-270.

_____. (1925 [1924]b) Um Estudo Autobiográfico. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 10-78.

_____. (1925) Algumas notas adicionais sobre a Intepretação de sonhos como um todo. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 137-152.

_____. (1925-1926) Inhibición, sintoma y angustia. In: *Obras Completas*. 2º ed. 10º. reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2008, v. 20. p. 71-164.

_____. (1926[1925]) Inibições, Sintomas e ansiedade. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 79-172.

_____. (1930) O Mal-Estar na Civilização. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 65-147

_____. (1933 [1932]) Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 11-178.

_____. (1933 [1932]) Por que a Guerra. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 189-208.

_____. (1939 [1934-1938]) Moisés e o monoteísmo, três ensaios. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-222.

_____. (1937). Análise terminável e Interminável. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 223-270.

_____. (1937). Construções em análise. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 271-288.

_____. (1940[1938]). A divisão do Ego no Processo de Defesa. In _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 289-296.

_____. (1937-1939) Esquema del Psicoanálisis. In _____. *Amorrortu Editores Obras Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Etcheverry, v. XXIII, Buenos Aires: 2007.

_____. *Obras Completas*. 2º ed. 10º. reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

FREUD, A.; GARDINER, M. e BRUNSWICK, M. R. El Hombre de los Lobos por El Hombre de los Lobos. Colección Los caos de Sigmund Freud, dirigida por Oscar MASSOTA, O. y JINKIS, J. Buenos Aires: Nueva Visión, 1976.

- GABBI, Jr, O. F. Sobre a concepção da afasia e da histeria: Notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana. In_____. B. Prado Jr. (Org.), *Filosofia da psicanálise* (pp. 181-198). São Paulo: Brasiliense, 1991).
- GALLANO, C. *A alteridade feminina*. Campo Grande: Andréa Brunetto Ed. 2011.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Acaso e Repetição em Psicanálise (Uma introdução à teoria das pulsões)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____. *Introdução à metapsicologia freudiana. Vol. 1. Sobre as Afasias (1892); O Projeto de 1895*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- _____. *Introdução à metapsicologia freudiana. Vol. 2. A Interpretação dos sonhos, 1900*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- GARCIA, G. *Actualidad del trauma*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2005.
- GAUFEY, G. L. *L' incomplétude du symbolique. De René Descartes à Jacques Lacan*. Paris: E.P.E.L., 1996.
- GAUFEY, G, L. *El no-todo de Lacan. Consistència llògica, conseqüències clíniques*. Buenos Aires: Ediciones Literales, 2009.
- GERBASE, J. *A hipótese Lacaniana. Cópia cedida pelo autor, 2010*.
- GIANESI, A. P. L. *Causalidade e desencadeamento na clínica psicanalítica*, São Paulo: Annablume (Coleção Ato Psicanalítico), 2011.
- GRANON-LAFONT, J. *La topologia básica de Jacques Lacan*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1987.
- HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.
- HASSOUN, J. (1996), *Los contrabandistas de la memoria*. Buenos Aires, Ed. de La Flor.
- HYPOLITE, J. Comentário falado sobre a *Verneinung* de Freud. In_____. *Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 893-902.

JONES, E. (1953) *A vida e obra de Sigmund Freud*. GUIMARÃES, J. C. Tradução. Rio de Janeiro: 1989.

LACAN, J. (1938) Os complexos familiares na formação do indivíduo. In_____. *Outros Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003, p. 29-90.

_____. (1951) O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. Um novo Sofisma. In_____. *Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 197-213.

_____. (1946) Formulações sobre a causalidade psíquica. In_____. *Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 152-194.

_____. (1948) A agressividade em psicanálise. In_____. *Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 104-128.

_____. (1949) O estágio do espelho como formador da função do eu. In_____. *Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 96-103.

_____. (1951) Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia. In_____. *Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 127-151.

_____. (1953) Função e Campo da Fala e da Linguagem. In_____. *Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 238-324.

_____. (1954a) Introdução ao Comentário de Jean Hyppolite sobre a ‘*Verneinung*’ de Freud. In_____. *Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 370-382.

_____. (1954b) Resposta ao Comentário de Jean Hyppolite sobre a ‘*Verneinung*’ de Freud. In_____. *Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 370-382.

_____. *O Seminário, livro I. Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

_____. (1954-1955) *El Seminario, libro 2. El yo en la teoria de Freud y en la Técnica Psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, 1990.

_____. (1955) A Coisa freudiana. In _____. *Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 402-437.

_____. (1955-1956) *De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses*. In _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 537-590.

_____. (1955-1956) *El Seminario, libro 3. Las Psicosis*. Buenos Aires: Paidós, 1988.

_____. (1956) A coisa freudiana ou sentido do retorno a Freud em psicanálise. In _____. *Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 402-4-37.

_____. (1957) A Instância da Letra no Inconsciente ou a razão desde Freud. In _____. *Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 496-535.

_____. (1957-1958). *O Seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. (1958). A direção do tratamento e os princípios do seu poder In: _____. *Escritos*. Tradução V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 591-652.

_____. (1959-1960). Observação sobre o Relatório de Daniel Lagache “Psicanálise e estrutura da personalidade”. In: _____. *Escritos*. Tradução V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 653-691.

_____. (1958). A significação do falo. In: _____. *Escritos*. Tradução V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 692-703.

_____ (1958-1959). *O Seminário, livro 6. O desejo e sua interpretação*. Tradução da Associação Psicanalítica de Porto Alegre a partir do texto estabelecido pela Association Freudienne Internationale, 2002. Inédito.

_____. (1959-1960). *El Seminario, libro 7. La ética del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós, 1988.

_____. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente. In: _____. *Escritos*. Tradução V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 807-842.

_____. (1960-1961). *O Seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1992.

_____. (1962-1963) *Seminário, Livro 9, A identificação*, inédito. Publicação de circulação interna do Centro de Estudos Freudianos de Recife.

_____. (1963) *O Seminário, livro 10, A Angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. (1964). *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. (1964[1960]). Posição do Inconsciente. In: _____. *Escritos*. Tradução V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 843-864.

_____. (1964). Do *Trieb* de Freud e do desejo do psicanalista. In: _____. *Escritos*. Tradução V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 865-868.

_____. (1966b) De nossos antecedentes. In: _____. *Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 229-237.

_____. (1966c) Problemas cruciais da psicanálise. In: _____. *Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 206-209.

_____. (1966-1967). *O Seminário, livro 14. A lógica do Fantasma*, inédito.

_____. (1967-1968). *O Seminário, livro 15. O ato psicanalítico*, inédito.

_____. (1968). O ato psicanalítico. Resumo do seminário de 1967-1968. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 371-379.

_____. (1968-1969). *O Seminário, livro 16. De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. (1969). A lógica da fantasia. Resumo do Seminário de 1966-1967. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 423-328.

_____. (1969-1970). *El Seminario, libro 17*, Buenos Aires: Paidós.

_____. (1970). Radiofonia. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 400-447.

_____. (1971). Lituraterria. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 15-25.

_____ (1971) *O Seminario 19, ...ou pior*. Versión integrada con recopilación de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.

_____. (1972). O Aturdido. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 448-497.

_____. (1972-1973). *O Seminario. Livro 20. Mais Ainda*. Tradução M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

_____ (1973-1974) *O Seminario, livro XXI Los no incautos yerram (Los nombres del padre) - Les non-dupes errent*, inédito. Versión completa de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.

_____. (1974). La tercera. In _____. *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1993, p. 73 - 113.

_____. (1974). Televisão. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 508-543.

_____. (1975). *O Seminario, Livro XXII*: RSI, inédito.

_____. (1975). ... ou pior. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 544-549.

_____. (1975). Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Eccrios*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 550-556.

_____. (1975-1976). *El Seminario, libro XXIII: El sinthome*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

_____. (1975). *Conferência em Ginebra sobre o sintoma*. Copiada da Biblioteca do Campo Psicanalítico. Disponível no www.campopsicanalítico.com.br. Acesso 14 de Julho de 2011.

_____. (1975). Joyce, o sintoma. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 560-566.

_____. (1976). Prefácio à Edição Inglesa do Seminário XI. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 567-569.

_____. (1976 – 1977) *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à morte*. Inédito. Tradução livre de Jairo Gerbase, publicada em www.campopsicanalitico.com.br. Outra fonte de consulta: Document interne à l'Association freudienne internationale.

_____. (1977a) *Ouverture da la Section Clinique*. 5 de Janeiro de 1977. Inédito.

_____. (1977b) Intervenção em Bruxelas. 26 de fevereiro de 1977. Inédito. Intervention de Jacques Lacan à Bruxelles, publiée dans Quarto (Supplément belge à La lettre mensuelle de l'École de la cause freudienne), 1981, n° 2.

_____. (1977c) *Encerramento das jornadas da École Freudienne de Paris*. 25.09.1977. Inédito.

_____. (1980) *El Seminario 27, La Disolución*. Reúne-se aqui a aula do Seminário de Caracas, em 12 de Julio de 1980. Versión integrada con recopilación de la Escuela Freudiana de Buenos Aires. Inédito.

_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. *Écrits I e Écrits II*. Paris: éditions du Seuil, 1966.

_____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. *Autres écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

LACAPRA, D. *Escribir la Historia, escribir el trauma*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS J.-B. (1967) *Vocabulário da psicanálise*. LAGACHE, D. Direção. 9 Edição. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1986.

LAURENT, E. (2005). El tratamiento de la angustia postraumática: sin esatándares pero no sin principios. In:_____ *La urgência generalizada 2*. Org. BELAGA, Guillermo. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2005.

LEITE, N. V. A. Da obra ao ato: quando o simbólico fracassa. In:_____ *Corpolinguagem - Angústia: o afeto que não engana*. LEITE, N. V. A. (Org.) 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2006, pp. 117-124.

LEMOS, M., T., G. de. Extraíndo da angústia sua certeza: a temporalidade do ato. . In:_____ *Corpolinguagem - Angústia: o afeto que não engana*. LEITE, N. V. A. (Org.) 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2006, pp. 365-370.

LOFFREDO, A. M. (1999). Em busca do referente, às voltas com a polissemia dos sonhos: A questão em Freud, Stuart Mill e Lacan. *Psicologia USP*, 10(1), 169-197.

LOMBARDI, G. *Clínica y Lógica de la Autorreferecncia. Cantor, Gödel, Turing*. Buenos Aires: Letra Viva, 2008.

MARTINS, T. R. A. *Dois momentos sobre o pai no ensino de Lacan*. Incidências da Psicanálise na Cidade. EDUFES, 2004

MIKOSZ, D. Introdução à leitura de Aristóteles. In: *Letras a Coisa, 11, A Causa*. Curitiba: Associação Coisa Freudiana. Transmissão em Psicanálise, 1991, p. 27-52.

MILLER J-A. *Escinción, Excomunió, Disolució. Três momentos em la vida de Jacques Lacan*. Buenos Aires:Manantial, 1987.

_____. O aparato de psicanalizar. In _____. *Estudios Psicoanalíticos, Trauma y discurso. N. 4.* Buenos Aires: Eolia, 1998.

_____. *Extimidad. Los Cursos Psicoanalíticos de J-A-Miller.* Buenos Aires: Paidós, 2010.

MORENO, J. Trauma y Tiempo: continuidades rotas. Bs As: Lugar Editorial. 2010

MORETTO, M. L. T. *O psicanalista num programa de transplante de fígado: a experiência do “outro em si”* / Maria Livia Tourinho Moretto; orientadora Léia Prizskulnik. – São Paulo, 2006. 262 p. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

MOZA, Carlos Bermejo: *Nudos* e outros textos In: www.carlosbermejo.net

NOMINÉ, B. *La angustia y el sintoma.* Colombia: Associação do Campo Lacaniano de Medellín – Universidade Pontifica Bolivariana, 2007.

Nominé, B. Luto do Sentido? In: *Wunsch 11. Boletim Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Outubro de 2011, p. 66-68.*

OLIVEIRA, M., C., A. O que se lê... o que se escreve.... In _____. *Do Real, o que se escreve.* Revista da Escola Letra freudiana. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009, p. 83-91.

PASQUALINI, G. *Nudos, escritura de lo real.* Buenos Aires: Letra Viva, 2004.

PORGE, E. *Psicanálise e tempo: o tempo lógico de Lacan.* Trad. Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, (1998a).

_____. *Los nombres de padre em Jacques Lacan. Puntuaciones y problemáticas.* Buenos Aires: Nueva Visión. Colección Freud & Lacan. (1998b).

_____. *Freud / Fliess. Mito e quimera da auto-análise.* Trad. De Vera Ribeiro, 1996. Coleção Transmissão da Psicanálise, n. 56. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, (1998c).

_____. *Jacques Lacan, um psicanalista: percurso de um ensino*. Trad. Lemos, C. T. G., Leite, N. V. de A., Veras, V. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

_____. Del mito del auto-análisis de Freud al discurso Psicoanalítico. In_____. *Desde el jardín de Freud n.º 10. Revista de psicoanálisis*. Colombia: Bogotá, Diciembre de 2010. ISSN 1657-3986.

PINTO, T.M.C.: *análise terminável e interminável I: o transfinito*, Stylus, Revista de Psicanálise, 2003 p. 9-35

PRATES. P. A. L. O trauma é o infantil – cena primária; verdade e ficção no caso do “Homem dos Lobos” In_____. Pulsional, Revista de Psicanálise “*Trauma e Fantasia*” Ano XIX, Junho 2006, n. 186, p. 56-62.

QUENEAU R. (1947). *Ejercícios de estilo*. Versão em PDF.

QUINET, A. Apresentação de *Grande Histeria*. In:*Grande Histeria. Jean-Martin Charcot*. Clássicos Bacamarte n. 1. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Rios Ambiciosos, 2003.

QUINET, A. *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranóia e melancolia*. Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

RABINOVICH, D. (1995) *A significação do falo. Uma leitura*. Rio de janeiro: Companhia de Freud, 2005.

ROSA, M. D.; CARIGNATO, T. T.; BERTA, S. L. Metáforas do deslocamento: imigrantes, migrantes e refugiados e a condição errante do desejo. In: COSTA, A.; RINALDI, D. (Orgs.) *Escrita e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud: UERJ, Instituto de Psicologia, 2007, p. 371-387.

ROSA, M. D.; CARIGNATO, T. T.; BERTA, S. L. ; ALENCAR, S. A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. In_____. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, órgão oficial da

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental – v. 12. N. 3, setembro de 2009. ISSN 1415-4714. São Paulo: Editora Escuta, p. 497-511.

ROSA, M. D, BERTA, S. L. ALENCAR, S. CARGINATTO, T. T. A elaboração coletiva do trauma: a clínica do traumático. In:_____. *Escrita e Psicanálise II*. Orgs: Scotti, S. Rosi, I. B.; Lange M.; Guimarães, B. Vargas, R. S., Stobbe, R e Costa A. Cuitiba: Editora CRV, 2010, p. 15-25.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (1997) *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

RUDGE, A. M. (Org.). *Traumas*. São Paulo: Escuta, 2006, p. 39-49.

SAFATLE, V. *A paixão do negativo. Lacan e a dialética*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000, p. 111-136.

SHAKESPEARE, W. (1564-1616). *Hamlet*. Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 1997.

SILVA, A. F., R. *O desejo de Freud*. São Paulo: Iluminuras, 1994.

SOLER, C. O sujeito e o Outro I e II. In: FELDSSTEIN, R; FINK, B.; JAANUS, M. (Orgs.). *Para ler o Seminário 11 de Lacan*. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 52-67.

_____. Trauma e Fantasia. In: *Stylus: revista de psicanálise*. Rio de Janeiro: da Associação Fóruns do Campo Lacaniano, n. 9, outubro, p. 45-59, 2004.

_____. *De un Trauma al Otro*. Medellín, Colombia: Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín, 2007, p. 79-81.

_____. *Lacan, l'inconscient réinventé*. Paris: Presses Universitaires de France, 2009.

_____. *La repetición en la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Manatí, 2010.

_____. *Repetição e sintoma*. Seminário ministrado pela Sra. Colette Soler (AME da EPFCL), no XI Encontro Nacional da EPFCL-Brasil “*O sintoma: sua política, sua clínica*”, no Hotel Praia Centro, na cidade de Fortaleza, nos dias 29 e 30 de novembro de 2010. Notas pessoais.

SPARANO, M. C. T. A Física de Aristóteles. In: *Letras a Coisa, 11, A Causa*. Curitiba: Associação Coisa Freudiana. Transmissão em Psicanálise, pp. 53-72, 1991.

STRACHEY, J. (1966) Prefácio Geral do Editor Inglês. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard Brasileira / Sigmund Freud*; Trad. sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

TORRES, R. *Dimensões do ato em psicanálise*, São Paulo: Annablume, 2011

VEGH, I. *Paso a pase con Lacan. El objeto y sus destinos*. Buenos Aires: Letra Viva, 2003.

_____. *Yo, Ego, Sí-mismo. Distinciones de la clínica*. Buenos Aires: Paidós, 2010.

VIDAL, E. A. *Proton Pseudos* <http://www.escolaletrafreudiana.com.br/artigos/letra>
<http://www.casadomigrante.com.br/por-que-casa-albergue.htm>